O LIVRO DA BETTY

STEWART EDWARD WHITE

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

O LIVRO DA BETTY

Stewart Edward White (1937)

Excursões ao Mundo da Outra Consciência

Realizadas por Betty entre 1919 e 1936

Agora registadas por Stewart Edward White

INTRODUÇÃO

Enquanto ponderava sobre a introdução mais eficaz para o material incluído neste livro, submeti o quebra-cabeças a um amigo cujo julgamento valorizo. A sua carta respondeu de forma tão adequada e completa ao meu problema que sinto que não posso fazer melhor do que a transcrever aqui.

"Eu começaria, na verdade, mais ou menos da seguinte forma", escreveu-me ele. "Este livro é o registo, condensado, das excursões de 'Betty', uma médium que me é intimamente conhecida e de absoluta integridade, ao mundo da 'outra consciência', e das comunicações por ela recebidas de forças que me atrevi a chamar 'os invisíveis'. Estas excursões, realizadas em estado de transe ou de outra forma, começaram no ano de 1919 e têm continuado desde então. São registadas nas páginas seguintes sem qualquer ideia de acrescentar algo à literatura existente sobre escrita automática e fenómenos afins; mas na crença de que, ao consubstanciarem uma filosofia de vida praticável, possam servir de ajuda a quem procura a luz espiritual."

O AUTOR

ÍNDICE

INTRODUÇÃO
PARTE I – INTRODUTÓRIA
Cap. 1. A DESOCULTIZAÇÃO
Cap. 2. EXPERIÊNCIA PESSOAL
Cap. 3. O DESENVOLVIMENTO DE BETTY
Cap. 4. PROPORÇÃO

Cap. 5. PASSOS ELEMENTARES
Cap. 6. DESENVOLVIMENTO POSTERIOR
Cap. 7. NOVAMENTE A EXPERIÊNCIA PESSOAL
Cap. 8. ELIMINAÇÃO
Cap. 9. A SUBSTÂNCIA DO PENSAMENTO
Cap. 10. A TÉCNICA DA ELIMINAÇÃO
Cap. 11. FAÇA-O AGORA!
Cap. 12. O CORPO ESPIRITUAL
Cap. 13. O REINO ESPIRITUAL
Cap. 14. PERCEÇÃO
Cap. 15. IMPULSO
Cap. 16. A ORAÇÃO CONSTRUTIVA
Cap. 17. RESUMO
PARTE II – AS NOSSAS RELAÇÕES COM O MUNDO EXTERIOR
Cap. 18. NÍVEIS
Cap. 19. ASSIMILAÇÃO
Cap. 20. RESPONSABILIDADE PESSOAL
Cap. 21. RESUMO
Cap. 22. CIRCULAÇÃO ESPIRITUAL
Cap. 23. O FLUXO DE RETORNO
Cap. 24. O CANAL DE REGRESSO
Cap. 25. ISOLAMENTO
Cap. 26. SIMPATIA
Cap. 27. ENFRENTAR A NÃO RECEPTIVIDADE
Cap. 28. CONFLITO
PARTE III – APÊNDICES
Apên. 1. A TÉCNICA DA COMUNICAÇÃO
Apên. 2. EXPERIÊNCIAS COM O CORPO ESPIRITUAL

PARTE I – INTRODUTÓRIA

CAPÍTULO I

A Desocultização

A história de todo o progresso no conhecimento é um "desvendar". Seguramente metade das coisas que fazemos diariamente com toda a naturalidade teriam sido consideradas feitiçaria, mesmo num passado tão recente como há dois séculos, sem outra explicação que não a de ser o produto de forças e conhecimentos ocultos. A continuidade da história é ininterrupta a esse respeito. Se deveríamos aprender alguma coisa com o passado, essa única coisa deveria destacar-se para nós como invariável. A superstição do passado é a ciência do presente, o provérbio do futuro. A ordem dos acontecimentos é sempre a mesma. Primeiro, algumas pessoas observavam ou faziam coisas que eram negadas ou denunciadas veementemente pela antiga escola como loucura, maléficas ou sobrenaturais. O conhecimento exato alcançava essas coisas e descobria que eram exemplos harmoniosos da lei natural.

As necessidades da humanidade absorviam-nas e elas tornavam-se banalidades da existência, perfeitamente desvendadas, adotadas no corpo da vida mental habitual. Isto aconteceu vezes e vezes sem conta, com uma regularidade invariável. Um dos passatempos científicos mais fascinantes é retroceder na história colhendo ao acaso prodígios e milagres, despindo-os de lendas distorcidas e explicando-os à luz do que hoje sabemos. Tornavam-se não menos prodígios e milagres, se me permitem, mas desvendados. Deve acrescentar-se que nem tudo pode ser assim explicado. O resíduo não resolvido não é por isso mais — ou menos — improvável. Talvez o progresso dos nossos netos mostre que este resíduo não explicado é tão simples como considerámos alguns dos milagres que deixaram atónitos os nossos antepassados.

Há duas coisas que esta história do desvendar, como lhe chamei, nos ensinou. Uma é a extraordinária oposição inicial que sempre enfrenta o processo. Uma combinação do conservadorismo do homem, do desagrado em ser abalado depois de se ter estabelecido a seu contento, de um desagrado ainda

maior em ver provado que estava enganado, de um orgulho intelectual nas suas realizações até ao momento e de uma desconfiança enraizada em relação àquele que caminha à parte, tudo contribuiu para esta atitude. O princípio do telescópio é hoje uma banalidade tal que as próprias crianças captam e aceitam a ideia; no entanto, Galileu foi rotulado de louco, aprisionado e escapou por pouco ao martírio. Tão certos estavam os cientistas do seu tempo do seu raciocínio de acordo com a "lei física imutável", que se recusaram a olhar pelo telescópio! Já sabiam o que iam ver! O Joseph Thompson relatou uma montanha com neve sob o equador e morreu de coração partido sob o peso do ridículo científico que lhe foi imposto. A ciência PROVOU pela "lei imutável da física" — como então era entendida — que, independentemente da altitude, a neve não podia existir em tal latitude: só que existe! O Darwin foi combatido com uma ferocidade selvagem. O Langley foi ridicularizado até à morte. Porquê a amargura? Se estas coisas, e todas as outras, não eram assim, porquê despedaçar e dilacerar ao atacá-las? Responda-se a isso como se quiser, é a história do progresso; tal como o desvendar é o resultado invariável.

A outra coisa que esta história nos ensinou é a tendência muito humana de atribuir o não explicado a "espíritos". E, novamente, podemos perguntar: porquê? Apenas porque uma mesa se move, ou uma luz estranha aparece, ou um lápis escreve sob a nossa mão, não há certamente necessidade de invocar o fantasmagórico ou o sobrenatural. Trata-se de factos, porventura, e alguns deles podem dever-se às atividades de espíritos, por tudo o que sabemos. Mas, a ser assim, podemos estar completamente seguros de que eventualmente se descobrirá que operam ao longo das linhas da lei natural, e não por meio do sobrenatural, no significado literal dessa palavra.

Entretanto, mesmo que algumas destas coisas sejam o resultado da atividade de espíritos — como podem ou não ser —, não precisamos de as tratar como assustadoras ou sagradas.

Afinal, são apenas fenómenos naturais e um dia serão desvendados, como todos os outros. Então, de repente, parecerão tão normais e banais como... bem, como a rádio.

CAPÍTULO II

Experiência Pessoal

O significado deste livro vai ser o seu conteúdo. Pelo valor deste, ele manter-se-á de pé ou cairá, tanto como uma reivindicação de interesse quanto como um manual prático de higiene espiritual. Desse ponto de vista, não importa como foi produzido, ou qual a sua origem.

Mas, de outro ponto de vista, ele deve apresentar as suas credenciais. A maior parte dos seus ensinamentos será, creio eu, aceitável pelo senso comum habitual; mas, ocasionalmente, certas coisas são afirmadas sob autoridade. Qual é a natureza dessa autoridade e por que razão sentimos que podemos dar-lhe crédito?

No início dos anos de 1920, publicou-se uma grande quantidade de livros "psíquicos" populares. Vários deles tinham um valor real. Uma lamentável maioria consistia em relatos mais ou menos fracos e mal digeridos de alegadas "comunicações" pessoais. Estas evidenciavam uma credulidade extraordinária de um lado e uma inépcia igualmente extraordinária do outro — desde que se aceitasse a sua premissa principal de origem. A maior parte começava com um tabuleiro ouija.

O procedimento era quase padrão. Duas pessoas — ou um grupo — a brincar com aquilo por diversão ou por curiosidade. Move-se. Torna-se coerente. Soletra "mensagens".

Esse era o início, a "descolagem". O que acontecia depois disso dependia das pessoas envolvidas. Os procedimentos subsequentes variavam entre as "comunicações" do puro espiritismo e a filosofia especulativa. Nove em cada dez eram arruinados para qualquer consideração séria pelo que se poderia

chamar de abordagem reverente, que inibia qualquer avaliação editorial de senso comum. Foi uma pena. Com o tempo, mesmo aqueles especialmente interessados em tais coisas passaram a inclinar-se a fugir de "mais um livro de tabuleiro ouija". No entanto, inclino-me a acreditar que o tabuleiro ouija pode ocupar um lugar honroso a par da maçã de Sir Isaac Newton, da chaleira de Watt, do papagaio de papel de Benjamin Franklin e de outros brinquedos históricos que conduziram a muitos e grandes resultados.

Este é um livro desse género. Também começou com um tabuleiro ouija, mas não se demora nessa fase. A primeira experiência com ele seguiu as linhas padrão. Não valeria a pena contá-la se não tivesse uma ligação integrante com a entrada de Betty na história.

Em qualquer trabalho de investigação é sempre importante conhecer a preparação do experimentador. Antes de 17 de março de 1919, o meu próprio historial "oculto" poderia, suponho, ser considerado a média para um homem que tinha levado uma vida ativa. Ou seja, tinha prestado muito pouca atenção a tais assuntos; e não tinha formado opiniões fundamentadas sobre eles, de uma forma ou de outra. Por via de uma opinião não fundamentada, suponho que, se fosse instado a expressar-me, ter-me-ia colocado do lado do ceticismo. Isto acontecia porque, como o homem médio, remetia todos os assuntos "ocultos" ou "psíquicos" para o espiritismo; o que é também o método do selvagem. E espiritismo significava para mim ou histeria ou uma hábil prestidigitação, ou uma mistura de ambos. Sabia que tinha sido "desmascarado".

A literatura sobre o assunto era-me totalmente desconhecida, exceto por *The Law of Psychic Phenomena*, de Hudson, que tinha lido na faculdade vinte e cinco anos antes. Algumas coisas "estranhas" tinham-me acontecido, como à maioria. Tinha tido alguma experiência com fenómenos como a rápida transmissão de notícias por selvagens através de vastas extensões de território escassamente habitado. Estes incidentes, e especialmente esta

transmissão de notícias, tinha sido incapaz de os explicar por qualquer teoria que cobrisse todas as circunstâncias.

Mas não me esforcei muito por explicar. Estava demasiado ocupado. Tais coisas não me diziam especialmente respeito. Não tinha de as explicar; tal como não tinha de insistir num entendimento pormenorizado de um elétrico antes de andar nele, ou numa análise química de uma nuvem de fumo de açafrão apenas porque passava por perto e a via. Nada tinha acontecido realmente que despertasse o meu interesse.

Como sucedeu com inúmeros outros, o nosso interesse pelo tabuleiro ouija começou de forma bastante casual. Na data que mencionei, alguns amigos visitaram-nos trazendo um deles consigo. Tinham-no comprado como um brinquedo, para experimentar, sem crer que algo em particular fosse acontecer com ele. Alguém sugeriu que o indicador em forma de coração era uma coisa desajeitada, pelo que o substituímos por um pequeno copo de uísque, invertido.

A ocasião foi trocista e alegre — e bastante confusa. Não me impressionou muito, mas concordei em experimentar a minha vez, desde que o meu parceiro concordasse em não fingir.

O pequeno copo moveu-se, e sem a mínima vontade consciente da minha parte. Isso eu conseguia determinar. Até que ponto a ação muscular inconsciente intervinha, não me era possível decidir de momento. Passado algum tempo, sempre que o copo se afastava de mim, deixava os meus dedos ficarem flácidos e permitia que o mecanismo os puxasse atrás de si. Assim fazia; e uma ou duas vezes arrastou o copo de debaixo deles. Isto era interessante. A força que movia aquele copo para longe de mim era uma força exterior ou o meu parceiro. Certamente não era eu próprio.

Aqui estava um movimento peculiar e não analisável de um objeto inanimado sob os nossos dedos. O facto de ele soletrar frases simples de cujo teor nenhum de nós tinha qualquer indício

consciente era uma consideração inteiramente secundária. Pela minha parte, a minha atenção principal estava concentrada na sensação da coisa sob os meus dedos. Tinha, parecia-me, um frémito peculiar de vitalidade; mas reconhecia plenamente para comigo que tal efeito bem poderia ser imaginativo, resultante de uma atenção tensa. Também me parecia que os seus movimentos precediam, em vez de seguirem, mesmo as ligeiras pressões musculares inconscientes; mas isso também não podia ser uma certeza.

Estou a registar desta forma minuciosa os pormenores, não por serem invulgares — pois suspeito que estivessem dentro da média — nem por qualquer valor experimental sério, mas meramente para transmitir uma noção do historial do que mais tarde se desenvolveu e para indicar a nossa própria atitude mental.

As "mensagens", como digo, não me pareciam ter qualquer importância; e para a sua origem não procurei mais além do subconsciente de Hudson. Algumas delas eram suficientemente pertinentes e sensatas, desde que estivéssemos dispostos a admitir a pretensão de inteligências exteriores; mas nada contribuíam para a probabilidade destas inteligências, quanto mais para a sua prova. Não havia um fragmento de "evidência". Mas uma vez, no meio do nosso riso e palhaçada, o copo moveu-se com uma decisão nítida e rápida, como que impaciente, em contraste marcante com o seu tatear habitual.

"Porque fazeis perguntas tolas?", soletrou.

Aqueles que estavam sentados ao tabuleiro negaram ter qualquer ligação com isto: era demasiado a propósito! No entanto, suspeitámos deles, e eles suspeitaram uns dos outros.

Em seguida, a nossa atenção foi captada pelo soletrar repetido do nome Betty. Ora, encontrava-se presente uma jovem com a alcunha de Betty. Estava de pé em frente à lareira após uma curtíssima tentativa ao tabuleiro — e uma tentativa um tanto desdenhosa, diga-se. Insistimos que ela estava a ser chamada e

que tinha de tentar novamente. Mostrou-se relutante, pensando que isto era meramente uma tentativa daqueles que estavam sentados para a atrair de volta ao jogo, mas finalmente cedeu e tomou o seu lugar.

Imediatamente os seus dedos tocaram no copo, este começou a mover-se em círculos. À volta e à volta andou, cada vez mais rápido, até que ela e o seu parceiro mal conseguiam manter os dedos sobre ele. Era tão comicamente parecido com um cão a saltar de alegria que todos desatámos a rir.

"Está contente por apanhar a Betty", dissemos nós.

Se algum de nós esperava grandes coisas porque o tabuleiro tinha o que queria, ficou desapontado. Sob os dedos dela, o copo movia-se com um pouco mais de precisão, mas as chamadas "mensagens" eram muito semelhantes, a experiência habitual do ouija daquilo que poderia ou não ser a nossa própria ação inconsciente: um amálgama de ininteligências, algumas mensagens triviais que pretendiam vir de familiares e amigos falecidos. Contudo, tal como a palavra "Betty" tinha reaparecido antes, agora uma frase interpolada era repetida de tempos a tempos, sem relevância.

"Pega num lápis", soletrou, "Pega num lápis", insistentemente, vezes e vezes sem conta.

Betty tinha ouvido dizer que existia uma coisa chamada escrita automática, embora não tivesse conhecimento dela além do mero facto da sua existência. Alguns dias mais tarde, em privado, ela de facto "pegou num lápis" e sentou-se com ele suspenso sobre uma folha de papel, com a mão em repouso e a sua atividade mental reduzida a um mero ponto de interrogação. O lápis começou a mover-se exatamente como o copo de uísque se movera no tabuleiro ouija. Após alguma hesitação, veio ter comigo a esse respeito, provavelmente encorajada pelo meu interesse mais analítico na tolice da outra noite.

O lápis movia-se muito lentamente e escrevia uma caligrafia curiosamente formada, sem maiúsculas, pontuação ou sequer espaços, como uma longa palavra contínua. Era necessário examinar aquilo com toda a paciência, dividindo as palavras por traços verticais — quando as tínhamos determinado. Por vezes escrevíamos por cima, de forma mais clara, com a nossa própria caligrafia, aquilo que entendíamos que ali estava. O resultado fazia sentido.

Betty assegurou-me de que, conscientemente, nada tivera a ver com o movimento do lápis. Além disso, disse que não conhecia o sentido do que tinha sido escrito até que o tivéssemos decifrado. Como conhecia a honestidade total de Betty, acreditei nela.

Ora, aqui estava uma nova fase de interesse acrescentada à primeira. Aqui também, aparentemente, havia uma manipulação por uma força exterior à consciência. Além disso, tratava-se de um campo de experimentação fiável. Ninguém podia estar certo da boa-fé de um grupo misto de pessoas dispostas a divertir-se, mas eu estava absolutamente seguro em relação a Betty. Não havia dúvida quanto a uma coisa: a mão dela era tomada e utilizada; e esse tomar e utilizar não provinha do seu cérebro consciente.

Concordámos numa série de coisas além desta. O ato de tomar e utilizar a mão era operado por uma força exterior à sua própria consciência;* disso não havia dúvida. A força poderia ser dirigida pelo seu subconsciente. Ou poderia sê-lo por alguma inteligência exterior. Era isso que se pretendia demonstrar. Seria tolice adotar tal teoria meramente por causa dessa alegação. Seria igualmente tolice rejeitá-la sem mais experimentação. Seria pior do que tolice fugir de todo o assunto meramente por ser "estranho" ou "contrário à natureza".

* Não necessariamente exterior ao seu próprio EU, como é óbvio.

De igual modo quanto ao conteúdo da escrita. Poderia muito bem ser da própria Betty. Ou poderia, como pretendia, vir de fora. Como poderíamos sabê-lo a menos que lhe déssemos uma oportunidade? Uma recusa arbitrária parecia-nos tão "supersticiosa" como uma aceitação cega. Além disso, nenhum de nós conseguia ver como poderíamos sofrer qualquer dano, mental ou de outra ordem, com tal exame, desde que mantivéssemos os pés assentes na terra.

— Vamos dar-lhe uma oportunidade leal — disse a Betty. — Vamos dar-"lhes" a oportunidade de dizerem o que querem sem estarmos a fazer um interrogatório como se fôssemos rábulas.

CAPÍTULO III

O Desenvolvimento da Betty

Trabalhámos, então, juntos a intervalos frequentes: eu como anotador e observador, a Betty como a "estação". A escrita em si tornou-se mais fácil. Passado algum tempo, as palavras surgiam divididas umas das outras. A Betty vendava os olhos ou desviava o olhar do papel para se separar o mais possível do que viria a seguir. Tentei manter uma vigilância estreita sobre a sua atitude e reações; com a resolução de pôr termo a todo o assunto se, física ou mentalmente, esta experiência parecesse afetá-la de forma indesejável.

— Devemos manter a mente aberta — avisei-a —, não apenas sobre a coisa em si, mas também sobre os seus efeitos. Se em qualquer altura isto parecer cansar-te ou afetar a tua saúde ou os teus nervos, ou deixar-te com a mente confusa, ou qualquer uma das coisas sobre as quais toda a gente está sempre a avisar, deixamo-lo. E paramos por completo se aquilo a que isto parece conduzir se tornar visionário, ou deixar de se manter humano, ou tentar afastar-nos dos nossos deveres de qualquer forma.

Tínhamos, a meu ver, uma vantagem dominante sobre a experiência média. Nenhum de nós abordava tudo isto sob um ângulo emocional. A maioria das pessoas faz isso. O engodo habitual é o da esperada comunicação com os mortos. Nós não tínhamos tal desejo. Não tínhamos sofrido lutos recentes. O nosso interesse era de exploração. Queríamos descobrir, se pudéssemos, do que se tratava tudo aquilo — e porquê.

Até esta altura, o fenómeno em si tinha mantido o nosso interesse, mas agora o conteúdo começava também a atrair a nossa atenção. Tinha ouvido e subscrito a afirmação irrefletida de que os "espíritos" nunca proferiam nada que fizesse sentido ou tivesse importância. O produto desta primeira escrita automática, embora muitas vezes fragmentário, muitas vezes difícil, muitas vezes hesitante, nunca era tolo; e mesmo na sua incoerência parecia manter-se fiel a algumas ideias centrais. E estas ideias eram sensatas.

Por exemplo, havia uma recusa firme em dar conselhos ou opiniões sobre assuntos das nossas vidas quotidianas. O argumento parecia ser o de que a vida quotidiana é uma série de oportunidades para tomar decisões; que essas decisões formam o caráter; que tomar as decisões de outro homem por ele o priva injustificadamente de oportunidades. Isso pareceu-nos puro senso comum.

Outro pormenor de senso comum — ou pelo menos pareceu-me ser senso comum — foi a afirmação direta de que o objetivo não era primordialmente o desenvolvimento do poder "psíquico" na Betty. Isso deveria ser de importância secundária. O objetivo principal era, primeiro, o desenvolvimento de um método de comunicação mais fácil e seguro; e, segundo, uma expansão da sua consciência até à capacidade de compreender as coisas a serem comunicadas.

Esse era um programa para alistar o interesse inteligente de qualquer pessoa. Valia a pena a formulação daquilo que, em

procedimento científico, se conhece como uma hipótese provisória, e a sua adoção "sem prejuízo", como dizem os advogados. A hipótese provisória deveria ser a existência de inteligências invisíveis. A sua realidade deveria aguardar, para que se cresse nela, pelo resultado.

A escrita automática continuou durante vários meses, melhorando firmemente em facilidade e coerência. Material novo era suplementado cada dia por uma breve revisão de princípios. Isto, foi-nos dito, era para facilitar a sua assimilação na nossa estrutura mental. Também foram prescritos certos exercícios simples de controlo corporal, mental e espiritual. Em setembro, foi-nos dito que em breve a escrita cessaria. E assim aconteceu.

Pouco depois, fui chamado para uma viagem de negócios. Durante esta ausência, calhou ler um livro intitulado *Our Unseen Guest* e, no meu regresso, sugeri que se experimentasse o método utilizado pelos seus autores. Em conformidade, a Betty deitou-se com os olhos vendados e eu coloquei os meus dedos no seu pulso.

Imediatamente, ela deslizou com facilidade para uma espécie de consciência liberta ou dupla. A partir dela, relatou várias experiências. A sua fala era ao início hesitante e tropeçante, as suas frases fragmentárias, como se estivesse a ter grande dificuldade. Aparentemente, isto devia-se à necessidade de gerir duas consciências ao mesmo tempo. A normal, a partir da qual ela falava, estava subordinada, ao que parecia; a sua verdadeira perceção estava centrada numa consciência mais profunda, a partir da qual ela fazia os relatos.

Durante muito tempo, essa dificuldade foi tão grande que quase obscurecia a coerência. Parecia-me que a escrita automática tinha sido muito melhor. Porquê abandoná-la justamente quando estava a ficar boa? Mas prosseguimos, como tínhamos acordado entre nós que faríamos, e ao mantermos o esforço, a seu tempo — tal como acontecera com a escrita automática — ela justificou-se.

A ideia parecia ser a de que a Betty deveria ser colocada em contacto, através da superconsciência, com realidades que ela assimilava diretamente; e com ideias transmitidas por vezes em palavras ouvidas com o "ouvido interno", por vezes por impressão mental. Estas coisas ela transferia-as para a sua consciência habitual, que depois mas relatava a mim.

Ela queixava-se constantemente da diluição causada por esta transferência. O que chegava ao papel era, segundo ela, apenas uma insatisfatória sombra pálida da realidade.

Possivelmente, o obstáculo desta dificuldade era também sentido por estes Invisíveis. Pelo mês de fevereiro — quase um ano após os inícios com o tabuleiro ouija —, eles começaram a experimentar uma terceira técnica.

A voz da Betty alterou-se por completo em qualidade e timbre. A sua fraseologia também mudou. Uma terceira personalidade pretendia estar a falar diretamente através dela.

O progresso era exasperantemente lento. Após uma longa luta, uma única palavra, por vezes uma única sílaba, era enunciada de forma explosiva. Muitas vezes consumia-se uma hora na entrega de escassas frases curtas. Mas, tal como nas outras duas fases, a facilidade acabou por seguir a uma longa paciência.

Essa é, em resumo, a história da formação da Betty na técnica. No apêndice encontrar-se-á o que nos foi dito, e o que adivinhámos, sobre a forma como ela opera.

Atualmente, há frequentemente uma fluência considerável, de modo que tenho dificuldade em acompanhar a transcrição; noutras ocasiões, parece haver dificuldade. Por vezes, a voz direta fala, noutras a própria Betty relata palavra por palavra como se estivesse a receber um ditado, e noutras ainda descreve as suas impressões e experiências à sua própria maneira. Por vezes, se surge uma dificuldade, experimentam-se os três métodos.

Poderia acrescentar como um pequeno pormenor interessante que, muitas vezes, quando cometo um erro ao escrever uma palavra que ouvi mal, sou instantaneamente corrigido, embora a própria Betty esteja deitada abaixo do nível da mesa de escrita, no lado oposto à mão com que seguro o lápis, e com os olhos vendados. “Atitude de mente” escrevi eu uma vez, e fui instantaneamente interrompido a meio da frase. — Não, não! — interrompeu a Betty. — *Altitude* de mente.

Claro que compreendíamos que a escolha destes métodos dependia provavelmente do que se pretendia transmitir. No entanto, tínhamos alguma curiosidade sobre a razão de tão elaborados cuidados e paciência.

“O que queremos não é meramente facilidade, mas uma cooperação inteligente e treinada”, disseram-nos eles, em suma. “Apenas assim podemos comandar uma fiabilidade invariável.”

Não obstante, argumentámos nós, outros foram bem-sucedidos neste tipo de coisas sem tal formação. Citámos vários exemplos. Eles concordaram.

“Mas fenómenos atestados de caráter espontâneo ou esporádico”, disseram eles, “são produzidos, ou de todo tornados possíveis, por uma condição de extrema flexibilidade. A flexibilidade, e a utilidade, da inconsciência perde-se depressa. É difícil sublinhar isto suficientemente. A plasticidade e a docilidade são essenciais, unindo tanto a consciência superior como a inferior. A rigidez não permite nenhuma impressão. Portanto, uma de duas coisas é necessária: ou a manipulação inconsciente* ou a cooperação inteligente e treinada. Entre as duas residem todos os fracassos.”

* Isto é, a manipulação invisível de uma estação totalmente inconsciente.

Isto era satisfatório como uma proposição geral.

Portanto, ali estávamos nós, aparentemente prontos para nos fazermos à vela. Tínhamos começado a compreender o que se pretendia dizer com "cooperação inteligente". A Betty deveria ser capacitada para uma introdução nas realidades de outra consciência — a destas inteligências invisíveis. Ela deveria ir ter com elas, em vez de elas virem ter com ela. Foi descrito como uma "diminuição de densidade", uma "mudança de gravidade específica". O assunto era mais complicado do que isso, mas a afirmação expressa o essencial da questão.

Conceitos básicos deveriam ser acrescentados aos dela, novas perceções deveriam ser desenvolvidas. Numa palavra, o seu equipamento deveria ser expandido. E como a cooperação inteligente pressupõe participação, a sua consciência não lhe era retirada no transe profundo habitual. Isso não significa que ela permanecesse consciente como o leitor e eu estamos conscientes. Ela não se dava conta do que a rodeava fisicamente — ia "para outro lugar". Mas nesse outro lugar retinha as suas faculdades de pensamento. Não era apagada, drogada, posta a dormir. Era transferida.

Mesmo naquilo a que chamámos comunicação direta, ela era meramente colocada de lado. Expressava isto de várias formas: — Não devo ouvir. — Tenho de transportar isto para o outro lado sem olhar para isso. — Ocasionalmente, mas raramente e apenas para certas exatidões rigorosas, ela vai tão "longe" — como lhe parece — que aparentemente lhe resta apenas um fiapo de consciência. Mas esse fiapo está sempre lá, e através dele a abordagem à "cooperação inteligente" é sempre possível.

Por esta altura, o nosso interesse original pela mera mecânica da coisa tinha dado lugar a um respeito crescente pelo ensinamento em si. Era progressivo e lógico. Era sistemático. Possuía uma profundidade de bondosa sabedoria. Acima de tudo, a sua adequação às nossas próprias necessidades era de uma exatidão invulgar. No geral, era claro e consistente. Ocasionalmente, com certeza, alguns dos fragmentos de

abordagem indireta a um assunto vasto eram vagos para nós por algum tempo; mas descobríamos sempre que, mais cedo ou mais tarde, eles se encaixavam. Gradualmente, passámos a ter confiança de que isso aconteceria sempre que entrássemos em nevoeiros, e invariavelmente a confiança era justificada.

Na verdade, tão profundamente satisfatório era o material em si que, embora, logicamente, a questão da sua origem continuasse a ser importante, essa importância tornou-se secundária. Era concebível que tudo isto pudesse ser um produto do "subconsciente" da Betty. A ser assim, esta experiência trazia à luz uma corrente de pensamento distintamente estranha à sua consciência habitual, e fora da sua experiência recordada. Se assim era, e se através desta técnica simples podíamos tornar disponível esta parte insuspeita dela própria, pois então seríamos muito tolos se não a usássemos.

Nas páginas seguintes, falarei dos Invisíveis como indivíduos distintos, embora desencarnados. Isto parece ser o mais fácil de fazer, e tem o mérito de expressar a minha crença atual. Não insisto nesta visão para os outros, nem sequer a recomendo. O valor da coisa oferecida deve residir em si mesma, independentemente da sua fonte.

Pode ter origem na Betty (caso em que ela é mais um prodígio do que eu supunha); a Betty pode, por este mecanismo, explorar alguma fonte vasta de sabedoria, algum reservatório, alguma "mente universal"; ou, neste estado de consciência dividida, pode entrar em harmonia com a experiência armazenada ou acumulada da humanidade. Não sei; e qualquer pessoa é livre e bem-vinda para adotar qualquer hipótese que lhe agrade. Mas aqui está a coisa. Ela não existia antes como um todo formulado, quer nas nossas mentes quer em qualquer das nossas leituras: veio — e está a vir — da maneira anteriormente estabelecida. Esses são os factos. Podem ser explicados como se quiser, mas existem.

As páginas seguintes foram reunidas cerca de um ano e meio após o início de toda a experiência. O material que tinha chegado até então compreendia pouco mais de quatrocentas páginas dactilografadas. Isto não era de modo algum apenas ensinamento. Uma grande parte era pessoal; e uma parte muito maior estava consagrada a experiências na aquisição da técnica e no desenvolvimento da Betty.

Consequentemente, para o consumo geral, tornava-se cada vez mais necessário separar o ensinamento e correlacionar o que tínhamos numa espécie de sequência lógica. Compreendíamos perfeitamente que era apenas um começo, e um começo fragmentário, ainda por cima; mas tínhamos descoberto que mesmo essa quantidade nos tinha dado uma nova perspetiva e um novo alento perante a vida. Além disso, os escassos amigos que tinham acompanhado a experiência pareciam também ter considerado que ela fortalecia e inspirava.

E agora era a altura de o fazer. Pelo menos uma coisa tinha aprendido numa vida de explorações em países estranhos: se as primeiras impressões não são registadas enquanto estão frescas, perdem-se. As coisas marcantes tornam-se banalidades familiares. O veterano já não pensa em mencioná-las, tal como não pensaria em mencionar o facto de as casas terem portas.

Todo este material inicial poderia ser tentativo e apenas um começo. Ainda assim, os começos têm de ser feitos; e para aqueles que abordavam o assunto de novo, como nós o tínhamos abordado, precisamente o começo que nos ajudou a nós iria provavelmente ajudá-los a eles. Poderia ser, como diziam os nossos Invisíveis, apenas preliminar; apenas um Manual de Iniciação. Temos de ter manuais de iniciação numa escola primária.

Isso foi há mais de quinze anos. Desde então, acrescentámos quase mil e quinhentas páginas ao registo. E, a partir desta perspetiva, podemos ver que o nosso julgamento foi bom. O

material posterior tem, de facto, o significado e a iluminação mais profundos. À luz dessa iluminação, seria possível reescrever a minha compilação anterior. Compreendemos melhor agora em que consistiam os inícios, como se encaixam em todo o esquema, que está ainda assim a revelar-se lentamente. Mas seria isso sensato?

Estas primeiras quatrocentas páginas trouxeram-nos a um certo ponto a partir do qual passámos a uma compreensão do resto. O nosso progresso foi conduzido de forma sensata. Parece razoável que as mesmas pedras de passagem, na mesma ordem, que nos ofereceram um ponto de apoio possam servir igualmente a outros.

É uma exploração maravilhosa, todo um novo país. Os trilhos são ténues. Talvez por vezes tenhamos de voltar atrás. Mas parecem estar a conduzir a um lugar bastante definido. Um grito para aqueles que seguem noutros trilhos encoraja-nos a acreditar que todos convergem.

Proporção

Quando enfrentei pela primeira vez a tarefa de colocar aquelas quatrocentas páginas numa espécie de sequência lógica, fiquei horrorizado. Não havia sequência lógica. O método tinha sido, aparentemente, tratar de uma dúzia de assuntos diferentes simultaneamente, acrescentando a cada um ao acaso e a intervalos. Isso, na altura, pareceu-nos desnecessariamente frustrante. Mais tarde, percebemos que isto tinha uma razão. Deve recordar-se que o ideal era o de “cooperação inteligente” e, para este fim, a própria mente da Betty nunca era colocada completamente em suspenso.

Consequentemente, se o interesse do assunto em discussão despertasse suficientemente a sua atenção, corria-se sempre o perigo de ela se desviar numa tangente própria, acrescentando as suas próprias ideias ou conclusões. A isto chamávamos nós "colorir". Para evitar isso, um assunto era desenvolvido durante algum tempo e depois abruptamente abandonado. Mais tarde, talvez semanas mais tarde, seria retomado. Entretanto, uma dúzia de outros tinham sido introduzidos e parcialmente desenvolvidos.

— Como hei de começar? — perguntei eu, impotente.

— A proporção equilibrada, a ração equilibrada da vida é a primeira coisa a incutir no mundo — disseram eles. — O equilíbrio é a grande coisa a enfatizar. O mundo está estropiado agora devido às suas faculdades espirituais mirradas.

Deveria haver, explicaram mais detalhadamente, uma certa proporção de trabalho entre o que chamamos o material e o que chamamos o espiritual. Se essa proporção estiver desequilibrada EM QUALQUER DOS LADOS, resulta sempre em problemas. Pela obtenção da proporção correta, ganharemos de uma forma ou de outra todas as coisas que valem a pena nesta vida e na próxima. De facto, todo o problema de uma vida bem-sucedida pode exprimir-se nessa fórmula simples: obter ativamente as proporções da vida.

"O arredondamento da proporção é a base de tudo", disseram-nos eles. Como proposição geral, isso parece suficientemente amplo e simples. Mas quando abordamos o problema em busca de pormenores, encontramo-nos face aos maiores mistérios. Em que medida a proporção está errada, no que respeita ao mundo; em que medida está errada no que me respeita a mim? Como deve estabelecer-se o equilíbrio?

— Vós enfraquecestes a palavra "Deus" — disseram eles. — O mundo passou a ter vergonha do espírito. Mortifica-o exatamente como os antigos ascetas costumavam mortificar o corpo.

Este pensamento não é novo, porventura, mas necessita de renovação e interpretação. O equilíbrio acontece estar inclinado para um lado agora; mas esteve inclinado para o outro, e pode voltar a estar. “A religião ignora demasiadas vezes o material e, por isso, repele o que é vigorosamente humano. Esse equilíbrio deveria ser restaurado, pois a proporção está errada aí também. Uni uma vida humana amável, bem-humorada, vigorosamente prática com a ditadura espiritual, um sentido interior de proporção. Acolhei e aceitai todos os instintos humanos naturais, todo o saborear da vida, mas permeai-os com a vitalidade do espírito. Aqueles que saboreiam mesmo as formas mais elevadas da vida sem esta permeação do espírito estagnarão, afundar-se-ão para trás, aprisionar-se-ão na matéria. Com eles, o sentido espiritual atrofia-se.”

Não há dúvida, para resumir as suas posteriores observações sobre este assunto, de que o principal problema que nos afeta agora, nesta era de ciência e daquilo a que chamamos pensamento realista, é justamente essa falta de proporção que atrofia a nossa perceção espiritual. E não há igualmente dúvida, conhecendo a tendência da humanidade para exagerar sempre na reação, de que o nosso principal perigo futuro será provavelmente um balanço de regresso à “espiritualidade” estreita, não divina e desumana que mortifica a carne, aprova leis puritanas, negligencia os negócios claros e deixa que o mundo se amanhe.

CAPÍTULO IV

Fundamentos Gerais

1. O EQUILÍBRIO

Portanto, embora os nossos Invisíveis realcem com maior ênfase onde ela pertence, a presente inércia espiritual do mundo, também nos advertem continuamente que apenas por uma participação cordial em todos os assuntos mundanos, uma partilha completa da vida física, uma atenção de toda a alma aos nossos próprios negócios e às nossas relações com as pessoas, é que nós, ou qualquer outra pessoa, alguma vez chegaremos a algum lado.

Repetidamente, em muitas variações de forma, repetem esta injunção. "Tomai mais interesses e mais amplos. Apreendei a alegria de viver. Misturai-vos mais com as pessoas", aconselham vezes sem conta. Devo confessar que o senso comum disto, juntamente com a sua recusa em dirigir ou aconselhar sobre qualquer pormenor, contribuiu muito para captar a minha atenção no início.

Assim, a primeira proposição de todas é muito simples: o equilíbrio, a proporção entre o espiritual e o material está desajustada, com a ênfase exagerada, no presente, no material. Mas o que vamos nós fazer quanto a isso? Tudo muito bem dizer "sejamos mais espirituais", mas como o havemos de conseguir? Uma vaga, expansiva e indefinida resolução de ser uma fonte de luz nunca levou ninguém a lado nenhum. Toda a vida é um assunto prático que deve ser abordado de forma prática. Isso é tão verdadeiro no espiritual como no material. Sonhar acordado ou misticismo entusiástico e vago não nos leva a lado nenhum. Isso é algo que devemos perceber; é isso que repele o homem comum e trabalhador quando lhe falamos em espiritual.

Ele é instintivamente um homem prático, lidando com a vida de forma prática, e as suas intuições quanto a isso são perfeitamente sensatas. Se a espiritualidade é realmente uma parte integrante da vida, como os Invisíveis nos dizem tão definitivamente, então o seu desenvolvimento e uso devem ser um

assunto prático que pode ser trabalhado tal como qualquer outro ingrediente desejável da vida. Com isto os Invisíveis concordam:

"Mantende a ênfase na utilidade e na aplicação prática do ensinamento", disseram. "Necessariamente, para restaurar o equilíbrio, temos de estimular o lado espiritual; mas o objetivo não é o desenvolvimento de poderes psíquicos. Para o mundo, o interesse residirá na aplicação prática ao quotidiano; algo que ele duvida quanto à maior parte do desenvolvimento espiritual. A tendência natural é procurar poderes psíquicos em vez de praticar a vivência humana.

Todos os ensinamentos verdadeiramente espirituais foram reconhecidos como verdade, trouxeram dentro de si a convicção da verdade; mas foram sempre postos de lado como inatingíveis. Estamos a tentar dar um plano de trabalho comum para os tornar atingíveis. O fosso tem-se alargado cada vez mais entre o ideal e a realização devido à educação unilateral, à falta de cultivo, e até à falta de reconhecimento, do ser espiritual. Tentamos dar uma instrução graduada desde o jardim-de-infância, para transmitir um método de despertar, estimular e fortalecer faculdades espirituais adormecidas através de gerações de abandono."

2. TORNAI-O REAL

Antes de prosseguir com esta instrução graduada, no entanto, é absolutamente essencial que percebamos plenamente uma coisa: A NECESSIDADE DE ALGO PARA ALÉM DO RECONHECIMENTO INTELECTUAL DA VERDADE. Consideremos isto cuidadosamente, pois a sua aplicação está em cada página do que se segue.

Não devemos apenas ler e compreender: devemos FAZER até absorvermos na substância de nós mesmos. Há nisso a diferença entre o atleta e a pessoa que leu as regras do jogo, o crítico de arte e o pintor que lutou com os pigmentos. Não devemos apenas ver que assim é: devemos TORNÁ-LO REAL. Isto não é conhecimento: é desenvolvimento.

"Não vos limiteis a arquivar as cartas que enviamos com instruções e conselhos", constava de alguma escrita automática inicial. "Releia-as e pergunte se está a agir de acordo com elas." "Ponde a maior parte da vossa energia em fazer algumas poucas coisas simples aconselhadas, em vez de tentar abarcar demasiado de uma vez. Não adotem a atitude de 'recebido e arquivado'. Queremos que avancem apenas tão depressa quanto conseguem desenvolver-se. Caso contrário, estaríamos a tirar-vos das coisas úteis do mundo para uma terra de ninguém de sonhos especulativos ociosos. Isso está longe do nosso propósito.

A vossa mente superficial passaria por evoluções superficiais que não teriam crescimento nem exigência correspondente de dentro. Deveis usar e exercitar os nossos ensinamentos, não apenas reconhecê-los como interessantes. A humanidade sempre aceitou tão confortavelmente as revelações dos profetas escolhidos do mundo, e cumpriu tão levianamente as suas obrigações ao reconhecê-las como verdade e descartá-las; sempre à procura de algo novo antes de ter adquirido ou digerido o antigo."

"O vosso progresso está nas vossas próprias mãos. Pouco podemos fazer senão observar-vos a ganhar a força necessária antes de podermos ajudar-vos mais. Essa é a lei. Só podemos agir como complemento do ato. Por vós mesmos deveis arrastar-vos pelo menos para perto da vossa ideia, para que possais alcançá-la em momentos, antes de prosseguir. Caso contrário, é apenas uma coisa intelectual superficial. Não há substância alguma no intelecto puro. É apenas uma sombra muito ténue. A mais simples realização é tão mais importante. O intelecto puro é distante, sem relação."

"O mero reconhecimento intelectual de uma verdade é apenas a veia vazia; a força real é a volição, o fluido pulsante e vivificante da utilização."

"Nós podemos alargar a vossa visão, podemos dar-vos o impulso, mas depois devemos deixar-vos manifestar ou retroceder. Se pudésseis saber quão ansiosamente observamos a semente, quão com anelo nos esforçamos para continuar a estimulação! Mas não nos é permitido carregar o próprio crescimento. Isso está nas vossas mãos. A verdade DEVE manifestar-se na ação. Nenhum passo à frente pode ser dado até que se cumpra o que é revelado. Dizemos novamente, a revelação DEVE manifestar-se na vida das pessoas antes que mais possa ser dado deste lado. O crescimento lento é a única realidade. Qualquer outro reconhecimento é apenas o reconhecimento intelectual. A vossa riqueza, conforme a medimos, é o poder que ganhais para vos tornardes em sólida realidade naquilo que no princípio fostes apenas experimentalmente."

"Repetimos: não podemos enfatizar demasiado frequentemente o facto de que o mero reconhecimento de verdade ocasional não é suficiente. Deveis absorvê-la, viver nela, deixai-la permear-vos, deixai-la controlar-vos antes que seja vossa. Nada pode ser alcançado meramente pela conceção. Este livro é absolutamente inútil se for tomado meramente intelectualmente."

"Deve ser feito, não sob a nossa manipulação, por assim dizer, mas com toda a força e propósito das vossas faculdades humanas. Só estas podem agir com sucesso no vosso mundo físico."

3. A NECESSIDADE DO ESFORÇO

Aquilo a que devemos aspirar, então, é um reconhecimento das forças espirituais à nossa volta; um contacto com elas; e através desse contacto o estabelecimento de uma proporção mais equilibrada entre o material e o espiritual. Isso soa a místico, vago

e confuso? É apenas uma proposição geral; e podemos pô-la de lado e regressar a ela com uma compreensão mais plena. É apenas um ponto de partida.

O primeiro passo neste processo, foi-nos dito, consiste em estabelecer contacto consciente com as forças espirituais à nossa volta. E, como todos os primeiros passos, é o mais difícil. Tem a desvantagem de ser algo novo e não habitual. Tem o obstáculo de parecer tateante e intangível até encontrarmos por nós próprios uma pega pela qual o agarrar. E acima de tudo, o "primeiro levantamento morto", como eles lhe chamam, deve ser realizado sem ajuda. Uma vez iniciado o processo, receberemos ajuda em abundância conforme a nossa capacidade de receber, mas devemos, pelo nosso próprio esforço, romper a barreira.

"Em tudo o que fazeis, a quantidade de sucesso depende da quantidade de energia que nela investis", disseram os Invisíveis. "A força que trazemos ao mundo, chamemos-lhe força inspiradora para lhe dar um nome, vem de uma combinação de condições criadas pela própria pessoa. Só podemos tirar partido dessa combinação. Uma vez que uma pessoa, pela sua própria força, a estabelece, podemos agir sobre ela. O passo inicial é obra vossa. Esta força é, grosso modo, emanações vossas que encontram forças complementares deste lado. Utilizamos o que possuís inconscientemente. Nasceis com asas: porque preferis arrastar-vos pela vida? Adquiris exatamente na proporção em que vos despertais para tomar."

"É apenas pela determinação e pela fé que realizais o primeiro levantamento morto. Essa manifestação convosco e por vós mesmos, deveis obtê-la antes de conseguir qualquer resposta. É isso que as pessoas não percebem. Não põem força alguma nisso, e quando não funciona imediatamente, vão para o outro lado. Deveis obter essa força por vós mesmos."

4. CONTACTO

Aquilo a que visamos — acesso ao grande oceano de influência espiritual — deve, por falta de melhor termo, ser chamado contacto e permeação espiritual. O termo é inadequado. Mas assumamos por momentos esta hipótese, simplesmente como base de trabalho: que vivemos em, e somos rodeados por uma substância mais sutil e mais poderosa. Podeis chamar-lhe o que quiserdes — éter, campo elétrico, ou vibrações espirituais. Quando somos permeáveis, somos penetrados por ela e obtemos dela vários elementos de expansão e crescimento.

Mas normalmente, na nossa consciência absorta no mundo, não há fenda ou recanto por onde a sua influência possa entrar. Somos como pessoas a nadar num mar completamente encerradas em fatos de mergulho que não admitem uma gota da água vivificante. Só em ocasiões comparativamente raras, quando estamos desprevenidos, por assim dizer, nos permitimos, mesmo inconscientemente, ser alcançados por ela.

Mas este contacto ou permeação PODE ser provocado por um processo definido de volição pessoal. Considerai isto cuidadosamente, pois é muito importante — esta ideia de que somos capazes de ampliar a nossa capacidade VOLUNTÁRIA de receber.

O primeiro essencial desta volição deve ser uma energia genuína de desejo. Devemos QUERER estender-nos em harmonia com as forças espirituais. Esse QUERER, esse desejo é essencial, e é tudo o que é essencial, como ponto de partida. Talvez no início façamos isto apenas com a cabeça, mas mais tarde unir-se-á ao resto do nosso ser, àquilo a que vagamente chamamos coração, alma.

No entanto, o mero desejo indefinido é apenas o ponto de partida. Se nos deve levar a algum lado, devemos ter alguma indicação da direção em que devemos ir. Como é este contacto espiritual, e como havemos de o alcançar?

Possivelmente uma vaga noção do processo pode ser obtida por analogia. A maioria das pessoas segue pela vida "ocupada com os seus próprios pensamentos". É assim, noventa e nove vezes em cem, que vos encontrareis se sairdes para um passeio. A vida interior fervilhante das vossas atividades mentais detém-vos, de modo que estais comprimidos dentro de vós mesmos e as coisas exteriores são meio notadas ou talvez nem sequer notadas. Agora parai subitamente e deixai que as coisas à vossa volta entrem na vossa consciência. Ficareis surpreendidos ao descobrir quantas delas, na verdade, não tiveram existência em vós. O canto dos pássaros, por exemplo: há momentos literalmente não os ouvistes.

A linha de árvores na colina: sentistes vagamente que ali estavam porque estáveis a olhar diretamente para elas, mas o seu contorno contra o céu verde-pálido atrás, a luz nas suas folhas, o aspeto curioso e fundido da sua folhagem em massa, essas coisas simplesmente não existiam. Vistes talvez os campos, mas não os sentistes. O EFEITO da paisagem, seja ele qual fosse, estava excluído porque estáveis ocupados dentro dos estreitos limites de vós mesmos. Até que voluntariamente abristes o vosso espírito a influências mais amplas do que as vossas, elas não puderam reclamar-vos.

Por esta mudança de atenção não quero dizer uma avaliação intelectual pormenorizada do entorno, uma catalogação, uma enumeração de características e espécies e linhas de composição. Isso é outro trabalho, especial. Quero dizer simplesmente a expansão que é o resultado da mudança de uma concentração mental ocupada no interior para uma abertura voluntária e ampla à influência exterior. Isso em si é uma forma, uma forma simples, de contacto espiritual.

A apreciação da beleza, no sentido de uma entrega à sua influência em vez de uma análise crítica, é outro exemplo tanto do que quero dizer como de um contacto espiritual simples. "É a maior coisa material elevadora que possuís", disseram os

Invisíveis. "Alguns podem encontrar a centelha escondida numa joia, outros num tambor de templo ou num Buda. A beleza é uma grande e silenciosa mestra." Mas o que estou a pedir aqui é que, na vossa resposta à beleza, noteis a diferença entre a sensação expandida e voltada para fora que tendes, e a concentração fechada e apinhada dos assuntos comuns.

Outro exemplo podeis encontrar, talvez, se fordes amante de cães. Alguma vez, quando estais a passear com eles, olhais para eles a abanar a cauda, ocupados, pelo caminho à frente, e por um momento parais de pensar em coisas. "Bons cães", dizeis para vós mesmos, e com essa frase há uma distinta sensação de expansão para além dos vossos limites habituais. Esse é um exemplo menor; e atiro-o como quem atira uma isca em águas paradas. Pode transmitir um vislumbre a alguém.

Por favor, notai, ainda não estou a tentar dar qualquer fórmula completa ou instruções para o contacto espiritual; estou apenas a tentar transmitir a sensação de expansão e de coração aberto, de sair de si mesmo. Uma vez reconhecida a sensação a que me refiro, procura-se conscientemente por ela pelo prazer que há nela.

Se esta analogia for clara, então estamos prontos para começar o jardim-de-infância.

CAPÍTULO V

Passos Elementares

1. RELAXAMENTO

A maioria da chamada instrução oculta parece começar com o relaxamento. É uma boa prática, quer se acredite ou não no resultado final, e descobre-se que é surpreendentemente difícil

cessar toda a tensão, não apenas no corpo, mas em cada pensamento do cérebro. A princípio é uma tarefa de homem; e, paradoxalmente, é provável que nos encontremos pouco depois num estado de tensão a tentar livrar-nos da tensão! Nada de maravilhoso se segue imediatamente. Mas é essencial, e é o primeiro exercício simples para o controlo que eventualmente resultará no contacto e absorção espiritual. As primeiras instruções de Betty, através da escrita automática, diziam respeito apenas a este ponto.

"Contração", observaram, "resulta em concentrar e condensar no físico."

A tarefa torna-se muito mais simples se apenas tiverdes em mente uma coisa: a chave para isso é a imaginação, não a vontade. Ninguém alguma vez se libertou com sucesso da tensão pela força de vontade. Em vez disso, imaginem a condição como se já existisse. Por exemplo, tentai pensar nas vossas pernas como pesadas, e depois sucessivamente nos vossos braços e na vossa cabeça. Imaginem o vosso rosto como sorrindo ligeiramente, mas não sorriam realmente. Vede que a vossa respiração é regular e lenta, e com cada expiração pensai no vosso corpo a afundar-se pesado e inerte.

"Deveis soltar-vos absolutamente", disseram os Invisíveis, "como se estivésseis a cair através do espaço. Depois de relaxardes absolutamente, mantende a condição o maior tempo possível; mas logo que se torne uma condição mental de esforço, abandonai o esforço e recomeçai. Aos poucos, podeis mantê-la cada vez mais tempo."

No início, tudo isto deve ser praticado deitado; mais tarde achareis que sois capazes de o fazer em qualquer lugar e a qualquer momento. É um jogo bastante fascinante — e desconcertante descobrir como o vosso ombro esquerdo se contrairá exatamente quando acabais de esticar a perna direita! É, de resto, de valor prático imediato, pois é fisicamente revigorante.

A remoção da tensão mental pode parecer mais abstrata e difícil, mas na verdade a técnica é igualmente simples. De facto, aplicamo-la mil vezes por dia sem o saber. Pois cada vez que voltamos toda a nossa atenção para as impressões dos sentidos, apenas como tais e sem considerar o seu significado, o nosso intelecto faz uma pausa.

"Esvaziai o primeiro plano da vossa mente", disseram os Invisíveis. E o primeiro passo para fazer isto é substituir o nosso habitual primeiro plano intelectual intencional por um primeiro plano sensorial casual. Pequenos sons descontínuos, vistas passivas e tranquilas — qualquer coisa que não seja demasiado estimulante — estas são ideais para o nosso propósito. Sob a sua influência, o nosso habitual ímpeto intelectual e emocional precipitado diminui rapidamente, deixando a mente como um lago calmo.

Uma vez travada a corrida mental desta forma, cria-se espaço para dar o próximo passo. Devemos agora estender-nos — ESPALHAR-NOS é mais descritivo — ainda não com qualquer ideia definida de contacto com o mundo espiritual, mas em direção àquela sensação de coração aberto, expansiva, de fora de vós mesmos, da qual tentei dar um vislumbre.

"Não é fácil adquirir uma perceção deste processo; nem, depois de termos percebido como se sente, é fácil continuá-lo fielmente e com convicção." Os resultados crescem em nós a partir de um começo tão débil que não chegam sequer à nossa consciência vigilante durante muito tempo. Esse é um período de fé.

Se não estamos convencidos de que vai funcionar, podemos pelo menos abster-nos da convicção de que NÃO vai funcionar. Devemos predeterminar o sucesso, mas acima de tudo não devemos ESPERAR nada. A nossa tarefa é expulsar os pensamentos ocupados do mundo em que vivemos, relaxar

fisicamente, e esforçar-nos com um desejo real por aquela recetividade de coração aberto da qual tivemos um vislumbre.

Neste ponto, dois avisos devem ser enfatizados. Primeiro, deve ser plenamente compreendido que este relaxamento não significa passividade total. "Agora que aprendestes a relaxar, deveis estudar o grau de relaxamento", disseram eles. "Há tal coisa como abandono excessivo. A vossa força torna-se inativa. O que se deve procurar é uma combinação subtil de relaxamento e uma certa força de vontade ou determinação subconsciente.

Mantende subconscientemente todas as vossas faculdades, mas esvaziai o primeiro plano da vossa mente. A passividade não é a do espírito, mas é inteiramente física e intelectual. Mantende-vos com força, NÃO PARA COMBATER, MAS PARA TER FORÇA PARA RECEBER. O que contribuís de prontidão espiritual mede a força que ganhais pelo contacto."

O segundo aviso é, NÃO FORCEIS. No momento em que a tensão, ou a expectativa é permitida, nesse momento as portas se fecham. Em vez de absorverdes o efeito subtil da vossa paisagem, estais a catalogar, analisar ou caçar. Quando vos encontrardes nesta condição, cessai todo o esforço e permiti que a vossa atenção se desvie para outras coisas. Deixai o tráfego da vossa mente prosseguir por alguns momentos. Depois recomeçai.

"Mantende o corpo relaxado, mas livre, e estimulai o espírito para responder com um grande e crescente assombro semelhante ao inspirado pelas belezas avassaladoras da natureza. Desarrolhai o vosso espírito aprisionado; deixai-o erguer-se alegre e naturalmente. Desfrutai."

2. ASPIRAÇÃO

Quando tivermos ganho a capacidade de fazer estas duas coisas simples, sem tensão, sem esforço, acima de tudo sem

concentração rígida da mente — isto é, relaxar física e mentalmente, mas com uma vigilância espiritual por baixo que faz com que o nosso eu interior se sinta amplamente aberto, como se sente amplamente aberto quando olhamos consciente, absorvente e sem crítica para algo belo — então podemos passar à procura consciente do contacto espiritual, ou "à absorção no vosso coração da realidade".

Isto é tão estranho ao nosso hábito quotidiano de pensar que é um pouco difícil de expressar. É uma daquelas coisas que compreendemos apenas depois de termos trabalhado para elas. O começo essencial é que devemos DESEJAR uma vida mais plena, quer saibamos o que é ou não. O começo prático é montar a nossa máquina, como descrevemos, e depois experimentar com ela até que funcione — como certamente funcionará se o nosso desejo for genuíno.

Levou mais de um ano a martelar este conceito de desejo antes de sentirmos que realmente o tínhamos compreendido e podíamos usá-lo. Descreveram-no de cem maneiras diferentes. "É uma aspiração genuína, não uma curiosidade intelectual", disseram-nos, "uma aspiração anelante, quase como a atração da agulha e do íman; algo acima que pode quase ser reconhecido como um complemento do que existe abaixo. Quando este reconhecimento, esta aspiração genuína está estabelecida, então tendes o vosso impulso espiritual. É humilde mas inabalável, não uma exigência arrogante.

É na realidade um grande instinto natural que a vida ali geralmente inibe. É apenas uma lei. Quando libertais certos gases quimicamente, eles procuram as suas afinidades químicas; do mesmo modo, libertais o vosso espírito e ele segue automaticamente a lei. Vedes a diferença entre isto e soltar todas as amarras e esperar que alguém vos levante? O último é enervante e completamente inútil." "A energia com que nos exigis será a medida do que obtereis. NÃO É TANTO A ENERGIA DA EXIGÊNCIA COMO A DEMONSTRAÇÃO DE UMA FORÇA

QUE CHAMA O SEU COMPLEMENTO. É a energia de medida por medida, dada e recebida!"

"Fazei isto continuamente, de hora em hora; quando possível, erguendo mesmo momentaneamente os vossos pensamentos para fora e mantendo-os livres. Usamos a frase 'erguer os vossos pensamentos' convencionalmente. Na realidade, 'espalhar os vossos pensamentos' teria sido mais exato. Este espírito impregnante não está tanto acima de vós como fora de vós; mas perto de vós, rodeando-vos, ao alcance do toque se ao menos acreditásseis. Estendei-vos para fora, não para cima. Quando vos expandis assim com o vosso coração, ou pensais horizontalmente, ou como quer que lhe queirais chamar, entrais em contacto com esta substância espiritual, pela razão de que, se fordes além dos vossos limites, deveis entrar nela. Se achais isto difícil de compreender, fazei apenas uma mistura de energia, sentimento de desejo de avançar, da intensa felicidade e expansão que a beleza vos dá."

Isto é um processo lento, e muitas vezes vos parecerá tolo, e a esperança de quaisquer resultados parecerá fantástica. Lembrai-vos de que deve ser não apenas um crescimento natural gradual, mas também requer frequentemente estimulação para superar o desenvolvimento paralisado de faculdades adormecidas. Não antecipeis resultados. Tomai as recompensas à medida que vêm; e há tais recompensas em cada passo. O mero relaxamento físico inicial traz um descanso físico que não pode ser obtido de outra forma; a sensação de coração aberto, quando adquirida, é um prazer e um revigoramento mental e nervoso em si mesmo. Por agora, contentai-vos com isso; e adquiri o hábito. Em breve sereis capazes de o fazer "de hora em hora, e até momentaneamente".

Mais um aviso repetido antes de avançar para o primeiro efeito do estabelecimento deste contacto espiritual. NÃO FORCEIS. "No momento em que tentais criar, bombear, alcançar coisas definidas, estais em grave perigo. Podeis obter quase qualquer coisa. Melhor ficar adormecido na terra, muito melhor.

Nunca chegareis a lado nenhum se estiverdes a pensar no que ides obter. Nesse caso, seríeis apenas um buscador de curiosidades. É mortalmente descoroçoante tentar isso. Sereis levados a um beco sem saída e deixados lá. Isso é feito com tantas pessoas!"

"A crença na acessibilidade de poderes superiores é uma ambição legítima, mas devem ser cultivados fielmente. O método amador de buscar crescimento ou liberdade espiritual é através de uma terrível concentração da mente, mas esta deve ser substituída pela expansão do coração."

"Como posso transmitir-vos com suficiente força este primeiro princípio? É expandir em espírito, não intelectualmente. O espírito é geralmente como um fruto dessecado dentro do cérebro. Deixai o vosso espírito embeber-se de maneira simples e agradável até que se torne um companheiro à altura do vosso cérebro. Expendei os vossos problemas à influência da grande expansão que trará a vossa solução. Este é o único canal real que trará influência psíquica permanente e saudável. É a estrada segura e aberta. Há outros caminhos, claro, mas são exploração."

3. AÇÃO AUTOMÁTICA

Mas se não devemos lutar por quaisquer resultados definidos, ouço-vos dizer, o que podemos esperar que aconteça?

Aceitai por um momento, pela fé, que do mundo do espiritual que é parte de nós, e que deveria ser uma parte equilibrada de nós, vem uma resposta instantânea quase automática a qualquer contacto genuíno. Isto parece ser uma lei de ampla aplicação.

Poderia ser descrita como ação espontânea das funções espirituais, à medida que são desenvolvidas, muito semelhante à ação do coração nos nossos corpos físicos. "Quando uma vez adquiris algo deste género de modo a que esteja dentro de vós, imediatamente começa a funcionar automaticamente, de modo que não haveis de vos preocupar com isso. Há, pertencente a cada nível de vida, o que se poderia chamar ação involuntária. É como

a digestão, pois funciona automaticamente para produzir resultados dentro da sua esfera particular de influência ou zona de ação."

A propósito, esta ação automática parece ser uma lei que segue todo o esforço, manifestação de volição. Sempre que uma coisa é suficientemente desejada para provocar uma emissão de determinação, a ação automática começa. Assim, de cada ato de vontade dependem muitas coisas. Isso está fora do âmbito da nossa discussão presente: mas mais adiante nestas páginas o funcionamento dessa lei reaparecerá muitas vezes: por isso é bom adquirir a ideia agora.

Neste ponto particular, preocupamo-nos com ela apenas na medida em que nos assegura que, no momento em que conseguimos, por mais débil que seja, ganhar perceção ou contacto espiritual, ocorre uma espécie de ação química; estamos a obter resultados de algum tipo, o crescimento começou.

Quanto ao que, definitivamente, esta ação automática produz, deve ser deixado para mais tarde. Por agora, basta saber que, enquanto o primeiro levantamento morto é nosso, estamos certos de ajuda de acordo com o nosso esforço, uma vez feito o primeiro pequeno estabelecimento.

CAPÍTULO VI

Desenvolvimento Posterior

1. CONSCIÊNCIA USUAL

Mesmo que pratiquemos o contacto espiritual apenas de vez em quando, pode tornar-se uma experiência maravilhosa — que trará uma paz e compreensão únicas. E nas crises da vida pode dar apoio e iluminação inimagináveis. E isso não é o quadro completo.

Para vislumbrar possibilidades maiores, regressemos ao nosso passeio campestre ilustrativo. Recordareis a sensação de expansão, de sair de si mesmo, de ser alargado, quando parámos para incluir na nossa consciência a influência de uma beleza até então mantida fora pela nossa preocupação interior. Não há dúvida de que o prazer e o benefício do nosso passeio seriam grandemente aumentados se pudéssemos MANTER essa expansão voltada para fora, se pudéssemos CONTINUAR a ver e admitir dentro de nós as influências exteriores. Mas não o fazemos. Mantemo-la por um minuto, e depois algo nos lembra de algo e os nossos cérebros ocupados partem como cães atrás de um rasto. O problema é que o nosso hábito estabelecido está contra nós.

Quando parámos a meu conselho no cume da colina, abrimo-nos ao exterior por um esforço consciente. Quando esse esforço foi retirado, recuámos automaticamente. Não tínhamos o hábito de permanecer abertos ao exterior. Isto devemos adquirir se quisermos admitir naturalmente, continuamente, uma influência que desfrutámos apenas por um momento. Caso contrário, no instante em que relaxamos a vigilância, os nossos pensamentos e emoções apoderar-se-ão de nós e arrastar-nos-ão de volta com eles para o seu pequeno e acolhedor covil ocupado.

E exatamente o mesmo é verdadeiro para o contacto mais completo de que temos falado. Se nos contentarmos em experimentá-lo apenas de vez em quando, a maior parte do benefício possível será perdida.

"É uma CONSCIÊNCIA ESPIRITUAL HABITUAL que eles procuram", relatou Betty numa ocasião. "A obtenção disto não significa esforço ou luta; é mais uma questão de com que frequência pensais nisso, apenas vivê-lo calmamente e confortavelmente. Caminhai pelos vossos dias como uma criatura com asas dobradas, consciente da posse de outro elemento e da capacidade de nele entrar. Quando vierem preocupações e aborrecimentos mundanos, podeis erguer-vos forte e

decididamente, passar alguns momentos em calma, e imediatamente descer reforçados ao objetivo em mãos."

"O importante não é instalar-vos em vós mesmos, mas estar sempre dependentes da companhia do vosso espírito, que parece estar mesmo abaixo da superfície, como uma amarração, ou boia. A alma tem de viver no corpo, ordinariamente; mas desta maneira fazeis o vosso corpo viver com a vossa alma."

Vezes sem conta, em formas variadas e por vezes pitorescas, esta ideia nos foi apresentada. A consciência HABITUAL da associação espiritual deve ser ganha; o viver HABITUAL em coração aberto, recetividade, deve ser alcançado; a apreciação HABITUAL da necessidade, e portanto o desejo vivo, deste contacto espiritual deve tornar-se normal. Quando se torna um modo de vida, então ganhámos a coisa constante em nós mesmos.

"A única maneira de o construir", disseram eles, "é torná-lo uma coisa comum, do dia-a-dia, de que estais conscientes todo o tempo, enquanto tratais dos vossos negócios. Se quiserdes chegar a algum lado, haveis de levar esta filosofia para casa convosco, e vesti-la, e comê-la, e respirá-la, e ir de automóvel para a cidade com ela. Quando fordes capazes de fazer isso, estareis prontos para algo mais. No presente, qualquer coisa além do que tendes transbordaria para uma mera apreciação intelectual."

Por outras palavras, em resumo, não devemos apenas compreender intelectualmente o que é o contacto espiritual, mas devemos "torná-lo real". Não devemos apenas "torná-lo real" ocasionalmente, mas devemos aprender gradualmente a torná-lo um hábito cada vez mais consistente.

Mas há outra consideração, e muito essencial. Não devemos apenas tornar hábito crescente o contacto espiritual: devemos também mantê-lo natural e vital. Tais coisas têm uma tendência fatal para cair numa espécie de ritual mecânico, realizado conscienciosamente e laboriosamente para o bem da alma. Muito

melhor buscar o contacto com menos frequência e manter a sua frescura ansiosa e espontânea.

"No momento em que começais a pensar nisso de modo demasiado unilateral", disseram eles, "tornais-vos conscienciosos de vós mesmos. Que ides fazer quanto a isso? Ora, ide para onde não possais ser conscienciosos de vós mesmos; ou então metei outra ideia de algum tipo na vossa cabeça. A natureza é uma maneira: pores do sol, estrelas, luar, rãs à noite. Não podeis ser conscienciosos de vós mesmos então. Rebentam-se os laços, e estais bem. Há outra maneira: através de uma coisa que amais, mesmo que seja apenas um cavalo ou um cão ou uma planta. Mas não se pode fazer apenas dizendo que se vai fazer; tal como não se pode simplesmente dizer a um homem para falar francês."

Com o tempo, seremos capazes de buscar o contacto cada vez mais vezes sem nos "disciplinarmos" demasiado. Mas no início "não é fácil ter pele solta e ser natural. Vem uma reação — um perigo."

E acima de tudo, devemos evitar a ideia de que este treino nos vai tornar Seres Superiores de um dia para o outro. "Meses de esforço bem-sucedido devem passar, até estardes encharcados, saturados, permeados pela força fluida do contacto espiritual. No início estais a lutar numa espécie de instinto cego para ganhar força, mas sem ser capazes de ver o que alcançastes. Mantende a vossa fé na vitalidade do esforço. Requer domínio antes de sentirdes o repouso, a certeza de força e progresso."

"O único relaxamento está na familiaridade."

2. ESTABILIDADE

Pouco a pouco, à medida que conseguimos tornar o contacto espiritual habitual, podemos esperar entrar na posse de uma qualidade a que eles chamaram por vezes estabilidade.

Estabilidade, como palavra, parece ter sido aceite por falta de melhor. Tal como usada por eles, conota algo mais do que o significado habitual de firmeza.

Representa, antes, uma qualidade positiva definida no interior, que forma uma constante à qual nos podemos referir; um núcleo em torno do qual as nossas vidas ativas podem ser organizadas; uma âncora de proa em tempos de tensão. A abordagem de Betty a esta ideia foi pelo método habitual e indireto de experiências simbólicas.

"Tenho de subir e de trabalhar — uma escada — íngreme, trabalho duro", relatou ela num dos seus primeiros relatos, "e tem de ser feito com entusiasmo, leveza, vigor e propósito firme. Sinto-me como um carregador de tijolos a subir uma escada.

Enquanto não sinto o peso e a subida — o que é quando nos sentimos à altura de uma coisa: temos uma carga tremenda, mas o entusiasmo torna-nos inconscientes dela, por isso não a sentimos e estamos ansiosos para a fazer? Sei como é: é como a razão pela qual a pressão da atmosfera não esmaga o nosso corpo. É isso que temos de ser se não quisermos ceder, ser esmagados.

"Trabalho tão curioso, trabalho tão estranho. Certos processos que são como exercícios, improdutivos em si mesmos mas necessários para fortalecer. É isso que estou a fazer: adquirir não sei o quê. Isto é um esforço para sustentar uma condição. Não sabeis quanto esforço firme é necessário. Expliquei como tínhamos de manter uma certa pressão para não colapsar. É o que tenho de fazer. Deve ser feito ou nunca chegaremos a lado nenhum, seremos sempre amadores. É como as estacas que se fixam para evitar que as plantas sejam abanadas e partidas. É isso que eles querem que façamos. Até o termos para nos apoiar, é tudo demasiado instável e incerto.

"Fiz uma grande estaca de ferro inamovível. Esse era o meu contacto. Tendo-me fixado a isso, construí em volta, bastante amplo e solto, uma coisa que ocultava a sua rigidez. Parecia

simbolizar estabilidade com maleabilidade. Parece que temos de fazer pequenos jogos assim. Deveis ter algo a que vos referir: primeiro como uma estaca em água a remoinhar; depois como plantada na areia; e depois como um ponto fixo no espaço. Não importa como o simbolizeis, mas DEVEIS TER ALGO CONSTANTE EM VÓS MESMOS."

"Estão todos a tentar derrubá-lo", exclamou ela noutra ocasião, "e eu não consigo mantê-lo unido. É como um reservatório sempre em perigo de ser rompido pela pressão exterior. Se fosse rompido, perderíeis tudo o que está nele, e seria quase impossível reconstruir. Os fracassos são muito maus. Exatamente quando estava a pensar em fortalecer as paredes e a sentir-me cheia de confiança na minha capacidade de evitar que cedesse, foi exercida pressão sobre ele desde fora; e apesar de ter corrido a empurrar aqui e ali, tudo se desmoronou.

Foi de partir o coração. Tudo se desmoronou e todas as coisas irritantes, as coisas destrutivas, as coisas prejudiciais vieram em alarido. A razão de ter cedido foi porque estava a trabalhar com materiais pequenos em vez de manter uma pressão tremenda dentro do reservatório. Se tivesse feito isso, poderia ter mais do que equalizado.

Em vez de segurar as paredes com a minha débil força terrena, deveria ter-me concentrado em encher com o meu próprio influxo espiritual. Não podeis resistir à pressão exterior em pormenor ou em pontos. Deveis manter todo o nível. Esta é uma tentativa, de várias maneiras, de me fazer perceber que a pressão deve ser de dentro para fora. Aquilo por que devemos trabalhar é a sensação de força e pressão interior, que é o que chamamos a consciência espiritual interior. Até estarem perfeitamente seguros da estabilidade, têm medo de avançar."

As aplicações e usos desta qualidade espalham-se em leque em todas as direções. É através deles que esta filosofia atinge

grande parte do seu significado e valor. Mas esse é um assunto amplo, e que deve ser deixado para mais tarde.

CAPÍTULO VII

Experiência Pessoal Novamente

1

Suficiente do texto foi dado nos capítulos anteriores para convencer o leitor de que o material é direto, simples e lógico na expressão. Tomai a secção a que chamei TORNAI-O REAL. Registei as suas frases sem alteração, e exatamente na ordem em que foram dadas. Mas essas frases chegaram-nos quase literalmente uma de cada vez ao longo de um período de um ano e meio. Estavam dispersas aqui e ali numa massa de material sobre uma dúzia de outros assuntos. Tiveram de ser desenterradas e colocadas uma após a outra em justaposição; e quando isso foi feito, tínhamos um pequeno ensaio completo, devidamente formado e proporcionado.

Repare-se, não houve qualquer manipulação em tudo isto. Em cada ocasião, registei no cartão apropriado de um ficheiro o facto de que algo tinha sido dito sobre a ideia do tornar-real, com o número da página. Ou sobre ação automática, ou a substância do pensamento, ou o que quer que fosse. Depois, quando chegou a altura da compilação, simplesmente extraí cada referência, na sua ordem original, do corpo principal, e copiei-a. Fiz isto mecanicamente, sem edição ou "interpretação"; e confesso que fiquei espantado por aquilo que até então pareciam fragmentos brilhantes formar um todo tão ponderado. Esta secção do tornar-real representa vinte e cinco entradas no ficheiro, abrangendo da página 1 à página 390 do registo!

Este método, de avançar com muitos assuntos ao mesmo tempo sem definir claramente nenhum deles, era bastante confuso. Exatamente quando começávamos a vislumbrar algum

tipo de sentido no que estava então em consideração, esse assunto era abruptamente abandonado. A aparente inconsequência era enlouquecedora: os fragmentos eram interessantes e inspiradores.

"A virtude", foi-nos dito um dia, "não é um fim em si mesma, mas uma medida de crescimento", observação que condensa muita sabedoria em poucas palavras. Por vezes eram belos na formulação, "privados da beatitude maternal das coisas campestres", por exemplo. Mas durante muito tempo andámos às apalpadelas. Só depois de nos ocorrer reunir numa folha de papel todas as entradas dispersas de um cartão, é que descobrimos que estávamos na posse de uma série de sequências interrompidas. Então a lógica fundamental de todo o conjunto começou a revelar-se como através de um nevoeiro que se desfaz.*

- *No delicado trabalho de extrair as sequências da massa de material, e mantê-las em ordem lógica, o meu irmão, Harwood White, de Santa Bárbara, tem sido de grande ajuda.*

Isto foi em si mesmo um fenómeno notável; ou pelo menos assim me pareceu. Mas como método era desconcertante e laborioso. Por vezes, com bastante impaciência, perguntei a mim mesmo a pergunta que vós vos fareis: porque não declararam eles, em ordem lógica e em palavras claras, o que pretendiam?

Uma razão já abordei. Vale a pena repeti-la. Eles queriam declarar o que ELES pretendiam. Não queriam contribuições ou diluições de Betty. Tais contribuições — inconscientes, claro — seriam inevitáveis se um assunto fosse suficientemente definido para despertar o seu interesse. Então seria impossível determinar o que era matéria original e o que resultava da associação de ideias no subconsciente da própria estação. Chamámos a isto "colorir". Poderia ser melhor evitado, ao que parecia, atacando o assunto nestes breves ataques rápidos de diferentes ângulos. Para uma discussão mais completa, devo novamente remeter-vos para o apêndice.

Aliás, aquela parte das nossas experiências que tinha a ver com o desenvolvimento, em distinção do ensinamento, visava em grande parte a eliminação deste colorir. A mente do sensitivo comum é, pelo próprio facto da sensibilidade, particularmente propensa, sob quase qualquer estímulo, a agarrar-se a um conteúdo do seu armazém mental e a disparar com ele até à sua conclusão lógica. Se alguém é naturalmente "psíquico", pode facilmente e prontamente obter algo extra-normal.

Mas haverá com isso uma quantidade horrível de joio para alguns grãos de trigo. Quanto melhor e mais robusta a saúde física, mais fácil o contacto; quanto melhor o controlo nervoso e espiritual, menos provável uma fuga para irrelevâncias. O esforço com Betty parecia dirigido para estas coisas, e NÃO para o desenvolvimento de "poder psíquico". A tese parecia ser que apenas por uma ênfase na vida quotidiana se poderia alcançar algo próximo da fiabilidade habitual.

Neste esforço, curiosamente, os "Invisíveis" afirmaram que estavam a tatear, a experimentar, tanto quanto nós! Tentaram vários esquemas que abandonaram após breves ensaios. Esta necessidade de experimentação, vale a pena repetir, devia-se a que a sua técnica seria exatamente o oposto do procedimento habitual. Ordinariamente, recordai que nos foi dito, as inteligências comunicantes vinham todo o caminho até ao tradutor, e assim se tornavam mais ou menos ofuscadas e confusas pelas condições terrestres "mais densas". A ideia era inverter isto, treinar em Betty uma capacidade de ir todo o caminho até eles, de entrar nas CONDIÇÕES deles; mas ao mesmo tempo funcionar suficientemente em si mesma para relatar, como tradutora, o que ali adquiria.

"Não queremos ser muito fortes deste lado", dizia alguma da escrita automática mais inicial, "porque faz parte do nosso plano que vós façais a vossa parte. É uma experiência para evitar as dificuldades de retransmitir mensagens a tão grande distância. A ideia é constantemente DIMINUIR A DENSIDADE entre nós

para ser penetrada, em vez de tentar tão arduamente e tão incertamente penetrá-la. Estamos agora perto do vosso elemento, mas devemos lenta e dolorosamente levar-vos ao nosso para manter comunicação ininterrupta e fiável." O processo era tateante e consumiu meses. Foi fascinante para mim, como observador. Grande parte do tempo pareciam eles próprios francamente perplexos sobre o que tentar a seguir. "As variações que tentamos", disseram-nos, "são como as combinações de uma máquina fotográfica com o seu foco, diafragmas, velocidades, hora do dia, e assim por diante."

"As coisas que Betty vê e experiencia neste momento parecem tolas", explicaram certas incoerências, "mas ela está a ser usada ao acaso em experiências sobre muitos tipos diferentes de forças." "Tive a sensação de estar a ser experimentada", disse a própria Betty noutra ocasião. "A sensação toda era de preparação, como uma casa vazia para onde as pessoas se estão a mudar."

"Por vezes quase sentimos como se este sistema tivesse dificuldades intransponíveis e que nunca tereis paciência para continuar", confessaram noutra ocasião. "No entanto, a sua adequação parece equilibrar as objeções."

"Qual é o problema?" perguntei.

"Precisamos de mais força", declararam com grande ênfase. "As forças que geramos parecem dissipar-se, devido a alguma falta de condições adequadas ou atração na vossa extremidade. Deixai-nos experimentar. Precisamos de diagnóstico mais cuidadoso."

"Pareceis desencorajados", observei.

"Não estamos desencorajados: apenas perplexos", negaram. "É como qualquer problema. Não vos desencorajeis: encontraremos um novo ângulo de abordagem."

"Pensais que somos omnipotentes", disseram-nos novamente, "mas não somos. Temos de tatear tanto quanto vós, e só podemos esperar, no tatear um em direção ao outro, encontrar-nos."

"Li sobre outras estações que não parecem ter todos estes problemas", disse eu.

"Os médiuns involuntários são bons apenas enquanto as condições lhes são favoráveis", responderam a isto. "Um médium voluntário com controlo da sua própria condição mental seria inestimável. Este é o caminho mais difícil possível, mas é o mais seguro, mais permanente e fiável. Os outros são experiências brilhantes, lampejos. Têm sucesso de vez em quando, e são muito espetaculares, mas têm fracassos terríveis que os anulam. São coisas arriscadas. Podeis obter algo, ou podeis tornar-vos um caso nervoso.

Este é um caminho íngreme mas seguro. Não queremos dizer que outros métodos não possam obter resultados mais brilhantes ou mesmo melhores ocasionalmente. Mas não há método que vos possa dar exatamente a mesma esplêndida sensação de poder e estabilidade; porque só com este tocais algo. Neste estado obtendes primeiro a condição real da coisa, e depois lentamente a palavra comum que lhe corresponde. Quando finalmente conseguirmos, o nosso progresso terá certas conveniências mecânicas que sempre faltaram nas comunicações espasmódicas."

Chamei a atenção para os autores de OS SETE PROPÓSITOS e O NOSSO CONVIDADO INVISÍVEL como exemplos de grande fluência, coerência e aparente precisão, mas "espasmódicos" no sentido de espontâneos. Concordaram mas continuaram a defender o seu ponto.

"As experiências deles eram da natureza de fenómenos", disseram eles. "Nós queremos convosco demonstrar a possibilidade de comunicação como uma espécie de trabalho de laboratório que pode ser feito por qualquer pessoa através de experimentação paciente; tal como a eletricidade ou qualquer

outra força natural pode ser usada. Eles tinham o carácter, treino e afinidade necessários. Depois, além disso, as ligações deste lado interessadas no trabalho tornaram a sua seleção natural. Chegaram mais perto dos requisitos.

O método fenomenal é possível a muitos se houver concentração suficiente deste lado. No entanto, a lei de ação e reação indica que deveria haver um esforço igual em ambos os lados. Grande concentração apenas num lado só é possível por um período limitado de tempo. Poderia ser sustentada indefinidamente se fosse igualmente distribuída em ambos. Até agora temos estado dependentes de um dom fenomenal e bastante não treinado, em vez de um mecanismo compreendido e cuidadosamente regulado."

"Porquê", perguntei, "não nos dissestes tudo isto no início? Poderíamos ter ajudado com muito mais inteligência."

"Se alguns destes métodos tivessem sido declarados no início", disseram eles, "ter-vos-iam tornado conscienciosos de vós mesmos e inflexíveis. O vosso clamor por satisfação intelectual foi por vezes muito difícil de resistir, por isso desviámo-nos de vós e evadimo-nos. Só vendando-vos poderíamos guiar-vos no nosso caminho."

Outro ângulo do mesmo assunto foi bem expresso muito mais tarde, e embora seja um pouco um desvio, parece valer a pena inseri-lo aqui. Foi uma das poucas instâncias em que uma personalidade definida se nomeou como a fonte do material filosófico. Transcreverei literalmente, como um outro ponto de interesse quanto à forma como registamos estas coisas.

BETTY: Alguém chamado Willard (nome fictício aqui).
WILLARD: Estou a trabalhar para todo o esquema, e estou interessado também nos seus seguidores.

EU MESMO: Nós também estamos interessados, mas estamos muito no escuro quanto ao que tudo isto significa.

WILLARD: Coisa curiosa, essa: e um grande obstáculo para obter os trabalhadores inteligentes mais desejáveis. A rigidez da mente educada humanamente é um grande problema a superar. É como uma criança mimada. O constante agrado deste lado assertivo, mantê-lo suficientemente calado para comunicar com a pessoa real no interior, é o que torna tudo tão difícil.

Essa é a chave de toda a dificuldade. Longe de mim depreciar o cérebro humano, mas ele deveria ser proporcionado. O eterno eu deve ser desenvolvido como um poder de controlo adequado. Ao tentar agir DIRETAMENTE sobre o mais alto — chamemos-lhe órgão — possuído pelo homem, o seu espírito eterno, somos constantemente interferidos pelo lado mais desenvolvido, mais facilmente desenvolvido dele, que clama, INSISTE em traduzir cada instinto para a sua própria língua e limitá-lo à sua própria experiência e compreensão; insiste que não vamos mais longe do que os símbolos fáceis e prontos que a sua educação mundial sanciona. Temos de o ignorar tanto quanto possível, mantendo-o calado ao frustrar sistematicamente os seus esforços de restrição. Entretanto, sob esta anestesia, trabalhamos diretamente, estimulando a parte duradoura, tentando desenvolvê-la. Deveria ser a parte dominante do homem.

Quando esta tiver sido desenvolvida na sua proporção adequada, então a inteligência terá novamente a sua vez. A inteligência é uma parte essencial do todo, mas simplesmente deve ser acalmada e tornada flexível de qualquer maneira possível, a fim de que possamos dar perceção para além da sua compreensão.

Estou a tentar dar este lado da questão para satisfazer a vossa inteligência natural quanto a este processo de frustração. Deixai o grande órgão desenvolver-se naturalmente e assumir o controlo. Vede se o homem todo não ficará melhor proporcionado.

Tive apenas a noção de que poderia ser capaz de transmitir isto um pouco mais claramente. Percebestes?

EU MESMO: Pelo que percebo, durante algum tempo frustrais propositadamente as curiosidades e funcionamentos da mente para aplicar o trabalho de desenvolvimento diretamente. Quando o lado eterno tiver sido desenvolvido até à proporção de igualdade com a inteligência, então esta última será libertada novamente para compreender do que se trata.
WILLARD: Sim; mas expresso em termos da vossa substância em vez da minha.

A ideia principal de toda a coisa é que o processo de frustração visa desenvolver para além da compreensão do cérebro, não apenas elevar os órgãos duradouros até uma igualdade com o cérebro: trabalhar para além dele, assumindo finalmente o controlo do cérebro. O cérebro torna-se então uma parte funcionante do órgão geral, o que então permite a compreensão. Quando estiver ajustado à sua proporção adequada, então será, mais tarde, o canal para manifestar aos outros o nível de desenvolvimento. Nós, daqui, não podemos trabalhar muito bem através do cérebro devido às suas grandes restrições educacionais e percetivas.

Não fiqueis tão OFENDIDOS no vosso intelecto. Dai-nos uma oportunidade. Não faremos mais mal do que apresentar ao vosso precioso intelecto algo em que trabalhar pelo resto da sua vida natural. Deixai-o de molho e mantende-o flexível, e podemos prosseguir. Está OBRIGADO a ficar satisfeito mais tarde. Quando isto se tornar o líder do vosso intelecto, DEVE imediatamente reagir sobre ele; DEVE, tal como o sangue percorre o vosso corpo para nutrir todas as partes. Pensei que talvez pudesse fazer-vos ver o ponto; é sempre um grande obstáculo. Foi por isso que vim.

Trabalhar apenas no conhecimento limitado do cérebro é um processo lento. São necessárias gerações para desenvolver novos símbolos respeitáveis.

BETTY: Deixaram-no entrar porque pensaram que ele sabia como vos sentíeis.

WILLARD: Percebestes a ideia agora? Para além do que podeis compreender, explicai pelo cérebro. Se é isso que queremos transmitir-vos primeiro, como PODERÍAMOS fazê-lo através do vosso cérebro sem a mais lenta das evoluções?

EU MESMO: Posso ver isso quanto ao indivíduo. E quanto a transmiti-lo ao mundo? Para isso haveis de usar símbolos escritos do cérebro.

WILLARD: Para transmitir algumas coisas ao mundo, deveis vós mesmos obter a coisa muitas vezes multiplicada. Sem força, nada. Deve haver uma grande fundação submersa para o farol. É demasiado débil neste momento para emitir; demasiado débil para ser generoso.

EU MESMO: Tudo isso parece razoável e satisfatório. Mas como podemos cooperar melhor, se por um tempo se espera que a nossa inteligência vá para um canto? É apenas uma questão de contacto?

WILLARD: Deixai-a por agora com o desenvolvimento da vossa região de sentimentos, suscetibilidade — SENTIMENTO AGRESSIVO. Deixai-a por aí. Esse é o outro lado da balança em relação à função cerebral. Mas há uma diferença entre a coisa mole, sentimental, emocional, comumente conhecida como sentimento, e o sentimento de força e estabilidade que é absorvente de sabedoria.

BETTY: (confidencialmente) Vedes, não temos palavras aqui para isso. Talvez haja algumas, mas não vêm. Sou muito má com palavras, porque elas se afastam tanto.

WILLARD: Quanto mais viverdes no abandono do coração, mais perto chegareis disso.

2

Mas há outra razão, além do perigo de "colorir", para que estes assuntos fossem abordados simultaneamente e de forma desconcertante — a partir de tantos ângulos diferentes. Isto tem a ver com a diferença entre a nossa maneira de dominar um assunto e a deles. Essa diferença resume-se numa única afirmação. Betty estava a relatar, como é seu costume frequente, em vez de ser usada diretamente como tradutora.

"Eu disse-lhes", disse ela, "que o progresso deve ser fácil para eles porque podiam ver as coisas e as razões para elas, e o que tudo significa; mas eles responderam que eu estava errada. O caminho dos nossos sentidos é, antes de mais, ver claramente aquilo por que vamos lutar. Mas o caminho da perceção do espírito, a maneira como eles abordam as coisas, é primeiro sempre uma luta em direção a uma perceção clara daquilo que foi apenas vagamente sentido. Aquilo por que lutam só é visto claramente DEPOIS de ser alcançado. Cada conquista proporciona então a força para um esforço adicional em direção a algo novamente vagamente sentido. Essa é a diferença entre o caminho deles e o nosso."

"Nunca vos preocupeis com a vossa clareza de perceção disso", disseram noutra ocasião. "Isso vem necessariamente depois de terdes mantido condições durante tempo suficiente para as estabelecer."

Este método de manter a lógica de um assunto obscura até que, um a um, os pormenores e partes componentes tenham sido absorvidos no sistema de vida é muito bem servido pelo tipo fragmentário de comunicação. É, na realidade, novamente parte da ideia de "torná-lo real", sem a qual parece não haver valor.

CAPÍTULO VIII

Eliminação

1

Duas coisas não podem ocupar o mesmo lugar ao mesmo tempo. Se vamos absorver algo novo, devemos abrir espaço para isso.

Isso é evidente por si mesmo. Abrimos espaço pondo algo fora. E esse algo tenta imediatamente voltar a entrar. O que significa conflito.

Encontramos isso em toda a linha. Mesmo a simples questão do relaxamento físico está cheia disso. Somos forçados à vigilância para excluir pequenas tensões musculares. Assim que fazemos uma comportar-se, outra está em tensão. E isso mantém a nossa atenção ansiosa, o que não é de modo algum um estado de relaxamento. A situação é agravada quando tentamos o desprendimento mental. Fancies vagabundas agarram-nos, e antes que nos apercebamos, estamos a galopar por um beco secundário de especulação que nada tem a ver com o que procuramos. Somos forçados a um processo de seleção e eliminação.

Não há nada de especialmente surpreendente nisso. Fazemo-lo, mais ou menos, a cada hora das nossas vidas. Estamos continuamente a selecionar o que queremos fazer, ou devemos fazer, de entre todas as coisas que poderíamos fazer. Mas fazemo-lo, na maior parte, sem o devido pensamento ou habilidade. Temos pouco entendimento ou técnica disso.

Uma tal confusão improvisada talvez sirva para assuntos comuns. Mas quando embarcamos num programa de expansão da consciência, foi-nos dito, devemos ter algo mais definido. A nossa tarefa é absorver a perceção espiritual, e de alguma forma devemos abrir espaço para ela. Caso contrário, terá dificuldade em competir com hábitos bem estabelecidos.

"Deveis libertar-vos para vos tornardes conscientes do eu acima de vós mesmos", disseram eles. "Isto é ganho pelo espaço diário de respiração em associação com o espírito."

"Parece mesmo", dizia um dos nossos primeiros escritos automáticos, "que vós, na terra, vos atropelais tanto. Não podeis mover-vos serenamente entre os vossos afazeres? É uma areia movediça que engole, o vosso mundo. Não me interpretem mal: não estou a aprovar eremitas. Peço apenas um esforço para viver no mundo e do mundo com uma alma livre e um espírito sensível."

"Não adianta tentar fazer nada se tendes muitos pequenos anzóis em vós por toda a parte que não param de vos puxar", disseram eles, muito mais tarde. "Não adianta tentar fazer nada até vos livrardes deles e afirmardes a vossa independência; é difícil tirar estas coisas farpadas."

"Há tanto lazer de mente e alma e tempo para a vossa atitude em relação às pessoas", explicou Betty, "nenhum para comprar coisas dois cêntimos mais baratas noutra loja, e todas essas pequenices. É como a diferença de tamanho entre as figuras num ecrã de cinema e os seres humanos na primeira fila. Eu argumento que não posso viver num mundo material sem fazer muitas pequenas coisas; e ELES argumentam que é exatamente para isso que somos enviados aqui, para descobrir quais coisas valem a pena fazer e quais não.

Têm grande respeito pelo trabalho material e necessidades e tais coisas; mas só são tão importantes. Não me estão a pedir para fazer o que os grandes idealistas fizeram, como Buda ou

Confúcio; deitar a humanidade de lado e andar com o olhar fixo; mas ESTÃO a pedir-me para me aproximar dessa liberdade. É uma questão de foco tão próximo quanto puder chegar. Deveis mudar o vosso foco para que todas as pequenas coisas perto de vós não pareçam nítidas e importantes."

2

Estávamos dispostos a concordar quanto à conveniência disto, mas evidentemente os Invisíveis não estavam satisfeitos com isso. Queriam que percebêssemos não só a sua conveniência, mas a sua importância, e mantiveram Betty no assunto. Vezes sem conta mostraram-lhe símbolos de vários tipos que enfatizavam isto. Aqui está um.

"O modo como me estão a mostrar parece tão difícil e doloroso — o esqueleto arrancado do corpo vivo", era Betty a relatar. "Estão a mostrar-mo e a dizer, esta é a verdadeira estrutura. Todo o resto, a vossa carne, as vossas roupas, as vossas pertenças, o automóvel em que andais — mas disseram carruagem — vós apenas acumulais sobre vós. Mas afinal há a vossa verdadeira estrutura que tem de carregar todas as coisas desnecessárias. No entanto, ninguém quer andar por aí no seu esqueleto. Mas podeis vesti-lo inteiramente com algo melhor do que toda essa coisa sufocante. Maneira engraçada de explicar!

Eles não param de dizer: aqui está o vosso esqueleto. Como ides vesti-lo? Parecem pensar que me libertaram das coisas velhas, e que agora o que devo fazer é vestir o meu novo corpo adequado à minha nova vida. Meu, aquela outra coisa parece desajeitada, amontoada por todo o lado, parece a coisa da Sra. Tanner.* É repulsiva. Deixa-me positivamente nauseada. Não gostaria de voltar àquilo!

Quando a tiram, sinto-me tão nua e fria. É bastante terrível tê-la tirada; quase um sofrimento agudo. Oh, esperai! Não sei o que vou fazer. Não sei por onde começar. Oh, meu! — há uma coisinha a juntar-se à minha volta, bastante ténue e diáfana, não

formada e acabada. Acho que não foi um bom símbolo. Não me sinto tão em casa como me sentia em toda aquela coisa quente e aconchegante da Tanner. Estou toda nova e conscienciosa de mim mesma e ainda um pouco fria. — Sim, vejo o que quereis dizer. — Estes estranhos exercícios apenas me separam diante dos meus olhos; tiram partes de mim e põem-nas de lado; e descartam o resto. Suponho que nesta vida nunca me libertaria sem todo este jogo e pantomina.

- *Uma mulher muito rica e acumuladora.*

"Escorreguei para trás. Volto sempre àquelas coisas sufocantes. Mostram-no primeiro de uma forma e depois de outra. Mas estas coisas sufocantes são tão quentes e humanas. — Podeis continuar a viver nas coisas sufocantes se quiserdes; e não há mal direto nem julgamento contra vós por isso. Então porque todo este esforço nesta vida? A resposta é: é inexoravelmente verdade que tem de ser feito algum dia, esse grande impulso apaixonado tem de ser feito algum dia. Cada um deve lutar e libertar-se; não há escapatória; é a lei; e quanto mais procrastinardes e adiardes, mais difícil será essa luta e mais moles e inaptos para ela sereis. Será um estado terrível, sofrimento, desânimo, negrura se adiardes. O adiamento cobra juros demasiado pesados.

É por isso que toda esta exortação para esta vida, porque eles não esperam até irmos para lá. Esta vida é esse arrancar do vosso esqueleto, e quando não o estamos a fazer aqui, agora, estamos a torná-lo muito mais difícil para nós mais tarde. Este é o nosso momento crucial de luta agora. Quão cego e estúpido dizer esperar por tais coisas até chegarmos lá! É para isso que a vossa encarnação aqui é o vosso teste. É o que eles têm tentado dizer-nos há quase um ano agora. Podemos tomar o caminho mais fácil, mas isso atrasa o jogo e torna-o mais difícil. Usai cada grama em vós, pois estais fadados a cair e a amolecer novamente. Entrai nisso com a ideia de que nunca relaxareis. Tão importante tentar sempre! Eles não param de voltar ao esqueleto.

Toda esta determinação e esforço é o vosso esqueleto; e o vosso corpo são as boas relações amorosas com as pessoas, e a beleza da vida. Isso é suficientemente macio sem as coisas de cetim abafadas. Pergunto-me para que pensava eu que estava aqui, afinal! Aqui está a parte notável: apesar de todo o endurecimento austero da espinha, juntamente com isso, há uma alegria que é maravilhosa. Há uma intensidade dilacerante; mas quando a recebestes e a reconhecestes, eles simplesmente se aproximam — é alegre, tão alegre e animado e vigoroso. Dilaceram-vos, e ao mesmo tempo dão-vos força alegremente, tão alegremente que poderíeis fazer trocadilhos sobre isso.

Todas as boas pessoas deste lado que vos pregam deprimem-vos sem vos dar força. Essa é a diferença. Aceito a minha luta agora, obrigada. Já é suficientemente dura agora. Não me admiro que eles estejam ansiosos por voltar e dizer-nos. Deve ser horrível estar lá e ver as pessoas que amais aqui a afundar-se, a afundar-se, a adiar a luta, a acumular todo o tipo de problemas (risos). Estou tão perplexa comigo mesma, vedes. Estou a tatear em direção a atividades — apenas tomo todas estas atividades — o meu velho corpo sufocante, e tirando-o e ficando no meu esqueleto e sentindo a necessidade de um novo corpo e tomando a substância de um novo corpo e vestindo-o — ora, criei essa coisa, fiz com que acontecesse. Esse é o tipo de coisa que se faz lá. Não apenas falais de coisas; pensais nelas em substância e criais — não sei onde estou, o que é substância, o que é sombra. Aqui estou eu a construir a partir desta substância; é tão mais real do que a consciência que tenho todos os dias.

Tudo o que sei é que o corpo é como um cãozinho que ladra, muito insistente sobre si mesmo. — Estou a ficar muito cansada; é tão difícil trazê-lo de volta para vós. — Ficarei quieta e revê-lo-ei. Não gosto destes registos que escreveis. Tenho os meus registos aqui. Estão apenas a deixar-me cair de volta à sua maneira indelicada. (Risos) Começo a gostar melhor do meu corpo quando me aproximo dele; não lhe chamo nomes de todo.

Tem um pouco de carvalho venenoso, mas de resto não é tão mau. Ficaria bastante arrependida de voltar e descobrir que não estava aqui. Não sabeis quão insignificantes são as palavras quando se trabalha em substância em vez disso.

Mostraram-me tão claramente o processo seriado no seu símbolo. Primeiro a dor física de extrair o esqueleto, depois a remoção das coisas sufocantes com a minha saudade e pesar por elas; depois a repulsa positiva por elas; depois o frio e a necessidade de um novo corpo; depois o interesse crescente na substância do pensamento, e no planeamento ansioso dos pormenores do novo corpo. Depois veio o conhecimento de que o novo corpo não pode ser construído perfeitamente de uma só vez, que podeis continuar a melhorá-lo de plano em plano."

Foi assim, portanto, que se construiu o nosso reconhecimento de que a eliminação era um factor muito integrante na nova tarefa que havíamos empreendido; tanto uma tarefa no seu modo como a "proporção" ou o "contacto", ou o "levantamento morto", ou a "estabilidade". E, foi-nos inculcado, também tinha uma técnica definida. O improviso e a regra empírica não serviriam. Naturalmente queríamos saber qual era; e a sua prescrição foi-nos prometida; mas antes de poder ser dada, devíamos primeiro compreender um conceito inteiramente novo.

CAPÍTULO IX

A Substância do Pensamento

O conceito que devíamos compreender antes de sermos instruídos numa técnica prática de eliminação revelou ter uma importância muito para além dessa. A sua influência seria fundamental. Uma vez plenamente aceite, como realidade — ou como hipótese provisória — a sua influência deveria permear tudo o que se segue.

E agora, pela primeira vez, devemos aceitar a palavra das nossas inteligências invisíveis para uma afirmação categórica. Até agora, a filosofia tem sido raciocinada e razoável. Agora devemos estar preparados para aceitar ou rejeitar declarações EX CATEDRA; como se aceitaria ou negaria a afirmação de um viajante de que na Utopia há bestas com asas púrpura. Podemos acreditar ou não acreditar, mas não teremos base para escolha, exceto a nossa confiança naqueles que comunicam, e a coerência do que comunicam.

No entanto, isso é uma afirmação pouco justa. A ciência física comum postula certas hipóteses para explicar factos. Tais hipóteses são puros pressupostos, sem um átomo de prova, raciocinados como prováveis, e adotados provisoriamente porque os factos se ajustam a eles. Fornecem uma plataforma de lançamento.

Nesse espírito, sigamos os Invisíveis, mesmo o mais cético de nós, na sua afirmação de que o pensamento opera em e sobre uma substância material definida.

"Sem preocupações com explicações", afirmaram enfaticamente, "tende em mente SUBSTÂNCIA DO PENSAMENTO, substância definida e tangível. Sabeis o poder do pensamento no vosso mundo. Agora estendei, ampliai, dai um maior alcance às suas ações. A lei é a REALIDADE desta substância. O grande poder que está nas vossas mãos é o reconhecimento disto, e o pôr em ação — pôr em ação química — das substâncias do pensamento, que estão obrigadas a criar de acordo com a sua espécie, os seus tipos."

Instaram-nos seriamente a acostumar as nossas mentes a esta ideia, usando uma variedade de figuras para a enfatizar. Disseram-nos que os funcionamentos da vida criada tal como a conhecemos são, na realidade, partes desta substância a trabalhar em diferentes combinações.

"Somos capazes de criar", continuaram eles. "A aplicação prática disto na vida quotidiana é vigiar cuidadosamente, guardar as vossas câmaras de pensamento. Permiti pleno alcance em todas as direções até que comecem a criar coisas indesejáveis, arrastadoras ou depreciativas. Então destruí estas coisas mal-nascidas sem as olhar, inundando-as, esmagando-as com a matéria-prima para uma nova e melhor estrutura. Imediatamente, sem demora, substituí a combinação indesejável. Repeti esta operação continuamente sempre que se acumulem incrustações.

"Este relato confuso e hesitante contém uma fórmula poderosa para o crescimento e beleza da mente."

Essa primeira afirmação interessou-me imediatamente, e procedi a desviar a discussão. Isto geralmente acontece quando começo a fazer perguntas. Os Invisíveis parecem ter preparado muito cuidadosamente o que estão a tentar transmitir; e as perguntas perturbam os planos. Especialmente porque tendem a atrair a atenção do tradutor e, portanto, são suscetíveis de despertar a sua mente-armazém, com o perigo concomitante de colorir.

"Para clarificar", perguntei, "o tipo de trabalho de construção que um escritor de ficção realiza está realmente a lidar com esta substância tangível do pensamento?"

"Sim, exatamente", respondeu o Invisível. "Apenas supondo que pudésseis soprar algo mais poderoso nas vossas personagens e fazê-las realmente viver. Isso seria pensamento de um plano superior."

Isso pareceu um pouco demasiado extraordinário, por isso continuei. "Assumindo que pudesse fazê-lo", disse eu, "entendo que tais entidades criadas a partir da substância do pensamento seriam seres independentes, com poder de livre arbítrio mesmo limitado, por exemplo?"

"A minha frase foi enganadora, não satisfatória", foi a resposta. "Receio fazer declarações incorretas por revelação fragmentária. O que criais certamente sai; mas lembrai-vos: não sem obstáculos. Outros também estão a criar. É um assunto muito complicado."

"O resultado deste pensamento criativo, desta combinação de substâncias do pensamento, tem então uma realidade objetiva desse lado?" perguntei.

"Algumas são tão fracas que mal vivem e se movem", explicou o Invisível. "Vejo todo o tipo delas. O tipo mais baixo é o tipo de força pura, que se gasta como um foguete e cai morto. Vive apenas uma breve carreira estimulada.

Outros tipos de construção, que construís com muita chama, e pensando também com o vosso coração, são autossustentados e têm vida real e continuam a viver."

Ainda estava um pouco confuso quanto à questão principal; por isso fiz uma pergunta indutora: "Então seria possível para um ser humano do mais alto génio criar tal coisa, 'que continua a viver', e poderia tornar-se eventualmente uma entidade com livre arbítrio?"

"Não", disse o Invisível. "Estais a ficar ambiciosos. É demasiado difícil e complexo para vos dar um fragmento satisfatório. Mas gostaríamos de poder falar sobre a vossa pergunta ambiciosa. Isso toca a maravilha da imortalidade. Ficai convencidos de que a chama que utilizais no pensamento construtivo não morre. Ela continua."

Foi tudo por esse dia. Na nossa tentativa seguinte, como é seu costume quase invariável, atacaram o assunto de outro ângulo, colocando Betty através de uma experiência real ou simbólica. Muitas vezes é difícil distinguir uma da outra; embora quando particularmente importante, eles nos informam sempre.

"Estão a mostrar-me uma substância e a ensinar-me como usá-la, a lei de atrair esta substância e condensá-la", começou ela. Seguiu-se uma longa pausa, no final da qual libertou o pulso do meu aperto e pegou na minha mão. "Quero ver se consigo obter essa substância à vossa volta — se tenho o poder de a controlar", explicou. Depois outro intervalo de talvez dez minutos.

"Isso é tudo por hoje", disse ela finalmente, "perdi a coragem nisso. Não há nada tão aterrorizante como o desconhecido.

"Há uma substância envolvente que podeis atrair e com que podeis envolver uma pessoa. Ela não a pode sentir e está impotente contra ela no sentido de se libertar ou sair dela ou frustrar — não conseguia perceber o que estava a pôr em vós, e no momento em que clamei por compreender, assustei-me. É um grande poder de algum tipo. Parece que primeiro sois envolvidos por ela, e depois disso eu poderia magnetizá-la com pensamento. Por exemplo, tendo-vos envolvido com ela, poderia dizer: 'Esta substância penetrará gradualmente em vós, permear-vos-á, relaxará o vosso sistema nervoso.'

E por reabastecimento poderia impedir-vos de nunca fechar — de ser impermeável, preso pelos nervos. Nesse caso, seria uma coisa curativa — penso que é possível dirigi-la de outras maneiras. Primeiro envolveis nela; e depois colocais nela qualquer tipo de pensamento que queirais. Teria de ser manuseada com muito cuidado — um poder terrível! A parte estranha é que parece que eu poderia ser capaz de sufocar o mal com ela.

"É uma coisa muito poderosa; não podeis lutar contra ela, a vossa resistência é quase negativa. Essa parte preocupa-me. Deve haver alguma resistência possível de alguma forma; há alguma lei modificadora. Talvez seja melhor deixá-la hoje."

Foi tudo. A esta altura já tinha aprendido que, quando um assunto era abandonado, o abandono era deliberado e para evitar o perigo de colorir. O próximo ataque foi por um exemplo simbólico de criação real na substância do pensamento.

Mostraram a Betty — ou simbolizaram em imagens para ela — uma extensão de terra (representando, talvez, um campo de esforço e desenvolvimento potencial). Aqui está o seu relato em direto:

"É trabalho de sertão; conquistar forças naturais", disse ela após alguma descrição preliminar. "É caótico e selvagem e sem propósito, grande força adormecida e desperdiçada, e eu tenho de fazer algo quanto a isso. Estou a começar a ver coisas: flores e coisas.

"É construir, e não percebo. Esperai — É demasiado difícil para vos contar. Isto é muito, muito difícil. Oh, sinto-me tão impotente! Não percebo, é demasiado difícil.

"Estão a tentar fazer-me saber como abordar este continente, e não percebo. É a questão do trabalho que não consigo perceber. Não posso fazer todo o trabalho lá sozinha, tal como não poderia sozinha construir este lugar. É um osso duro de roer! Tenho de descobrir isso, é GRANDE! Todas as minhas relações com outras pessoas estão lá de alguma forma. Até agora tem sido solitário.

"Bem, suponhamos que tenho um grande plano, admitindo que tive um sonho e fiz um esquema, e convoquei a substância do pensamento; como vou formá-lo? Demasiado importante para errar isto. Não podeis simplesmente recostar-vos e conseguir que outros o façam. Mas teríeis de o fazer!

"Estou a fazê-lo de mim mesma de alguma forma. Parece um trabalho físico duro, feito com suor e fadiga e energia. É como quebrar células no vosso corpo, vertê-las para fora de vós, fazendo um depósito de construção de betão. Depois descansais e acumulais mais força, e depois fazeis outra projeção e depósito de trabalho.

"Afinal não é um trabalho tão duro. Torna-se uma função satisfatória. É muito doloroso agora; quase angústia. É assim que acontece. É análogo ao trabalho físico. Os mundos são todos

construídos assim, físicos e espirituais. Livrai-vos de qualquer ideia de coisas do tipo 'Haja luz'. Não há qualquer processo de criação ou construção do tipo 'haja'. Não, certamente que não! Puseram-me a trabalhar, está bem! Dizem que me hei de habituar. Não param de puxar esta substância através de vós, como através do buraco de uma agulha. Transmutai-a.

"Isso é engraçado, muito engraçado! Comecei naquele continente! Já fiz ALGUM trabalho. Posso vê-lo.

"Não percebo porque o faço sozinha. Não consigo ver porque é que ninguém pode ajudar. Há algo que tenho de fazer primeiro antes de poder obter ajuda. O que é?

"É muito mais fácil agora, muito mais fácil. Posso atraí-lo e agarrá-lo e moldá-lo, e depois sair dele. Oh, sim, agora é bastante agradável. É um prazer fazê-lo agora.

"Aqui está outro ponto difícil: há várias pessoas à minha volta como se pudessem ajudar, se eu soubesse o que fazer. Tenho de perceber isso. Parece mais convocar do que contratar mão-de-obra. Depende da vossa capacidade de convocar, inspirar, coagular, há uma palavra maior para isso; ideia de liderança; um poder de atração com uma grande ideia altruísta. Isso é construção lá: é assim que se consegue que as pessoas vos ajudem.

"Foi tão difícil no início porque servia apenas um propósito individual. Parecia ter sido extraído por força bruta para um propósito individual. Há material muito mais fácil que posso usar quando puder elevar-me para obedecer a alguma lei. Pioneiros são necessários; têm de os ter; eles fazem um grande trabalho apenas a abrir caminho.

"Isso é progresso. O principal é ter a sensação de trabalho, trabalho espiritual duro. É especialmente difícil porque estou a combinar dois elementos; sofro fisicamente com o esforço espiritual.

"Nunca pensei no trabalho lá. Claro, esse é o primeiro princípio da construção. Mas como se trabalha espiritualmente: e se não trabalhais, não prestais. RENDER-VOS de alguma forma. É demasiado novo para mim; direi melhor da próxima vez.

"Parece, vagamente, que haveis de começar na pilha de rochas, o tipo mais duro de trabalho, o que corresponde ao trabalho físico real. Exauris-vos nele; mas à medida que avançais, aprendeis como — odeio usar palavras tão tolamente, mas não encontro outras. — À medida que avançais, a harmonia eleva toda a parte difícil, e trabalhais tão arduamente sem a parte de sofrimento.

"O meu continente era todo selvagem e desgrenhado. Vi-o como um mapa, vi-o grande. Havia massas de coisas que sabia serem florestas, e grandes rios selvagens com troncos. Parecia uma massa tão desalentador para mim sozinha. Sentia-me tão débil. Vi muitas flores lindas. Disseram: avança e faz algum tipo de plano sobre isso, por mais pobre que seja para começar. Essa é a tua medida. Eu disse: a primeira coisa que farei é preparar-me um local para casa, apenas um pequeno pedaço que possa gerir na selva.

E então grunhi e gemi e senti como se estivesse a ser despedaçada; e depois ficou mais fácil, e descobri que uma espécie de clareira tinha sido feita num pequeno canto. No meu pedaço foi feita uma espécie de cerca em ângulo reto, uma impressão de limite. Surpreendeu-me, não sabia que o estava a fazer. Não era uma coisa interessante de fazer; mas tinha de começar por algum lado.

"Vi o meu continente de cima como de um avião, uma coisa caótica, poderosa, indomada."

Esta figura impressionante deixaram-na connosco durante algum tempo; e quando retomaram o assunto da Substância do Pensamento, a aplicação foi numa direção que não estamos agora preparados para seguir. O que desejamos enfatizar aqui é a ajuda

que este conceito nos dá para visualizar a necessidade de eliminação.

CAPÍTULO X

A Técnica de Eliminação

1. ALTITUDE DA MENTE

Esta conceção da Substância do Pensamento dá-nos um ponto de vista bastante novo quanto à necessidade de eliminação no mundo mental, bem como no mundo da ação e no mundo das posses materiais. Concordamos prontamente que neste último devemos escolher e selecionar e rejeitar. Mas o mundo mental não é tão definido. Os pensamentos são tão impalpáveis, tão fugazes, que dificilmente vale a pena preocupar-se com eles. Em breve desaparecerão por si mesmos; e nada restará.

Mas se os pensamentos são coisas reais, mais ou menos duradouras; a trabalhar numa substância real; então a questão torna-se demasiado tangível para ser descartada levianamente. Somos forçados a alguma ação, imediata e definida, para evitar que as nossas premissas mentais fiquem entulhadas com formas-pensamento indesejáveis, tão desagradáveis na atmosfera como qualquer outro lixo ou imundície. Estamos a eliminar coisas substanciais — coisas de substância — em qualquer meio que seja.

Como fazer? Deixai-me repetir uma passagem já citada:

"Guardai cuidadosamente as vossas câmaras de pensamento. Permiti pleno alcance em todas as direções até que comecem a criar coisas indesejáveis, arrastadoras ou depreciativas. Então

destruí estas coisas mal-nascidas sem as olhar, INUNDANDO-AS, ESGOTANDO-AS COM A MATÉRIA-PRIMA PARA UMA NOVA E MELHOR ESTRUTURA."

Muitas vezes, quando nos cingimos para lutar contra uma coisa, damos-lhe força pela própria oposição que lhe colocamos. A ideia de INUNDAR é uma a reter. "É muito como qualquer crescimento no mundo", dizem eles, "As pessoas passam o tempo a lutar contra coisas, quando, se apenas passassem o tempo a crescer, naturalmente empurrariam essas coisas para o lado. Há apenas tanto espaço num dado lugar. Se crescerdes e o preencherdes, tudo cede automaticamente. É assim que as plantas lutam."

Elaboraram a ideia um pouco mais, noutra ocasião, por meio de um símbolo, como é seu hábito frequente.

"É isto", disseram eles. "As formas inferiores, mesmo da vida humana, permitem sujidade física, decomposição, até vermes; e sancionam-nos como parte necessária do viver. Mas nós sabemos melhor; ultrapassámos isso e não os toleramos. Mas estamos no mesmo estado espiritualmente. Permitimos que todos estes pensamentos sugadores de sangue, todas estas coisas de resíduos, partilhem os nossos espíritos connosco, simplesmente porque pensamos que são uma parte necessária do viver. Mas não são. Assim que formos suficientemente fortes para nos limparmos e nos mantermos limpos deles, podemos permanecer na fase superior como uma questão natural. É apenas uma vida decente.

"Ao mantermo-nos fisicamente limpos, não nos preocupamos com vermes, nem sequer pensamos neles. Livramo-nos deles simplesmente vivendo um certo tipo de vida. Eles não existem para nós. Não há oposição definida contra eles; agimos simplesmente de uma certa maneira e eles não estão. Da mesma forma, não se trata de evitar conscientemente quaisquer pensamentos específicos. É uma atitude da mente."

Foi assim que escrevi; mas as palavras mal estavam no papel antes de ser corrigido. Deve recordar-se que Betty, pela cuja boca vieram as palavras, estava deitada com os olhos vendados do meu outro lado.

"Não, corrigiram-me, 'ALTITUDE' da mente. É manter-vos nesse nível, e lembrar-vos de todas as coisas que lhe pertencem e praticá-las."

2. ATENÇÃO

"Toda a coisa é uma questão de Atenção. Todo o tipo de coisas estão sempre a fervilhar à vossa volta, tão densamente quanto possível, mas a menos que lhes deis a vossa atenção, não podem ter ponto de contacto convosco. Qualquer coisa a que deis a vossa atenção é magneticamente vossa. Portanto, a única maneira de vos reorganizardes é regular a vossa atenção. Isso mantém a vossa altitude da mente.

"Este tipo de atenção é exatamente o mesmo que olhar para as coisas. São apenas as coisas para que olhais fixamente que realmente se registam."

"Se tivésseis de copiar uma coisa, olharíeis para ela longa e fixamente; uma olhadela não vos faria bem algum. Portanto, se quereis tornar-vos algo, deveis continuar a olhar para isso, não apenas vaga e geralmente, mas fixamente, para que possais reproduzi-lo. Isso é Atenção.

"Gostaria de encontrar uma palavra maior do que atenção; é tão importante."

No mundo exterior, bem como no mental, aplicam-se os mesmos princípios.

"Não me estão a pedir para desistir de todas as pequenices que tenho de fazer", disse Betty numa ocasião. "Não importa O QUE FAZEMOS, é COMO O FAZEMOS."

"A coisa que fazeis não importa", concordaram eles. "Se é humanamente desejável cortar pedaços de papel ou fazer qualquer coisa pequena e tola, avançai e fazei-o da maneira mais eficiente que souberdes; mas ao fazê-lo, mantende todas as velas içadas. O problema convosco é que tentais arriar as velas e usá-las como panos de chão. Colocais ganchos de arrasto na vossa parte espiritual também. Está totalmente desproporcionado, é ao contrário; é um incómodo. É assim que vos danificais: não pelas coisas que fazeis, mas pela maneira como as fazeis. Porquê atrelar uma grande e poderosa máquina apenas para cortar a relva? E cortar a relva é importante, mas utilizai a atenção e o poder apenas na proporção."

"À medida que avançardes", disseram-nos a propósito de outra coisa, "descobrireis que haverá todo um novo conjunto de impostos sobre a vossa Atenção, e serão muito mais simples e agradáveis. Pagais aí (na terra) um conjunto desalentador e exaustivo de impostos sobre a Atenção. Estais sempre a fazer cercas e a contorcer-vos entre coisas, pagando impostos sobre a vossa liberdade."

"Parece haver algum tipo de regulamento", comentou Betty, "para que não tenhais aí todos esses desagradáveis pequenos impostos, cada um dos quais drena um pouco da vossa atenção. Recolher-me; é isso. No próximo passo, vou recolher-me. Todos estes pequenos impostos são tão desintegradores."

"Grosso modo, a ideia é esta", continuaram eles, "Tudo a que dirigis Atenção, gastais; pagais um imposto. Investis em montes e montes de pequenas coisas. É como ter toda a vossa fortuna em moedas de cinco e dez cêntimos. Deveríeis ter mais beleza de proporção nisso. Isso não quer dizer que as moedas de cinco e dez cêntimos não estejam bem: o mundo está cheio de pequenas coisas interessantes. Gastai o quanto quiserdes nelas, não vos priveis delas de modo algum; mas primeiro deveis ter as grandes coisas asseguradas. Obtende as vossas proporções e depois vede o

que podeis permitir em termos de pequenas coisas. É apenas uma questão do que podeis permitir."

"Mostram-me as grandes coisas e as pequenas coisas, as grandes coisas e as pequenas coisas, vezes sem conta", disse Betty, "Não devo cortar todas as grandes coisas em pequenas coisas. Essa é a liberdade que está adiante. Primeiro sede ricos e generosos com as grandes coisas, depois brincai com as pequenas."

"Mostram-mo de tantas maneiras diferentes. Agora estão a fazer confetti com um material tão bonito, e perde-se todo o belo desenho. É uma pena! Anseio por juntá-lo novamente.

"Oh, acabaram de fazer uma imagem terrível da coisa dos impostos. Sei o que é o inferno; é ser forçado a olhar para os erros! Oh!

"Vedes este negócio dos impostos Oh, querido! (aflição) Estou a tentar contar-vos sobre isso, mas estou tão infeliz! Acabaram de extrair o meu sangue vital, um pouco de cada coisa que sou, um pouco de cada coisa que faço. Horrível! Não esquecerei isso! Pequenas coisas sugadoras de sangue."

"Agora mostramos-vos a condição", concluíram, "pegai nela. Construí o vosso plano de ação. Pegai com ousadia. Fortificai-vos contra vós mesmos, o vosso eu mais fraco. Soprai vida, determinação, entusiasmo neste plano. Mantende as vossas forças limpas e vibrantes, não enervadas com pensamentos diluentes. O principal perigo é a perda de resistência. Mantende o vosso vigor. A vossa medida de força é a vossa concentração na vossa centelha de iluminação. Soprai-a até se tornar chama. É com isso que trabalhais. Não podeis deixá-la morrer ou arder em brasa. Continuai a soprar; essa centelha é a vossa energia espiritual. Vigiai a vossa predeterminação, predeterminação particularizada, não apenas vaga.

Trabalhai sobre ela cuidadosamente como fariam sobre uma planta arquitetónica. Isso é pensamento vitalizado, um pensamento criativo. Há substância nisso. Começai a materializar para vós mesmos, analisar, agarrar, tomar os materiais à mão, e moldar algo com eles. O pensamento é o material, mas não pensamento especulativo, construção positiva. Parece ser tudo agarrar, tomar as poucas coisas que tendes, e agarrá-las e mantê-las, e com o tempo moldastes algo. Podeis tê-las agora. Apenas a poderosa força para tomar, a imaginação e o idealismo para as ver e alcançá-las. Mantende constantemente a tradição de um espírito inconquistável."

CAPÍTULO XI

Fazei-o Agora!

1

A tendência habitual, na grande maioria de experiências como a nossa, é para o espiritualismo direto ou para o desenvolvimento dos chamados "poderes psíquicos". Mas no nosso caso, ambos os aspetos foram ignorados. Basicamente, o nosso esforço deveria ser dirigido, disseram-nos, para um DESPERTAR DA CONSCIÊNCIA. "A sua natureza", disseram eles, "é a abolição de barreiras, a demolição das paredes que obstruem a visão espiritual." Não tinham tempo para maravilhas ou identificações pessoais. Certos "poderes psíquicos" poderiam desenvolver-se; mas se assim fosse, seriam incidentais à tarefa principal. Tão acentuada foi esta recusa em preocupar-nos com o que, afinal, é a mais natural das curiosidades, que rompi a tendência programada para fazer uma pergunta; e, o que era ainda mais invulgar, obtive uma resposta.

"Será que as comunicações meramente pessoais são um obstáculo ao vosso esquema?" perguntei.

"Apenas desenvolvem uma certa futilidade, se contínuas", foi a resposta. "As condições em ambos os lados são tão inexplicáveis que a comunicação satisfatória parece por vezes diminuir em vez de progredir, devido ao desânimo, ou à dissipação — dispersão — da concentração em assuntos realmente importantes. Há grande dificuldade na melhor das hipóteses. A discrição deve ser usada, e deve estar nas mãos de mestres, especialistas. Muito problema e confusão resultam de comunicação indiscriminada."

Tudo isto estava a acontecer, recordai-vos, durante a vaga de interesse popular pelos psíquicos, logo após o fim da guerra. Isto, os nossos Invisíveis reconheceram, era útil, mas os seus aspetos não eram inteiramente satisfatórios.

"Há demasiada ênfase no aspeto 'Espírito'", disseram-nos, "e muito pouca na aplicação individual do que tudo significa. Há demasiado interesse no mero facto de os amigos ainda viverem à nossa volta; ignorando o que vêm dizer-nos. O vosso próprio crescimento é o que importa. Não podemos esperar tocar-nos frequentemente; tal como quaisquer amigos que vivem em lugares diferentes. O que conta é a nossa aspiração diária."

"A questão é que a tendência natural é procurar poderes psíquicos em vez de praticar a vivência humana. Houve um desequilíbrio de atenção na mera identificação pessoal, que é necessária se for equilibrada pela estabilidade e direção do esforço para a perceção espiritual. Caso contrário, se a perceção espiritual não for desenvolvida, nada pode ser dado após a identificação ser estabelecida. Vedes mais claramente a aplicação prática das nossas instruções?"

"O vosso ceticismo cauteloso a puxar para trás o vosso reconhecimento intuitivo da verdade foi a vossa principal atitude no início. Uma certa atitude de jogo limpo, permitindo-nos uma voz ininterrupta para desenvolver o nosso argumento, levou ao sucesso da comunicação. A ausência de medo e a confiança no

vosso próprio poder de rejeitar se as comunicações se tornassem menos convincentes também ajudaram no sucesso, em feliz combinação com o interesse de ambos pela exploração."

2

Satisfatório e sensato, pensámos; até onde ia. Mas eu tinha outra pergunta, e parecia-me legítima e natural.

"Concordamos quanto à importância de tudo isto", declarei, para efeitos de argumentação. "Porquê a pressa? Supõe-se que temos toda a eternidade diante de nós. Porque havemos de nos 'afligir' com isso agora? Requer um esforço sustentado considerável, se é que vai dar em alguma coisa. Envolve uma mudança radical no ponto de vista. A vida está cheia.

Para o homem médio, com maturidade suficiente para assimilar isto, a rotina e o hábito estão bastante estabelecidos. Está razoavelmente contente com as coisas como estão. Essa é a sua vida natural na terra. Por outro lado, a vida espiritual é a vida natural depois de morrer. Porque não adiar todo este desenvolvimento para aquilo que pareceria ser a sua estação e ambiente naturais?"

Desta vez, devo ter tocado numa questão vital. Não trouxe apenas uma resposta: abriu todo um novo assunto para uma insistência mais enfática. E, como todos os outros assuntos cardeais, foi-nos apresentado recorrentemente, em momentos imprevistos, até ser moldado no corpo principal do ensinamento.

A essência era esta: que este despertar espiritual, este contacto consciente, deve ocorrer em algum ponto da nossa evolução. Quanto mais cedo o atingirmos, melhor. Nunca pode ser totalmente adiado para a "sua estação e ambiente naturais" (a minha ideia). De uma forma ou de outra, num grau ou noutro, toda a criatura humana deve e consegue, durante a sua vida terrena normal, atingir ALGO de contacto espiritual. Caso contrário, é completamente desviado; "perdido", suponho que se poderia chamar, no velho sentido bíblico. Isso é, na maioria das vezes, meramente uma função inconsciente do viver. Mas se o pode obter consciente e voluntariamente, é infinitamente mais eficaz.

Além disso — e aqui está a verdadeira resposta à minha pergunta — a "estação e ambiente naturais" NÃO está inteiramente no nosso próximo estado de existência. Há, nesta mesma vida terrena, certas facilidades para começar que faltam no próximo estado de existência. Podemos começar então, se quisermos adiar, mas será muito mais difícil. Não aproveitar a nossa oportunidade aqui significa dificuldade e amargura mais tarde. "O adiamento", disseram eles de forma impressionante, "COBRA JUROS COMPOSTOS, que deveis pagar."

A insistência neste ponto tornou-se por vezes quase frenética.

"Despertai-vos", insistiram eles, "vale o vosso maior esforço. Uma vez começados, não podeis escolher: deveis tomar tudo ou nada. Chegareis tão longe quanto os vossos anseios vos levarem. Não deveis desistir. Não podemos permitir-vos agora. Estamos poderosa e intensamente empenhados no vosso sucesso. Toda a minha força vai para este apelo esta noite para vos despertar da vossa letargia mundana. Fixai firmemente na vossa mente as coisas a que vos deveis agarrar em tempos de perigo que ameacem o vosso propósito. A primeira é a determinação sombria de suceder; e a segunda é uma grande fome do coração que é o chamamento do amor. Estas serão as vossas fortalezas.

Se pudesse açoitar-vos à minha própria frenesia de propósito, fá-lo-ia pela vossa própria salvação. Nem sempre podemos vir com a força desta noite, e quero que estas palavras vos queimem na alma, que sejam a vossa obsessão e a vossa paixão dominante. Deveria ser para vós uma tremenda estimulação. O poder diminui, e quero deixar-vos no meu mais alto tom de urgência, clamando às profundezas do vosso ser para responderem ao grande dever para que fostes escolhidos."

Evidentemente, agora apreciavam a importância de nos dar alguma razão, alguma noção do que tudo isto significava. "Tentarei dizer-vos algo sobre o objetivo de todos os nossos esforços", foi-nos dito alguns dias depois. "Imaginai, se puderdes, um mundo em que a verdade é um general e algo que chamaremos cegueira é o general oposto. Entre estes dois factores simples, cada um deve escolher. Não há neutros. Estamos abertamente a favor ou contra e mantemos as nossas posições pela força do esforço que fazemos.

A grande luta não é apenas conquistar as nossas forças opostas, mas recuperá-las e formá-las em combatentes pela verdade. É mais um jogo do que a mera superação, pois estamos atrás do butim de almas humanas para as salvar. Isto, claro que sabeis, é o A B C do nosso trabalho.

"Agora o que vos quero dizer é que, quando vindes para aqui, é mais difícil fazer a escolha voluntária do que podeis imaginar. Parece que escolheríeis sem hesitar o lado da verdade, mas será quase impossível fazê-lo a menos que vos tenhais tornado um agente ou discípulo enquanto na terra.

"Porque tendes todos tanto medo da verdade? Porque não a encarais de frente? Quereis amostras do que vejo para ilustrar o vosso medo; pois bem — já pensastes ou fizestes o balanço dos vossos primeiros princípios? Quais são as vossas posses mais valorizadas? Começai por aí: amor, saúde, tempo, etc., para mencionar alguns. Decidi quais são e observai como as guardais,

cultivais e reconheceis como vossos tesouros. Lançais as vossas pérolas aos porcos. É o procedimento habitual.

"O que estou a tentar dizer é que nos esforçamos para vos TORNAR CONSCIENTES, na vossa vida presente, daquilo que realmente desejais. A escolha livre é vossa, apenas escolhei; não avanceis confusamente até que, inconscientemente, tenhais moldado hábitos que são as vossas joias falsas. Chegará o tempo em que deveis permanecer por algum tempo na vossa escolha, e os vossos tesouros serão cinzas nas vossas mãos.

"Este é o melhor que posso fazer esta noite para vos mostrar porque insisto em pregar-vos. Gostaria de poder dizê-lo melhor, mas o principal, em qualquer forma, é que vos alcance.

"A vossa vida é mais seletiva do que a nossa", explicaram noutra ocasião, "e por isso tendes maior oportunidade de vos desperdiçardes", bem como, claro, maior oportunidade de nos desenvolvermos ao longo de certas linhas específicas.

"Lamentamos mais os pobres de espírito que fecham os seus corações à nossa vida. Eles temem o esforço e a luta, quando tudo o que realmente haveis de temer na vossa vida é a cegueira e a estagnação."

"É engraçado", disse Betty, admirada, "eles não parecem tão negros deste lado, as pessoas que tentam escapar e têm má sorte — ópio, bebida, porquê! até anarquia! — parece terrível dizer isso! Não têm estabilidade, mas estão a tentar! Os que parecem negros são do tipo hermeticamente selado que não está a tentar."

Apontei novamente que, na realidade, a grande massa da humanidade não busca conscientemente a associação espiritual; mas que, no entanto, ocorre um crescimento espontâneo e indireto.

"Ocorre, lentamente, por processos de que estamos inconscientes", concordaram os Invisíveis, "mas é a utilização consciente que nos torna seres despertos, íntegros e vivos.

"Não interpreteis mal a ideia", continuaram eles. "Podeis lutar através dos incentivos das ambições mundanas, através de toda a ordem inferior de coisas, até à conquista, e assim até à compreensão da futilidade dessa conquista. Mas é um método lento e laborioso. É um caminho terrível, pois há tanto perigo de extinguir completamente a vossa centelha. Mas ainda assim é uma maneira de lutar até ao fim. É para um tipo de mente: alguns TÊM de ir por esse caminho. Os egoístas têm sempre de ir por esse caminho, pessoas não desenvolvidas no lado espiritual. Assim ganham perceção."

"Interessante", interpôs Betty, "posso ver a longa linha de coisas mundanas que eles realizam."

"São bastante úteis", prosseguiram os nossos amigos, "se concederdes que essa forma de vida é a mais desejável! É esse o ponto."

"Posso ver os egoístas", disse Betty, após um momento. "Alguns deles vivem num mundo de ilusão, satisfeitos porque quase sufocaram a sua centelha interior de liberdade; outros forçam o seu caminho até um coração de amargura; alguns permanecem num estágio de coalho; noutros, ocorre uma espécie poderosa de separação química em preparação para a eliminação do veneno. Estes são os mais promissores — estão a caminho. Diria que os outros terão de o fazer de novo. Terão outra oportunidade; mas mais difícil. Da próxima vez terão a ilusão, mas o esforço será sem gratificação. Não tenho a certeza disso.

"Pergunto-me o que acontecerá aos coalhados? Não sei. Estou a sair, e gostaria de saber também. Tenho tanta pena deles."

Não há geralmente necessidade de trabalhar da extremidade terrena para cima em vez de a partir do contacto espiritual para baixo, concordaram mais tarde, embora possa ser feito, e geralmente é. O processo é lento e imperfeito. É o contacto espiritual que faz o trabalho em qualquer dos casos. Só pelo contacto espiritual, por mais ligeiro que seja, alguém chega

alguma vez a algum lado. "É a vossa participação pessoal em todo o esquema das coisas, a vossa herança de responsabilidade. As pessoas que fazem apenas isso, mas com fé simples, obtêm uma espécie de contacto, um ajustamento inconsciente.

Não é de uma ordem muito elevada, nem muito ativo ou produtivo, mas tem uma espécie simples de tutela. É melhor lutar e esforçar-se, e obter o poder do vosso esforço. No entanto, é aí que começais, pelo contacto com o espiritual, uma efusão de fé, adoração, exigência, praticada tão frequentemente quanto possível. Depois, deveis esforçar-vos por criar uma imagem daquilo para que fostes destinados. E estas duas coisas, mesmo nos vossos momentos mais desconectados, devem manter a vossa vida. Esse contacto, quando ganho, põe toda a vossa maquinaria em movimento."

"É estranho como trabalhamos sempre a partir desta extremidade" (a extremidade terrena), foi o comentário de Betty. "Todo o universo está escrito com pistas do outro caminho. Essa é a razão da beleza e da grandeza; são apenas uma pista sobre onde ir buscar a vossa instrução, sobre o que fazer com a vida. Em vez disso, estabelecemos os nossos próprios pequenos padrões. Estão certos; mas omitimos o supremo."

"Podemos começar lá, e trabalhar para baixo através de leis; ou podemos começar aqui em baixo e trabalhar para cima através de fracassos e infortúnios. Algumas pessoas têm de o fazer dessa maneira. O perigo de trabalhar desta extremidade para cima é que excluís a possibilidade de olhar para além dos vossos próprios padrões."

O contacto espiritual consciente e voluntário, portanto, simplifica os nossos problemas e acelera-nos no caminho do progresso — e não apenas na vida futura, mas também aqui e agora. Cada dia que adiamos, estamos a acumular problemas para nós mais tarde, e a diminuir a nossa eficiência e felicidade

presentes. Portanto, de todos os pontos de vista, parece melhor começar agora.

"Seria uma pena se não o fizéssemos", concluiu Betty uma conversa sobre este assunto, "tão estúpido se não o fizéssemos! É a diferença entre uma pessoa muito ignorante e uma pessoa culta e espiritualmente educada. Quero ser espiritualmente educada."

CAPÍTULO XII

O Corpo Espiritual

Ainda tinha outra pergunta, que considerei pertinente.

"O que", quis saber, "são os resultados definidos — para além do revigoramento e da expansão — a esperar deste sistema de higiene espiritual?"

Isto evocou outro conceito do tipo a que chamei ex cathedra. Como a ideia da substância do pensamento; e como aquela, pode pelo menos ser aceite como hipótese de trabalho. É sobre a realidade do corpo espiritual.

Não há, claro, nada de novo nessa ideia, em si mesma. Muitos sistemas de religião ou filosofia postulam um "etérico", ou "astral", ou "protótipo".

Como a maioria das outras pessoas, aceitei a noção como um símbolo mais ou menos fantasioso.

Mas os nossos Invisíveis aparentemente não a encaravam assim. Falavam dela como uma realidade.

Essa, em resumo, é a tese que nos foi apresentada em resposta à minha pergunta. Fiz outra.

"Posso ser literal", disse eu, "mas vou perguntar se este corpo espiritual, tal como o descreveis, é uma declaração simbólica destinada a transmitir um conceito, ou se quereis dizer literalmente como o descreveis, como uma coisa material."

"É ACTUALMENTE MATERIALMENTE ISSO", respondeu o Invisível enfaticamente, "no seu próprio estado de saúde e desenvolvimento. É carne e é sangue. Pode não ser do mesmo tipo, mas é tão real, tão quente, tão vivo como o vosso."

Após cerca de meia hora de silêncio, num dia posterior, Betty respondeu à minha pergunta não formulada sobre o que se passava.

"Estou a tentar perceber e compreender a substância corporal aqui", disse ela. "É sem fibras, mas definitivamente celular. Não sei o que significam essas palavras; não sei o suficiente sobre construção. Tenho um corpo definido e não um corpo vaporoso ou difuso. É uma substância de grão mais fino do que a carne. Não é fluida, mas móvel. É mais sensível, mais facilmente influenciada; e ao mesmo tempo mais indestrutível, mais durável, mais defensiva. Reconheceríeis nela um refinamento da matéria, uma combinação etérea pouco compreendida. Estou a ficar tonta."

"Abandono na fé", o Invisível ajudou-a com uma fórmula própria.

"Separação fibrosa", começou Betty, e depois engasgou-se.

"Cuidado", avisou o Invisível.

"É um corpo pulsante e vivo, purificado da fragilidade orgânica", recomeçou ela, "durável, flexível, suscetível de ação mais poderosa através da suscetibilidade dos sentidos."

"Agora mantende-vos firmes! Avançai! Quero levar isto até ao fim!" instou o Invisível.

"O raio dos sentidos é grandemente estendido. É uma totalidade definida, apenas inacabada, como um núcleo aberto apenas no topo."

"Atado pelo sentido corporal, este é o melhor que podemos fazer para vos dar uma perceção do corpo espiritual", concluiu o Invisível.

"É um corpo perfeitamente bom", interpôs Betty, "mas é tão desconfortavelmente novo. Estou um pouco fria também. Não parecia assim antes, mas agora pareço tão despida. A minha carne é como uma vestimenta à minha volta agora", disse ela, mexendo-se para a vida. "Não vejo o que faria sem ela. Antes parecia estar tudo bem, por isso suponho que devo estar a voltar. Sei que estou a voltar. Sinto-me fibrosa; era isso?

"Não percebo células; isso é apenas um nome para mim; mas o outro corpo tinha construção definida. Parecia conter algo em células que eram um material diferente, uma combinação diferente do que estava fora do corpo. Mas não consigo explicar isso muito bem. Sei apenas que estava completamente organizada com um corpo.

"De que material diríeis que é feita a força de vontade? Isso é mais forte e mais durável do que a matéria. Cresce em força. Como é construída? Meu Deus! Como a ciência é limitada! Parece tão jardim-de-infância daqui! Há todas estas diferentes substâncias, substâncias definidas, e ninguém as reconhece exceto como abstrações. São tão reais quanto possível: vejo-as distintamente. Gostaria de ter um equipamento um pouco melhor para trabalhá-las. Se conhecesse as leis físicas cientificamente no meu próprio mundo da matéria, dizem eles, seria muito mais fácil fazer símbolos da lei espiritual. Sou tão ignorante e eles têm de rodear; e isso torna-o impreciso e vago."

Noutra ocasião, foi-nos dado um vislumbre da natureza essencial deste corpo espiritual. A conversa tinha sido sobre o assunto do seu desenvolvimento.

"Tão poucas pessoas têm qualquer planta", disse o Invisível. "Não podem fazer qualquer forma para vós porque não têm nenhuma. É isso que o carácter é, FORMA."

"Tantas pessoas a passar lentamente", relatou Betty, "que curioso! que muito engraçado! Parecem uma espécie de imagem dupla, com contornos ténues — como imagens de raios X. Têm corpos translúcidos, sombras de corpos, como os seus corpos humanos; e vejo-os claramente apenas de acordo com os núcleos que cultivaram. Oh, pobres coisas! pobres coisas! É como uma fotografia de raios X, e alguns deles são apenas gelatinosos; não têm nada dentro; quase nenhum esqueleto. Que maneira horrível de ver as pessoas! Têm tanta pena deles! Deve ser tão desesperador estar sem isso!

"Chamo tudo mal, confundo tudo. Não sei como lhe chamar — chamei-lhe esqueleto, mas é uma forma, uma estrutura, um corpo. É terrível estar sem ele.

"Estas pessoas são tão dolorosas para mim; sofro por elas; é como a tensão física de ver paralíticos a arrastarem-se, uma espécie de angústia para a vossa própria saúde; de modo que deveis ajudar. O que faço para ajudar? Se todos pudessem ver como eles parecem, estas pobres coisas. Algumas imagens dessas ajudariam tanto as pessoas! Porque não vos ensinam assim quando sois jovens? Porque não vos mostram assim a realidade do corpo espiritual? Corpo espiritual para a maioria das pessoas é apenas um termo eclesiástico.

"Esta maneira de ver as pessoas é como aqueles mapas confusos* em que coloram a água e deixam a terra em branco. Está invertido. As coisas intangíveis sem carne, honra, carácter, confiança, todas essas coisas, deveriam ser visualizadas com uma forma, uma substância."

- *Cartas.*

"Gostaria de perguntar", interpus-me, "se isto é meramente uma imagem ilustrativa, ou se é assim que normalmente vedes os seres humanos desse lado?"

"É assim que as nossas lentes vos percebem realmente", responderam eles, "não podemos ver-vos, como vós vos vedes a vós mesmos, sem os vossos olhos físicos. Os nossos olhos são para o corpo duradouro e diferente. Os nossos olhos tornam real para vós as qualidades intangíveis a que chamais espirituais. Só com esforço percebemos o material."

"Dissestes que podíeis ver o material quando valia o esforço", lembrei-lhes. "Fazeis isso por algum tipo de mecanismo externo análogo ao nosso microscópio; ou por um esforço dentro de vós mesmos?"

"Muito aproximadamente como fazeis o esforço para perceber espiritualmente", disseram eles, "entrando simpaticamente no vosso ambiente, ajudados por registos de memória. Muito mal dito."

"Percebo a ideia", retomei, "mas uma vez tendo assim entrado no nosso ambiente, vedes claramente os acontecimentos físicos, como uma bola a rolar pelo chão, por exemplo?"

"Quanto mais vos afastais de um som, mais ténue ele se torna. Alguns de nós podem ainda remodelar-se realmente para participar nas vossas vidas. Muito pode ser feito pela prática e compreensão da lei. Outros não têm mais desejo de repetir a experiência, e falham até na comunicação devido à incapacidade de cooperar — não consigo encontrar as palavras certas — falham na comunicação porque desprezam a proporção em que viveis, a visibilidade superior da carne, do mundo."

"Agora, por favor, deixai-me voltar ao meu lugar", disse Betty, que se estava a cansar.

"Lembrai-vos de que há pessoas sem forma e pessoas com estrutura", disse o Invisível.

"Nunca esquecerei o grupo gelatinoso", garantiu Betty.

NOTA: Ver apêndice para registo de experiências que demonstram a realidade do corpo espiritual.

CAPÍTULO XIII

O Reino Espiritual

Antes de prosseguir para abordar mais pormenorizadamente os resultados que podemos esperar do contacto espiritual consciente, façamos uma pausa para preencher um pouco do pano de fundo para esta ideia do corpo espiritual.

Aparentemente, alguma parte de Betty, chamai-lhe o que quiserdes, deixou o corpo deitado no sofá e visitou e relatou de outros estados de ser. Escolho as minhas palavras cuidadosamente para me manter dentro do que parecem ser factos indiscutíveis. Que ALGUMA parte dela deixou o corpo foi suficientemente provado para nós pelos seus relatos de coisas físicas reais e distantes deste mundo. Digo alguma parte dela; e podeis chamar-lhe o seu sentido clarividente; ou a sua consciência mais aguda; ou ela mesma; ou o que quiserdes.

Tendo sido provada a possibilidade disto de forma verificável pelos seus relatos de coisas físicas e distantes, é apenas mais um passo postular que alguma parte dela deixou o seu corpo e entrou noutro nível de consciência. Não importa muito qual é a teoria, desde que as experiências relatadas se ajustem à verdade aceite.

Ao entrar neste nível mais elevado de consciência, ela foi mantida, até agora, rigidamente em dois propósitos; desenvolvimento da capacidade de relatar com precisão; e perceção do esquema específico de verdade que os Invisíveis determinaram transmitir. Aparentemente, não faz parte do seu propósito, ou pelo menos do seu propósito presente, tentar dar-nos conhecimento do seu método de vida. A ideia, a ideia insistente, é dar-nos um conhecimento do que deve ser O NOSSO

PRÓPRIO MÉTODO DE VIDA. Perguntas sobre as condições lá eles respondem de forma esquemática e um pouco impaciente. Dizem-nos que ainda não estamos suficientemente educados para compreender plenamente o que nos poderiam dizer, e que o interpretaríamos nos nossos próprios conceitos terrenos. O resultado seria uma distorção: e preferem não distorcer. No entanto, em algumas direções, estamos lentamente a obter uma ténue conceção do seu estado de ser.

Apesar da experiência de que é melhor deixar os Invisíveis fazerem as suas comunicações à sua maneira, sem lançar perguntas através da corrente, era por vezes impossível resistir à tentação de fazer perguntas.

"Estava correta a suposição de ontem de que Betty começaria a viver lá enquanto ainda vive esta?" perguntei um dia.

"Com toda a certeza", respondeu o Invisível. "Há certamente verdade nisso. Não separeis as duas vidas na vossa mente. Percebei que o poder de sobrepor é vosso. A expansão do seu espírito permitir-lhe-á viver cada vez mais a nossa vida mais ampla e livre, enquanto ainda retém o seu corpo ultrapassado. Este corpo utilizaremos como um funil para verter no mundo uma perceção mais vivificante."

"Até que ponto viverá ela a vossa vida?" insisti.

"Ela tornar-se-á cada vez mais consciente da nossa vida, mas não parte dela", foi a resposta. "Como dissemos, ela tem a sua própria parte a desempenhar. Até ser libertada disso, não será livre para entrar na nossa vida, como pareceis entender."

"Estou consciente disso sem tomar parte nisso", interpôs Betty, "porque estou atada."

"Ela aproximar-se-á e compreenderá as nossas condições", continuaram os Invisíveis, "à medida que adquirir força para o fazer. Não há limite estabelecido, mas as nossas condições devem

ser cultivadas, não apenas observadas com qualquer grau de compreensão. É tudo aquisição e crescimento graduais."

"É muito simples", disse Betty, "não conseguiria compreender nada a menos que tivesse crescido para isso, pela razão de que seria cega para isso: exatamente como um bebé é cego para coisas que não compreende, mesmo que esteja a olhar diretamente para elas."

"Bem, será ela capaz de ver e reconhecer-vos?" insisti.

"Não se pode dizer quanto proveito haveria em reproduzir as nossas antigas formas. Antes, parece mais pertinente deixá-la sentir a nossa companhia até que assuma a nossa forma e nos reconheça como somos agora", foi a resposta.

"É o que quero dizer", disse eu, "Será ela capaz de ver as vossas formas presentes e reais antes da sua própria morte?"

"Impossível!" disse o Invisível enfaticamente. "Ela verá a fronteira — quão claramente ainda não podemos dizer; mas para além disso seria demasiado vasto e incompreensível."

"O que quereis dizer com a fronteira?"

"A fronteira é o ponto mais distante de exploração possível para os humanos alcançarem. Ela pode estendê-lo. Não é uma fronteira definida."

"Não vejo esferas", disse Betty após um momento. "Mas um país aberto sem estradas. Vais tão longe quanto quiseres fazer estradas para ti. Algumas pessoas sentam-se e não vão mais longe porque não querem fazer estradas. Estão lá porque querem ficar lá. É tudo o que sei. Estou cansada e perplexa e agitada, e estou a sair."

No decurso deste desenvolvimento, ela fez várias excursões, aparentemente, que tinham a ver apenas com o desenvolvimento e sobre as quais os seus comentários eram aleatórios. Não tinham a intenção de transmitir nada coerente; no entanto, registei-os. Há

quantidades deles; mas citarei alguns quase ao acaso, não com a expectativa de que através deles ganheis uma perspetiva definida, mas para que vos possam proporcionar vislumbres, que tragam inspiração.

"O lugar parece ser um lugar em que entrais após certas eliminações", disse ela subitamente um dia. "Não parece importar quão pequeno, nu ou de mãos vazias sejais: é apenas uma questão de livrar-se de coisas e fazer um começo. Ainda não consigo chegar lá. É um lugar de vitalidade e desejo sem entraves."

"É o mundo em que se age deliberada e conscientemente sobre substâncias e forças sobre as quais na terra apenas especulamos e percebemos vagamente", disse ela novamente. "Estou num nível com eles, mesmo nível, só o posso sentir agora; tudo foi posto fora de foco para mim. Dizem que não devo olhar para isso hoje."

"Estão a mostrar-me como combinar os dois mundos. Esta é a soleira onde se encontram. Devo viver muito neste nível para me habituar. É perfeitamente real, apenas não estou em casa, não estou muito confortável. Tocaram-me então."

"É como música de órgão", relatou ela noutra ocasião, "não a ouço exatamente, mas é como um ritmo que se eleva num grande crescendo. Quero elevar-me a ele. Está tudo a balançar. Julgaria que o poderíeis sentir. Engraçado ouvir música sem som. Está a morrer como através dos ramos de uma árvore. Foi muito bonito."

"Onde estais quando estais 'lá em cima'?" perguntei-lhe durante uma das suas primeiras experiências.

"Estou numa atmosfera mais agradável, mais confortável, onde posso ver coisas."

"Que tipo de coisas?" indaguei.

"Vejo o que é importante e o que não é, principalmente", respondeu ela. "Apenas sinto condições, não os meus amigos, ainda. Estou numa atmosfera maravilhosa, e está cheia de vida, e

é de algum modo plástica, e há tal impulso atrás de mim para avançar de coração e braços abertos."

"Já não é um estado assustador, distante, celestial", comentou ela um pouco mais tarde. "É um lugar comum, do dia-a-dia, onde entro como na minha própria casa. Sinto-me bastante em casa agora. É um estado definido. Podeis imaginar um ar que é muito ativo em vez de passivo? Uma espécie de diferença entre água parada e água a ferver. É assim à minha volta neste estado, simplesmente vibrante de vida. O estado é definido e reconhecível e o mesmo, sem mudar como costumava fazer. É um lugar muito definido, cheio de uma atmosfera diferente, uma consciência diferente daquela em que vivo. É uma sensação de ser desfeito e difundido a partir de uma substância densa e fixa."

"Estão a dar-me um aviso muito solene", anunciou Betty um dia, "estava a ir demasiado depressa."

"O único método saudável de entrar na nossa consciência", os Invisíveis retomaram-na com a voz alterada que aprendi a distinguir como não sendo o seu próprio relato, "é por uma cuidadosa, muito cuidadosa, dissociação do corpo. Guardamos os seus reflexos nervosos. A irritação deles seria muito prejudicial."

"Está bem agora", assegurou Betty, "deixai-me continuar. Mas não posso deixar de ficar entusiasmada. Sinto como se estivesse a manter a mão no topo da minha cabeça e a segurar-me para baixo. É um lugar muito maior, mais agradável. É tão real e fascinante, tão acima de tudo até agora. Quero abrir os olhos; mas eles não me deixam."

"A cegueira é concentração", disseram eles.

Chegou um momento em que, aparentemente, de uma mera perceção de um estado de ser, ela progrediu para uma realização mais definida do seu corpo espiritual.

Depois de passar para o estado dissociado e ficar deitada bastante imóvel durante algum tempo, ela observou subitamente:

"Não me importo; não tenho medo! O meu corpo está a ir. Estou morta; temporariamente estou no meu novo corpo. Pergunto-me se posso mover-me? Vou tentar. Oh, querido, é tão desconcertante! Estou a passar por algo tão estranho! Estou a lutar através de algo novo e confuso. Há de esclarecer-se com o tempo; acontece sempre. Não sei o que fazer. Gostaria de ser ousada e começar, mas não consigo. Acho que vou ficar quieta e parar de lutar. As pessoas estão a falar por cima de mim, a preocupar-se comigo tal como fazem com um bebé, e não tenho inteligência para responder. Não me atrevo a soltar-me para vos contar sobre isso. Posso vaguear. Sinto-me mais como um bebé de cabeça mole do que nunca. É bastante terrível ser um bebé outra vez! Esta é uma nova fase; não me coordeno."

"Com o tempo, leva tempo", tranquilizou-a o Invisível.

"Oh, isto vai ser ótimo", disse ela, "consigo reconhecer vagamente as pessoas. Oh, tenho de parar. Não sei onde estou nem o que sou."

"É difícil no início, sabemos", disse o Invisível.

"Se ao menos pudesse deixar de me preocupar com isso, estaria tudo bem. Como posso!" disse Betty.

"Hoje é apenas um começo", disseram eles.

"Preocupa-me ser um bebé, quando sou adulta!" queixou-se Betty. "Estou tão desnorteada e perplexa. É inteiramente novo. Não há dúvida disso; passei pela minha infância terrena exatamente da mesma maneira, apenas agora estou vagamente consciente de amigos à minha volta, e dos seus esforços por mim. Mas não tenho força; é curioso ser tão obtusa e débil. Um bebé luta para a consciência da mesma maneira, tentando compreender. Apenas, dizem eles, crescerei mais depressa.

"Já me sinto um pouco melhor. Parecem tão doces e antiquados e adoráveis. São tão doces e pouco modernos. Estão todos à minha volta a tentar atrair a minha atenção, mas não

consigo responder. Ainda não tenho vida suficiente; a vida deles. É agradável vê-los tão perto. Não os consigo ver para os reconhecer; apenas um círculo de pessoas, e todas elas se sentem diferentes. Dizem que é melhor eu ir agora. Agora estou a filtrar-me de volta para mim mesma, e eles estão a ajudar-me."

No início, o mero reconhecimento deste corpo na outra consciência parecia ser tudo. Depois, lentamente, Betty começou a experimentar as primeiras funções simples dele.

"Que método curioso de progressão!" disse ela subitamente. "Não ando; isso é um método corporal. Avanço, ou algo assim, por uma espécie de força intermitente na minha própria volição. Vou porque quero ir. É mais suave do que arranques; mas não é mais contínuo do que os passos o são. Quando pensais nisso, é uma corrente de pensamento que faz os vossos passos andarem; pois bem, aqui há uma corrente de pensamento que vos envia para a frente — ondas de pressão em vez de passos. É o que os passos são; apenas aqui não precisais de ter pés para isso.

"Agora compreendo o movimento. É a primeira coisa que ensinam quando se vai para lá."

"Mas quero tanto praticar!" protestou ela após uma pausa. "É tão divertido andar por aí a pulsar-me para a frente dessa maneira. Respirar é muito mais difícil; não percebo bem isso. É uma respiração muito mais ampla e plena, posso ver isso; não a coisinha pequena, curta, ofegante, sufocante que fazemos agora.

"Agora devagar. Deixai-me seguir passo a passo. Isto é divertido! Muito divertido!"

"Suponhamos", sugeriu o Invisível, "que começásseis experimentalmente a pulsar-vos à volta e soubésseis como respirar fundo, com respirações quase dolorosas; cedo começaríeis a mudar, não começariam? Não poderíeis permanecer exatamente os mesmos, poderíeis? Depois de terdes tido tantas experiências diferentes? Já tivestes duas."

"Quero ver o que me acontece a seguir; deixai-me em paz", disse Betty. "A próxima coisa que quero... Estas respirações grandes quase dolorosas e este movimento combinam-se numa sensação como se estivesse à procura de algo. Estou a tatear por algo que quero muito; muito. Quero NUTRIMENTO! É um instinto em direção à substância do crescimento. Curioso, esse tipo de nutrição; não pareceis tomá-lo e devolvê-lo novamente. É como átomos de poder. Adicionais à soma da vossa substância. Não sei como o fazeis. Parece ser uma questão de proporção. As proporções atuam umas sobre as outras de maneira criativa, como os alimentos atuam sobre as células. Oh, querido! não sei do que estou a falar."

"Isto continua por algum tempo, esta recolha de substância", interpôs o Invisível. "Algum dia conseguireis montar-vos e começar a funcionar."

"Não seria divertido!" exclamou Betty. "Gostava de saber o que poderia fazer? Se pudesse vir e realmente funcionar. Agora a visão. O que é a visão?" especulou ela. "A nossa visão é uma coisa tão definitivamente limitada, como o nosso tato. Tem um raio. Se quiserdes alcançar mais longe, moveis-vos; se quiserdes ver mais longe, moveis-vos. Parece que aqui é uma questão da vossa potência luminosa, não de qualquer raio definido (risos). Cavalos-vapor para o físico, velas-vapor para o espiritual."

"Pensai numa sala com uma vela", disse o Invisível. "Cada uma que se adiciona multiplica a força da iluminação e permite-vos ver mais, torna mais realidade visível. Pensai nas pessoas de acordo com a sua potência luminosa."

"Da próxima vez tentarei coordenar e ver o que acontece", prometeu Betty a si mesma. "Gostava de saber se poderia fazê-los funcionar todos juntos?"

"Devagar", avisou o Invisível.

"Este corpo de movimento livre tem de ser gradualmente adquirido, como a escrita e a voz direta", disse-nos o Invisível algumas semanas depois.

"Tem possibilidades maravilhosas quando me habituar a ele", acrescentou Betty. "Não estou habituada a este tipo de consciência. É uma sensação tão livre e diferente; mas não estou suficientemente estabelecida nele ou habituada a ele para começar. É demasiado novo e débil e tenro. Ainda não me atrevo a empurrar-me. Quero ficar quieta por um tempo.

"Em breve começarei a irradiar mais fortemente, a pulsar-me para a frente. Sinto-me como um bebé que deve perguntar-se como as pessoas se movem tão depressa e com tanta segurança. Pergunto-me como se atrevem a fazê-lo.

"Posso ir bastante depressa quando me transformo nesse canal. O que faz o canal em que tenho de viajar? Alguma força que cresce dentro de nós que vence, força um caminho através do elemento circundante. Depois renovo-o e continuo novamente; essa é a onda ou pulso. Mas não dou um passo a menos que cultive esse impulso. É tudo o mesmo, quer seja um comprimento de onda, quer um comprimento de força de vontade, quer um raio de consciência.

"Estais muito exigentes quanto a isso? Quereis que seja explicado? Ou posso continuar e apenas fazê-lo?"

"Avante e fazei-o", disse eu.

Estes excertos de registos abundantes mas dispersos, como disse, dão vislumbres em vez de ideias definidas. É perfeitamente razoável, se a vossa mente tende para isso, tomar tudo simbolicamente. As afirmações não são demonstráveis, e são credíveis apenas, como qualquer afirmação não demonstrável é credível, pela fé que tendes naqueles que as fazem. E talvez fosse bom repetir a este respeito que — novamente se a vossa mente tende para isso — podeis logicamente atribuir a fonte de toda esta

filosofia ao subconsciente, à captação da mente universal, ou a qualquer coisa para além daqueles a quem chamo os Invisíveis.

O verdadeiro ponto é que, seja qual for o mecanismo que o produz, aqui está uma filosofia de vida que é razoável, lógica, e que produz resultados. Tais minúcias como a natureza real do corpo espiritual, ou quaisquer outros pequenos vislumbres que possamos obter dos pormenores da consciência superior, são extras, enfeites, cuja interpretação não afeta o argumento principal. Tomai o que vos apelar.

CAPÍTULO XIV

Perceção

1

O corpo espiritual tem, como dissemos, sentidos próprios. Desenvolvem-se com o seu desenvolvimento. Não devem ser procurados por si mesmos. Não são o objeto específico da nossa busca; e se o forem, a sua procura pode tornar-se prejudicial, ou mesmo perigosa — uma forma de excitação, como tomar drogas.

De certa forma, creio que devemos também acautelar-nos contra qualquer ambição de duplicar as experiências ou poderes de Betty. A ideia é preparar-nos para uma vida mais enriquecedora aqui mesmo onde estamos.

Mas o desenvolvimento, e o uso, no nosso próprio ambiente, dos sentidos espirituais como concomitantes de um corpo espiritual mais saudável é uma recompensa legítima. O que eles são especificamente não foi descrito. O que os Invisíveis chamam perceção é um deles. Essa palavra, também, como estabilidade, eles usaram por falta de melhor.

A sua natureza exata parece difícil de descrever. Possivelmente não pode ser prontamente compreendida até ser adquirida, como é o caso de muitas outras coisas mesmo neste

mundo. Quando primeiro a abordaram, a sua principal preocupação foi deixar-nos clara a sua distinção da compreensão intelectual.

"Não vos escreveremos muito", disseram eles, quase no início, "mas faremos sentir que estamos lá a ajudar a disciplinar e fortalecer a vossa mente espiritual. Vós, no mundo, dais grande valor aos cérebros, que não devem ser desprezados, mas que muitas vezes oferecem um obstáculo intransponível à mente real, que é uma espécie de perceção espiritual, dada aos incultos por vezes mais livremente do que ao homem de mente fechada, mapeada, mais desenvolvido. É por isso que os pobres e humildes comunicam connosco com muito mais frequência."

"Vejo o que é importante e o que não é, principalmente", recordai-vos de que Betty deu como primeira impressão do que era na realidade o funcionamento deste sentido. Noutra ocasião, ao descrever uma experiência, deu-me indiretamente outro vislumbre. Estava a tentar contar como encontrava pessoas na outra consciência.

"Sinto vagamente pessoas à minha volta", disse ela, "como se sentem pessoas à nossa volta numa sala escura. Estão a agir umas sobre as outras quimicamente — tal como ação química, apenas é espiritual. Rimo-nos das auréolas, mas a ideia delas é bastante real de certa forma. Aproximai-vos de um fogo, e isso tem uma auréola de calor; o gelo também, de frio. Com as pessoas, estende-se apenas um certo raio à volta. Quando as pessoas se aproximam dentro desse raio, essas influências se interpenetram e imediatamente essa ação química começa. Emaranhados de arame farpado não são nada comparados com a proteção que poderia ser construída desta forma. Também não é uma proteção egoísta, mas antes um harmonizador que mata a antagonismo."

"Parece que me torno consciente aqui", relatou ela novamente, "mais por esta permeação do que pelos sentidos físicos da visão e do tato — eles parecem sentidos de tartaruga de

lama. Este é um novo sentido; muito mais fino. Há mais compreensão nele. Não podeis imaginar um estado em que, em vez de olhardes para as coisas ou as sentirdes, pareceis crescer dentro delas, crescer à volta delas. É por isso que ainda não me deixam ver. Ver é um sentido inferior; querem que eu desenvolva o outro primeiro. Não vedes, quando lhes pedimos para nos dizerem como é lá, porque é tão difícil responder?"

Esta ideia de crescer dentro, crescer à volta da coisa percebida, de modo que por momentos não só estais conscientes, mas sois parte da essência dessa coisa, foi muitas vezes insistida. Aparentemente, descreve o processo com mais precisão, embora muitas outras analogias deem vislumbres dos seus atributos.

"É como o telefone ou a telegrafia sem fios", disseram os Invisíveis noutra ocasião. "Suponhamos que podíeis ver através de um telefone — que podíeis perceber com os vossos ouvidos enquanto vos concentráveis em lugares distantes com que desejásseis comunicar. Isso não vos dá vagamente uma ideia de entrar num campo mais amplo? Claro que não seria a visão que usaríeis — mas achamos mais fácil nomear um dos vossos sentidos que mais se aproxima da perceção. Podeis ver apenas o que realmente entra no alcance da vossa retina; mas supondo que podíeis ver como telefonais, à distância. Isso não eliminaria enormemente os vossos limites? Deveis acreditar que estes limites podem ser eliminados por meio deste sentido; que pode trazer uma visão e som claros da realidade. Ao lidar com encarnados e desencarnados, pode eliminar a linha de divisão, fundir os dois. A fala com os semelhantes pode ser transportada por meio disto; quando sintonizado nesta vibração, fará muito mais do que as palavras que proferis.

"Já experimentastes isto ao saber o que um homem realmente quer dizer ou é. Esta é a lei desse facto, apresentada para utilizardes."

"É muito difícil captar aquela ideia de ver interiormente pelo telefone", comentou Betty. "Parece ser uma espécie de força direta e sem obstáculos que transporta inteligência de um para o outro. Antes, tinha sempre de passar por vários filtros e redutores e transformadores para mudar a sua força e adaptá-la. Agora vai deslizar por cima! Mas haveis de ficar lá em cima, acima dos sentidos terrenos. Se voltardes aos vossos sentidos, vai passar-vos por cima da cabeça."

"Vejamos se vislumbro algo", interpus-me. "Pelo que percebo, para obter isto, um homem tem primeiro de se elevar ao vosso nível."

"O nível acima da vossa consciência; não o nosso nível", corrigiu o Invisível.

"Estão à procura de casos concretos", disse Betty. "Parece ser no exército, ou talvez em África — a vossa relação com alguns dos homens; como sabeis quando os repreender, e quando passar levemente sobre a ofensa. Parece ser uma questão da quantidade de integridade que eles podem registar no medidor silencioso — é muito difícil de dizer. É assim que sentis a integridade de um homem, não importa o que ele diga; e que faz duvidar de outro, não importa o que ele faça. Isso é um exemplo deste novo sentido."

"Não queremos confundir-vos demasiado hoje com explicações elaboradas", avisou o Invisível, "estais sempre tão ansiosos. Concentrai e economizai a vossa atenção num único aspeto até que o suficiente disso vos chegue através deste sentido para se explicar a si mesmo."

"Vedes", interpôs Betty, "eles dão-vos uma ideia, e podeis pensar nela um pouco, e depois todo o tempo em que não estais a pensar nela, ela está a preencher-se. É muito mais fácil do que um monte de pequenas discussões."

"Quando dizeis algo a uma pessoa", continuaram eles, "são as palavras que realmente a influenciam, ou é a corrente em que o vosso pensamento viaja, a força que sai de vós e a leva até ela? As palavras de algumas pessoas significam tão pouco, e as mesmas palavras de outras pessoas significam tanto. Isso é um exemplo de uma forma diluída."

"Se enquanto falais com ele", retomou Betty, "puderdes abrir as vossas escotilhas ou simplesmente elevar-vos acima dos vossos sentidos, tocar nesta coisa, podeis dizer-lhe silenciosamente todos os tipos de coisas. Ele saberá que gostais dele ou que simpatizais com ele ou que quereis apoiá-lo no que está a fazer. Disse-vos como, quando nos encontramos aqui, nos misturamos de alguma forma. É assim que por vezes nos podemos misturar aqui. Quando no mundo encontramos os olhos um do outro e rimos da mesma piada, é um exemplo simples. É o oposto de bater as vossas carapaças uma na outra como duas velhas tartarugas a encontrar-se."

"Ainda não está muito claro", confessou o Invisível, "mas não vos preocupeis com a vossa clareza de perceção disso. Isso vem necessariamente depois de terdes mantido condições durante tempo suficiente para as estabelecer."

Antes de deixar este assunto da perceção, mais um ponto deve ser enfatizado: a necessidade de adquirir o seu uso, não apenas no estado secundário que Betty usava para experimentação, mas em plena posse da nossa consciência normal.

"Cada coisa que adquiro, como a perceção", afirmou Betty, "tenho de a trazer comigo com grande esforço; e tenho de a naturalizar, transplantá-la, para que se torne uma coisa terrena. Tenho de arranjar para não ter de entrar em qualquer estado sobrenatural para a perceber e usar."

"Estamos tão ansiosos por causar uma impressão em vós com esta ideia", acrescentou o Invisível, "que não vos daremos mais

nada hoje. A perceção não deve ocorrer meramente num estado solitário ou de transe; deve entrar no vosso mundo quotidiano e laboral o mais rapidamente possível."

2

Um excelente exemplo do funcionamento deste sentido espiritual na vida quotidiana é a maneira como um artista criativo aborda o seu trabalho. Como obtém a sua ideia básica? Se é um homem perspicaz, reconhecerá livremente que não é trabalhando o seu intelecto. Isso vem depois; quando monta e organiza os seus materiais. Mas o início é algo diferente. As coisas vêm até ele.

O seu método de encorajar as coisas a virem até ele varia de acordo com o seu temperamento. Pode obtê-las através de uma associação com a natureza. Ou ouvindo música. Ou olhando fixamente para uma parede em branco. Ou acorda com elas após uma boa noite de sono. Uma ideia básica — ou inspiração; apenas tenho medo das conotações dessa palavra — deve derivar desta fonte subconsciente. Se é uma coisa do intelecto; sintetizada; construída; então tendes o escritor medíocre para as revistas baratas, ou o pintor comum de vacas de cara amável ou o que quer que seja, ou o fazedor de melodias da rua do estanho.

O mesmo princípio aplica-se ao inventor; ao cientista de investigação; ao homem de negócios criativo. Tal homem estuda o seu problema intelectualmente; reúne tanto pano de fundo quanto possível. Por outras palavras, junta os seus materiais. Por vezes — talvez na maioria das vezes — desgasta-os com os dentes intelectuais. Mas apenas raramente ele "descobre" uma solução para algo que seja novo num sentido criativo. Isso vem-lhe "num lampejo"; e muitas vezes quando está absorto em algo trivial e sem relação — como fazer a barba. Se o interrogardes, provavelmente dirá que teve um pressentimento; uma ideia brilhante ocorreu-lhe de repente. Mas ele não PENSOU REALMENTE NISSO. Depois, sem dúvida, pensará nos pormenores. É para isso que o intelecto serve.

Isto é inspiração. Segundo os Invisíveis, é um funcionamento da perceção; na sua definição, um dos sentidos do corpo espiritual. Há outras vias pelas quais pode chegar a alguém. Mas são mais grosseiras, menos fiáveis, e podem em certas circunstâncias tornar-se realmente perigosas. A perceção pode ser desenvolvida, com segurança. Então dirigirá sempre com fiabilidade.

O seu funcionamento é mais claramente descritível no trabalho criativo, mas a sua utilidade aplica-se a todos os problemas da vida. Quando estamos irremediavelmente confusos e nenhuma quantidade de estudo traz uma solução, se então apenas aquietarmos os nossos pensamentos e OUVIRMOS, saberemos instantaneamente no íntimo do nosso coração que curso seguir. E a faculdade que nos fala então é a perceção.

Naturalmente, um uso deliberado e consciente deste sentido é o mais seguro. No entanto, mesmo no homem que está pelo menos um pouco desenvolvido, está sempre em ação em certa medida. Geralmente ele não está consciente disso; ou talvez o ignore como uma "mera reação emocional", se for do tipo intelectual. Mas é capaz de ser usado como guia prático.

"Considerai o uso do vosso corpo", disseram os Invisíveis. "Diz-vos quando tendes fome, e quando tendes sede, e quando tendes calor ou frio, e também o que fazer para remediar. Os vossos sentidos físicos guiam-vos através da vida física bastante bem.

"Do mesmo modo, o vosso sentido espiritual, uma vez desenvolvido, tem fome de serviço, sede de harmonia, uma perceção do calor e do frio dos corações humanos. E cumpre automaticamente a sua função de dar e manter a vida espiritual, tal como os sentidos físicos cumprem automaticamente as suas funções."

«O sentido espiritual», continuaram mais tarde, «é o nosso sentido modelador. Ele dita as nossas necessidades de uma

existência harmoniosa, construtiva e progressiva, tal como os nossos apetites, quando não pervertidos, ditam as necessidades do nosso corpo. Se deixardes esse vosso lado por desenvolver, ficais disformes; perdeis a faculdade de harmonizar. Ficais sem instinto através do qual apreender as vossas necessidades; agarrais quase à sorte; o vosso ser torna-se difuso, disperso, em vez de pleno. As vossas partes componentes puxam ao acaso, em vez de operarem em conjunto como uma boa equipa deve fazer.

É como uma farmácia: há toda a espécie de ingredientes espirituais. Se os misturardes na proporção devida, eles começam a funcionar; sem essa mistura, não funcionam. Há verdade neles, sim; mas não funcionam porque não estabelecem a relação correta, não possuem a proporção devida, a mistura certa.»

Na melhor das hipóteses, usamos esta faculdade de uma forma espasmódica e fragmentária. Mas, eventualmente, foi-nos dito, no longo desfecho da evolução, toda a vida será trazida sob o seu controlo!

O animal habita no seu equipamento de instinto, sensação, emoção e hábito; com incursões fragmentárias numa obscurecida faculdade da razão. O homem também se serve destes; mas deslocou o centro do seu ser mais para o campo mental, de modo que, à medida que se desenvolve, o intelecto domina cada vez mais a sua vida.

Mas a razão não é o fim da linha. Para lá dela reside a perceção. E, novamente à medida que se desenvolve, ele transferirá cada vez mais o controlo, até que eventualmente esta assuma na sua vida a mesma posição dominante que ele agora confere ao intelecto.

Este pensamento, dizem-nos, não é fantástico — como possibilidade última. Provavelmente nós, como indivíduos, nesta presente vida, não alcançaremos tal realização. Mas quantos de nós chegaram sequer ao ponto de um controlo intelectual completo? Contudo, podemos avançar por esse caminho.

Podemos aumentar, a pouco e pouco, o nosso uso da perceção na gestão dos nossos assuntos diários. E se o fizermos de forma fácil, normal, sem forçar, sem esforço, poderemos surpreender-nos. Erros? Com certeza! Mas, lembraram-nos pertinentemente os Invisíveis, qual é a nossa média de acertos nas decisões corretas do puro intelecto?

CAPÍTULO XV

Ímpeto

1

À força que nos transporta, eles chamaram ímpeto. O ímpeto é algo que originamos dentro de nós mesmos. Baseia-se no desejo.

Não se chega a lado nenhum a menos que se deseje. Não moveis o vosso dedo mínimo a menos que tenhais o desejo definido de o fazer; não engolis, não olhais, não mudais de posição, não falais, não compreendeis, não realizais nenhuma atividade, seja ela física ou mental, a menos que tenhais primeiro enviado de dentro de vós um impulso de origem própria que ponha o mecanismo a funcionar. A força utilizada, o mecanismo empregado, pode ser uma coisa inteiramente externa. É possível que a mão de uma criança numa alavanca alcance resultados grandiosos. Mas a origem de tudo isso é o DESEJO de algo, por parte de um homem ou de muitos. Isso é o que nasce dentro do ser humano, misteriosamente, a partir do nada.

Ora, segundo esta filosofia, todo o desejo, quando é um desejo definido e extrovertido, produz um ímpeto. Isto é verdade independentemente de esse desejo produzir ou não qualquer efeito aparente. Antes de poder resultar em ação, ele pode ser inibido, ou pode encontrar forças opostas que o anulem. Mas na substância do pensamento — uma ideia que já examinámos — produz-se um ímpeto que prossegue na sua própria direção e segundo as suas próprias leis até que a sua força se esgote ou até

que seja destruído ou desviado por outras influências. Poderia ser comparado a um brinquedo mecânico de criança que corre quando o colocamos no chão, até que a força da sua mola principal se esgote; ou às ondulações de uma pedra atirada à água. A força e a vitalidade desse ímpeto dependem da intensidade e da vitalidade do desejo e da clareza da perceção.

Essa proposição, portanto, é bastante simples na sua formulação inicial. Nos seus resultados últimos, torna-se complicada para além da atual compreensão humana. Os milhares de milhões de correntes cruzadas assim estabelecidas de ímpetos, antigos e quase esgotados ou novos e vigorosos; débeis na sua génese ou poderosos; solitários ou unidos; correndo a favor ou contra uns dos outros, criam um emaranhado avassalador.

O efeito final está provavelmente sob alguma lei, mas essa lei não a conhecemos presentemente. Ainda assim, não é difícil visualizar a ascensão e queda de movimentos, ideais, ambições, e o destino de dinastias e raças, se pensarmos nos ímpetos, grandes e pequenos, lançados no seu caminho pelos desejos grandes e pequenos, coletivos e individuais, fervorosos ou efémeros, que surgem no peito dos homens.

2

Cada pessoa tem o seu próprio ímpeto espiritual individual, que constrói a partir de quaisquer genuínas aspirações e desejos que possa possuir. «A vontade», disseram-nos eles, tentando definir este desejo expansivo que resulta em ímpeto, «é separada tanto da mente como do cérebro. É a força motriz do ser, que vos faz decidir a favor ou contra. É aquilo com que construís. É a parte consciente da vossa alma. Vontade é um nome pobre para isso, mas não temos melhor. Mede-se o crescimento em relação a ela como se mede uma criança encostada a uma porta.

É como um número com o qual sois rotulados, aquilo que valeis, a vossa medida.» Por esta coisa interior e individual, que é vossa pessoalmente e que por mais ninguém pode ser posta em

movimento, construís o vosso ímpeto pessoal. «Conseguis para vós uma certa fórmula de poder individual: ela produz um certo resultado. Isso é o ímpeto. A menos que aconteça algo que pare esse ímpeto ou o desvie, ele transportar-vos-á ao longo da sua rota designada até que a sua força se esgote.»

Assim, uma percentagem muito grande da vossa vida presente é constituída por ímpeto não esgotado, trazido à existência pelos desejos da vossa vida passada. Apenas uma pequena percentagem é ímpeto fresco. Dessa forma, sois crescentemente escravos do vosso passado, a menos que, por um novo e forte desejo, crieis um novo ímpeto que se sobreponha ao antigo.

«Mas», dizem eles, «podeis mudar a fórmula que fizestes para vós mesmos. A qualidade de desenvolvimento que ela pode manifestar num novo ímpeto é exatamente de acordo com a inspiração com que a combinais.»

3

Nisso reside o controlo do homem sobre aquilo a que chama destino.

«O destino», definem-no eles, «é o esgotamento do ímpeto não detido pela consciência espiritual.»

Esta era uma afirmação um pouco demasiado condensada para ser prontamente compreendida.

«A maior parte das pessoas», continuaram, «viaja ao longo de rotas lógicas de ação, num ímpeto meio esgotado. A menos que sejam desviadas por algum esforço da consciência espiritual, continuam até ao fim lógico desse ímpeto. Até esse ponto, estão destinadas a uma determinada coisa.»

«Eu explico isso», interveio a Betty, como frequentemente acontecia quando eu ficava intrigado. «A maior parte das pessoas caminha sozinha, não ligada a qualquer contacto divino, viajando em cima do ímpeto. Elas reúnem e põem em movimento certas

qualidades. Estas correm os seus cursos até às suas conclusões naturais, boas ou más. São como maquinaria que funciona até que a gasolina acabe; isto é, o ímpeto. Estão a fazer *chug-chug* por todo o lado à nossa volta, algumas quase a ir abaixo, outras simplesmente paradas. Consegue-se ver exatamente para onde vão se forem deixadas em paz. Por outro lado, se conseguirdes aplicar a força complementar — que é a regulação divina, ou inspiração, ou consciência —, podeis travar essa maquinaria e voltá-la numa direção completamente diferente. Ou podeis mantê-la a andar na sua direção, sem ir abaixo. É aí que entram os vossos poderes seletivos.

É muito bonito. Dessa forma, podeis ajudar outras pessoas. Todo o Fado, Kismet, o seja-feita-a-vontade-de-Alá, é apenas este gasto passivo de ímpeto. Parece que um contacto maior e mais vitalizado poderia vetar outro. É muito complicado na vida das pessoas.»

Isto não é tudo sobre o destino, nem sobre o livre-arbítrio, nem de longe nem de perto. O assunto é demasiado complicado para avançar mais. Mas é um vislumbre: e mostra como o homem pode dominar o seu destino ao capturar a sua alma; e aponta como poderíamos ajudar os outros.

CAPÍTULO XVI

A Oração Construtiva

A génese e a constante revisão do ímpeto de cada um é uma das tarefas importantes na vida. Estamos a emitir sinais mesmo com os nossos pensamentos e desejos mais secretos. Somos responsáveis por aquilo que enviamos para fora. O nosso desejo não morre no nosso peito. Sai como algo que lançámos, para correr em linha reta no seu curso designado até que a força da sua projeção se esgote, ou até encontrar uma força mais poderosa ou desviadora. Pode continuar a avançar e a cumprir o seu destino

muito depois de o termos esquecido. Isso faz parte da nossa responsabilidade: enviar, tanto quanto a fragilidade humana o permita, apenas um ímpeto saudável para as intrincadas correntes cruzadas da vida mundial.

Nesse ponto, tocamos no assunto da responsabilidade individual, no qual entraremos mais detalhadamente quando certos outros conceitos necessários forem alcançados. Por momento, deixá-lo-emos.

Ora, é claro que o ímpeto está a ser iniciado à nossa volta a cada fração de segundo do dia. Faz parte da função automática da vida, tal como o contacto espiritual. Sem o primeiro não pode haver movimento, nenhuma ação no mundo; sem o segundo não poderia haver nenhuma coisa boa continuada. Eles têm de funcionar, tal como o coração tem de funcionar, ou a vida cessa. Mas isso não quer dizer que, no estado atual das coisas, funcionem facilmente ou bem, nem que não possam ser dirigidos conscientemente com maior vantagem. Vimos que, no que respeita ao contacto espiritual, o nosso desempenho é ineficiente. No que respeita à produção de ímpeto, também, as nossas fontes são aleatórias.

A produção diária deliberada de ímpeto individual provém, como insinuámos, da "fórmula" individual, que podemos entender, grosso modo, como o caráter. Este varia com cada um. A um pode faltar estabilidade, outro deve superar a inércia, e assim por diante. A fórmula levada à prática produz ímpeto. Se este ímpeto há de ser consciente e inteligente, devemos conhecer as nossas faltas e governarmo-nos em conformidade. Isso, creio eu, está claro. Mas como havemos de chegar a um conhecimento adequado dessas faltas e a um desejo eficaz de as preencher?

Ao discutir isso, somos praticamente forçados a usar uma palavra eclesiástica cujas conotações cobriram tão densamente o significado que desejamos transmitir que a tornam quase inútil. Contudo, não há outra. Refiro-me à palavra oração.

Por favor, descartai da vossa mente todo o significado convencional e afetado que ela possa ter para vós agora. Tornou-se em grande parte, e para muitos, uma cerimónia da infância quase abandonada à medida que a vida nos engole; para outros, um ato pouco convincente; uma petição de favores a um suserano; um ritual; um hino de louvor pessoal. Esquecei tudo isso. Começai de novo, sem preconceitos. Deixai que os Invisíveis tenham a palavra «livre e imaculada», como eles se expressaram ao autor de *THE SEVEN PURPOSES*.

Em seguida, como a primeira contribuição para o seu significado, reuni sob ela tudo o que passastes a compreender como o processo de procurar o contacto e a permeabilidade espiritual. Este processo constitui o primeiro passo em TODA a oração construtiva. «Nessa fase», disse o Invisível, «é um reunir e um oferecer do vosso melhor ser para a união com a Força Maior. Só quando isto se tiver tornado habitual é que estaremos prontos para proceder mais além.

É apenas pela força deste contacto que ganhais coragem para o segundo passo: sondar as profundezas e conhecer-vos a vós mesmos. É a inspiração que aviva a vossa perceção. Não podeis mergulhar de uma só vez no conhecimento das vossas faltas espirituais, porque isso DEVE vir gradualmente.»

«Estes dois níveis de oração devemos aprender a percebê-los e a usá-los antes que nos possam dar mais», concluiu a Betty.

Quando o assunto da oração nos foi apresentado pela primeira vez como tal, o primeiro passo — o passo do contacto espiritual — foi novamente expresso em termos que poderá ser iluminador citar aqui. Em essência, disseram-nos, trata-se meramente de uma associação espiritual abordada com o calor humano do desejo; e equivale, a longo prazo, ao grande companheirismo de uma vida inteira.

«Não compreendo isso», disse a Betty, «vou rever.»

«Acorro ao companheirismo divino na oração como procuro uma amizade calorosa», continuou ela após uma pausa, «apenas com maior expectativa.»

Depois, como frequentemente faziam, mostraram-lhe uma imagem; a estátua de uma figura posicionada para o voo, conforme ela a descreveu, «uma figura bela, mais bela do que a Vitória de Samotrácia».

«É tão bela», disse ela. «A cabeça está erguida e inclinada para trás. Deliciosamente livre! Eu quero começar também dessa maneira, com a cabeça inclinada para trás, em fé, enfrentando o desconhecido! Quero estar posicionada assim também!»

Isso foi tudo no primeiro dia. Pouco depois, o assunto foi retomado, e eles repetiram nesta nova terminologia a antiga advertência contra o tipo debilitante de relaxamento, o largar de todos os suportes e o ficar à espera de ser elevado. Isto nunca é demais repetir.

«A oração fraca não cumpre a sua parte porque apenas clama para baixo, em vez de se erguer para ir ao encontro. Isto ainda faz tudo parte da química da oração. Podeis conceber um ser espiritual pela força do vosso desejo direto de contacto. Fazei-lo invocando o companheirismo ou associação espiritual. Equivale a muito pouco, a menos que algo surja dentro de vós para alargar a vossa capacidade de o receber e de vos fundirdes com ele. Algo dentro de vós deve erguer-se continuamente para ir ao encontro da associação espiritual. Não podeis simplesmente esperar que ela venha ter convosco.»

Isto quanto ao primeiro passo da oração construtiva: o do contacto e permeabilidade espiritual, o alcançar das alturas. Agora consideremos mais o que nos foi dito sobre o segundo: o de sondar as profundezas.

«A oração é a projeção do vosso ser espiritual, de coração e alma», definiram eles. «É o reunir consciente do vosso eu mais

elevado. Ao oferecer o espírito, pondes a descoberto a vossa própria alma. É a única maneira de poderdes reconhecer as vossas próprias proporções. Enfrentais a soma total de vós mesmos. Ela atravessa todas as vossas coberturas e adereços como um raio-X atravessa o corpo. Há uma realidade terrível nisto. Esta é a sua zona de ação, esta compulsão de enfrentar a vossa alma nua.» Por receio disto, as pessoas usam apenas a superfície da oração.

«Mas não há desalento com este enfrentamento (da alma nua de alguém); nenhum desalento. Até a mortificação é submersa no entusiasmo de reconstruir e harmonizar. Esse é o grande sentimento que a oração vos dá. Deveis sondar as profundezas da oração até à vossa alma tímida a fim de ganhar ímpeto.

Sob a inspiração da oração, cada um de nós reconhece a PLENITUDE necessária para a harmonia espiritual. Na proporção em que carece dela, assim é o impulso para adquirir la plenitude que percebe.»

«Parece», interpretou a Betty, «ser uma espécie de afinidade química entre as partes que deveriam constituir a plenitude de cada pessoa. Portanto, assim que a perceção espiritual é iniciada, um tremendo poder de atração é posto em movimento, e começais a reunir-vos. Desse modo, a ação da oração, mesmo da oração espasmódica, faz bem.»

«Mas se for persistente», acrescentou o Invisível, «é a grande oficina da alma.»

«A reunião não pode ser feita toda de uma vez, percebem; por isso lhe chamam a oficina.»

«Qualquer nível de oração vale a pena», continuou o Invisível, «mas para a reação mais forte deveis sondar as profundezas. Deveis sempre, em qualquer coisa, sondar as profundezas antes de vos ser permitido passar para as alturas.»

«Ontem a minha bela estátua da fé», disse a Betty, «tão desejosa de ação libertada; e eu não sabia por que estava a ser

retida. Estava a ser retida para a perceção de hoje da profundidade da verdade interior.

Que estranho! Não consigo voltar ao topo de maneira nenhuma! Dizem que, enquanto eu não conseguir visualizar as minhas necessidades, estou atolada. Não há pressa nisto; tenho de ficar mesmo aqui até conseguir ver a minha alma nua e iniciar o meu ímpeto. Não posso iniciá-lo até me ver a mim mesma, o meu eu fragmentário. É muito difícil de fazer; estou HABITUADA a mim mesma.»

«Então esta oração construtiva consiste na visualização das necessidades espirituais?», perguntei eu.

«Não», foi a resposta. «É uma visualização das faltas espirituais mais do que das necessidades.»

«Se precisais de uma coisa, tendes falta dela», objetei eu à curiosa distinção.

«Não ganhais o mesmo ímpeto com uma como com a outra», responderam eles. «A mera necessidade não cria um vácuo que suga para dentro; não põe a mesma força em ação.»

«A distinção ainda não está clara», disse eu, vislumbrando que se tratava de um esforço para obter uma palavra vital.

«A falta parece um buraco», ajudou-nos a Betty, «uma espécie de coisa física que preencheis com ímpeto, uma vez que a crieis pelo reconhecimento. A necessidade é uma espécie de coisa mentalmente desejável — não uma grande coisa elementar. A criação pela visualização ou reconhecimento das faltas espirituais é a profundidade de que falámos.»

A oração construtiva, então, considerada na sua totalidade, torna-nos conscientes destas faltas. Desta consciência brota aquele ímpeto definido e compreensivo que, a partir daí, deve guiar o nosso destino.

Para concluir, poderia ser inspirador citar um exemplo de abordagem à oração construtiva, tal como relatado um dia pela Betty.

«É uma forma bela, um ritmo grandioso. Em absoluto esquecimento de tudo o resto, atiro-me, abandono-me a um pensamento coletivo: a beleza de um mundo físico. Varro-o por inteiro diretamente para o meu coração, tudo, as pequenas flores alpinas no cume do Kearsage, os jardins submarinos, a floração do deserto, os cristais de gelo, o mundo da lente de aumento, as estrelas — todo o universo físico. A manifestação de um amor e inteligência avassaladores — recolho-os a todos no meu próprio grande ímpeto de adoração. É uma oferenda, uma concentração da experiência da minha vida regressando à sua fonte. Uma vez esgotada, fico quieta e, silenciosamente, a vida recarregada filtra-se de volta para mim, recarregada com vitalidade, força e entusiasmo para desempenhar a minha parte, para ser vitoriosa com humildade, consciente da imensidão do plano. Quando a vida renovada flui de volta para dentro de mim, o meu grande esforço é retê-la, contê-la em absoluto, pois a força da vida renovada deve ser convertida em atividade mundial.»

CAPÍTULO XVII

Resumo

1

Chegámos finalmente a um espaço de respiração ou pausa antes de abordarmos o segundo aspeto do nosso ensinamento pelos Invisíveis. Tudo o que ficou para trás, já repararam, tratou das nossas relações connosco próprios. Em seguida, fomos chamados a examinar as nossas relações com o mundo fora de nós. Antes de o fazermos, poderá ser uma boa ideia resumir numa brevíssima revisão.

2

Estamos desproporcionados: o espiritual e o material não guardam entre si a proporção harmoniosa. Esta é uma era materialista. Não estamos na posse da plenitude da vida.

Ganhamos as nossas proporções adequadas alcançando o contacto espiritual e estabilizando-o, no sentido em que este se torna uma função das nossas vidas diárias, como comer ou dormir.

Esta consciência mais ampla e estabilizada desenvolve gradualmente em nós um corpo espiritual cujos sentidos nos informam das nossas necessidades.

Ganhamos o nosso ímpeto para atingir esta consciência mais ampla a partir do desejo. O desejo é mais bem regulado por esta mesma associação espiritual habitual. Pela força deste contacto, avivamos e desenvolvemos uma perceção que nos dá força e coragem vindas de nós próprios e discernimento das nossas faltas espirituais, as coisas que não temos; a distinguir das necessidades espirituais, o sustento comum da vida.

O reconhecimento destas faltas traz um desejo compreensivo de plenitude. Deste desejo esclarecido provém o nosso ímpeto individual.

3

Suplementando este esqueleto do próprio ensinamento, será igualmente bom transmitir dois conselhos práticos que nos foram dados pelos Invisíveis.

O primeiro deles é que, assim que tivermos a maquinaria a funcionar, não devemos continuar a enfatizar os seus detalhes. Os pequenos dispositivos complicados — relaxamento, eliminação, aspiração, etc. — devem ser simplificados numa ATITUDE DE MENTE.

«Tudo isto deve tornar-se numa maquinaria subordinada, como um trato digestivo. Vós dirigi-lo de cima através de uma seleção do que o vai alimentar. Até este ponto, tudo tem sido

espiritualmente orgânico, fazendo algo que irá funcionar. Precisais de lhe prestar apenas a atenção necessária para o manter a funcionar suavemente. Deveis agora usar a vossa perceção ou inteligência espiritual. Fundi as vossas ideias. Em vez de serem pequenos esforços pontiagudos, pequenas coisas como picos de montanhas, esfregai-as juntas numa massa, sem detalhes. Isso faz uma faixa sombreada colorida com a ideia de oração e capacidade, a qual gera a força para agir no vosso mundo físico. Essa faixa sombreada é a coloração da vossa mente; mas não especifiqueis sobre ela.

Esquecei a técnica disso, e tende-o meramente como a coloração do vosso pensamento. Ao fazer disto uma coloração da mente, fazei-lo sem pensar em como o fazeis. A vossa atenção fica liberta para outra coisa.»

No entanto, não deve ser esquecido por um momento que, de vez em quando, os primeiros passos devem ser conscientemente repetidos. A esta altura eles deverão ser mais ou menos automáticos, mas por vezes precisam de pensamento. Os passos dos nossos pés são maioritariamente automáticos; contudo, prestamos atenção para os erguer bem alto quando atravessamos terra lavrada.

O segundo indicador é que, se começarmos de todo nisto, estamos alistados até ao fim. Não podemos decidir que já fizemos o suficiente e desistir.

«É uma coisa curiosa», observou a Betty, a propósito disto, «mas não se pode fazer isso; temos de continuar a andar depois de começarmos. É como se decidíssemos que o nosso coração já tinha batido o suficiente e pensássemos em pará-lo por um bocado.»

E devemos continuamente «fazer com que assim seja»; animar constantemente, vitalizar aquilo que adquirimos. Voltamos sempre a isso. A menos que esteja vivo, não tem valor, nem mesmo como espécime de museu.

«Mantende fresco e vital aquilo que já recebestes», disseram-nos os Invisíveis. «Não deixeis que decaia num mero interesse de colecionador. O VOSSO SUCESSO É MEDIDO UNICAMENTE PELA VOSSA QUALIDADE VITALIZADORA. A atitude de mente para nos mantermos vitalizados é mantermo-nos em movimento, não nos deixarmos ficar estáticos.» E a Betty acrescentou: «Eles mostraram uma imagem, um pássaro sobre um oceano azul, mas ele não tentava pousar nele, parar de se mover — ele sabia perfeitamente o que fazia.»

4

A arredondar o todo está um aspeto de promessa e esperança.

O corpo espiritual, asseguram-nos, é indestrutível. Pode estar, como a Betty o viu, aleijado, embrionário, incompleto; mas, tal como é, ele dura. Além disso, o que quer que lhe acrescentemos em vias de desenvolvimento é uma posse eterna. Podemos seguir os nossos caminhos deliberadamente cegos, deliberadamente negligentes, voluntariamente procrastinadores, egocêntricos, até mesmo antagonistas. Estas coisas podem formar sobre o nosso eu real uma crosta que impedirá o crescimento. Podem agir sobre nós, e sobre outros à nossa volta, de maneiras inimagináveis através de longas perspetivas de tempo. Teremos de liquidar os seus efeitos com juros compostos. Teremos de dissolver a sua construção de ferro antes de podermos expandir-nos novamente. Mas elas não podem destruir. O que quer que do corpo espiritual esteja em nós — mesmo no mais rudimentar embrião — é nosso para sempre, sobre o qual, algures no tempo, quando nos tivermos libertado, iremos construir.

PARTE II

AS NOSSAS RELAÇÕES COM O MUNDO EXTERIOR

CAPÍTULO XVIII

Níveis

Podemos definir a experiência, para o nosso propósito atual, como os nossos principais pontos de contacto nos nossos encontros com o mundo exterior. Esta experiência é a matéria-prima que a vida oferece; mas o que fazemos dela depende estritamente de nós. Se a soubermos gerir bem, fazemos algo de belo, e o nosso avanço é acelerado no caminho do progresso. Por isso, é uma coisa boa saber como ir ao encontro da experiência.

Além disso, o grau da nossa capacidade de lidar com ela é um indicador bastante bom de quão longe já viajámos. Pois não percorremos todos, de modo nenhum, a mesma distância. Na evolução, não avançamos em linha de frente unida, mas estendemo-nos irregularmente como uma multidão a caminho de um jogo de futebol.

«Vós viveis todos juntos na terra em diferentes níveis — níveis de consciência, queremos dizer», assim expressou isto o Invisível. «Certas prerrogativas pertencem a cada nível de capacidade. A vossa capacidade voluntária, ou o nível que alcançais, contém certos crescimentos, sentidos ou prerrogativas peculiares a esse elemento, altitude, substância ou nível. Este vosso é o nível da perceção clareante.»

No decurso do nosso desenvolvimento, continuaram eles, progredimos de um nível para outro, como quem sobe escadas. E cada degrau deve ser vivido na íntegra antes de podermos passar para o seguinte.

«A única maneira de passardes de um nível para outro», disseram, «é conseguirdes a vossa amplitude neste nível. Quando a altura tiver sido alcançada, deve ser ganha uma amplitude suficiente em proporção. É como camadas. Deveis crescer até à primeira camada, preencher toda a sua amplitude, antes de poderdes deitar outra sobre ela.

E quando alcançais um nível, vós contendes, E SOIS RESPONSÁVEIS POR, tudo o que está abaixo desse nível.

Portanto, não podeis saltar uma etapa. Se não passásseis por todo o processo, não poderíeis conter todos os níveis abaixo de vós.»

Houve uma pausa enquanto a Betty explorava.

«Eu estava num nível mais elevado», relatou ela finalmente. «Viajava horizontalmente, mas parecia conter simpaticamente, conscientemente, tudo o que estava abaixo de mim e por onde eu tinha passado. Continha-os de uma forma curiosa, como se fosse responsável por eles. Faziam todos parte de mim de uma certa maneira magneticamente humana.»

«As responsabilidades de cada nível devem ser compreendidas», disseram, «ou não sereis participantes da vida desse nível.»

Este sistema de níveis aparentemente não se confina à vida tal como a conhecemos. Para lá do alcance da nossa consciência humana comum estende-se outra região, igualmente com níveis de perceção.

«O nível mais alto aí», explicaram, «liga-se ao nível mais baixo aqui.»

Esta é a região para onde a Betty foi conduzida — o «nível mais elevado» de que ela fala. E este é o nível em que entramos quando procuramos o contacto espiritual. De facto, o Invisível falava frequentemente do contacto como «o centrar da consciência no nível acima».

«Este terreno de encontro das duas consciências é não só viável, mas desejável; fortalecedor para toda a vida contígua», disseram. «Tentai constantemente ultrapassar e fundir-vos nas fronteiras. Esta união das terras limítrofes é uma realização grande e gratificante.»

No decurso do nosso desenvolvimento, continuaram eles, podemos esperar progredir cada vez mais para estas regiões superiores. Mas, de início, devemos contentar-nos em estabelecer-nos no limiar. Cedo na caminhada, a Betty foi advertida contra o

tentar empurrar para a frente demasiado longe e demasiado depressa. A elevação já ganha deve ser assegurada antes de se tentarem novas alturas.

«Já não pode ser um crescimento para cima», disseram eles um dia, «exceto à medida que condensais e assimilais cada fase numa estrutura que penetre na faixa de visão seguinte.»

«Isso não faz sentido», queixou-se a Betty, «mas eu sei, e eles elaboram sempre mais tarde. Sim, dizem que o farão.»

«Tendes estado a manter os vossos pensamentos e aspirações numa espécie de poço, penetrando, erguendo-se acima dos vossos sentidos normais de eu-restrito», continuaram. «Agora, tendo alcançado um certo grau de luz e liberdade, deveis, como uma árvore, começar a expansão e a utilização. Mas não compliqueis as vossas lutas presentemente tentando obter uma sequência mais além do que aquilo que alcançastes. Ocupai-vos meramente em expandir-vos até à vossa maior amplitude de consciência aguda.»

Isto é apenas um vislumbre de como a evolução prossegue no seu caminho; mas é um vislumbre que elimina fronteiras. Primeiro passo acima: depois expandir para ocupar toda a área a que esse passo vos elevou.

CAPÍTULO XIX

Assimilação

1. ASSUNTOS PENDENTES

A tremenda importância de preenchermos os nossos níveis eficientemente foi-nos incutida de várias maneiras. Durante um período, embora continuássemos sentados juntos, nenhum ensinamento falado foi dado. Atrevi-me a perguntar o que era suposto estarmos a fazer.

«Estais ocupados presentemente na absorção espiritual de vós mesmos», responderam os Invisíveis.

«Poderiam elaborar?», sugeri eu.

«Ainda resta em vós um reduto de inércia terrena que deve ser superado antes de podermos proceder livre e satisfatoriamente», disseram. «Esta barreira é da natureza de uma muralha construída por anos de depósito de coisas pesadas que deveriam ter sido desincorporadas pela aplicação espiritual. Toda a gente constrói esta muralha. Ela deve ser desincorporada antes de podermos proceder, senão estareis continuamente a regressar a ela. É uma espécie de depurador mundial de experiências não assimiladas, meramente reconhecidas mentalmente, mas não vividas à altura.»

Esta pareceu-me uma ideia iluminadora quanto às nossas relações com a vida — a de que as experiências que encontramos devem ser vividas e assimiladas. Se não o forem, tornam-se, tal como no caso da digestão física, um verdadeiro entrave e detrimento, uma fonte de má saúde espiritual. Havia aqui um incentivo para enfrentar a vida de frente, sem esquivas.

«Quero perguntar-lhes como reconhecer estas coisas de progresso-não-vitalizado e de ordem inferior», disse a Betty. «Ah, esse é o holofote de que falaram há tempos. Mantendes os vossos poderes espirituais tão ativos que conseguis iluminar as coisas terrenas e assim discernir o verdadeiro caráter. Todos o podemos obter se o quisermos.

Consegue-se sentir vagamente como isto continuaria sem parar. Primeiro seríamos capazes de limpar ou dissipar as obstruções simples e óbvias. Não há material particularmente insalubre. Não está tanto doente quanto está não desperto ou de uma ordem inferior, todo este material terreno. Esperem, isto é tão vago. Podeis dissolvê-lo com uma forte infusão de vida ou força espiritual de modo a que não seja tão morto e denso. Esse é o primeiro passo, estas coisas óbvias.

À medida que se avança — não consigo ver muito bem — mas à medida que se avança poder-se-ia estar sempre a reorganizar melhor e melhor. Isso seria criação. É melhor não ir mais longe; é demasiado difícil.»

Noutra altura, os Invisíveis deram-nos um símbolo marcante para ilustrar como deveríamos proceder em relação a esta absorção.

«Deveis absorver com o espírito tudo o que chamais à existência com a vossa atenção», alertaram-nos. «Não podeis deixar matéria não assimilada espalhada por aí. Tendes de ficar e arrumá-la.»

«Estou sempre a passar por algo que me arrasta e tenta puxar-me para trás», queixou-se a Betty, «o que aponta para coisas interessantes e tenta desviar a minha atenção. É diabolicamente engenhoso a conhecer os meus interesses e fraquezas. É o meu próprio eu não assimilado.

Engraçado», continuou ela após alguns momentos, «mostram-me a estátua do Laocoonte e as serpentes.

As vossas próprias emanações e conceitos erróneos, fomentados por uma lassidão espiritual do tipo miasmática e sem esforço, criam estas serpentes até que elas vos prendam firmemente. Poderíeis absorvê-las pela força espiritual; mas não o fazeis. Exatamente como o vosso dinheiro é oxigenado e destrói venenos.

Assim, estais presos firmemente pelos vossos próprios conceitos erróneos. O que se pode fazer?

Deveis parar de pensar nas serpentes e estender a mão, com toda a vossa atenção concentrada em deixar o vosso corpo para as serpentes e libertar o vosso espírito. Gradualmente, depois de passar por isso uma e outra e outra vez — pois não conseguis mantê-lo por muito tempo ao início — e renovando persistentemente o contacto espiritual, gradualmente esse contacto

será tão forte que reagirá no corpo. Então começareis a absorver. A permeabilidade, a transmutação começará.

As serpentes perdem a sua vitalidade. Estais a pisá-las, libertando um braço para as arrancar. Mas se começardes a pensar muito nelas, isso anima-as! A vossa atenção deve ser mantida no outro contacto. Esticai os braços e fazei o vosso plano e cuidai para que elas fiquem debaixo dos vossos pés.»

2. A DISSOLUÇÃO DA FORÇA ESPIRITUAL.

Ingerimos a experiência como o nutrimento sustentador da vida. Esse nutrimento é assimilado como o alimento é assimilado pelo corpo. Por meio dele, somos capacitados a preencher um nível de consciência para que possamos elevar-nos ao seguinte. Não assimilado, ele, novamente como o alimento, é um nó na garganta, um entrave, um detrimento, uma coisa perturbadora. Num aspeto, contudo, a analogia falha. Ao contrário do automatismo da absorção pela digestão, este processo pode estar sujeito à inteligência. Ele prossegue, quer nos demos conta quer não, mas prossegue com muito mais certeza e rapidez se usarmos essa inteligência.

À primeira vista, poderia parecer novamente forçar a analogia postular um suco gástrico espiritual. E, no entanto, a coisa que temos estado a alcançar naquilo a que chamámos permeabilidade, ou contacto, é, de certa forma, exatamente isso. Vezes sem conta, desde o início, tal conceito nos foi incutido. Ao princípio considerámo-lo uma figura de estilo, mas mais tarde descobrimos que era para ser tomado à letra.

«É uma lei factual», disse a Betty positivamente. «Não vejo nada de 'psíquico' nisto. Estou apenas a estudar a lei; e, pouco a pouco, vou demonstrando. A maior coisa que se pode estudar é isto, e o quanto disto se consegue receber. Deito-me aqui e luto de acordo com as pobres e pequenas regras que já descobri, e algo semelhante a uma ligeira mudança química ocorre.»

«Estas forças a que chamamos espírito dissolvem-se e entram se tiverem oportunidade», disse ela noutra ocasião. «Mudam as partículas, penetram e estabelecem ligação. É isso que me fazem. É tão fácil de ver — e tão difícil de contar! O mundo está cheio de mudanças químicas como essa — é o mesmo no mundo dos espíritos. Eu estou permeada agora, e tu não estás. Essa é a razão pela qual me pareces tão duro. Vejo tão claramente a ação desta coisa que estou a tentar compreender.

Conheço o segredo disso — é a mesma velha história: manter o contacto, mantê-lo perto de nós o tempo todo. Funciona quando não estamos a pensar nisso se ao menos pensarmos nisso de vez em quando. Estende a mão e toca-lhe, e ele fica contigo — esse é o segredo. Estou a olhar para ele agora, um grande e vasto mar de espírito; e alguns estão a usar fatos de mergulho e ele não lhes pode tocar, e outros estão a nadar por ali dentro e são tão felizes.»

Isto foi cedo na experiência, quando estas coisas eram transmitidas em formas pictóricas simples. Aqui está outra:

«Estou a empurrar com grande força e propósito, uma força tremenda», relatou a Betty. «Mas não é força destrutiva — é força construtiva. Há uma massa densa diante de mim; ordinariamente eu diria que era impenetrável. Não conseguiria passar. Pararia onde estava. Mas consigo passar por meio desta força espiritual. Ela encontra os pequenos canais intermédios e alarga-os. Sim, eu sei: é o mundo. Estou a passar pelo que parece o impenetrável mundo da matéria.

É muito curioso como essa força trabalha entre os átomos até abrir um caminho. É extremamente interessante observar isso. Aqueles átomos não poderiam possivelmente estar mais apertados, e não há espaço para os empurrar do caminho. Mas começo a trabalhar por entre os pequenos interstícios entre eles até os ter alargado e feito um caminho de passagem; e depois, de alguma forma, absorvo a matéria. É como uma solução saturada de matéria no espírito; absorvo aquilo para que tenho força.

Depois chego a uma paragem até ganhar mais força. O poder de absorção do espírito transmuta. É assim que o mundo inteiro será absorvido um dia.»

«Estou gradualmente a apoderar-me desta substância espiritual», arriscou a Betty noutra altura. «Quando se adquire um pouco dela, parece ter utilizações definidas que lhe podemos dar. É isso que eles estão a tentar transmitir. Um poder consumidor. As coisas parecem desaparecer sob ela, como o gelo sob o sol. Parece que nenhuma coisa material consegue resistir muito tempo contra ela. Dá-nos a sensação de que, se tivéssemos o suficiente dela e estivéssemos atrás de uma porta de ferro ou de betão, a coisa — isto soa estranho — mas ficaria tão recarregada ou vitalizada que pareceria ter-se dissolvido nas suas partes componentes. Poder-se-ia fazer isso ao ferro ou ao betão? Bem, parece que sim!

Esta maravilhosa substância transmutadora e absorvente é o que pões em ação pelo contacto espiritual. Uma vez posta em ação, não a podes parar. Está destinada a agir, a consumir. Quanto mais fé tens nela, mais poderosa ela é. Seria terrível se não fosse usada para o bem.»

«Oh, bem, nunca poderias utilizar plenamente este poder até teres primeiro destruído todas as tuas próprias convenções e limitações terrenas. Se elas estivessem realmente destruídas, de modo a não poderem diluir-se com a dúvida, então poderias utilizar o pleno poder do espírito. É isso que significa ser feito à Imagem. Sabes, nós fomos realmente feitos à Imagem, mas temos de ganhar, de merecer a nossa herança.»

«Uma das coisas mais úteis a que nos agarrarmos para fins de imaginação espiritual», suplementaram os Invisíveis, «é esse poder de dissolução do espírito sobre o ferro e o betão.

O mundo está a ser criado uma e outra vez, cada vez com uma infusão espiritual cada vez maior. Isso é progresso. Por fim, será absorvido pelo espírito.»

«Se captares essa ideia», concluiu a Betty, «podes começar a absorver as coisas. Torna todo o mundo sólido solúvel no espírito. Para ti parece que nada poderia destruir o Monte Diabolo, mas daqui parece que um poder espiritual suficiente poderia realmente dissolvê-lo.

E muito mais além, consigo sentir vagamente o poder de voltar a juntar.»

Esse foi um vislumbre inspirador, o trabalhar repetido de material teimoso, como um escultor amassa a sua argila, até que este se torne, através da criação e recriação, cada vez mais capaz de expressar o espírito. Isso, como eles disseram, é progresso; o poder de dissolver e voltar a juntar. E aplica-se, aparentemente, até aos nossos corpos físicos.

«O espírito dissolve o natural de forma tão curiosa!», comentou a Betty certa vez. «A sua substância parece ter um efeito desmaterializador no corpo — fica menos sólido, mais flexível. Torna-o fácil de ser atuado pelo pensamento. É o primeiro passo em algo, o trabalho preparatório.»

Vários dias mais tarde, a meio de outro trabalho, ela regressou inesperadamente ao assunto.

«Deve haver alguma relação definida que devas ter com o teu corpo», exclamou ela, intrigada. «A aliança exterior é a tua verdadeira vida.»

Após a pausa habitual quando um ponto deste género é levantado, ela retomou:

«Estou a viver num corpo. Devo preencher o corpo até que ele se torne apenas uma vestimenta fina para o espírito. O eu corporal é produzido pelas limitações corporais. Assim que conheces o teu eu espiritual, podes começar a absorver o teu eu corporal. Não destruas estas muralhas; deves tê-las; elas tornam-se translúcidas para que possas brilhar através delas. Nem é um desenvolvimento do corpo, pois não o eleva, mas redu-lo pelo

contacto do espírito. É algo parecido com a ideia do óleo no papel. Isso torna o papel translúcido. Assim, no final, volta-se novamente a relaxar o eu corporal, mas preenchendo com o eu espiritual.»

Quanto mais tivermos sucesso em fazer isto, menos resistência haverá ao nosso progresso. No seu desenvolvimento superfísico, isto foi simbolizado para a Betty.

«De alguma forma gastei e tornei fino um material denso que sempre esteve à minha volta e me manteve num pequeno espaço estreito», anunciou ela um dia. «E agora só tenho de continuar a esticar-me e a empurrar através do material fino, a muito ligeira resistência. Consigo avançar através desta substância com muito pouco esforço, como uma maré a entrar, sentindo o seu caminho margem acima. Posso espalhar-me dessa maneira, compreendendo, tendo contacto, avançando. É sem fim, simplesmente sem fim!»

3. A RESPOSTA GERAL

Este é um quadro maravilhoso, emocionante. Mas, para a maioria de nós, é inegavelmente do futuro, pelo menos na sua totalidade. Devemos passar por muitas fases intermédias antes de alcançarmos tal liberdade e tal poder. No entanto, em qualquer fase em que nos encontremos, a fórmula para o avanço permanece a mesma. A experiência deve ser encontrada e assimilada para que possamos preencher o nosso nível e proceder para o seguinte. «É apenas cumprindo as leis de cada degrau que isto pode ser feito. E isso significa apenas vivê-los naturalmente, com tanta luz, grandeza de coração e expansão quantas conseguirdes — fazendo o vosso melhor e empurrando para a frente.»

E nesta tarefa, o nosso auxílio mais eficaz é o poder que ganhamos do contacto espiritual. Por vezes obteremos isto diretamente através dos nossos próprios esforços conscientes; por vezes indiretamente através da associação e da observação. Mas

permanece sempre o fator vital no nosso progresso; aquele que mais vale a pena fomentar.

«Escolhei o companheirismo da inspiração onde quer que ele alimente e nutra», aconselharam os Invisíveis, «seja no dom de poetas mortos ou no labor suado de trabalhadores vivos. Fora das vossas horas de dever, refrescai e estimulai as vossas câmaras de pensamento associando-vos constantemente com a aristocracia do espírito onde quer que a consigais reconhecer. Há sempre uma tal atração para o lugar-comum, um tal vórtice dele.

Deveis guardar-vos continuamente contra isso se ides manter-vos acima dele. Não estou a dizer que haja algo de errado com ele: estou apenas a dizer que está lotado. As nossas imaginações restritas, as nossas vontades semiparalisadas, o nosso reconhecimento espasmódico em vez de habitual do desconhecido — por tudo isto nos mantemos no lugar-comum.»

«Oh, sim», interveio a Betty. «Lembro-me dos espiritualmente provincianos, pois claro. Já não pensava nisso há muito tempo. Estão a despertar a minha ambição de viajar para lá do lugar-comum da minha 'terra natal'.»

«Não nos interpreteis mal», retomou o Invisível, «não nos preocupamos com a vossa aplicação a pequenas coisas necessárias — é a aplicação ININTERRUPTA. Essa é a coisa que vos torna no lugar-comum. Se parardes o trabalho, mesmo a rotina enfadonha, vezes suficiente para mudardes o vosso centro de consciência para grandes proporções espirituais, conseguis realizar a vida comum sem cair no lugar-comum. Deveis ficar de fora de uma coisa, sempre, para a reconhecer. Portanto, continuai a alternar os vossos centros de consciência frequentemente o suficiente para obterdes uma proporção adequada.»

CAPÍTULO XX

Responsabilidade Pessoal

Suponha-se que se reconhece tudo isto. Ainda assim, é concebível que alguém decida simplesmente deixar as coisas andar.

«Afinal de contas, o assunto é meu», poder-se-ia imaginar essa pessoa a dizer. «Desde que me comporte de modo a não prejudicar nenhum dos que me rodeiam, desde que viva uma vida socialmente decente, não diz respeito a mais ninguém senão a mim se vivo ou não à altura das minhas oportunidades ou perceções, ou se prefiro adiar o meu esforço. Compreendo perfeitamente que este adiamento significa mais esforço quando chegar a altura; mas estou disposto a pagar esse preço em prol da minha paz presente, ou do meu prazer, ou da ausência de luta, ou do que quer que seja. Isso é da minha exclusiva conta.»

Mas, infelizmente para essa pessoa, isso não é verdade.

Abordámos o assunto indiretamente, como acontecia tantas vezes. Ou, pelo menos, indiretamente no que a nós dizia respeito. Estes Invisíveis parecem manter em mente para onde vão e recusam-se a ser desviados. Eu faço uma pergunta; uma que me interessa, mas que não pertence ao plano principal, ou que ainda não está madura para ele. Sou respondido com bastante frequência; mas, nessa mesma resposta, eles conseguem, da forma mais engenhosa, incluir algo que faz avançar a sua própria discussão.

Assim, um dia, eu tinha voltado a uma antiga afirmação — «o vosso mundo é mais seletivo do que o nosso» — e estava a tentar obter a ideia deles sobre para que serve o nosso mundo, afinal de contas.

«O vosso mundo é um vasto armazém de toda a espécie de coisas e experiências», disseram-me em suma, «e deve ser considerado, sob um aspeto, como um teste de seleção.»

«Eu estou neste armazém», interrompeu a Betty, «intensamente consciente do teste a que estou a ser submetida, e

não me consigo convencer a fazer uma seleção. Talvez devesse; mas não quero excluir tudo e escolher apenas algumas coisas. Todos os meus instintos são contra o escolher poucas coisas, apenas algumas com que trabalhar, não! não! não! Está tão CHEIO de coisas, todo o tipo de equipamento para o trabalho, todo o tipo de ferramentas e parafernália. Representa o peso que o atleta levanta para testar a sua força.»

Depois, após um intervalo: «Agora há o mesmo velho horror de uma loja de treze ou vinte e cinco cêntimos, pequenas coisas baratas e horríveis que as pessoas passam a vida a fazer e a vender. Não quero apanhá-las.

Oh! Já sei o que quero fazer! Quero eliminá-las! Isso é um belo trabalho! Eu não me importaria com isso! É por isso que não as queria apanhar! Quero substituir. É para isso que este mundo serve; serve para a substituição de valores: o real pelo de imitação.»

«Porquê a imitação em primeiro lugar?», perguntei eu.

Houve uma pausa considerável e depois a Betty relatou:

«Estou a tirar uns brinquedos pintados a que alguém se está a agarrar. Estou a tentar avivá-los, fazê-los ver, fazê-los querer algumas coisas vivas. Agora, por que razão existem todas estas coisas no início? Porquê fazê-las de todo? Porquê correr o risco de as pessoas as selecionarem?

Que confusão: não consigo separar isto. Parte disto é apenas o entulho de responsabilidades não assimiladas, coisas que as pessoas deixaram a atravancar o mundo. Muito disso é isso. Isso limita-se a complicar as coisas terrivelmente. E outra parte é trabalho inacabado — muito cansativo esse trabalho inacabado! — em diferentes fases de evolução. As pessoas não puseram força suficiente no ímpeto e deixaram-no por aí; não é refugo, como o outro, porque tem um início. E depois há mais matéria, percebes, e muita dela é muito útil, todo o tipo de pequenos truques e

quinquilharias práticos, muito úteis cada um na sua pequena fração de zona de ação.

Mas passas por esses, como a fase das crianças e dos brinquedos. É por isso que eles falam de forma tão desdenhosa do mundo como um homem fala de brinquedos; já passaram por essa fase. Mas é uma fase necessária na evolução. Não podes facilmente saltar uma etapa; perdes sempre o elo se o fizeres.»

«O único propósito que estas coisas cumprem», concluiu o Invisível, «é o de brinquedos de crianças; ensinam às pessoas a coordenação. É exatamente o mesmo que a resistência do ar para o avião; é algo com que entrar em contacto. Não se pode superar o nada. É para isso que o mundo serve.»

«Dizeis que não se pode facilmente saltar uma etapa», disse eu. «E quanto àqueles que morrem prematuramente?»

«Não posso ter a certeza disso», disse a Betty. «Julgo que estou cansada; a ficar um pouco fraca. Parecem uma ordem superior de trabalho a meio terminar. Mas o que acontece ao seu crescimento murcho? O que acontece às coisas cortadas cerce? Há uma tristeza nisso. Parece um fracasso pelo qual alguém é responsável. Não consigo ver como isso é remediado.

É retardador. Vejo-o como qualquer acidente que retarda o progresso. É demasiado complicado; terei de o deixar. Tantas coisas acontecem que não são culpa de ninguém. Oh! Sempre culpa de alguém, eh? Estou demasiado cansada para lutar com isto.»

«Noutra altura», prometeram eles. «Tudo o que podemos dizer agora é que qualquer progresso ou trabalho tem os seus acidentes e fracassos. Que compensações e culpas existem, e como são reparadas, retomaremos de futuro. É SEMPRE CULPA DE ALGUÉM!»

Trouxe este aspeto do assunto na nossa reunião seguinte; pois interessava-me grandemente. Disseram-nos que toda a questão era

demasiado intrincada e complicada para ser tentada; que o perigo de se obter uma ideia falsa a partir de uma afirmação parcial superava as vantagens. Finalmente, deram-nos uma figura de estilo através de uma simbolização para a Betty.

Lá atrás na história, disseram eles em suma, concebei duas linhas lado a lado que se supõe correrem paralelas para sempre. Mas ocorre um desvio. Pode ser tão ligeiro que não importasse minimamente para elas nessa altura. Elas continuam e continuam através do tempo; mas, mais cedo ou mais tarde, encontrar-se-ão. Então deter-se-ão uma à outra, ou uma cortar-se-á transversalmente à outra. Mas agora, do ponto de vista da maior proporção harmoniosa, algo deve ser feito com o emaranhado cruzado. O remédio está em podar as linhas para trás, cortando-as, encurtando-as. E, disseram-nos, lá atrás na fonte, nessas linhas antes de começarem a desviar-se, reside um germe de vida do qual crescerão outras linhas mais retas, uma vez feita a poda.

Isto era reconhecidamente vago e deixava muitas lacunas; mas, asseguraram-nos, continha pelo menos o princípio. A Betty, no seu estado sensibilizado, estava muito intrigada.

«Ali está o pedaço torto que cortei», refletiu ela, «e o novo reto, e parecem algo semelhantes; e cresceram no mesmo corpo vivo. Oh, alguém que me ajude!

Porque não haveria de ser a nossa raiz a nossa verdadeira vida, o nosso verdadeiro ser? Se a nossa raiz for o nosso verdadeiro ser, a nossa verdadeira fonte de vida, não importaria tanto se alguns de nós fossem podados para trás por uma razão ou por outra, talvez por causa de algum crescimento cruzado. A vida estaria lá para o lançar de novo, talvez com maior força. Isso explicaria vagamente as vidas cortadas cerce. Não seria tão incompreensível se tivessem sido podadas de volta à sua fonte por culpa própria. E Ele cortá-las-ia de volta com maior visão e sabedoria. Agora já não tens tanta pena delas. As suas raízes ainda lá estão.»

«Vejo essa parte do princípio», disse eu, «mas e quanto ao indivíduo cortado cerce e privado da sua experiência terrena, que afirmais ser necessária?»

«Não sei», relatou a Betty após uma longa pausa. «Parecem estar a receber algum tratamento compensatório. É como moldar uma coisa que podas para trás. Estão a ser vigiados e cuidados. Essa ideia de termos as nossas raízes é muito profunda. Representa uma grande vitalidade.»

«Bem, e quanto ao puro acidente», persisti eu, «como quando alguém é atropelado por um comboio? E devo entender que usais o Jardineiro como um símbolo, ou existe alguma inteligência, ou grupo de inteligências com poder e dever para fazer esta poda?»

«Oh, sim, há acidentes terríveis», concordou o Invisível. «São como barcos à deriva mortíferos, a responsabilidade abandonada de alguém. Quanto à grande regulação do destino, isso é demasiado vasto para ser reduzido a termos humanos presentemente.»

«Dissestes ontem», apontei eu, «que é sempre culpa de alguém quando alguém é ceifado antes do tempo.»

«Lembrai-vos daquelas linhas paralelas desviadas, LÁ atrás», recordaram eles.

«Não vejo por que razão B haveria de sofrer a perda da sua oportunidade terrena por causa de uma ação de A, talvez há mil anos, e que o próprio A provavelmente não compreendeu», objetei eu.

A Betty riu-se de bom grado com isto.

«Estão a rir-se de ti», relatou ela. «Dizem que isso é como a criança a perguntar 'o que é o sol?'.»

«Porque é que o mundo é gerido da maneira que é?», disse o Invisível, a voz da Betty mudando de forma cómica para o tom

compassado em que eles articulavam. «Bem, o mundo é gerido como é para demonstrar a responsabilidade pessoal.»

Um momento depois, a Betty voltou à ideia de as responsabilidades evitadas serem como barcos à deriva deixados soltos que naufragam ou danificam aqueles com quem entram em contacto.

«Não consigo subir o suficiente para ver por que destroçam um e não outro», queixou-se a Betty.

«Isso é demasiado grande para agora», insinuaram eles. «Isso é o Destino.

Depreendo», disse eu, «que existem, genericamente falando, duas classes daqueles cujas vidas são cortadas cerce; os que são podados para trás e os que morrem por acidente ao baterem contra estes barcos à deriva?»

«É vagamente isso», admitiu o Invisível, «mas não são pequenas coisas nitidamente cortadas como isso; são grandes coisas fundidas. Mas não importa.»

E depois deram-nos o nosso primeiro vislumbre de como podemos obter uma medida de proteção contra este tipo de acidente.

«Por combinações de força harmoniosa é possível travar um ímpeto mesmo quando se caminha direito a um barco à deriva», disseram eles.

«Se o virmos!», apontei eu.

«Ou se alguém o vir por ti!», emendaram eles.

«Além disso, se acumulares força harmoniosa suficiente, há uma ação automática. O teu próprio ímpeto é suficientemente forte para te afastar. PODE sê-lo. Há algo que podes gerar que tanto aviva os teus sentidos como te dirige subconscientemente.»

No dia seguinte, retomaram o assunto.

«Há leis que superam leis», disseram eles. «Há o seguimento cego da lei; os ímpetos não esgotados que vemos em toda a natureza. No nosso estudo destas leis naturais descobrimos que podemos dirigi-las e dominá-las. Ora, o mundo está cheio de responsabilidades não cumpridas. Elas vão de um lado para o outro como átomos no ar. Parece mero acaso se te atingem a ti ou a outra pessoa; mas parte do tempo atingem um ou outro porque não há uma lei superadora.»

«Procuro uma força controladora em toda esta ação aleatória», disse a Betty. «Algo em mim me diz que existe uma força controladora, superadora.»

«O vosso instinto espiritual incita o vosso questionamento de impulsos aparentemente aleatórios. A união da vossa volição com a força espiritual (o nosso velho amigo contacto espiritual) governa esses impulsos aleatórios; exatamente como a compreensão da lei domina as forças da natureza.»

Perguntei se alguém com um contacto espiritual altamente desenvolvido e de longa duração seria capaz de evitar estes «acidentes» e assim estar isento de uma morte prematura.

«Não isento, mas grandemente ordenado», foi a resposta. «Muitas vezes o sofrimento é um agente avivador, uma das portas da sabedoria; e pode ser necessitado por uma necessidade individual. Depois há pontos, pontos tórpidos, que têm de ser tratados cirurgicamente. Deveis lembrar-vos de que a colisão com estes barcos à deriva que foram deixados soltos não significa necessariamente a morte. Pode significar meramente tendências ou desejos obstruídos.»

«Referia-me à privação de oportunidade de experiência terrena», apontei eu, e recebi a seguinte explicação parcial:

«Aqueles com responsabilidades não cumpridas sugam a produção de outras pessoas. São como parasitas. Por vezes isso envolve um crime que termina alguma existência saudável, sem

culpa da pessoa atacada. Quereis saber sobre a pessoa inocente que se mete na linha de crescimento cruzada. Se esta linha cruzada tivesse entrado em contacto com uma linha de força superior, não teria podido cruzá-la. Portanto, só pode prejudicar os de vitalidade diminuída. Esta vitalidade diminuída, que é força espiritual diminuída, pode ser por herança. Isso de novo, como vedes, é responsabilidade não cumprida.»

«Rodas dentro de rodas!», exclamou a Betty em desespero.

«Há uma vítima aparentemente inocente, não há?», prosseguiu o Invisível, «mas não teria sido uma vítima se possuísse força espiritual superior. Portanto, isso foi em grande parte a parte dela, também.

Agora consideremos mais a vítima aparentemente inocente, mas fraca. Ela é podada para trás devido à fraqueza, e não devido a uma força mal direcionada. Alguns são podados a partir de um crescimento exuberante; mas esta a partir de um crescimento fraco. Há um cuidado compensatório que a inicia de novo. Podeis ver um exemplo visível disso no abeto pobre e torto que HÁ DE crescer reto no topo. O impulso de cada ser vivo é o instinto primevo de se renovar. É a lei do seu ser, como o apontar da agulha magnética. Assim, a alma tem a sua fórmula para o crescimento, tal como uma árvore tem a sua fórmula química para o crescimento. Tem de cumprir a sua lei. O tratamento compensatório está nas raízes da sua vida.»

«Este novo crescimento é feito aqui ou além?», perguntei eu.

«Isso é de acordo com a força do seu âmago, o seu grau de desenvolvimento espiritual: o tamanho da sua raiz, se preferirdes. É bastante fácil ver como é com os que têm força; eles continuam por aqui, com um pequeno cuidado compensatório, e crescem pela lei do seu ser.»

«Bem, e quanto aos fracos que têm poucos cuidados?», perguntei eu.

«Há sempre uma ação automática para além de uma ação especial. Esta coisa fraca está a medicar-se a si própria. É estimulada na proporção da sua resposta. Tem sempre a sua oportunidade de germinar. Pode ficar adormecida por tempo infindável até que alguma força transbordante a possa imbuir do desejo de repetir a luta. Então pode reencarnar. É como uma sentença suspensa.

Esse é o trabalho da maior proporção, encarregando-se das coisas fracas, suspendendo sentenças, dando-lhes uma oportunidade. Essa é a fonte da força transbordante que as imbui do desejo de repetir a luta. Qual seria o objetivo de obter um âmago, se não houvesse algum trabalho necessário para cada um?»

Houve um curto silêncio enquanto a Betty contemplava uma das suas visões ilustrativas.

«Estou a agir para elevar o todo», relatou ela daí a pouco. «Pego no meu pedaço de força e ajo. Exerço a minha força através deste processo de levedação em toda a camada inferior de coisas fracas. Essa camada deve ser erguida para elevar o nível do todo. ISSO TEM DE SER FEITO! Essa é a responsabilidade de cada um.»

«Há uma responsabilidade terrível ao entrar nesta consciência», concluiu o Invisível. «Tendes então de fazer mais do que a vossa parte para compensar a injustiça acumulada. Há uma quantidade tão terrível desta injustiça para ser absorvida! E nunca podeis voltar atrás. Assim que virdes claramente toda a confusão que os homens fizeram — a loucura, a estupidez, a incompreensão —, tendes de vos tornar num trabalhador solidário. Entrastes numa consciência ordenada e harmoniosa que DEVE retroagir sobre uma confusão como essa.»

CAPÍTULO XXI

Resumo

Nas páginas anteriores estivemos ocupados em grande parte com as nossas relações com a experiência. Agora devemos considerar as nossas relações com as pessoas. Antes de o fazer, resumamos.

No decurso da nossa evolução progredimos através de uma série de níveis. Nenhuma etapa pode ser saltada, e cada nível deve ser preenchido antes de ser deixado. Preenchemos os nossos níveis pela assimilação da experiência, e neste processo o nosso maior aliado é a força que ganhamos através do contacto espiritual.

Por esta assimilação somos responsáveis não só perante nós próprios, mas perante o nosso próximo; não só perante o nosso próximo, mas perante tudo o que constitui o nosso mundo de ser através das perspetivas do tempo. Se fugirmos ao que nos é colocado diante, então deixamos solto um barco à deriva que pode naufragar ou destruir. Se quisermos evitar o dano ou a destruição para nós próprios, devemos desenvolver-nos até ao ponto de adquirir proteção. E a nossa responsabilidade é maior do que a nossa parte porque o passado nos legou a sua herança de culpa e fracasso.

«O mundo é gerido como é para demonstrar a responsabilidade pessoal!»

CAPÍTULO XXII

Circulação Espiritual

A circulação é uma das grandes leis fundamentais que correm obviamente através de toda a natureza. A água evapora-se em névoa a partir do mar; condensa-se em nuvens, cai como chuva e corre em rios de volta ao mar. A semente brota do solo; cresce até à maturidade; afunda-se de novo no solo. Evocamos o poder da eletricidade a partir do campo magnético da terra; usamo-lo para girar as rodas e iluminar as noites de uma cidade, e devolvemo-lo

ligado à terra à sua origem. Poder-se-iam multiplicar os exemplos indefinidamente.

E tal como um bloqueio na circulação corporal é seguro que trará problemas, assim QUALQUER interferência no perfeito arredondamento do círculo resulta sempre em desastre. A seca, a fome, a morte seguem-se ao não funcionamento das circulações da natureza. Calamidades semelhantes acompanham a paragem no livre fluxo das forças espirituais.

Quando os Invisíveis abordaram este assunto pela primeira vez, começaram-no com uma perspetiva sobre o corpo espiritual. Equivale, disseram eles em essência, realmente à força que, pouco a pouco, conseguis segregar do grande reservatório universal e tornar vossa. Pela vossa própria volição, segregais meticulosamente das vastas forças ao vosso redor. «Este é o vosso próprio pedaço de força; vós cercaste-lo e conteste-lo, pertence-vos. Ao conseguirdes estes pedaços e ao soldá-los uns aos outros, e ao trabalhar arduamente, e ao capturardes outro pedaço — muito em breve isso cresce para uma coisa real. Funciona apenas debilmente, mas à maneira de todo o grande poder.

Vou ver se consigo perceber como o pedaço segregado se deve encaixar no todo», disse a Betty, «e a ação de cada um sobre cada um.

Vezes sem conta um jarro e uma bacia», relatou ela passados alguns momentos, «vezes sem conta um jarro e uma bacia. Enches o jarro até à tua medida e esvazia-lo no mundo, a bacia. Há um ritmo vezes sem conta, encher e esvaziar, encher e esvaziar, um ritmo como uma grande pulsação.

Quando alguém falha, o que acontece? É como um cilindro a falhar, a pulsação a saltar uma batida. O processo de encher e esvaziar é perturbado. Cria-se um vácuo de sucção devido a essa responsabilidade não cumprida.»

Enchemos os nossos jarros, para epilogar o ensinamento posterior, através do contacto espiritual; obtendo dessa fonte maior ou menor ganho pessoal de acordo com a capacidade voluntária que desenvolvemos. A seguir, estas vantagens devem ser transmitidas; a circulação espiritual deve fluir sem impedimentos. Se for travada: então, sem falta, segue-se o desastre.

Na frase pitoresca dos Invisíveis, o contacto espiritual dá-nos «segurança no andar» para que possamos trilhar os caminhos difíceis da vida com confiança. Igualmente importante é o seu gémeo e equilíbrio, a «generosidade», que nos torna possível, de forma tão segura e precisa como o coração humano, transmitir aquilo que recebemos. Devem ir juntos; ou nenhum deles é eficaz.

«Se fordes generosos sem segurança no andar», disseram eles, «sereis apenas compreensivos à maneira irlandesa; expansivos, mas pouco convincentes. Mas se fordes seguros no andar sem serdes generosos, sereis meramente ascéticos.»

Daí a pouco, mostraram à Betty uma imagem que ilustrava isto.

«Não gosto de olhar para ela; deixa-me tão desconfortável!», disse ela. «Dizem que tenho de olhar para ela até te falar sobre ela. Muito desconfortável, uma espécie de indigestão. Se apenas receberdes, e não funcionardes naturalmente através do dar, ficais todos entupidos e envenenados. A virtude autocontida logo corrói. Muitas destas pessoas impulsivas, que agem ao acaso, fazem mais bem, mesmo com a sua falta de segurança no andar.»

Não importa minimamente, portanto, quão piedosa seja a vida que possamos levar, no sentido de não cometermos nenhum mal positivo, no sentido da disciplina pessoal, na antiga conceção eclesiástica e puritana de «salvar as nossas almas». Se falharmos no dar para fora, falhámos ainda assim na tarefa mais importante de todas, e estamos ainda assim destinados a problemas do pior tipo. Se não retirarmos água do nosso reservatório, em breve não

teremos espaço para que nova água flua para dentro: tornar-nos-emos estagnados e mortos.

«Todas as leis físicas funcionam da mesma maneira», retomou o Invisível, «até as formas mais baixas, os impulsos das funções corporais. Deveis dar para fora ou envenenais-vos. Se recebeis uma substância espiritual diferente, deveis ser capazes também de a expelir, a fim de obterdes o ideal da ação simples e normal. Isto é ritmo e harmonia. Movei-vos com ele; não o obstruais. Chamai-lhe o que quiserdes. Há imensos nomes para isso, tudo dependendo de com que plano estais a lidar, ou com que nível: obstipação, tensão nervosa, avareza, qualquer tipo de estagnação dependendo de em que nível trabalha. São todas iguais. A mesma lei funciona de maneiras mais amplas e mais ascendentes.»

«No minuto em que partilhais, aquilo não foge tudo, nem se dissipa e enfraquece», disse a Betty. «Mantém a sua profundidade, e no entanto, é muitíssimo mais amplo — uma sensação de transbordo.»

«O devolver é mais importante do que o receber», disse o Invisível.

«Consigo ver as abelhas sobre o mel nas colmeias», prosseguiu a Betty, «e as formigas: simplesmente cheias disto. Elas têm segurança no andar e generosidade; agem na sua forma limitada dentro da Lei. Se apenas viajardes diretamente, sem produzir ou dar para fora, perdeis a vossa saúde e secais, e acabareis por não ter poder para atrair o espírito.»

«Lembrai-vos de que o primeiro ponto da saúde», acrescentaram eles, «é a vida ativa que significa um constante influxo e efluxo. Não vos deveis esquecer de estar constantemente a dar para fora. Cuidado com isso, senão tereis arteriosclerose.»

«O forçar a passagem é a coisa seguinte, o conseguir trazer de volta», disse a Betty, «filtrando-o através da consciência

terrena. A consciência espiritual filtrada através da consciência terrena é o que nós procuramos.»

Ela continuou a elaborar a imagem de uma espécie de funil duplo, com uma extremidade a alargar-se em direção à fonte do poder espiritual, e a outra em direção ao mundo.

«Não faria sentido nenhum se eu te dissesse que se afunilava para dentro e se afunilava para fora», disse ela, «mas é isso que eles dizem. Começa a partir de uma expansão infinita, condensa-se através do eu e depois deve ser distribuído para fora. Atrás de ti e diante de ti estão extensões ilimitadas, mas na maior parte atrás de ti. A saída livre é quase tão difícil como o conseguir passar. É uma expansão daquilo que é dado. Por vezes passa, mas depois para. Não há ímpeto suficiente para o trazer para fora e o espalhar.»

«Em resumo», concluíram, «primeiro que tudo estimulais a vossa consciência para participar da consciência superior. Depois preparais-vos para uma compreensão ainda mais elevada, preenchendo o vosso nível. Preencheis o vosso nível produzindo-vos a vós mesmos, 'fazendo com que assim seja'; o que significa a materialização no mundo físico da vossa nova e vitalizada consciência.»

CAPÍTULO XXIII

O Fluxo de Retorno

1. A AÇÃO AUTOMÁTICA DE NOVO

Tudo isso está muito bem, ouço-vos dizer, e pode ser bastante verdadeiro. Forma um quadro lógico e, dentro deste quadro, faz bastante sentido. Mas como se faz para que isso funcione numa vida dita ocupada e comum? Afinal de contas, o teste final de qualquer coisa é a sua aplicação prática. Dizeis-nos para «materializar no mundo físico esta nova e vitalizada consciência»,

mas isso é bastante abstrato. O que nós gostaríamos era de uma espécie de manivela definida através da qual agarrar a tarefa.

A Betty, no seu desenvolvimento superfísico, deparou-se com a mesma dificuldade. Parecia-lhe que entrar nesta nova consciência era como lançar-se às cegas num rio de corrente forte.

«Sinto-o apenas como uma vasta corrente!», exclamou ela. «Estou em ligação com ele. Pequenas coisas que dispersam os nervos não me podem ferir. Mas isto não é suficiente. Como posso travar e desviar isto, esta força poderosa? Como posso geri-la? Ela varre através de mim e junto a mim, participando de mim. Como posso eu participar dela? Suponde que vos encontreis numa coisa poderosa como esta; o que faríeis? Tenho de decidir.

Uma coisa é certa: é mais fácil trabalhar com ela a partir desta extremidade. Antes trabalhei a partir da outra extremidade. Agora estou a trabalhar a partir da força de volta para trás. A força está sempre desejosa de novas saídas; ela ajuda-me. Tenho essa força para ajudar a forçar a passagem.»

Mais tarde descobrimos que parte do que procuramos vem como um resultado automático, um subproduto dos nossos esforços de contacto: se praticarmos isto, tende a dar-nos uma qualidade de mente e de coração que irradia mesmo sem que tenhamos a intenção de o fazer.

«A coisa é matemática», disseram-nos eles.

«Eu odeio a matemática», interveio a Betty prontamente; depois, após um momento, e com um pouco de dúvida, «Bem, suponho que é muito limpa e arrumada.»

«Tal como dois e dois têm inevitavelmente de fazer quatro», continuaram eles na sua explicação, «assim nós, ou a combinação de qualidades que conseguimos reunir, pelas quais alcançámos o nosso nível, ou a fórmula que fizemos para nós mesmos — ou o que quer que vos agrade chamar-lhe —, tem a sua ação automática. E tal como dois mais dois fazem quatro, essa ação

automática produz certos resultados no mundo físico. O mero facto de sermos o que somos, emanando os nossos pensamentos, os nossos desejos, a nossa qualidade espiritual, produz o seu efeito, independentemente de intenção consciente da nossa parte.»

«Estás distintamente a espalhar algo!», exclamou a Betty. «Esse é o resultado automático. Aquilo em que estou interessada é nas leis que o governam. Chamo-lhes leis; mas são funcionamentos harmoniosos. Agora tenho de descobrir.

Não faz bem nenhum olhar para a extremidade terrena e obter uma técnica. Deves ir à fonte das coisas, e depois a obra faz-se por si mesma — Grande demais para mim; não tenho a certeza disso», e desistiu daquilo.

«Vou dizer-te o que estou a tentar compreender: a inversão na ordem da maneira como trabalhamos», concluiu ela. «Prestamos atenção aos mínimos detalhes para termos sucesso. Isso está correto; os detalhes devem ser atendidos, mas quero perceber isto bem. Tenho de ser cuidadosa. Tem a ver com a ideia do 'não vos inquieteis' e do 'considerai os lírios'.»

«O vosso principal esforço deve ir para a união com a força ou inteligência suprema», ajudaram os Invisíveis, «não por apenas a clamar para baixo e isolando-vos nela, mas chamando por ela e unindo-vos a ela de tal maneira que a transmuteis numa força terrena disponível. Esse é o segredo da coisa.»

«Como se poderia tornar isso prático nos negócios?», perguntou-se a Betty. «Está a ter um efeito tremendo; consigo vê-lo. Altera a ordem das coisas quando se segue isso para dentro de um escritório. Não consigo acompanhar muito bem, porque não o posso aplicar a nenhum problema definido. Mas tal como mudou todo o pano de fundo da minha vida, assim age no mundo dos negócios. Em alguns casos, parece que estivesse a mudar o negócio e a substituir por outra coisa. Mas o ponto é que, em vez de serdes uma máquina caótica e sob tensão, torna-vos numa máquina poderosa e ordenada. As coisas à vossa volta mudam

para relações diferentes. Se conseguirdes obter a inspiração para gerar esta força dentro de vós, não há dúvida quanto à sua atuação sobre as coisas.»

«Aqui», retomaram os Invisíveis nos seus tons, «voltais à ação automática da força que ganhastes pelo vosso contacto. Se verdadeiramente conseguirdes isso, e prestardes a vossa principal atenção a isso, traz algo que se aproxima da inspiração, da intuição, que se transfere de modo a que, quando chegais aos detalhes, eles se tornem concentrados, essenciais, mais bem-sucedidos, em vez de estarem sob tensão e confusos.»

É a diferença entre ter capital espiritual e tentar gerir o vosso negócio com uma ninharia espiritual. Um é harmonia; o outro é discórdia. É isso que a ideia do «não vos inquieteis» é. Tereis a força para cuidar dos detalhes abundantemente, se derdes a vossa maior atenção à associação espiritual. «Quando estais descansados e em forma 'jogais melhor do que sabeis', 'trabalhais melhor do que sabeis'», disseram eles. «Esta associação é a forma como ficais descansados e em forma espiritualmente; é tudo.

A atenção é a existência.

Por outras palavras, escolhei onde ides viver. As pessoas têm medo de deixar o seu próprio plano, de relaxar a sua atenção aos detalhes para voltarem à sua fonte de inspiração. Mas se tivessem a coragem de tentar!

Há certamente uma ação automática para a harmonia. O homem vai para o seu escritório tão cheio de vitalidade renovada e liberdade de pensamento, coragem, que as suas faculdades treinadas funcionam mais eficientemente. Ele não diminui minimamente a sua atenção ao detalhe; mas esta tornou-se numa ação automática. Essa ação automática brota do poder que ele gera da sua existência habitual, da sua atenção habitual.

O homem que não tem aliança espiritual, nenhuma fonte de renovação de vitalidade, cuja existência é a concentração nos

detalhes do negócio, ganha aderências comerciais. Ou se excede a si próprio ao estabelecer um padrão de negócio de regateio, ou bancarrota a sua própria alma. O outro homem...»

«Parece uma corrente intermitente», interrompeu a Betty.

«O outro homem mantém-se reabastecido e com a sua visão elevada acima do seu trabalho. Ele cria uma ordem diferente de negócio. Admito-te que nem sempre é tão bem-sucedido pelos mesmos padrões; mas ele não quer sê-lo. Ele é de um tipo mais elevado de desenvolvimento. O seu negócio tem uma qualidade dadora de vida em vez de uma qualidade sugadora de sangue.»

«Poderiam dar ilustrações?», sugeri eu.

«Não sabemos», responderam de forma peculiar. «Não pertencemos aos negócios. É apenas a Lei. Resolve-o tu próprio.»

«Se não conhecem os negócios», sugeri eu, «como sabem que isto funcionaria nos negócios modernos?»

«Olho para a ação, para a Lei. Não consigo acompanhá-la até ao fim, mas sei que é a Lei», respondeu o Invisível, um pouco impaciente. «Funciona em todas as outras coisas, por isso sei que funcionará aqui.»

2. ENVIAR PARA FORA

Mas esta ação automática não é suficiente. Tal como com o contacto espiritual, o efeito pode ser muito aumentado se lhe dermos um apoio inteligente. E isto significa o ganho de outra atitude interior que não é fácil de apreender. A Betty foi levada a isso gradualmente através da habitual variedade de símbolos.

«Soa tolo dizer 'pensa horizontalmente', não soa?», observou ela certa vez. «Mas é isso. É como se a força espiritual fosse fluida, e ao pensar horizontalmente ela pudesse ser feita fluir em todas as direções ao teu redor, alcançando outros e trazendo outros a ti numa única troca de vitalidade que tudo abrange.»

Noutra altura, os Invisíveis discutiam o assunto.

«Há um sentimento de coração aberto difícil de descrever», disseram eles. «Não é apenas tornar-vos caridosamente dispostos para com as pessoas; isso é uma imitação, desajeitada, mesquinha, cheia de erros. Não tentais AGRADAR às pessoas; isso é tolo. Simplesmente prosseguis no vosso caminho, mas as emanações de um coração aberto espalham-se ao vosso redor, trabalhando de acordo com a sua lei, e trazendo de volta uma rica reação.»

«A coisa que eu faço», reconheceu a Betty, «é fechar-me às pessoas e retirar-me para dentro de mim mesma — isto é, para o meu nível inferior. Devo tentar ser mais de coração aberto até conseguir manter-me assim. Tudo corre mal no minuto em que me fecho. É como uma armadilha que está sempre a cair sobre mim. Num momento estou a caminhar muito bem ao ar livre, e de repente a armadilha cai e fico fechada dentro das paredes de mim mesma. Agora já o reconheci, por isso talvez consiga evitar entrar nela — ou pelo menos posso rastejar para fora outra vez.»

«Nas vossas relações com as pessoas», continuou o Invisível, «não é nada esta ideia de ser tudo-para-todos, do aperto de mão. Essa é a imitação barata; muito barata! Há dignidade e reserva e profundidade na coisa real. É apenas um sentimento TRANQUILO, um sentimento silencioso de parentesco e de resposta compreensiva, em vez da habitual indiferença que sentimos. Deveria ser o primeiro ponto de contacto quando conheceis cada pessoa. Se lhe enviardes isso quando a conheceis pela primeira vez, então podeis começar a falar sem tensões ou contrações. Só então conseguis um verdadeiro intercurso com as pessoas.»

Quando duas pessoas se encontram, estando ambas assim de coração aberto uma para com a outra, então vedes a amizade e o amor genuínos; num nível ou noutro. Não há nada de milagroso nisso, nem nada de mais intangível do que a química.

«Podeis encontrar em qualquer lado deste mundo comum amostras, fragmentos, que foram trazidos para baixo e deixados. Tiveram o seu crescimento travado, ou foram abandonados. Mas não morrem, e estão aqui. Aparecem em várias gerações. Vedes um pouco disso em pessoas que dão companheirismo generosamente, que vos inspiram e vos estimulam o coração. Reconheceis a qualidade, mas não dizeis: essa é uma boa amostra, devemos ter mais dela. Apenas pensais que é uma casualidade, uma excentricidade de uma pessoa, algo pertencente a outra, em vez de um ingrediente do todo para o qual estamos a trabalhar.»

Talvez estas pistas deem um vislumbre da atitude que procuramos. Se ainda parecer obscura, tentai obter a ideia daquele sentimento de coração amplo das nossas primeiras tentativas de contacto; e adicionai-lhe a ideia de reunir os outros dentro dele. É o sentimento do contacto espiritual mais um sentimento de enviar para fora. Se fizermos isto, asseguraram-nos, os detalhes cuidarão de si mesmos.

CAPÍTULO XXIV

O Canal de Retorno

1. SERVIÇO

Talvez por esta altura tivéssemos alguma compreensão deste fluxo e refluxo, desta circulação espiritual. Mas sabíamos pouco sobre os detalhes mais exatos do mecanismo. Aqui está uma força forte, uma corrente forte. Mas uma corrente forte, de qualquer tipo, pressupõe um canal definido no qual possa fluir. O sangue circula nas veias, os rios têm leitos, a eletricidade segue os seus condutores. Qual é o canal aqui?

Obtivemos o nosso vislumbre através do pouco que fomos capazes de extrair quanto ao estado de vida dos nossos próprios Invisíveis.

A curiosidade quanto aos particulares da vida «do lado de lá» é natural. No início, interrogámo-los avidamente. Obtivemos pouca satisfação; embora recebêssemos respostas, por vezes. Na maioria das vezes, contudo, disseram-nos claramente que não era o nosso assunto atual. E, de qualquer forma, acrescentaram, os seus detalhes são frequentemente tão diferentes de tudo o que conhecemos, ou podemos conceber, que até uma tentativa de aproximação transmitiria meramente falsas imagens.

Isto não foi indelicado: não foi um desdém. Eles disseram-nos certas coisas simples e básicas. Têm forma. Conseguem ver o nosso mundo físico como nós o vemos, mas apenas quando a ocasião era importante o suficiente para justificar o esforço. E assim por diante. Mas nenhumas descrições geográficas, por assim dizer, tais como um viajante traria de um país distante. Esse modo de vida não é o nosso modo de vida: não estamos prontos para ele; devemos permanecer neste sem conceções perturbadoras até termos terminado com ele; a distração é inútil.

«Se déssemos especificações detalhadas da nossa vida aqui deste lado, seria impossível a partir daí concentrar a vossa atenção em princípios gerais e amplos», disseram-nos claramente, «nas poucas linhas simples do vosso esforço. É dolorosamente difícil eliminar e economizar a vossa atenção. Só ao envolver outras coisas em mistério podemos ocupar as vossas mentes na devida proporção com a importância das coisas que selecionamos. Vós não concordais connosco, mas o mesmo método é empregue com sucesso na terra para desenvolver homens de génio. Nós protegemo-los, envolvemo-los, amputamos deles. Contentai-vos em olhar para onde apontamos. Tempo haverá para detalhes mais tarde, quando vos mostrarmos as redondezas. Aceitai a minha palavra; impossível de explicar.»

Mas embora não nos tenham sido dados detalhes geográficos, inevitavelmente, no decurso de muitas discussões, vislumbrámos aqui e além certas condições desse estado.

Algumas delas já as reunistes nestas páginas. Entre outras coisas, aprendemos que o mundo deles é um mundo de desenvolvimento, de trabalho para esse fim; e que contém a resistência ao esforço que é necessária ao desenvolvimento. De facto, eles usaram por vezes a palavra RESISTÊNCIA de forma intercambiável com a palavra TRABALHO. A nossa primeira pista quanto à natureza deste trabalho foi dada à Betty numa experiência simbólica.

«Estou cara a cara com este vasto nível de consciência que está por trás da consciência humana», relatou ela. «Mostram-me uma grande corda entrançada com muitas vertentes. Não a compreendo. Corre através de todos nós. É o elo de ligação. É a ligação através da qual agimos uns sobre os outros neste nível. Quando lhe tocamos, está carregada de vida e vitalidade, um caminho aberto de sabedoria e compreensão. Os nossos amigos invisíveis usam-na; não a criam. Se não tivésseis amigos invisíveis e tocásseis, alcançásseis este nível, alguém responderia algures se tivésseis uma necessidade real que eles pudessem suprir. É o condutor universal de alguma forma. É o que as pessoas reconhecem debilmente como o subconsciente — só que é super, não sub.

O ponto é que neste nível TEM de haver uma resposta para uma necessidade real: se alcançais este nível estais seguros de uma resposta para a vossa necessidade. Não compreendo isto muito bem. É uma coisa universal que poderia alcançar qualquer pessoa no universo que tivesse algo de que precisásseis, ou que precisasse de algo que vós tivésseis.

Neste nível há sempre algo pelo qual sois atraídos desta maneira — alguém em quem quereis trabalhar. E a única maneira

de poderdes trabalhar é conseguirdes algo com que trabalhar. Esse é o primeiro incentivo aqui. É um belo mundo ocupado!»

«Todos os processos humanos devem ter um incentivo a fim de serem realizados», explicou o Invisível. «O vosso primeiro incentivo aqui deste lado é procurar avidamente por força a fim de ajudar alguém que a vossa perceção superior mostra estar em extrema necessidade. É tão simples. Ficais quase frenéticos com a ideia de prestar primeiros socorros de algum tipo.

É um instinto muito forte. Um dos vossos mais fortes é o instinto sexual que faz avançar o mundo físico. Este é o grande e forte instinto que faz avançar o mundo espiritual. Deveis conseguir algo para colocar no vácuo abaixo de vós. É o primeiro grande impulso: ocupai-vos! arrumai esta confusão que vedes abaixo de vós; e quando percebeis quão inúteis e fúteis sois, tentais arduamente e experimentais até adquirirdes algo com que trabalhar.»

«Esse parece ser o meu instinto dominante, a coisa que sinto com mais força», disse a Betty, «essa ideia de alcançar algo para cima, não com a ideia de o colecionar para mim mesma, mas com a ideia de o usar como uma ferramenta com que trabalhar. É uma forma de me equipar para o negócio de viver.»

«Todos nós subimos através daquilo que construímos debaixo de nós», concluiu o Invisível. «É o preenchimento do vosso nível, mas um degrau mais acima. Isto mostra o alicerce de realização real que deveis colocar debaixo de vós.»

2. A NATUREZA DO SERVIÇO

Eis a rocha na qual muitas religiões e muitos sistemas de ética se dividiram por completo. Através de passos lógicos, alcançam o ponto onde a prestação de serviço aparece como a realização espiritual. Assim, nesse ponto, os mais consagrados dos seus devotos saem para prestar serviço.

Mas é exatamente aqui que a maioria de nós se descarta. Provavelmente levamos vidas ocupadas e normais, com famílias e outras responsabilidades. Tornarmo-nos filantropos profissionais significaria a rutura de toda a nossa ordem estabelecida. Muito provavelmente, também, temos um preconceito saudável contra qualquer diletante que *Desce para Visitar os Pobres*, munido de uma postura enérgica e alegre, de uma ficha impressa e de uma determinação em *Fazer Algum Bem no Mundo*. E assim, reconhecemos o problema intelectualmente, mas fazemos pouco ou nada a esse respeito.

Quase o mesmo é verdade em relação a qualquer tipo de atividade missionária ou de reforma. A maior parte das pessoas tem uma aversão instintiva a *Levar a Doçura e a Luz às Almas Obscurecidas*. E aqueles que o tentam de qualquer maneira, geralmente fazem pouco mais do que criar mal-entendidos com os seus amigos.

O problema é que não nos apercebemos da possibilidade de um outro tipo de serviço — um que está aberto a todos nós.

«É um processo avivador, um processo de despertar», explicou a Betty. «Ainda não tenho grandeza suficiente para isso — não tenho qualidade de contenção no coração suficiente para o gerir. E não o compreendo. Apenas sei que tenho de ir para o meio das Pessoas todos os dias, a experimentar com isso.»

«Isto», disse-lhe o Invisível, «dar-vos-á prática diária durante algum tempo de futuro: este trabalho experimental, a primeira aplicação dos princípios que foram transmitidos.»

«É difícil saber exatamente como proceder», queixou-se a Betty.

«Experimenta! Experimenta! E vive numa constante associação de mente com o poder tremendo da força espiritual até que esta se torne a espinha dorsal da tua consciência. A sua qualidade dadora de vida é o dom mais rico que podes transmitir.

É inspiração em segunda mão. O principal é ajudar as pessoas a obtê-la em primeira mão. Mas às vezes não se consegue — é demasiado invulgar.»

«Não posso simplesmente despejá-la em cima delas», objeto a Betty. «Tenho de obter uma espécie de técnica para a administrar.»

«Quando quereis fazer germinar as pessoas», disse o Invisível, «admiti-as a um companheirismo no vosso contacto espiritual. É como recolhê-las vindas do frio.»

«Alguma pista prática?», atrevi-me a perguntar.

«Vou tentar descobrir como se faz», disse a Betty, e depois ausentou-se por algum tempo.

«Ele está a descongelar», disse ela finalmente, «mas não sei como o fiz — parece ser a força superior do meu próprio calor de convicção. É assim que se faz: pela vossa estabilidade demonstrada.* Vedes, toda a gente quer realmente estabilidade; e reconhecem sempre uma pessoa que a possui. Se tiverdes algo que elas não têm, mas querem, prestar-vos-ão atenção. E se não o tiverem e NÃO o quiserem, mas vós as fizerdes senti-lo, então começarão a querê-lo. Construís a vossa estabilidade através do contacto espiritual. Depois, de alguma forma, a resposta a esse contacto deve ser partilhada.»

** Ver Parte I, Capítulo VI, Secção 2.*

«O desabrochar: esse é o caminho para isso», interveio o Invisível. «Desabrochais as pessoas numa certa atmosfera até que ela se entranhe nelas.»

«Deveis fazê-lo de modo a que pensem que o estão a fazer por si mesmas», continuou a Betty, «— como de resto estarão. Deveis ser apenas um agente para despertar as suas próprias forças ativas, silenciosamente, com muito cuidado, quase secretamente. É demasiado vago para entrar nisso ainda. Saberei a seu tempo como fazê-lo.»

Ela pausou para considerar o que eles ofereciam.

«Mostrar as pessoas a si mesmas parece ser a única maneira», retomou. «Não as suas faltas; mas o seu melhor eu, o seu eu real. Essa é a única manivela onde pegar. É isso que estão a fazer comigo.»

A instrução silenciosa continuou por alguns momentos, depois ela prosseguiu:

«Lembro-me — seria o Ricardo Coração de Leão? Ele estava na prisão, e os amigos costumavam assobiar ou cantar por baixo de todas as masmorras até obterem uma resposta. A única maneira de chegar às pessoas é bradar encorajamento ao seu eu aprisionado. Passado um tempo, podeis estimulá-lo a mover-se e a tomar posse. Não vale de nada apontar as faltas das pessoas e atacá-las. Isso é tolo. Se despertardes o eu interior delas, elas tratarão das suas próprias faltas.»

Esta última observação parece-me a própria essência do bom senso.

«O que quer que façais», concluiu o Invisível, «evitai a atitude de mais-santo-do-que-tu para com as pessoas. Isso está longe do que queremos. Os piores são frequentemente os estreitos e virtuosos; eles apagam o rasto. Ninguém quer ser como eles, por isso desviam-se na direção errada. São pessoas muito prejudiciais, muito prejudiciais. Ficariam surpreendidas ao saber que, frequentemente, são na realidade piores do que muitos na penitenciária. Virtude estreita e sem caridade!

A maneira de contrariar esta tendência e, ainda assim, manter os vossos ideais é pensar em vós mesmos sempre como um agente. Então não haverá nenhuma nuance de superioridade ou de satisfação pessoal na vossa atitude. Porque vos está a ser dada luz? Para a distribuirdes tão silenciosa e discretamente que não desperte nenhum ressentimento ou resistência, mas que gradualmente se entranhe nos outros sem darem por isso. Esse é o

caminho da influência — do mau, infelizmente, tanto como do bom; por isso a vossa deve ser a mais forte das duas.»

CAPÍTULO XXV

Isolamento

1. O VÓRTICE

Experimentámos conforme instruídos e logo descobrimos que a técnica deste novo tipo de serviço era uma coisa bastante complicada. Com pessoas afins parecia ser bastante fácil. Mas, infelizmente, muitos dos nossos contactos diários têm de ser com personalidades desgastantes, não recetivas, enervantes, incompreensivas e incompatíveis. Ordinariamente, talvez, em tais casos estejamo-nos a inclinar para nos refugiarmos numa indiferença que equivale a um abismo de separação. Se não indiferentes, então somos desdenhosos para com elas; ou ativamente em conflito com elas; ou até, se formos de temperamentos nervosos e sensíveis, elas dão cabo de nós. E, habitualmente, nós próprios somos mais ou menos afetados, mais ou menos fustigados por emoções deteriorantes. O contacto diário com tais pessoas é uma das primeiras coisas que devemos aprender a gerir.

«Não deixeis que a vossa liberdade e energia recém-adquiridas sejam sugadas para dentro do vórtice», disse o Invisível inesperadamente um dia.

«Está mesmo fora do alcance, mas perigosamente perto», suplementou a Betty. «Devo manter a minha energia elevada,

isolada. No minuto em que descansa sem isolamento, entra no vórtice.»

«O que é o vórtice?», perguntei, pois era uma imagem nova e não significava nada para mim.

«Vou descer e olhar para ele. Espera», prometeu a Betty, após o que se seguiu uma pausa.

«Estou a ver alguém entrar nele como uma demonstração», continuou ela. «É a zona de ação de formas de vida inferiores. Vês, quando fico sob o poder dessa zona, a sua ação começa em mim apesar de mim mesma. É como entrar em areias movediças; aquilo age sobre ti e não o podes evitar. Essa é uma zona de ação de um certo tipo. É precisa uma espiritualidade grande, quase sobre-humana, para ir para essa forma de vida inferior e mantermo-nos firmes. Consegues fazê-lo se tiverdes o isolamento correto. Estão a tentar tirar-me dali e manter-me noutra zona de ação para que eu possa adquirir a força superior.

É a antítese do espiritual. É o ímpeto para anular, para amortecer os teus poderes detentores de vida. É análogo à maneira como uma certa ação ocorre e uma árvore fica petrificada; ou se ficares ao frio, congelas. Uma certa ação ocorre, um certo ímpeto não é travado, e és reduzido a um estado de desamparo e não podes fazer nada a esse respeito. Tem um grande poder de atração em direção ao que lhe é próprio. Quando entras no vórtice, este começa a trabalhar em ti, a menos que tenhas um forte isolamento.»

2. MANTERMO-NOS FIRMES

Se quereis ajudar alguém, antes de mais nada deveis estar, de alguma forma, melhor do que ele. Depois, no vosso esforço para

dar uma mão, deveis ser cuidadosos para não perderdes a vossa vantagem. Se quereis puxar alguém para fora da lama, deveis primeiro conseguir vós mesmos um apoio firme — e depois mantê-lo enquanto estais a tentar retirá-lo de lá. Qualquer pessoa consegue ver isso.

Mas quando a necessidade é de ordem mental ou emocional intangível, em vez de uma perfeitamente clara e física, geralmente agimos como se este princípio já não se aplicasse. Zangamo-nos, ou choramos no ombro da outra pessoa, ou entramos em recriminações solidárias, ou o que quer que seja. As circunstâncias diferem, mas em cada caso o processo é o mesmo: abandonamos o nosso próprio equilíbrio em favor do turbilhão do outro.

Isto é o vórtice. Claramente, se havemos de ter alguma utilidade, não devemos aproximar-nos dele indefesos; não nos devemos deixar arrastar pela sua zona de ação quase irresistível. Se o fizermos, uma de duas coisas terá de acontecer: ou teremos de entrar em conflito, usar de violência para reter o próprio domínio sobre nós mesmos; ou então esse domínio será deformado, vergado, modificado pela influência de forças conflituosas e desintegradoras. Esse encontro com a outra influência, ou com o outro homem, no seu próprio terreno é onde a maior parte dos problemas começa.

«Ao lidar com pessoas não recetivas», disseram eles, «deveis, antes de mais nada, proteger-vos para não entrardes na zona de ação delas. É um isolamento. Deveis primeiro isolar-vos. O isolamento não é falta de compaixão! É apenas a precaução que o médico toma contra a infeção. Isso faz-se elevando rapidamente o vosso pensamento acima do nível da doença e concentrando-vos na cura, de modo a que nenhuma parte da vossa atenção seja sobrecarregada ao entrar no pântano delas. Se encontrardes a oposição à maneira dela, ela emaranha-vos. Não deveis deixar que isso obscureça a força do vosso desejo de servir. É humano opor-se à oposição, por isso cuidado!

É como estar imune», relatou a Betty. «Curioso! Atiram-se a mim, mordem-me — PARECE que me estão a morder —, mas não conseguem injetar nenhum veneno. É impossível ferirem-me porque toda a minha atenção, a minha consciência, os meus centros nervosos, a minha existência estão centrados acima delas, onde não lhes conseguem chegar. Se conseguissem arrastar a minha atenção para baixo, se me conseguissem fazer odiá-las, se me conseguissem pôr a trabalhar no nível delas, então poderiam envenenar-me.»

Este é, pois, o segredo para mantermos a nossa integridade: devemos enfrentar os problemas do nosso mundo e as pessoas do nosso mundo, não na zona de ação deles, mas na nossa. Não devemos ir ter com eles; devemos fazer com que venham ter connosco.

«Quando uma criança entra na sala, ela estabelece-se imediatamente, traz consigo o seu mundo de criança no qual vós vos esforçais imediatamente por entrar», ilustraram eles a ideia.

E o nosso mundo deve ser um mundo que construímos para nós mesmos através do contacto espiritual — ao centrar a nossa consciência no nível acima.

3. A PREETERMINAÇÃO

Fomos conduzidos para os métodos e ideias lentamente. Uma noite, uma amiga estava connosco, uma amiga que nesse dia tinha entrado em contacto com um daqueles membros desgastantes da família que sugam por completo o sangue da vida sob uma queixa lamurienta de devido afeto familiar. A nossa amiga estava por completo exausta: e os Invisíveis deram-lhe alguns conselhos.

«Não leveis a peito as personalidades desgastantes», disseram eles.

«Deixai-as pender tão pesadamente quanto quiserem sobre o vosso corpo, mas não sobre o vosso espírito. Este está requisitado para outro trabalho. Pensai nelas como arranhando apenas a

superfície. Manter-vos-á incomensuravelmente mais livres e conservará a vossa força. Separai-vos deliberadamente antes de as enfrentardes. Dai-lhes o vosso corpo para brincarem. Experimentai.»

«Já experimentei», disse a nossa amiga.

«Sim, experimentaste. Mas deves sempre preparar-te deliberadamente com antecedência, porque de outra forma é difícil para um lado de ti não ser influenciado pela exaustão do outro.»

«Esqueceis-vos de que na terra os nossos espíritos e a nossa carne estão intimamente tecidos uns com os outros», lembrou-lhes ela.

«Esse é precisamente o meu ponto», disse o Invisível. «Desligai-os, como o telefone, temporária e deliberadamente. Não se pode fazer isso quando as vibrações entre vós já estão estabelecidas. Deve ser feito antes. A predeterminação é uma arma poderosa, pouco apreciada. Ficarias surpreendida ao ver como funcionaria. Usai-a mais.»

«Estão a tentar mostrar-me como nos podemos proteger...», interveio a Betty. «Isso está muito bem, mas não estais a ser suficientemente definitivos. Como se pode deixar a consciência num nível e andar a caminhar noutro? (em tom de queixa). Isso não faz sentido!»

«Deixai a vossa consciência em repouso num nível mais elevado do que as vossas funções físicas», disse o Invisível. «O espaço intermédio absorve as vibrações deteriorantes — vibrações servirá — agindo como uma espécie de vácuo, como uma garrafa termo.»

«Há uma boa ideia aí, mas é vaga», disse eu. «Sejamos definitivos. Postulemos a Sra. B., uma maçadora, uma depauperadora da vossa vitalidade; mas, mesmo assim, alguém que estais moralmente obrigados a ajudar.»

«Vede a coisa pelo lado inverso», sugeriu o Invisível. «O efeito da vossa atitude será o de retroagir sobre a Sra. B.»

«Consigo ver a Sra. B.», disse a Betty. «Esqueceu-se de tudo o que queria dizer, perdeu o poder sobre ti. Entrou no amortecedor de choques, na parte do vácuo.»

«Em efeito, é uma arma de defesa, uma superioridade de armas com a qual deveis experimentar a fim de acreditardes que pode ser demonstrada. Experimentai. Não contempleis a vossa parte nisso em relação a ela; ocupai-vos em manter o vosso amortecedor de choques.

E vigiai as vossas predeterminações. Os dias maus não devem ser maus antes de começarem. Colocai a vossa consciência na prateleira — o nível acima — antes de sairdes todos os dias. Precisais de mais preparação para vós mesmos.»

CAPÍTULO XXVI

Simpatia

Embora o que precede seja certamente verdade, devemos vigiar a nossa interpretação do mesmo. A sua prática poderia facilmente descambar para um egocentrismo egoísta, uma falta de simpatia para com o ponto de vista do outro, — o que se poderia

chamar um conservadorismo espiritual. Acautelai-vos com tal interpretação. Trata-se simplesmente de que, quando saímos ao encontro do mundo, após termos tido mais ou menos desenvolvimento na solidão através do contacto espiritual, da ligação com as forças maiores, devemos ser capazes de nos proteger. Caso contrário, logo cairíamos de volta no antigo turbilhão. Despojámo-nos da nossa antiga carapaça de tartaruga da indiferença, do antagonismo, do espírito de clã e de todas as outras proteções do mundo: devemos, em compensação, dominar esta outra salvaguarda ou seremos despedaçados.

Mas não há no mero isolamento nenhuma construção no sentido do serviço, da circulação espiritual. Não há sequer a consolidação do «faze-o-assim». O isolamento é meramente um meio para um fim, uma ferramenta para usar, uma coisa do instinto de sobrevivência. É frequentemente muito necessário. Mas nunca é mais do que um começo.

«O vosso primeiro processo de isolamento deve tornar-se automático», aconselharam-nos eles, «para que a vossa atenção não fique absorvida por ele, mas esteja inteiramente livre para se focar na vossa fé genérica de dar todo o primeiro socorro espiritual, simpatizando com o vosso coração e não julgando com a vossa mente. Há uma maneira muito errada de o fazer: que é isolarmo-nos e ficarmos simplesmente aí. Isso é irritante e egoísta e muito agravante para o problema. Nada poderia ser pior.»

Com isto qualquer um de nós concordará que tenha encontrado a superioridade branda e vazia que parece dizer: não vamos discutir isto porque, com certeza, não compreenderias.

O antídoto é a simpatia. Infelizmente, simpatia é uma daquelas palavras bolorentas — ou pelo menos tem manchas de bolor. Nada é mais irritante para a média da humanidade do que a falsa espécie de simpatia, mesmo quando esta é totalmente sincera: a espécie de simpatia que é sentimentalmente piegas ou volúvel, ou ostensivamente «cristã». E não é melhor aquela que

tenta «partilhar as vossas provações e desgostos»: que entra tão completamente no vosso incómodo ou perplexidade ou desgosto a ponto de o adotar; de o fortalecer; — e talvez acabar por se encostar a vós em busca de conforto!

A verdadeira simpatia — a espécie útil — é uma coisa inteiramente diferente. Quando foi mostrada pela primeira vez à Betty, ela não a reconheceu.

«Não compreendo o aspeto deste desgosto», disse ela. «Daqui o sofrimento parece apenas um INGREDIENTE da vida. Não me parece que consiga captar isso. Não sei com o que comparar. Tenho tanto medo de perceber isto mal. Parece um ácido puro.

De onde estou, o sofrimento parece apenas uma grande massa de trabalho que tens de te forçar a atacar e, pouco a pouco, diminuir, transmutar, consumir, — não consigo compreender porque é que isto não me deixa MAIS COMPADECIDA. É tão diferente da maneira como sempre me senti antes. Sinto-me profundamente responsável e zelosa, mas o sentimento tem uma proporção curiosa.

Estou a despender a minha energia numa dada razão. Em lugar de despender a minha atenção a compadecer-me de ingredientes não harmonizados; associo-me, junto forças com a proporção infinitamente maior, a maior harmonia. Espera, espera! Tenho de investigar isto! É tão diferente da maneira como sempre me senti; passei a vida a ter pena das pessoas.»

«Se fazes apenas isso», disse o Invisível, «é como sentares-te com uma pessoa doente e simpatizares com ela, em vez de ires buscar o Grande Médico que a poderia curar.»

«Não gosto disto — é tão intrigante», queixou-se a Betty. «Estar mesmo ali no meio delas e ter pena não me leva a lado nenhum; e não as leva a elas a lado nenhum.»

«Há um todo», o Invisível retomou o argumento. «Há nele um pequeno ponto de discórdia, chama-lhe desgosto. Depois há todo o resto, a maior proporção de harmonia. Se conseguires sair da zona de ação desse pequeno ponto para a harmonia maior, não te tornas distantemente superior e sem simpatia — a atitude do tu não compreendes; a culpa é tua —, mas tornas-te profundamente responsável e adquires poder para agir, poder para transmutar. É uma necessidade. Ages sobre ele e voas para ele avidamente com algo maior do que a vulgar simpatia de compaixão, porque é uma simpatia dadora de vida, uma simpatia de reforço.

Ages quase famintamente sobre esse desgosto, absorvendo-o com a maior proporção de harmonia. Mas deves sair dessa zona de ação mais pequena a fim de teres alguma utilidade. É a razão na qual podes dar. Quanto mais vives e te alias à maior proporção de harmonia, mais te podes identificar com ela e dominá-la — e utilizá-la, mais podes promover os seus fins de se tornar plena e de absorver o ponto de desarmonia.»

«É tão importante correr sempre a buscar ajuda em vez de ficarmos apenas sentados a ter pena», acrescentou a Betty. «E não é egoísmo ter a vida centrada nessa proporção maior. Isso é estranho; parece que tens de passar de alguma forma essa fase do desgosto para a outra a fim de o conteres simpaticamente. Engraçado como agora podes ser ativamente zelosa por elas — algo mais ativo do que ter pena — sem deixares que elas te debilitem. É o isolamento de novo, para que possas agir sobre elas. Há um sentimento de convicção na plenitude última; de que com o tempo e os teus esforços ávidos podes harmonizar o todo e eliminar o ponto.

Oh, meu Deus!», disse ela de repente. «Não quero ir! Mas tenho de ir! Estou a cair tão subitamente!»

«Esse é o novo elemento em que eles me introduziram gradualmente sem eu o reconhecer. Ainda não comecei a explorar

o poder da aliança. Tenho apenas de obter perceção suficiente para querer viver nele.»

«É tão simples», assegurou o Invisível. «Qualquer atmosfera em que te coloques, tu absorve-la inconscientemente, seja musical, artística ou o que for. Se viverdes nesta atmosfera espiritualmente harmoniosa, esta proporção maior, se desenvolverdes a capacidade de viver nela, ela começa a retroagir sobre vós, a fortalecer-vos, e dá-vos um alcance para lá de tudo o que alguma vez sonhastes. Por isso, embora estejais compadecidos, estais fortemente compadecidos, não chorosamente compadecidos.»

E neste vislumbre vemos a unidade de ideias que corre por trás de tudo isto, o isolamento, o centrar da consciência no nível mais elevado, o manter-se fora da zona de ação a fim de se estar com as mãos livres e com o coração aberto na prestatividade.

«A simpatia é a chave para tudo isso», acrescentaram eles. «A simpatia não é piedade: mas sim compreensão e, depois, importar-se com isso.»

CAPÍTULO XXVII

Enfrentar a Não Recetividade

1. EVITAR A CAPTURA

As coisas que temos estado a considerar são bastante simples na teoria; mas estão longe de ser fáceis de realizar. Não importa qual seja a nossa boa vontade, por vezes é quase impossível evitar a irritação, a raiva, até mesmo a hostilidade obstinada. Por mais que tentemos, encontramo-nos — toda a nossa consciência — lá em baixo na zona de ação do outro, a lutar com ele no pó, usando as velhas armas e saindo vencedores ou vencidos de acordo com a nossa força bruta.

Mas, quer vencedores quer vencidos, abalados nas nossas partes mais finas! Mesmo depois de conseguirmos que isto funcione razoavelmente bem nos assuntos comuns da vida de todos os dias, o «dever» ou o afeto fazem-nos tropeçar. Não é fácil. Seremos derrotados quase tantas vezes quantas as que venceremos; mas isso não é razão para não continuarmos a tentar. O ato de evitar é ainda pior do que o fracasso. Não vale de nada adquirir estas coisas a menos que elas consigam resistir ao teste do viver. Na verdade, são piores do que inúteis, pois ter-nos-ão apenas tornado sensíveis sem nos terem tornado fortes.

«Sempre que encontro uma pessoa difícil», disse a Betty, «surge a necessidade de usar essa combinação com o espiritual. Mas quando a irritação, devida àquilo a que poderias chamar a minha miopia, toma posse de mim, fecho-me deliberadamente na altura da necessidade; precisamente quando deveria usar a combinação para me agarrar ao problema — para superar a velha maneira míope. No momento do teste, entrego-me à parte do mecanismo humano, afundo-me inteiramente nisso, largo todo o suporte do outro. Digo para mim mesma: este é um caso para esta e aquela ação definida; o que é que a expansão ou a consciência espiritual podem ter a ver com isto?»

Ela estava manifestamente impaciente com algum fracasso do dia anterior: irritada com o facto de uma pequena complicação com uma pessoa insignificante a ter perturbado.

«Sempre que me sentir irritada ou desviada ou contrariada», resolveu ela, «pensarei em mim mesma como estando em perigo de captura por uma força inferior. Em vez de me cortar das minhas forças de reforço, tentarei utilizá-las em momentos comuns como esse, e não guardá-las para grandes e nobres ocasiões.»

«Tentar combinar o ideal com o mecanismo prático é muito difícil, porque eles foram sempre desenvolvidos separadamente», observou o Invisível. «É útil, sempre que acontecem coisas

provocadoras, olhares para ti própria dessa maneira: como estando em perigo de ser a vencida em vez de a vencedora, a capturada em vez de a capturadora.

Cada vez que pontuas, é uma contagem definida; não é apagada. É como adquirir algo; torna mais fácil o que estás a fazer. É uma grande ajuda cada vez que te manténs firme e não és capturada.

Mas quando olhas para o lado da derrota, é como os juros compostos. Da próxima vez terás de superar esta vez, e o fracasso que ficou para trás, e o anterior a esse. Não admira que sejas apanhada! Um pequeno sucesso iniciar-te-á. Não importa, contudo, quão firmemente te agarres à tua combinação com a força maior; não te fará muito bem se a largares de cada vez. Agarra-te apenas; e alcança um pequeno sucesso, um patético pequeno sucesso. Ele conta; ajuda tanto!»

2. A VISTA DE OLHOS DE PÁSSARO

Outra sugestão útil foi a de que deveríamos tentar, tanto quanto possível, olhar para as personalidades dissuasoras não como indivíduos, mas como pertencendo a uma unidade, a um todo, a um nível de consciência: e quando pensardes nelas como indivíduos, pensai nelas como deformadas, desproporcionadas, erradas, se for preciso; mas sendo-o não por causa da sua malícia ou intenção pessoal, mas por causa deste elemento distorcedor no qual elas têm o seu ser espiritual. Para o dizer de outra maneira, elas veem as coisas erradamente não porque olham de viés deliberadamente, mas porque a sua falta de desenvolvimento lhes fornece essa espécie de lente.

«A consciência para a qual olho de cima», disse a Betty, examinando isto, «é uma espécie de formação, uma massa que se tornou uma unidade, como um elemento penetrante. E o efeito que esse único elemento tem é fazer com que os problemas terrenos pareçam todos da mesma maneira. Por isso, nunca estou a lidar com um indivíduo excêntrico ou enfadonho ou

irresponsável, mas com eles como um todo em luta, com tendências em vez de pequenas idiossincrasias. Sou sensível à luta subjacente, onde todas as pequenas características de superfície não são tão obstrucionistas como costumam ser. Reduzi essa superfície a uma espécie de desmaterialização; ela desapareceu e consigo ver o que está por baixo. Isso consegui fazê-lo porque olhei para a coisa desta maneira maior e em massa, em vez de individualmente. Não o consigo traduzir.»

«Estudai as causas, não os efeitos», concluiu o Invisível. «Dai compreensão àqueles que sofrem de pobreza de visão. Não vos preocupeis com os sintomas da sua doença, por mais irritantes ou obstrucionistas que sejam. Cada vez que o hábito vos arrasta para baixo para vos focardes apenas nos resultados, sintomas, efeitos, em vez de numa perceção mais profunda e elevada, estais a retardar o vosso próprio desenvolvimento, bem como a agir no papel do avarento.»

3. O TRANSBORDO

A importância de viver realmente tudo isto, de o fazer assim, foi-nos incutida uma vez da forma mais categórica. Durante alguns dias não conseguimos entrar em contacto com ninguém; parecíamos completamente abandonados.

«Quando não vimos», explicaram finalmente, «é um sinal para voltardes para trás e considerardes algo que foi deixado incerto. O fluxo do vosso caudal está obstruído. Uma grande responsabilidade está agora sobre vós; crescentemente pesada à medida que a vossa perceção cresce. A menos que harmonizeis o peso, isto é, que carregueis apenas a vossa parte dele e erguerdes o resto para nós, não estais a ter sucesso. Carregai a vossa parte e responsabilidade.»

A Betty pausou durante algum tempo para contemplar o que eles ofereciam.

«A parte não assimilada que me fez recuar», disse ela finalmente, «foi o facto de eu ter meramente reconhecido o peso deprimente da cegueira das pessoas, sem qualquer força de desejo de servir, sem qualquer tentativa de as circundar mentalmente, de as unir a uma força mais elevada, de trabalhar sobre elas através das leis espirituais. Nos meus pensamentos, passei por elas sem as ajudar. Até ter isto tudo limpo, não posso fazer mais nada.

Ali estão elas: o Y., cuja vida me dava arrepios, e o X., que me feriu os sentimentos, e o velho Verme — estão todos ali, e eu afastei-me deles. Pensei neles como travando o fluxo do meu caudal. Isso foi apenas o meu próprio ponto de vista. Eu deveria ter transbordado.»

Ela considerou isto mais a fundo.

«Mas», objetou ela, «toda a minha admiração desapareceu, todo o sentimento dessa espécie. O que é que eu lhes deveria dar? O que é que há que eu LHES POSSA dar?»

«Dai generosamente da vossa vitalidade espiritual», disse o Invisível. «É disso que elas estão famintas. Entra na consciência de alguma forma e dá-lhes uma ténue perceção. Não vos fecheis nem vos afasteis. A indiferença é tão terrível. Fecha-se sobre vós como um nevoeiro. Tateais e lutais. Fazeis esforços constantemente renovados. Abris caminho de luta para o sol outra vez, onde conseguis ver claramente mais uma vez e há alguma alegria no fazer. Depois, quando o ressentimento rápido e pronto surgir em relação às pessoas, lembrai-vos de como era quando estáveis nesse nevoeiro.

Todo o vosso coração estará voltado para ajudar as pessoas. Isso é o mais difícil de tudo quando não há resposta. Mas deve ser feito apesar da falta de realização visível.»

«Estou a olhar para isto», disse a Betty, «para ver como se procede para erguer este peso morto.»

«É feito por ação química novamente. Não podeis simplesmente dizer: Pobre criatura, tenho fé que ela vai obter ajuda. Vou erguê-la nos meus pensamentos. Isso não serve de nada; isso está fora de vós. Tem de haver força suficiente em vós para enviar algo à pessoa, algo que transborde da vossa própria convicção, que tenha vitalidade suficiente para chegar até ela. Se não for suficientemente grande e forte, só fica a meio caminho e depois é devolvido pela não recetividade da outra pessoa. Deve ser uma espécie de aríete. Deveis fazê-las sentir, não qualquer virtude crítica da vossa parte, mas sim fé na sua própria força. É a ideia de expandir algo da sua própria força para a Grande Força sobre tudo.»

«Eu sei», admitiu a Betty, «mas tens de tornar isso prático. Imagina-me a tentar expandir...!»

«A tua atenção está toda concentrada naquilo que ele NÃO PODE fazer. Se estivesse concentrada naquilo que ele PODERIA fazer, talvez ajudasse. Vigia-te», admoestou o Invisível.

«Esse é o ponto», concordou a Betty. «Deixamos que estas personalidades não recetivas e desequilibradas obstruam os nossos caudais, em vez de desenvolvermos uma vitalidade superior e transbordarmos sobre elas. É muito difícil de fazer quando és sensível às pessoas. A não recetividade e a falta de equilíbrio parecem tão feias! Ugh! Como uma espécie de malformação petrificada! Parece que é uma perda de tempo lançarmo-nos sobre essas!»

«Se realmente acreditais no poder químico-transmutador do espírito, isso pode ser feito», asseguraram eles. «Mas não podeis acreditar nisso sem o usardes. Não o podeis manter fechado num armário de tesouros da mente. Deve ser colocado na sua utilização pretendida: a recriação.»

«Isso está tudo muito bem, mas...», começou a Betty.

«Se esperais espalhar os nossos ensinamentos», interrompeu o Invisível, «deve haver este passo seguinte, esta aquisição de poder para superar não apenas a vós próprios, mas aos outros, pelo mesmo método. Não o estais a fazer sozinhos se utilizardes a lei espiritual.»

CAPÍTULO XXVIII

Conflito

1. AUMENTAR A PRESSÃO

Nove em cada dez vezes os métodos que temos estado a considerar provar-se-ão eficazes. Mas por vezes não são suficientes. De vez em quando a oposição provar-se-á demasiado forte e teremos de recorrer a medidas mais drásticas.

«As pessoas não vão longe o suficiente contra a não recetividade», disseram os Invisíveis. «Têm pouca coragem espiritual. Deveis ter a força tanto para a superar como para registar a vossa própria convicção — e essa deve ser uma convicção genuína ou não terá peso. A força com que dais determina o que eles receberão, pois eles conseguem obter apenas uma pequena percentagem do que é enviado.

Isto nunca pode ser feito de forma perfunctória, pois tendes o dobro da pressão a enfrentar do que quando lidais apenas convosco próprios. Deveis duplicar a pressão quando trabalhais com outros.»

A Betty caiu num silêncio tão prolongado que perguntei o que se estava a passar.

«Estou a trabalhar arduamente; deixa-me em paz», objetou ela. «Estou a estudar como superar a oposição que encontramos, à qual eles chamaram não recetividade. Sereis sempre devolvidos a vós próprios se não souberdes como superá-la.»

«Duplicai a pressão», repetiu o Invisível. «Na não recetividade combateis também o vosso próprio pensamento frustrado. O vosso próprio impulso frustrado deve ser revitalizado para penetrar a resistência que eles oferecem.»

«Consigo vê-los ocupados a erguer uma defesa, como se temessem ser assaltados», relatou a Betty. «Toda a força deles está nessa defesa; toda a atenção deles está nela. Não há nada para receber uma impressão da tua parte. O que podes fazer? Podes lutar até ao fim se quiseres; mas é um tal desperdício. Limitas-te a despertar uma maior ação defensiva ao longo das linhas de menor resistência. Estás apenas a chocar sem qualquer propósito.

Isto é difícil de captar. Deixa-me tentar.

Aqui estou eu. Quero influenciá-lo. Estou a tentar, mas a resistência é demasiado grande; é impenetrável. Oh, estou a mudar de armas!»

«Opõe-te ao início com toda a tua força», interveio o Invisível. «Esse primeiro ímpeto de força opositora é muito importante porque preserva o teu próprio impulso, evita que ele entre na zona de ação da força opositora. Isso segue a lei natureza do instinto de sobrevivência.»

«Isso certamente é muito importante», concordou a Betty. «É estabelecer o teu próprio padrão a fim de passares através da zona de ação deles rápida e vigorosamente, antes de te veres envolvida nela.»

«Mas depois deves converter as tuas armas em armas espirituais», alertou o Invisível.

Houve uma pausa enquanto a Betty estudava o problema.

«O método deles é tão diferente do nosso!», exclamou ela finalmente. «Eles não se limitam a encarar uma coisa de frente e a atacá-la obstinadamente face a face. Usam uma espécie de libertação mental — destapam-se, aumentam a sua capacidade. Não há nisto a ideia de nos soltarmos e sermos superiores e sem

simpatia; eles mantêm sempre o contacto simpático com a força opositora. Mas a ideia é gerar algo muito maior e superior, uma espécie de algo refletido ou emprestado, que eles possam devolver e com isso sobrecarregá-la.

É dessa maneira que eles conquistam uma coisa, que trabalham nela, do lado de lá. É uma maneira bastante emocionante e fascinante porque há tanto entusiasmo nela; é a maior caçada do mundo.»

«Basta destapares-te», concluiu o Invisível, «e algo lá dentro evapora-se, por assim dizer — regressa à sua fonte. É uma ação simples, normal. Limita-te a não te manteres arrolhado. Lembra-te: aberto no topo!»

2. A SIMPLIFICAÇÃO

Uma vez obtido um início desta maneira, o nosso cuidado seguinte deve ser o de não nos deixarmos apanhar numa discussão sobre detalhes não essenciais.

«Agarrai-vos bem», aconselharam os Invisíveis, «e não digais muito; pois as palavras confundem-nos e eles têm de começar a combatê-las. Digais apenas o suficiente para dirigir a atenção deles. Fazei-os sentir a vossa atitude de mente e, especialmente, convencei-os da vossa falta de antagonismo, da vossa convicção de que a harmonia é possível entre vós. Atraídos para fora da sua própria base, não encontrando oposição ou antagonismo do tipo que esperam, há uma oportunidade de incerteza e recetividade suficientes para vos permitir despertar uma nova perceção.

Agora exponde com toda a força das vossas convicções o problema simplificado tal como o vedes. A força e a simplificação

são necessárias para recriar a vossa visão para os outros. Tendes de erguer o nível de toda a coisa pela força da vossa própria visão mais ampla, a qual adquiristes pela eliminação das mesmíssimas coisas em disputa. Nunca fraquejeis nem vos disperseis neste ponto dando ouvidos à visão distorcida deles.

É por uma atração da atenção do pervertido para o saudável que deveis tentar. Trazei para a frente em afirmações claras a vossa atitude de mente, aproximando-vos da deles apenas depois de moldar e afirmar definitivamente a vossa. Tendes então feito um quadro contrastante, uma forma de mente, e podeis aproximar-vos com segurança da deles com o propósito de a reajustar.

Em qualquer pequena aplicação, tentai expor simpaticamente as duas formas de mente contrastantes, formas de pensamento; expondo a do outro primeiro, talvez, tal como a vedes, seguida por uma criação de todo o coração da vossa. E sempre, na forma contrastante de tratamento, o fermento da simpatia e do encorajamento que a fará funcionar. De outra forma não funcionará. Incompleta, torna-se meramente antagónica e falha. Aliada a uma ação circundante simpática, menos a raiva, funcionará. O grande problema são as meias receitas, as meias verdades.

E não disputeis. Afirmai a pureza dos vossos objetivos, a qual reaparecerá nos momentos mais calmos deles e se entranhará. Eles lembram-se agora apenas das palavras irritadas da disputa. Fazei a vossa própria forma de vida para apresentar em contraste com a deles. Essa é a única maneira. A força da vossa visão deve entrar. Deve ter força e energia e beleza.

Concentrai-vos em dois pontos: realidade na criação da vossa forma e ação circundante que envolva com uma atmosfera harmoniosa ao atacardes a deles. Despreocupai-vos com o resto.

O mundo e todos estes poderes espirituais estão alinhados como dois lados de um grande jogo, e quando enfrentais todo esse

lado fervilhante que é o mundo, perguntais-vos como podeis entrar nele e não serdes arrastados para baixo e perdidos. E então esta grande arma é colocada nas vossas mãos, este processo de simplificação, que vos mantém na cadeira acima da multidão, tocando-os por um momento ao atrair a atenção deles.»

3. A LUTA CONSTRUTIVA

Em última análise, é a natureza da nossa própria atitude interior que determinará o valor dos nossos esforços. Como todos sabemos, a nossa vida diária é normalmente uma luta, uma série de oposições. Mas uma atitude persistente de serviço pode transformar o conflito de forma quase milagrosa.

«Se lutais para ganhar as pessoas», declarou o Invisível, «em vez de para ganhar resultados à custa delas, deve tornar-se uma luta de aquisição.»

«Não é estranho!», exclamou a Betty. «Não lutas para repelir ou subjugar — isso é apenas uma vitória temporária e ganha a meias. Desta maneira andas por aí a adquirir pessoas. É uma espécie de luta absorvente, aquisitiva, libertadora. Seria como tirar prisioneiros e instalá-los em liberdade.

Fazes certamente um esforço para os conseguir; tu lutas por eles. Isso é muito divertido, andar pelo mundo a absorver pessoas para o teu lado. É uma maneira engraçada de lutar. Mas é uma LUTA, uma luta distinta. Sim, é uma luta grande e grandiosa. Exige tanta força superior da tua parte.

É tão importante livrarmo-nos da ideia de destruição ligada à luta; e substituir por uma luta construtiva, duplicando a força e a virilidade da mesma, eliminando todos os antagonismos. Isso é uma coisa curiosa de se fazer!»

«É como o lutar para salvar alguém de se afogar», explicou o Invisível. «Combate-los com força, mas sem antagonismo. Muitas vezes as pessoas falham em boas lutas porque se cortam das forças de reforço através do antagonismo.»

«Espera aí», pedi eu. «E quanto à indignação justa? Cristo e os cambistas?»

«Certamente», reconheceu o Invisível. «Foi uma força purificadora. Isso é necessário; muito necessário. Mas há uma diferença entre ter o vosso poder motor feito de ódio ou de pequenos antagonismos e ter o vosso poder motor feito de uma grande coisa construtiva que requer uma destruição purificadora.

Não há muito tempo afirmámos que, ao enfrentar a não recetividade, a primeira reação por vezes deve ser uma oposição rapidamente gerada a sermos incluídos na sua zona de ação. Bem, isso muitas vezes resulta naquilo a que chamais indignação justa. É uma exposição instantânea dos vossos próprios padrões em oposição aos de uma ordem inferior e destrutiva.

Isso faz parte da grande luta e é uma LUTA REAL! Mas a totalidade da vossa atenção, a FONTE da vossa força está na reconstrução, não nos cambistas em si mesmos. Eles representam apenas a resistência que tendes de superar.»

«Consigo ver o choque», acrescentou a Betty, «mas a grande ideia paira por ali e não exige a gratificação mesquinha que outros choques exigem.»

«Não vos enganeis quanto à luta», alertou o Invisível. «É o grande conflito sem antagonismo. As grandes coisas da vossa guerra foram feitas mais com a atenção fixada na liberdade do mundo do que pela força do ódio aos alemães. Há uma diferença na força que explorais e nos canais que abris para a transportar quando lutais por uma causa, primordialmente, e não contra um povo.»

4. A GRANDE FÓRMULA

«Não vos esqueçais de como o fazeis: através da força do desejo de servir, através de uma vigorosa ação circundante, através de uma fé transbordante, através da visão da realidade, através da união com a lei e o propósito espiritual, através da

compreensão da tentação e da resistência, através do engrandecimento para cada um da sua própria alma. Através de tudo isto encontrais o vosso caminho para a compreensão da vida divina.»

PARTE III

APÊNDICES

APÊNDICE I

A Técnica da Comunicação

1

Devemos pressupor que a fonte de todo este material é uma questão que cabe a cada um decidir por si mesmo. Pode originar-se na Betty — caso em que ela é uma maravilha maior do que qualquer um de nós supunha. Ela pode, através deste mecanismo, explorar alguma fonte ampla de sabedoria, algum reservatório, alguma «mente universal». Ou, neste estado de consciência dividida, ela pode entrar em contacto com a «consciência da raça», a experiência armazenada ou acumulada da humanidade. Ou, finalmente, a fonte pode ser aquilo que pretende ser: inteligências desencarnadas distintas. Cada um é livre e bem-vindo para adotar qualquer hipótese que lhe agrade.

Mas o material está aqui: não existia antes como uma coisa formulada, nem nas nossas mentes nem nas nossas leituras.

Chegou até nós — e ainda chega — da maneira que expus. Isso é um facto indubitável.

2

Assumindo a fonte como proveniente de inteligências invisíveis, a técnica da comunicação é uma especulação fascinante. Cedo na caminhada tornou-se abundantemente evidente que não é algo tão simples como falar ao telefone. No início houve inconsistências nas afirmações; por vezes, falsas declarações diretas e contradições. Houve trivialidades ou absurdos irrelevantes. Houve falhas absolutas em dar respostas simples a perguntas simples. Era quase impossível obter qualquer explicação adequada para estas coisas. Foi necessária uma fé e perseverança consideráveis para não termos desistido por desgosto.

À medida que o tempo passava, chegámos a várias conclusões próprias; e, ainda mais tarde, foi-nos dito um pouco.

Antes de as abordar, quero repetir o que foi dito no corpo principal do livro: que toda esta questão da comunicação parece estar ainda num estado altamente experimental, de ambos os lados. Fomos repetidamente assegurados disso pelos próprios Invisíveis, e vimo-los muitas vezes começar, testar e abandonar diferentes métodos e expedientes. Em resposta a perguntas diretas, foi-nos dito uma e outra vez: «Sabemos pouco mais sobre isto do que vós: estamos a experimentar.» Assim como apenas certas pessoas aqui são sensíveis, também aparentemente apenas certos especialistas do lado de lá possuem o conhecimento, o treino ou o equipamento especial para manipular o processo. Aqueles menos habilitados, menos conservadores, mais inclinados a tentar de qualquer maneira, são propensos a errar tanto no método como no conteúdo.

Quando se vê o lápis a mover-se na escrita automática, ou se ouve a voz na comunicação falada, fazem-se perguntas na expectativa de receber uma resposta simples e direta, como se a

inteligência desencarnada estivesse de facto a segurar o lápis com pleno controlo, ou estivesse a falar como quem fala ao telefone. Exceto no que toca às ideias mais simples, tal precisão raramente ocorre.*

Ordinariamente, quando se pressiona por uma afirmação concreta de um facto, ou por uma descrição detalhada de condições, obtém-se ou uma evasiva, ou a garantia categórica de que a coisa é demasiado complicada ou difícil para ser contada, ou então os detalhes requeridos são dados mas são desajeitados, absurdos ou contraditórios com o que foi dado noutros locais através de outras estações com pelo menos igual autoridade. Até um simples sim ou não é difícil de extrair.

** Estou a escrever sobre a experiência média.*

Isto é especialmente verdadeiro no que respeita ao tipo de coisas pessoais; que é a abordagem habitual a estes assuntos supernormais — não sobrenaturais. Se o investigador se fixar nisso, fica num beco sem saída. Pode servir perfeitamente como um início: mas apenas como um início.

Mas se alguém parece estar a manipular um lápis, ou a falar diretamente através da voz de outrem, e se esse alguém reivindica a identidade de um amigo; a nossa primeira exigência é que ele prove essa identidade. Como se pode fazer isso da melhor maneira? Naturalmente, pedindo-lhe que recorde algo que ambos sabemos. Se ele for o que pretende ser, deveria ser capaz de se lembrar — e descrever — do velho moinho junto ao lago onde costumavam ir nadar juntos. E como estamos interessados nele, provavelmente quereremos saber algo sobre as suas condições e arredores atuais. Por isso, perguntamos-lhe isso.

O que é que se obtém? Quanto ao velho moinho, insinuações, meias pistas, pequenos fragmentos, abordagens oblíquas. Raramente algo direto e satisfatório. Os registos das várias sociedades de investigações psíquicas estão cheios destes esforços lentos, minuciosos e tateantes para fazer passar mensagens

«evidenciais». A sua síntese para algo que possa ser sequer uma aproximação à satisfação é um trabalho para especialistas.

Quanto ao vosso desejo de saber algo sobre as condições de existência do vosso suposto amigo, uma de duas coisas: ou uma afirmação vaga de que são tão diferentes das vossas que não podem ser descritas; ou uma tentativa temerária de um quadro que é redondamente inconsistente com o que outra pessoa terá dito através de alguma outra estação.

Mesmo se algo disto vos impressionar como indo para lá da coincidência; se vos sentirdes encorajados a continuar porque parece haver ali o germe de «qualquer coisa», para quê todo o aparato, a luta e a insinuação? Porque não dizê-lo, com todas as letras?

Tudo isto é bastante duro para o bom senso. E se, como frequentemente acontece, vos vedes subitamente como objeto de atenção pessoal por parte de Júlio César, ou de Napoleão, ou de William James — este é um favorito —, então a vossa modéstia inata é muito provável que se dê as mãos com o vosso ceticismo. Parais por completo no vosso caminho. Vós sois justos.

Pode haver ali algo, reconheceis. Há um resíduo que não conseguis explicar. Mas mesmo que seja genuíno, é demasiado pouco fiável. Como podeis saber o que aceitar e o que não aceitar? Como podeis ter qualquer garantia do valor daquilo que vos é transmitido? E se aquele a falar é o John, ele deve ter piorado terrivelmente da sua mente.

Essa, creio eu, é a reação de qualquer homem que não tenha já a vontade de acreditar. Teria sido com toda a certeza a minha, não fora o facto de que, mesmo nos primórdios do ensinamento propriamente dito, parte do que obtivemos era direto, lógico, progressivo e com propósito. Isto guiou-nos até que as confusões desapareceram.

3

Mas uma vez que elas desapareceram e a genuinidade se estabeleceu — pelo menos para nós —, então era um pensamento lógico que dificuldades semelhantes, as quais tinham causado o abandono noutros casos, pudessem ser do mesmo modo uma máscara para algo real. Se assim fosse, valia a pena especular sobre elas. Pensei muito nelas; e observei a Betty em ação; e desenvolvi uma teoria provisória que se ajusta bastante bem aos factos do nosso próprio caso. Provavelmente precisará de muita modificação em detalhes; mas continuo a acreditá-la basicamente sólida em princípio.

Eis o que concebo que acontece:

Os Invisíveis não têm poder DIRETO para manipular a nossa substância física, embora por vezes possam parecer fazê-lo. A sua capacidade para fazer levitar mesas, por exemplo; ou para mover um lápis na escrita automática; ou para nos dar solavancos nos membros; ou para parecer que falam pelo controlo direto de outrem, depende inteiramente da sua capacidade de impressionar uma ideia numa parte da mente da estação. Essa parte da mente da estação, por sua vez, manipula o mecanismo físico necessário de modo a aproximar o resultado desejado. Esta regra concebo-a como invariável.

Ora, o mecanismo físico que é assim manipulado por uma parte da mente da estação em conformidade — mais ou menos — com a ideia nela impressionada, não é necessariamente o sistema muscular familiar. Tomemos o caso comum do movimento de mesas ou da levitação ordinária. As experiências do Crawford, Schrenck-Notzing, do De Rochas, do Crookes, do Flammarion, do Gustave Geley e de outros mostram que isto é realizado por uma projeção daquilo a que chamaram ECTOPLASMA, uma emanação física do corpo da estação, capaz de considerável extensão e rigidez, talvez capaz de transportar força como um fio conduz eletricidade. É por meio deste ectoplasma que as manifestações ocorrem.

Posso apressar-me a acrescentar que a sua ocorrência não implica *per se* nenhuma intervenção de qualquer outra personalidade além da própria estação ou — telepaticamente — dos presentes. Nem a escrita ou a fala comuns o implicam. Trata-se meramente de um mecanismo físico, como a escrita ou a fala, embora não tão familiar para nós. Está disponível, como elas, para ser usado por aquela parte da mente da estação que recebe a intenção do Invisível. Não pode ser manipulado DIRETAMENTE pelo Invisível, tal como não o pode ser um lápis ou os órgãos da fala.

À parte da mente da estação com que estamos a lidar teremos de chamar subconsciente. Essa tornou-se uma espécie de palavra-caixote-do-lixo para onde despejamos tudo o que não compreendemos, mas terá de servir. Não se trata de uma mente distintamente separada do intelecto consciente. Ambas são uma única Mente. É a parte submersa, a parte abaixo do limiar. Em alguns, o limiar é mais elevado ou mais baixo do que noutros; e, do mesmo modo, o limiar pode ser erguido ou rebaixado através do esforço e do desenvolvimento. Esta parte subconsciente, genericamente falando, recebe a impressão, a ideia, a emoção, a inspiração, as quais eleva ao intelecto consciente para serem integradas na expressão. Ela faz exatamente isso constantemente na vida quotidiana. Por exemplo, é a sede dos nossos «instintos», como lhes chamamos. Esse aspeto do assunto foi tão minuciosamente tratado em tantas obras de psicologia que a elaboração é desnecessária aqui.

Ora, esta mente subconsciente é o único ponto de contacto com os Invisíveis. Eles não podem afetar o nosso eu físico nem o nosso ambiente físico exceto através dela. Faço esta afirmação em pleno reconhecimento de muitos fenómenos em aparente contradição. E assim como não podem intervir diretamente sobre nós fisicamente, também não podem intervir diretamente sobre nós no que toca à nossa parte conscientemente intelectual. Têm de impressionar o que querem no subconsciente submerso da

estação, o qual, por sua vez, relata essa impressão ao intelecto consciente para a expressão.

É exatamente nesse ponto que reside a dificuldade.

Assumamos um caso específico de um género aparentemente em desacordo com esta teoria. Um Invisível deseja comunicar em palavras diretas. O assunto, os detalhes dessa comunicação, são «preparados» de tal maneira que façam uma impressão no subconsciente da estação o mais precisamente possível. O método de impressão é um pouco obscuro. Foi-nos falado dele de várias maneiras.

«Gravar o meu pensamento no teu cérebro», foi uma tentativa. «Como te alcanço. Quanto mais claramente o compreenderes, melhor podes cooperar. Conta primeiro com a recetividade. Pressupõe a recetividade. Sem isso, há a mais ínfima probabilidade de sucesso. Conta a seguir com o desejo de ambas as extremidades. O registo é realizado por meio do emparelhamento de consciências sensibilizadas sobrepostas; algo parecido com a feitura de uma impressão a cores.

Grosso modo, a preparação geral que fazes ao admitires a possibilidade de comunicação é a sensibilização que admite a impressão a partir desta extremidade. Por esta razão, a preparação ou a busca SISTEMÁTICA é quase certa de assegurar resultados. A preparação das placas é a tua parte.»

Após a impressão ser recebida, ela deve ser traduzida. Isto é feito por aquela parte da mente que usamos constantemente na vida quotidiana, a parte intelectual. (Mas não, com certeza, com o conhecimento consciente da estação.) No caso tanto da escrita automática como da comunicação falada, ela está mais ou menos divorciada temporariamente do pensamento ativo consciente, de modo a que as palavras pareçam, e sejam, independentes da vontade da estação. No entanto, essa é a parte que faz a tradução. Tem de o fazer de acordo com o seu equipamento. Se o equipamento for limitado, a tradução é limitada.

Não se podem premir teclas de máquina de escrever que não existem. Deve acrescentar-se que na maioria dos seres humanos existe vastamente mais equipamento do que aquele que está sob controlo consciente num dado momento. O hipnotismo prova-o. Mas nada para lá desse equipamento pode ser expresso. Se for oferecida uma ideia totalmente fora dele, ou esta pode ser transmitida apenas parcialmente e por analogia, ou não pode ser transmitida de todo.

Considerai o caso de um solitário absolutamente analfabeto e que nunca viajou, abandonado em criança numa ilha deserta. Trazei à sua mente subconsciente uma impressão precisa de, digamos, a essência do transporte rápido moderno — motores, locomotivas, aviões — e exigi do seu intelecto um relato dessa impressão. Ele terá de a traduzir em termos das aves do céu, das feras do campo, dos peixes do mar ou dos seus próprios dois pés. Se alguém estivesse presente para receber esse relato, poderia obter uma analogia altamente poética, mas dificilmente muita ideia da realidade. E se ele tivesse acabado de chegar de uma outra ilha onde os carros de bois — e nada mais — fossem conhecidos; com a cabeça cheia de uma «revelação» autêntica de carros alados, ou de bois de uma rapidez incrível a respirar fogo e fumo, ele teria razão em erguer ambas as mãos e chamar a tudo aquilo uma farsa.

Esta questão da tradução pode ser concebida como uma dificuldade de base. Uma grande quantidade de distorção provém também daquilo a que chamamos «coloração», — a intervenção arbitrária, embora não intencional, da própria mente pensante da estação. Isso é bastante comum e é bem reconhecido. A mente apodera-se de um fragmento da impressão genuína e, por associação de ideias, galopa com ele nos sulcos do hábito, construindo a partir da experiência passada uma afirmação mais ou menos coerente que é genuína apenas num fragmento no início. No seu pior, resulta em completa falsidade. No seu melhor, modifica e distorce.

4

Examinemos agora o método aparente pelo qual estas ideias impressionadas são traduzidas pela estação.

Toda a gente está familiarizada com o tipo de mente que reage em frases convencionais a qualquer sentimento comum. Chamamos-lhes «lugares-comuns». É como tocar num botão: sabe-se exatamente o que esperar. Esse é o exemplo mais simples possível do que acontece. Certas ideias atraem automaticamente certas formas de expressão. Apresentai a ideia e a expressão segue-se. A Betty disse uma vez: «Estranho como caço palavras. Tenho um íman e a palavra adequada sobe.» Muitas vezes ela estala os dedos e grita impacientemente: «Precisa-se de palavra! Precisa-se de palavra!»

Na mente rudimentar unicelular — se tal puder ser imaginado — poderia haver apenas uma expressão-resposta, de modo a que a tradução de quaisquer certas ideias seria invariável, mesmo que inadequada. Mas, na realidade, até a estação com a mente mais simples tem em reserva pelo menos uma dúzia de palavras, qualquer uma das quais poderia servir, e todas se apresentam ao serviço, por assim dizer. Isso acontece na vida quotidiana. Quando isso acontece, temos, dizemos nós, de «fazer uma escolha de palavras». É a mesma coisa aqui, só que não há apenas uma escolha de palavras a ser feita, mas também o que se poderia chamar uma escolha de conceitos.

Em circunstâncias comuns, esta escolha é deixada pelos Invisíveis quase inteiramente à estação. Por vezes é feito deliberadamente, creio eu, a fim de fazer passar o essencial da matéria com o mínimo de dificuldade. Em nove de dez casos, contudo, na minha opinião, os Invisíveis não o podem evitar. O hábito humano de expressão é demasiado forte para eles. Conseguem fazer a impressão, mas depois a coisa foge-lhes. Isto é especialmente verdadeiro com estações não desenvolvidas ou parcialmente desenvolvidas, — pessoas que de repente descobrem

um lápis a escrever para elas e que aceitam prontamente tudo como evangelho o que lhes chega.

A sequência é uma corrida prematura para a publicação, com mais «discrepâncias básicas» e o consequente desconcerto e incredulidade. Pois quando a questão da tradução é total ou parcialmente deixada à estação, esta fica necessariamente tingida com o hábito de pensamento da estação. Torna-se eclesiástica através do formalmente religioso; ou confusa através do emocional; ou altissonante através do sentimental; ou até incorreta gramaticalmente através do analfabeto.

Entre parênteses, não vejo qualquer objeção a que frequentemente estas mensagens sejam moldadas na primeira pessoa, como se o Invisível estivesse de facto a falar diretamente. Isso, também, é uma questão de impressão. Não esqueçais que nesta escolha de que estamos a falar a estação não toma parte consciente, no sentido desperto de usar a vontade. A escolha é feita e posta em ação por aquilo a que chamamos frouxamente a parte consciente da mente, diferindo do subconsciente; mas a personalidade da estação está por momento mais ou menos em suspenso. É isso que torna a pessoa uma estação: a faculdade de se afastar. É aqui que entram as nossas personificações.

Falam-nos solenemente de longas e fluentes — e ordinariamente banais — conversas com Júlio César e Platão e Nero e Judas, todos os quais parecem estar a habitar na bem-aventurança como uma Família Feliz, e todos os quais parecem freneticamente desejosos de correr para uma conferência a qualquer hora do dia ou da noite com qualquer um que os chame. William James deve ser ubíquo ou deve possuir um grande corpo de secretários para conseguir chegar a todo o lado. Tudo uma questão da tradução da impressão no subconsciente.

Uma pequena coisa qualquer lembra à mente da estação César, ou Platão, ou Nero, ou James: ela apodera-se e personifica essa ideia, e parte numa tangente própria. O subconsciente

recebeu da própria estação uma impressão mais profunda do que qualquer uma que possa ser dada a partir de uma fonte externa. Mesmo uma negação direta de identidade por parte do Invisível, podemos conceber que não se imporia contra uma *idée fixe*.

Os nossos próprios Invisíveis estavam constantemente a lamentar esta tendência da mente humana para galopar por conta própria.

«Isso, grosso modo, é tudo o que podemos dizer hoje», concluíram eles uma exposição algo esquemática de algo que queríamos saber um dia. «O problema é que poderíamos dar-vos mais; mas uma vez insinuado ou erradamente aceitado ou concebido, começaríeis a avançar com feroz determinação numa direção da qual não vos conseguiríamos desviar. Isso aumenta as nossas dificuldades e torna-nos muito cautelosos em como iniciamos a vossa consciência — a vossa consciência TERRENA — em qualquer direção dada.»

Mesmo quando a fonte da impressão provém de fora, como se pode ter a certeza de com quem se está a falar? Não se pode; exceto através de um trabalho minucioso, enfadonho, detalhado e comprovativo, tal como o Dr. Hyslop fez, e no qual as sociedades de investigações físicas estão sempre ocupadas.

Exceto, claro está, uma certeza moral quando a personalidade é marcante e forte. É por isso que, exceto para aqueles que precisam de evidência de sobrevivência, a comunicação pessoal é tão quase fútil. É por isso que os nossos Invisíveis têm insistido tanto no anonimato e têm acentuado tanto o conteúdo do que têm para dizer. O caso de uma identidade PROVADA não é desesperado, mas é difícil.

Dissemos que a «escolha de palavras» era geralmente, por força das circunstâncias ou intencionalmente, deixada à estação. Discutimos a força das circunstâncias. Pareceu-me também que, a maior parte do tempo, os Invisíveis se abstiveram deliberadamente de muita, ou de alguma, supervisão. Isto

acontece quando o equipamento da estação é suficientemente adequado à impressão, quer porque o seu hábito de mente se ajusta ao assunto, quer porque está suficientemente em harmonia com o Invisível para ser requintadamente sensível aos refinamentos de significado. Isso resulta numa grande fluência. É um método muito frequentemente permitido quando o assunto é muito geral, ou de nenhuma importância especial, ou numa troca conversacional comum. Que diferença faz, quando a impressão de «paternidade afetuosa» é produzida, se isso transmite à estação, e é assim traduzido, Papá, ou Pai, ou Velho, ou o que quer que seja? Ou se a estação diz: «Muito bem, servo bom e fiel», ou «Trabalho formidável, meu amigo!»?

Mas, repito, a forma da tradução pode fazer uma grande diferença. Então, do bando de palavras que se eleva em direção ao íman da ideia impressa, o Invisível pode fazer uma escolha. No caso de Betty, essa escolha é feita por eliminação, pela negação de uma após outra das palavras que ela selecionaria, até que a adequada se apresente. Imagino que seja sempre esse o caso. O resultado é mais preciso, mas é também mais hesitante. Quando uma declaração absolutamente literal é necessária — o que chamamos de ditado —, o processo é muito lento. É lento quando Betty relata em sua própria pessoa o que lhe é fornecido. É lento quando os Invisíveis, falando aparentemente em *suas* próprias pessoas, desejam fazer uma declaração ponderada.

Todo o equipamento da estação está à disposição deles — vocabulário, experiência, ideias intelectuais, hábitos de espírito e de frase, reações mentais, crenças, sabedoria e conhecimento —, tal como as palavras de um dicionário estão à disposição de quem quer escrever. Estes materiais são passíveis de ser organizados em qualquer padrão ou sequência para exprimir, na sua combinação, porventura, ideias inteiramente desconhecidas para a estação. Mas só podem ser organizados dessa forma através da rejeição daquelas que não são desejadas, dentre a porção delas que se

eleva de forma automática para responder ao estímulo da impressão.

Para voltar à nossa ilustração simples. Suponhamos que, em vida, um filho chamava o pai de *Daddy*, e que, para fins de identificação, ele deseja que este preciso diminutivo seja transmitido. Mas a estação costumava chamar o seu próprio pai *Dad*. Isso apresentar-se-ia primeiro como uma tradução adequada da impressão. Seria inibido pelos Invisíveis; assim como seriam, por sua vez, *Papa*, *Father*, *Governor*, *Old Man*, etc. Seguir-se-ia então o que os registos chamam de "dificuldade". Se a atenção consciente da estação fosse despertada, resultaria em fracasso. No entanto, para o filho que procura comunicação com o pai, pareceria um teste absurdamente fácil. Quanto mais difícil não será transmitir um nome carinhoso inteiramente pessoal para quem o usava; ou, aliás, nomes ou datas de todo! No entanto, esse é um "teste" comummente solicitado.

Um momento de reflexão mostrará como este mesmo raciocínio se aplica a outros "testes" — como um pedido para saber "o que fizemos juntos a um de maio", ou "descreve a casa onde costumávamos morar", ou algo semelhante. O Invisível pode imprimir no subconsciente da estação uma conceção inteiramente adequada; mas nada pode elevar-se até ela que consiga exprimir com precisão os detalhes necessários. Parece que deveria ser fácil dizer com todas as letras que era uma casa colonial branca junto a um moinho de água.

Mas suponha-se que casas brancas significam habitualmente vilas italianas para a estação, e que a água implica um mar ou um porto à beira-mar. O assunto deve ser abordado palmo a palmo desde o início, trabalhando das generalidades para os particulares, e resultando finalmente, após muitos tropeços, numa colcha de retalhos, com — se houver sorte — algumas características salientes reconhecíveis.

Em tudo o que precede, exemplifiquei propositadamente os tipos mais simples de comunicação. Há muitos. O mais impressionante e rápido é aquele em que a estação parece "possuída" pelo Invisível, usando gestos, construções de frases e até tons de voz que não são os seus. Às vezes é impossível acreditar, apesar da evidência dos próprios olhos, que outra personalidade não está diante de nós. A Joan, *Our Unseen Guest*, é maravilhosa nesse aspeto.

Não obstante, tal como eu vejo, essa aparente "posse" não é incompatível com a hipótese. A descrição do processo — impressão no subconsciente; uma elevação de material apropriado para tradução para o consciente; uma escolha por supressão de todas as formas exceto a forma exata desejada — pode ser comparada a um filme em câmara lenta. Todos os movimentos da ação se destacam individual e dolorosamente. Mas, em alguns casos, é possível que a estação esteja suficientemente desenvolvida, ou tão simpaticamente *en rapport* com o Invisível, que o filme seja acelerado.

O mecanismo move-se de forma tão suave e pronta como as peças de um motor. A impressão é formada, feita, traduzida, quase num único movimento, por assim dizer; e com essa impressão principal surgem impressões secundárias — talvez intencionalmente, talvez involuntariamente — de personalidade e maneirismos. Estas, também, a estação capta e traduz em fala ou ação. Temos a personificação. Contudo, acredito que se o processo da Joan pudesse ser abrandado para inspeção — tal como o filme é abrandado —, verificar-se-ia que compreende a sequência que delineei na minha hipótese. E até a Joan abranda às vezes até ao ponto do ditado mais deliberado e hesitante, quando algum assunto técnico que exige absoluta precisão verbal tem de ser dito.

Ou tomemos outro tipo, o da estação que pronuncia palavras que desconhece. Têm sido relatados casos de comunicações em línguas estrangeiras com as quais se alegava que a estação não

estava familiarizada.* Não há razão para que os sons não sejam impressos e traduzidos tão bem

** Como no célebre caso do Dr. Whynant a conversar, através de uma estação analfabeta, com um suposto sábio chinês num dialeto antigo conhecido apenas por alguns eruditos.*

como as palavras; e uma combinação adequada desses sons como sílabas formaria palavras desconhecidas para a estação. Isso implicaria um processo extremamente delicado e o desenvolvimento de enorme habilidade, controlo, sensibilidade e recetividade. Em princípio, deveria ser possível. Estamos ainda em começos muito rudimentares. Certamente o pequeno grupo em redor de Bell, jubiloso por distinguir vagamente uma única frase confusa através do espaço de duas salas, não poderia ter tido a visão de ouvir um sussurro a quatro mil milhas de distância.

5

Isso traz-nos de volta ao caso específico: o desenvolvimento de Betty como uma estação. Lembra-se da explicação do progresso lento e difícil como uma tentativa de afastar os fenómenos "espontâneos ou espasmódicos" em direção a uma "cooperação inteligente". Se, com base em dezassete anos de experiência, eu me dissolvesse em profecias, diria que o futuro tanto da fluência como da precisão dependeria de: (a) desenvolvimento da recetividade simpática da estação, para que esta capte as impressões tão rapidamente quanto um motor recebe as duas ou três mil faíscas por minuto que o movem de forma tão suave e incansável; (b) a extensão do equipamento da estação, para que a tradução seja simultaneamente instantânea e precisa; (c) o fortalecimento do poder de veto do Invisível, para que este também atue instantânea e suavemente para reprimir todas as palavras que se elevam ao íman da ideia, exceto a desejada. Teríamos então a verdadeira comunicação. Poder-se-á então dizer que o Invisível controla diretamente, no mesmo sentido em que controlamos diretamente a formação de palavras com um lápis.

Nós não movemos o lápis: a mão fá-lo, controlada por nós e obediente a nós.

Dos pontos mencionados acima, a recetividade é talvez uma questão de equipamento pessoal. As estações parecem ser naturalmente "sensíveis" — em maior ou menor grau —, enquanto outras pessoas não o são. Mas não tenho a certeza de que a potencialidade não exista latente na humanidade como raça: e é indubitável que um sensível natural pode desenvolver-se para uma eficiência cada vez maior. A terceira consideração, escusado será dizer, não está nas nossas mãos.

Mas a segunda merece um momento de atenção. O desenvolvimento da estação é uma das grandes coisas do futuro. A preponderância dos resultados que alcançámos foi por meio da matéria-prima, por assim dizer.

Parte da cooperação inteligente reside no nosso segundo ponto — o equipamento da estação. Este cresce não apenas pela plenitude da vida que ela leva na terra, incluindo a sua educação, a sua leitura e a sua experiência de sabedoria, mas também cresce tremendamente pela própria tradução que faz e pela sua experiência com os Invisíveis — desde que esta seja inteligente e cooperativa. Os novos padrões que eles produzem a partir de coisas antigas tornam-se coisas magicamente novas que podem, por sua vez, ser usadas para novos padrões. Essa é a essência do que chamamos de "desenvolvimento psíquico", e é passível de uma extensão sem limites, infinitamente além das expansões da vida como a conhecemos. É nisto que reside a nossa esperança para o futuro, a nossa esperança de alcançar uma plenitude de conhecimento que nunca poderemos atingir através dos contactos e experiências que nos são proporcionados pelo mundo que vemos, ouvimos, tocamos, provamos e cheiramos.

6

Essa é, em resumo, a minha hipótese de trabalho. Não me iludo com a ideia de que seja de alguma forma uma hipótese

acabada, ou que cubra completamente todas as variações de ajustamento delicado. Mas, presentemente, acredito de facto que representa a raiz da questão; e que essas variações brotam dela; que é o ponto focal a partir do qual todo o assunto se espalha em leque. Ofereço-a como um vislumbre, na esperança de que a nova e vigorosa era jovem e exploradora que começou com o fim da guerra encontre nela, pelo menos, um andaime a partir do qual construir.

Desde que a formulei, algures em 1920, nada observei que me fizesse mudar os seus elementos essenciais. De facto, esses elementos essenciais foram corroborados por declarações diretas, demasiado volumosas para serem incluídas aqui. Citarei apenas uma, porque foi dirigida a principiantes.

Estávamos a discutir as primeiras "mensagens" e a perguntar-nos por que razão — assumindo nelas algum conteúdo genuíno — eram geralmente tão inconsequentes.

"O conteúdo das primeiras mensagens, através de novas estações", foi-nos dito, "é importante apenas na medida em que serve para reter o interesse e não desencorajar por uma irrelevância demasiado completa. Raramente estamos, ao início, a tentar dizer algo. Estamos apenas a tentar obter uma reação ao estímulo.

Se isto pudesse ser totalmente compreendido, seria igualmente eficaz transmitir uma única palavra irrelevante — ou, na verdade, meros sons sem significado. Do nosso ponto de vista, toda a importância de um período consideravelmente prolongado de trabalho inicial está na reação a qualquer impressão por parte da estação. Muitas vezes, numa longa alegada mensagem, uma pequena frase, uma única palavra ou mesmo uma sílaba ou som solitário é tudo o que realmente emana de nós. O resto da mensagem, assim chamada, é uma mera execução daquilo que a própria estação inconscientemente imagina ser o teor. Essa resposta minúscula é, contudo, completamente satisfatória para

nós, pois indica o sucesso em atingir realmente a recetividade do nosso neófito.

Não temos nenhuma preocupação particular com o resto, a menos que, como disse ao início, isso possa afetar a probabilidade de um abandono das experiências devido a disparates, discrepâncias ou contradições. Como o nosso interesse principal está assim fixado no processo, enquanto o vosso interesse está naturalmente fixado no conteúdo, os nossos objetivos devem, ao início, ser divergentes. E como ao início vemos a tendência do progresso, enquanto vós não a vedes, somos naturalmente relutantes em desviar o nosso propósito mais do que o absolutamente necessário.

"Portanto, dedicamos a nossa atenção e força à precisão completa ou à produção do que chamais de probatório apenas quando a nossa mão no pulso do vosso interesse ou crença indica um abrandamento, abaixo do ponto de perigo. O nosso objetivo, como vedes, é desenvolver um instrumento de recetividade capaz de algo mais proveitoso do que o que seria possível em começos rudimentares.

"Ora, tentamos começar, naturalmente, com o aparelho que seja mais simples, tanto na manipulação como no alcance, que seja possível conceber. O mais simples de todos é, evidentemente, uma única reação, um único impulso, resultando num único fenómeno. Inclinamos uma mesa de acordo com um arranjo prévio quase infantil, ou fazemos-vos empurrar uma coisa numa quantidade limitada de direções, como o tabuleiro *ouija*. Estas manipulações requerem, por assim dizer, um mero toque num botão.

"Geralmente, a fase seguinte é a linguagem coerente, geralmente através da escrita automática. Isto requer, por mais rápido que possa parecer, a escolha entre apenas vinte e seis coisas diferentes.* Notareis, se se lembrarem da vossa experiência, que passados uns momentos e por vezes,

ocasionalmente antecipáveis uma palavra inteira nas vossas próprias mentes, uma fração de segundo antes de ela ser escrita. Isso foi uma fusão com o passo seguinte. Mas o início da escrita automática era — num processo abrandado — uma impressão de apenas uma entre vinte e seis coisas.

** As letras do alfabeto.*

"Isto, como podeis compreender, era uma questão bastante diferente e muito mais fácil do que selecionar uma entre as várias milhares de coisas que constituem o vosso equipamento de vocabulário. Isto último é o que deve ser feito no caso de uma comunicação falada mesmo razoavelmente desenvolvida.

"Há uma curiosa reciprocidade nesta relação. Nós apenas podemos alcançar — tirar partido do esforço, e vós tendes de fornecer o esforço. Nós, geralmente no início, temos de nos agarrar ao esforço casual. Acontece estardes em casa de um amigo a inclinar uma mesa. Eis a nossa oportunidade. Mas poderíamos gritar convosco durante dez anos. Experimentai todas as técnicas de que ouvirdes falar, desde que, se não parecer funcionar prontamente, não fiqueis desencorajados com todo o assunto. Não há duas coisas no universo absolutamente idênticas. Em ajustamentos mais grosseiros, divergências mais amplas responderão a um método idêntico. À medida que o ajustamento se torna mais fino, as diferenças individuais exercem mais influência, e o método deve deixar de ser padrão e tornar-se ele próprio individual. Quando for este o caso, é necessária uma experiência cuidadosa e lenta, de ambos os lados, até que o método seja determinado."

APÊNDICE II

Experiências com o Corpo Espiritual

A "mediunidade" de Betty nunca enfatizou fenómenos físicos. Isso é outra coisa, aparentemente, com a qual temos pouco

ou nada a ver. Apenas uma vez, em dezassete anos de experiência, assistimos, ativamente, à sua produção. E mesmo aí a nossa inclusão teve uma ligação direta com o ensinamento, na medida em que parecia ser direcionada para algum tipo de prova da atualidade do corpo espiritual.

Aconteceu que, na primeira parte de 1922, tivemos uma oportunidade bastante invulgar. De várias partes do país reuniu-se em Nova Iorque, durante um mês, um grupo de pessoas conhecidas entre si como amigos pessoais, três das quais eram dotadas, como Betty, de sensibilidade; e os restantes interessados, como eu, sob um ponto de vista desprovido de emoção.

Curiosamente, nenhum de nós tinha, nessa altura, lido muito a respeito dos fenómenos físicos dos psíquicos. Tínhamos pouco conhecimento do que tinha sido feito; e nenhumas noções preconcebidas do que esperar. Depois de o espetáculo terminar, ficámos surpreendidos por certos investigadores formados considerarem alguns dos nossos resultados tão notáveis. Tínhamos achado os resultados excitantes, interessantes e imensamente divertidos! Mas, no final do nosso mês, creio que o nosso sentimento predominante era de arrependimento por não podermos continuar e chegar realmente a algum lado!

Tínhamos, então, um jornalista e a sua esposa: chamar-lhes-ei Sr. e Sra. Gaines. Também um homem de negócios no comércio externo e a sua esposa: chamar-lhe-ei Cass. Havia ainda um outro casal, ambos ativos na vida profissional. E, claro, Betty.

A Sra. Gaines, tínhamos descoberto no decorrer da nossa amizade com eles, possuía um grau considerável desta sensibilidade peculiar.

A esposa do Cass era a Margaret Cameron, cujo livro *The Seven Purposes* estava nessa altura no auge da sua popularidade.

O casal profissional eram os autores anónimos de *Our Unseen Guest* — tão profundamente anónimos que mesmo os

seus amigos mais próximos não sabiam da sua identidade. No livro chamavam-se a si próprios "Darby e Joan", por isso faremos o mesmo aqui.

Ora, aqui estavam oito pessoas, todas as quais, por temperamento e formação, eram práticas, realistas e conhecidas entre si como sendo de inquestionável integridade; e quatro delas tinham demonstrado este poder peculiar, cada uma de uma maneira diferente. O conteúdo extraordinário de *The Seven Purposes* tinha sido transmitido em grande parte numa enorme escrita automática em plena consciência. A Sra. Gaines, também consciente, falava a partir de uma condição semelhante a um devaneio de uma sensibilidade bastante bela. Joan, em contraste, caía num estado de transe tão profundo que não tinha consciência de absolutamente nada do que se passava; nenhuma recordação posterior disso; e nenhuma noção de tempo. Tanto quanto sabia, poderia ter estado "fora" quatro minutos ou quatro horas. O método de Betty foi descrito.

Todos tínhamos estas coisas em comum: estávamos muito interessados nesta nova exploração; encarámo-la de forma "leve", no sentido em que não ficámos intimidados por ela, nem considerámos nenhum dos seus aspetos "sagrado", e fomos capazes de nos divertir muito com ela; conhecíamo-nos e tínhamos total confiança mútua como amigos; não tínhamos interesses pessoais a defender, emocionalmente, em termos de publicidade ou de qualquer outra forma. Curiosamente, éramos nessa altura singularmente inocentes de qualquer ligação, mental ou prática, com a investigação organizada; não sabíamos nada de médiuns profissionais!

Toda a combinação era tão única que não podíamos deixar de tirar partido dela.

"Quatro — contem-nos — quatro sob a mesma tenda!", exclamou alguém. "Vamos pô-los a trabalhar em parelha. Pergunto-me se isso já alguma vez foi feito?"

Nesse espírito, experimentámo-los em parelha. De imediato foi evidente que algo interessante iria sair dali. Como Margaret Cameron vivia em Nova Iorque, combinámos reunir-nos sempre que pudéssemos na casa dela, na Rua Onze.

Ali nos encontrámos, geralmente à noite, por vezes à tarde, onze vezes no total, entre as datas de 31 de dezembro e 28 de janeiro, altura em que foi necessário dispersarmos para as nossas respetivas casas. Desde o início, os Invisíveis assumiram o comando de forma definitiva e determinada. Não tínhamos a menor pista ou preconceção do que esperar. O trabalho real era feito por vezes por uma das nossas estações, por vezes por outra, por vezes por várias combinações das quatro. Geralmente, Joan e Betty eram as principais executantes — os "polos positivos", eram chamadas —; com Margaret e a Sra. Gaines a assistir como os "polos negativos".

O local era uma sala de estar comum. Do início ao fim, nenhum aparelho especial foi utilizado, exceto um pano escuro de acabamento fosco sobre um biombo como fundo; e uma lanterna comum de câmara escura *Brownie*. Desta última removemos a lâmina vermelha e substituímos a sua luz elétrica por lâmpadas de quinze a vinte e cinco watts em vários matizes. Por um processo de eliminação, os Invisíveis acabaram por escolher um vidro lilás como o mais útil. Em todos os momentos houve iluminação abundante, de modo que cada detalhe da sala era claramente visível. Na verdade, como se verá, algumas das experiências foram repetidas à luz do dia. Contudo, a luz branca não parecia ser a mais favorável.

A maioria dos fenómenos foi observada por todos os presentes que não estavam ativamente envolvidos na sua produção, e foram verificados por comparação tanto no momento como depois. Os que estavam ativamente envolvidos na produção, regra geral, não viam nada ou obtinham apenas vislumbres fragmentários. Não houve excitação emocional. Até a surpresa depressa se desgastou. O espírito humano é

notavelmente adaptável nesse aspeto. Após os primeiros dez minutos, até a visão dos primeiros aviões em voo se tornou quase banal. À medida que as experiências se estendiam por um período de tempo tão longo, passámos muito em breve a examinar os seus resultados num estado de espírito de quase crítica radical.

Os principais operadores do outro lado eram o Doutor e Stephen, que transmitiram a filosofia de *Our Unseen Guest*; Anne, uma escocesa; e Joe, o filho do já mencionado jornalista, elemento do nosso grupo. Havia aparentemente muitos outros ocupados e interessados, mas os referidos pareciam estar no comando. Todas as sessões eram semelhantes no facto de o trabalho experimental sério ser aligeirado por muita troca rápida de impressões e por alguns interlúdios intencionalmente divertidos. No meu relato, contudo, estou, por uma questão de brevidade, a focar-me no objetivo em causa.

A primeira e a segunda reuniões foram dedicadas a explicações preliminares que podem ser resumidas da seguinte forma:

Tanto o espírito como o corpo são as manifestações humanas de uma realidade, a consciência humana. O corpo é la manifestação material do tipo de consciência que é humana. O espírito é o elo entre o corpo e o que chamamos de espírito, ou gérmen cósmico. O espírito ou gérmen cósmico, o verdadeiro EU SOU do indivíduo, possui ele próprio um corpo definitivo, com peso, forma, cor, substância.

Demonstrámos, como é evidente, a existência do espírito e do corpo físico. Resta demonstrar a existência real deste outro corpo, ou corpo Beta, como uma coisa tangível e definida, e não meramente simbólica. Essa demonstração, foi-nos dito, era a intenção das experiências projetadas.

2. A TERCEIRA REUNIÃO

Verificámos que o melhor que conseguíamos fazer era uma reunião quinzenal. Por ocasião da seguinte (a terceira), esperávamos naturalmente uma continuação das explicações e ficámos um pouco intrigados com um aparente impasse no processo. Quando a Joan e a Betty foram adormecidas,* Betty comentou que se sentia confiante: "Vamos avançar muito esta noite." Mas parecia não haver um começo. Finalmente, a Joan disse:

"Está frio em redor dos meus tornozelos."

A Betty aconselhou-a a "dar uns passos rápidos".

"Não é isso", disse a Joan, "É ALGO QUE SAIU."

Seguiu-se uma longa pausa.

"Perfeitamente tremenda, a corrente através do meu braço", observou Betty por fim (as duas davam as mãos quando estavam "fora"), "como uma força tremenda a passar. Nem uma palavra: mas é terrível."

A Joan fez movimentos como se estivesse a escrever. Oferecemos-lhe lápis e papel, mas nada de importante surgiu. Finalmente, perguntei se deveríamos tentar obter fala ou se deveríamos deixar estar.

"Acho que é demasiado forte", respondeu Betty. "TEMOS de deixar estar. A força é muito forte."

De repente, após outro longo e silencioso intervalo, a Joan bradou abruptamente:

"Pinchai-o! Senti a camada fria."

A camada fria distinguia-se facilmente, estendendo-se alguns polegadas acima do chão. Era tão inequivocamente fria que se fazia sentir através dos nossos sapatos. O efeito não era diferente do de uma corrente de ar invernal ao longo do chão de uma casa antiga. Diferia em três coisas: não se fazia notar cinco minutos

antes; deixou de se notar cinco minutos depois; os seus limites superiores eram nitidamente definidos.

** Ao longo de todas estas experiências, ambas estavam pesada e completamente de olhos vendados.*

A Betty estava evidentemente também envolvida na produção disto — como, aliás, de todos os fenómenos subsequentes —, pois neste ponto disse:

"Tenho de ir devagar porque estou a sentir-me um pouco enjoada. Estou a trabalhar por duas, e isso deixa-me um pouco enjoada."

"Pinchai-o", repetiu a Joan, falando com grande dificuldade. Não compreendemos de imediato. "Eu", repetiu ela, "Eu longe; eu, lá fora onde está frio."

A Darby captou a ideia do que era pretendido e pinchou o ar a cerca de quatro pés da Joan, mas um pouco à sua direita.

"Aí não. À minha frente", gaguejou a Joan, "Não tão alto; eu não estou tão alta."

A Darby pulou novamente no ar; desta vez à frente dela e mais ou menos ao nível do seu joelho. Instintivamente, a perna esquerda dela encolheu-se como se tivesse sido ela própria pinchada. Ele repetiu a experiência ao nível da cintura dela: a mão dela voou para a cabeça. Testes sucessivos pareceram mostrar que existiam pontos de sensibilidade a uma distância do corpo físico da Joan que correspondiam em localização às partes do corpo físico; mas aparentemente numa escala um pouco menor. Ou seja, quando se pinchava o ar ao nível do chão, a reação era nos tornozelos dela; ao nível da cintura, a reação era na cabeça; e em vários pontos intermédios, o ombro, a mão, o joelho ou outra parte sobressaltava-se como que de dor. Quando estes pontos ficaram suficientemente determinados, a Joan suspirou e disse com uma voz aliviada:

"Agora já posso voltar!"

O Professor* — através da Joan — tentou em seguida retomar a discussão; mas Joan ainda não estava em sintonia após o seu esforço naquilo que concluímos ter sido uma projeção real do Beta de si mesma. Ele fez, contudo, uma declaração que foi importante.

"O subconsciente", disse ele, "está para o Beta como o consciente está para o físico."

A dificuldade por um momento pareceu insuperável.

"Por favor, fazei perguntas", disse Stephen* de repente, "Dificuldade com esta forma de comunicação. Não consigo obter um canal desobstruído, mas penso que podemos interessar este cérebro se estimulardes de fora."

** A nossa designação para uma das entidades invisíveis.*

"Pai, faz-lhe algumas perguntas — qualquer coisa", interveio Joe.

"O que é o Beta?", perguntou correspondentemente Gaines.

"A substância invisível real que há muito chamais de alma ou espírito", respondeu Joe prontamente.

"Pesa alguma coisa?"

"Sim."

"Existem balanças suficientemente finas para o pesar?"

"Sim. Se a tivésseis colocado numa balança esta noite, poderíeis ter obtido o peso do Beta. Teria sido a diferença entre o peso do corpo normal e esse corpo depois de o frio ter saído para a sala. O Darby pulou o Beta."

"O que é o frio que sinto frequentemente perto ou ao meu redor?", perguntou a Margaret Cameron.

"É o teu próprio Beta que sai em resposta a um chamamento magnético de outra consciência para a tua."

"Mas acontece frequentemente quando estou sozinha", objetou a Margaret.

"Há sempre outra consciência presente", assegurou-lhe Joe.

"Não vos esqueçais", continuou ele, "o principal que vos queremos transmitir enquanto estais todos juntos é uma demonstração física real da existência do Beta. Lembrai-vos de que no outro dia ela vos disse como era o meu corpo: descreveu o tipo de substância. Não temos a certeza de vos conseguir mostrar um Beta, porque isso requer uma condensação do Beta dela, e talvez do nosso, e também um fortalecimento das vossas retinas. Mas queremos contar-vos as nossas esperanças para que nos possais ajudar. A fé em que algo vai acontecer ajuda."

Isso foi tudo o que houve de importante nessa noite. Em explicação à observação de Joe, devemos aqui registar que, na primeira sessão, a Joan interrompeu a discussão dispersando-se, e foi com alguma dificuldade trazida de volta ao assunto. Durante essa excursão, ela aparentemente viu alguém com quem insistiu em falar.

"Protoplasma?", observou ela então, "Esta substância, dizeis vós, é um passo mais além?" Voltou-se e falou connosco: "Ora, este homem com quem estou a falar; ele tem um corpo perfeitamente bom. Não se consegue ver através dele. Parece ser mais ou menos iluminado por dentro, embora não com o efeito de fosforescência — Ele diz que a coisa mais próxima na nossa esfera de manifestação é uma análise microscópica do protoplasma.

Esta é mais forte, mais leve, mais plástica. Está mesmo além da visão humanamente visível. Não é bem um fluido, porque mantém a forma. Um fluido não mantém a forma. Ele diz que aquilo que ele é é a coisa que nós chamamos de nossa alma: que tem forma na terra: que nós a temos; que a única maneira em que difere do nosso corpo físico é o facto de não a vermos. Está além do nosso registo retinal. Também tem cor."

"Poderíamos tocar-lhe? Será porventura aquela sensação de frio?", perguntou Darby.

"Sim. No entanto, é tão plástica que não a poderíeis segurar com a vossa mão física", disse a Joan.

"Se mantém a forma, por que razão não se desfaz quando, por exemplo, passo com a mão através dela?", questionou o Darby.

"Não mais do que o fumo. Esse não mantém a forma; apenas assume a forma. Isto faz ambas as coisas. Estas pessoas são plásticas. O outro homem poderia passar através de uma parede, poderia passar através de ti."

"Interstícios: Magnetização dos interstícios", acrescentou Betty.

"A matéria, tal como a conheceis na terra, não é mais do que um gânglio de pontos de tensão. Consequentemente, estas formas plásticas que têm mais poder do que vós tendes sobre as vossas mãos físicas — elas parecem de certa forma fluir — caminham, sim, mas —"

"Voltai: continuai no ponto principal", instou a Betty.

3. A QUARTA REUNIÃO

A quarta sessão começou com um pedido de Joe.

"Importam-se de apagar as luzes do teto?", perguntou ele. Assim fizemos, deixando a sala iluminada por quatro arandelas de parede. "Gostaria que testásseis a temperatura perto do braço esquerdo dela."

Nenhuma mudança parecia evidente ali. Betty disse para esperar.

"Sempre antes", explicou Joe, "só conseguimos fazer com que ela libertasse o seu Beta através das extremidades inferiores, por uma razão ou por outra, mas desta vez está a sair quase normalmente. Está simplesmente a deslizar para fora do seu

ponto, exatamente como ela é. Procurai pelo frio por todo o corpo dela. Provavelmente não encontrareis nada em redor da cabeça. Ainda não conseguimos gerir isso, mas os braços, o peito, os tornozelos, os joelhos e as mãos deverão mostrar esta noite."

O Darby e Gaines relataram agora emanações frias vindas da Joan distintamente reconhecíveis, especialmente em redor do joelho direito. Eu estava a tomar notas numa pequena mesa sobre a qual uma luz pendente, com um quebra-luz refletor, tinha sido baixada na extremidade de um fio. O calor proveniente dali era considerável. De repente, o espaço entre a luz e o papel pareceu-me ficar frio, e mencionei a minha impressão. Os outros verificaram-na. Esta área fria sobre o papel persistiu por talvez três ou quatro minutos; depois foi retirada. Imediatamente, o calor focado da luz elétrica tornou-se percetível de novo.

"Porque nos fizeste apagar as luzes do teto?", perguntou Gaines.

"Elas ofuscavam-na — e a mim", explicou Joe.

A Margaret, o Cass e a Sra. Gaines relataram agora áreas definidas perto de si; todas as quais nos pareciam claramente evidentes. A qualidade do frio assemelhava-se muito àquela que se sente pela rápida evaporação do mentol e parecia ter limites nitidamente definidos. Isto é, a linha de mudança do ar morno da sala para a área fria podia ser detetada na proximidade de uma polegada ou pouco mais.

"Porque está o frio por todo o lado na sala?", perguntou o Darby.

"Não provém todo da mesma fonte", respondeu Joe, "Somos todos nós, uma intensificação. Estão cerca de cinquenta aqui: como sardinhas. É ela e nós. Ela está a divertir-se connosco e a passar um bom bocado. Ela poderá falar-vos sobre isso mais tarde, se quiserdes. Neste momento ela está completamente fora, e eu estou a usar o seu corpo material; não com tanta fluência

quanto a Lady Anne.* — Observai o seu braço direito. Um cordão está preso ali. Não se trata de modo algum de um movimento muscular. Alguém que o examine."

* *A escocesa*.

Durante tudo isto, o antebraço da Joan estivera apoiado no braço da sua cadeira. A mão, parcialmente aberta, pendia do lado de dentro do braço da cadeira. Estava agora agitada por um tremor tão rápido que era quase uma vibração. A impossibilidade física de produzir um movimento tão rápido por um esforço de vontade demonstrámo-la imediatamente tentando fazê-lo nós próprios. Darby e Gaines, após o exame, relataram que todos os músculos do braço estavam absolutamente flácidos, sem a menor tensão. Além disso, descobriram sob a palma da mão uma fina faixa fria. Quando a pinchavam, Joan encolhia-se como que de dor.

"Lembrai-vos daquele versículo sobre 'Soltar-se-á o cordão de ouro'? Esse é o cordão de ouro", disse Joe. "Poderíamos levá-la a qualquer lado enquanto esse cordão estiver preso."

Não estávamos bem certos se compreendíamos isto.

"Queres dizer que essa ligação se estenderia o suficiente para permitir que ela fosse levada à Califórnia, por exemplo?", perguntou la Sra. Gaines.

"A qualquer lado. A qualquer lado no universo", assegurou o Joe, "Esse cordão não poderia ser solto por nenhuma ação humana, exceto através de um órgão vital. Só pode ser solto quando chegar a altura."

"Então nada do que fizéssemos, nenhuma falta de jeito o poderia quebrar?", questionou o Darby.

"Não. Nenhuma ação humana poderia possivelmente soltar esse cordão.

"Queremos obter este Beta. Esta noite estamos a trabalhar mais com as duas estações do que convosco. É para fazê-las sair e ensiná-las a libertarem-se completamente, a não se conterem. É uma coisa puramente física, embora interna."

"Podes conversar connosco ao mesmo tempo e não interferir com esse trabalho?", perguntei.

"Claro", disse Joe, "continuai a falar."*

** Deveria talvez ter sido declarado antes que o relato de todas estas discussões é absolutamente textual.*

"Segundo percebo", disse eu, "Esta prova física do Beta deve ser feita não apenas a nós numa única ocasião, mas deve ser repetível à vontade, para que possa ser examinada cientificamente e com vagar?"

"É exatamente isso que procuramos, sem dúvida", disse ele. "Uma das primeiras provas será um termómetro muito delicado para determinar o frio."

"Como provar que esta demonstração repetível do Beta não é meramente fisiológica?", objetou o Darby.

"Desta forma", respondeu ele, "O Beta que emana de um corpo físico na vossa esfera traz consigo uma qualidade de magnetismo que nós, na nossa esfera, já ultrapassámos. Este Beta, ao sair, intensifica o nosso. Como a voltagem; pode-se intensificar uma corrente. Este corpo que sai com o seu magnetismo físico intensifica os outros em redor. Ora, nós queremos produzir vários Betas. Na verdade, já o fizemos aqui. Encontrastes três personalidades distintas de frio intenso; uma perto da Margaret, uma perto de Stewart e uma perto do Cass. Se as conseguíssemos intensificar o suficiente, poderíeis ver, além de uma auréola em redor da Joan, outros três pilares ou auréolas. Não ficaríeis então razoavelmente satisfeitos por estarem presentes outros três Betas?"

"Como saberíamos que estas outras três auréolas não emanavam da Joan?", persistiu o Darby.

"Porque quando pinchais o Beta de Joan obtereis uma reação física dela: e se pinchardes os outros Betas daqui até ao dia do juízo final não obtereis sobressaltos físicos de ninguém. Seria então razoável supor que esses Betas pertencem a alguém desencarnado."

"Isto afetaria uma bússola?", perguntou Gaines.

"Provavelmente: não tenho a certeza. Possivelmente fá-la-ia girar."

"Um radiómetro?"

"Sim."

"E quanto ao teste do peso?"

"Há dois procedimentos. Pesai a Joan antes de adormecer e depois de o Beta sair, — antes e depois de tomar. Depois, talvez possais encontrar algumas balanças suficientemente delicadas para as colocar nos pontos frios."

"Quão delicadas?"

"Razoavelmente. Mas poderíeis tentar com balanças comuns. Nós próprios não sabemos, simplesmente porque também não o fizemos. Será uma diferença em onças em vez de libras.

"Em seguida, quero que arranjeis uma lanterna de câmara escura muito ténue, uma que dê uma quantidade muito pequena de luz. Certas cores são intensificadas pelo vermelho e outras pelo azul ou verde. Arranjai três conjuntos de lâminas para a lanterna, vermelho, azul e verde, para ajudar a vossa visão humana de modo a poderdes ver os pontos de frio."

Pouco depois, ele pediu-nos novamente para testar o frio em redor da Joan. O Darby e a Gaines, após alguma procura, relataram uma camada fria nitidamente definida, ou fio,

aparentemente com apenas algumas polegadas de largura, estendendo-se da mão direita da Joan em linha reta para a sala.

"Tentai encontrar a outra extremidade deste cordão de frio", instou Joe.

O cordão foi seguido cerca de oito pés na direção da Margaret.

"Não é uma ligação a Margaret", disse ele, "É simplesmente o facto de o corpo da Joan estar fora, e o cordão vai até ele. Quero estabelecer o cordão."

"Aqui está o Professor", disse a Joan.

"Se este Beta for provado fisicamente", perguntei, "não seria isso, como corolário, uma forte prova de comunicação; melhor do que o método de identificação pessoal?"

"Sim; mas não exatamente da maneira que pensas", respondeu o Professor, "Vai ser um processo de encaixe mútuo em vez de uma linha reta. O que temos de estabelecer não é apenas a existência do Beta como parte da fisiologia humana, mas a existência do meu Beta."

"O Beta já foi demonstrado antes, não foi?", perguntou o Darby.

"Não demonstrado na ciência moderna, e apenas em casos isolados. Foi demonstrado, certamente; mas não por pessoas tão anormalmente normais", concluiu o Professor.

Sob conselho, as duas estações foram agora trazidas de volta para um curto intervalo. Quando foram novamente adormecidas, Joe retomou a explicação.

"Vamos trazer a discussão de volta à relação do Beta com o físico e ao efeito que vós, através das vossas vontades, podeis ter sobre ele", começou, "Estamos a fazer duas coisas ao mesmo tempo aqui agora, e ajudaria se fizésseis perguntas."

"Ao percorrer a série indicada de espírito consciente, espírito subconsciente, corpo físico e Beta", sugeriu o Darby, "por que não ir diretamente do físico para o mental e dar o assunto por encerrado? O Beta está a ser postulado."

"Porque", respondeu Joe, "há mais do que a simples passagem do mental para o físico. Estás perturbado porque nunca deste realmente um lugar ao espiritual na existência, e ele tem um lugar. É UMA COISA. Consegues imaginar a diferença entre o teu ser, a tua animação e o teu corpo físico? Há uma diferença distinta."

"O corpo, o cérebro e o EU são todos distintos, mas —", começou o Darby.

"Não os definiste corretamente", interrompeu Joe. "Estás às escuras porque não sabias que o EU também é um corpo."

"O EU tem um corpo; não é um corpo", contrapôs o Darby. "O EU como um Beta, esse EU continua", insistiu Joe. "Tu tens uma perceção do EU que muitas pessoas humanas não têm. Desenvolveste essa atitude peculiar. Viste de relance o EU e desenvolveste-o conscientemente. O que tens acima e abaixo do limiar não está tão distante um do outro como na maioria das pessoas. É por isso que, conscientemente, tens uma perceção tão nitidamente definida do EU."

"Admitindo a razoabilidade do Beta", disse o Darby, "na filosofia ele é postulado; mas é uma senhora postulação, e tu estás a tentar dar-nos uma perceção sensorial dele. Mas a razão pela qual a comunicação com o reservatório, a alma suprema, tem de vir através do Beta é demais para mim. Porque não através do nosso verdadeiro eu interior diretamente, em vez de ser através de um mero atributo?"

"Não é assim. Tu recebes através do subconsciente, que está para o Beta como o consciente está para o físico. Pode o teu espírito comunicar com alguém sobre o assunto sem a intervenção

do teu corpo, através da formação e expulsão físicas de palavras ou símbolos? Todos estão mais estreitamente interligados do que julgavas. Toda a consciência tem forma, tal como tu tens forma."

"Então entramos realmente em contacto com um desencarnado através de um corpo?", foi a pergunta do Darby.

"Exatamente. Nós temos forma, peso, cor e mais sentidos do que vós tendes."

"Não será necessário ter uma noção da base de força de toda a matéria?", sugeriu Gaines.

"A matéria é apenas um gânglio de pontos de tensão", afirmou Joe.

"Então o meu Beta é o meu agrupamento individual dessa consciência", acrescentou Gaines.

"O Beta é o atributo de forma da consciência que és tu. O subconsciente está para o Beta como o espírito consciente está para o físico. É o eterno. É esse atributo de forma que continua. O espírito é na realidade o subconsciente, se quisermos entrar em pormenores finos.

"Supõe que seria possível pegar no teu Beta e colocá-lo em pé ao teu lado. Teríamos então tu, tal como te conheces; o teu Beta; o espírito consciente; e o espírito subconsciente. São todos coisas reais. Com certeza que, tal como estou agora, o Beta e o espírito subconsciente são mais reais para mim do que o espírito consciente e o corpo físico são para ti agora."

"Retiremos o Beta. Aqui está ele em pé, e aqui o físico. Ligado ao Beta está o subconsciente; ao físico, o consciente. Onde está a pessoa?", perguntou o Darby.

"No Beta", respondeu Joe.

"Mas não é o Beta propriamente dito, pois não?", persistiu o Darby. "O Beta é também o invólucro da pessoa real?"

"O Beta é o atributo de forma", foi a resposta. "Toda a consciência tem forma. O físico é o atributo de forma que vem apenas com o nascimento físico. Há muitos mundos, mas apenas uma terra."

"Há alguma diferença entre o eu essencial e o meu Beta?", interveio a Margaret.

"Não, na verdade não", assegurou-lhe Joe.

"Será o Beta uma aglomeração de pontos de tensão na força que sou eu?", foi a contribuição seguinte de Gaines para a discussão.

"Não no mesmo sentido que o físico. Há uma diferença de género. Tu tens o mesmo corpo que eu tenho, e um revestimento exterior que eu descartei como um invólucro em desintegração. A dificuldade está nas palavras. Por exemplo, eu tenho uma mão. Não poderias separar a minha mão de mim e fazer-me continuar a viver. Tu tens uma mão física que poderias separar de ti e ainda assim continuar a viver.

"Não te esqueças do espírito subconsciente.

"O corpo físico é composto por átomos. Cada um destes átomos é uma consciência individual e cada um deles tem uma forma. O Beta não é composto por nada disso; não da maneira que o físico é composto. O Beta é elemental; atómico, mas não infinitesimal."

"O corpo físico não é a nossa forma em sentido algum?", questionou o Darby.

"O teu Beta é a tua forma. Compreende a diferença entre forma e figura", respondeu Joe. "Tenho de te dizer as coisas nos termos que conheces. De nada serviria falar-te em sânscrito. A terminologia que usamos aqui de nada serviria. Temos de fazer o melhor que podemos na substância em que temos de trabalhar.

"O Beta influencia a forma física. Nunca ouviste a frase: 'Os olhos são as janelas da alma'? A figura do teu rosto, ou do teu nariz ou lábios não seria governada pelo teu Beta; mas a expressão dos teus olhos, a tua própria expressão, a atmosfera que irradias, a personalidade, são controladas pelo Beta."

4. A QUINTA REUNIÃO

Tendo-nos assim dado uma ideia bastante clara do que se pretendia tentar, a quinta sessão foi largamente dedicada à experiência. As duas estações, depois de adormecidas, conversaram um momento uma com a outra. A Joan disse para despachar, que tinha um longo caminho a percorrer; e que sentia uma brisa forte a soprar. Betty pediu tempo para fazer preparativos; disse que tinha de assentar bem os pés. Depois ficaram em silêncio e nós esperámos.

De repente, a Joan ergueu a mão direita aberta e na vertical.

"Não consigo virar a mão", disse ela; depois, com um esforço, virou-a para a horizontal. "Não consigo mantê-la assim", acrescentou, "Tenho de a colocar como estava"; e voltou a colocá-la na vertical.

Depois, durante quase dez minutos, moveu os dedos dessa mão, por vezes muito rapidamente, mas geralmente muito devagar; por vezes todos juntos, por vezes um de cada vez.

"Há uma questão de procedimento", Betty quebrou o silêncio, "Ainda não está resolvida. — Há duas coisas por resolver. Não sejais impacientes. Estou a ganhar forças para algo."

"O que estamos a tentar fazer é que ela permita que o Beta saia por cada um dos seus dedos para que possais ver as emanações. — Penso que já o conseguis ver agora, se semicerrardes os olhos", disse subitamente um Invisível, provavelmente o Joe.

Semicámos os olhos e vimos uma ténue emanação semelhante a fumo a sair das pontas dos dedos. Esta aumentou de

densidade de modo que, em pouco tempo, todos na sala a conseguiam ver claramente com os olhos normais. Era um fumo fino e azulado, muito parecido com o fumo de um cigarro, mas aparentemente com um ligeiro matiz fosforescente. As luzes elétricas comuns estavam acesas na sala. Este fenómeno e o seguinte foram vistos por toda a gente e, na maioria dos casos, a partir de vários ângulos; a distâncias de seis a oito pés, até um exame minucioso a poucas polegadas.

Depois de todos terem constatado isto, um antebraço começou a formar-se paralelamente ao antebraço físico da Joan e cerca de cinco ou seis polegadas acima deste. Tinha muito do caráter visual da imagem secundária que se vê quando se olha de perto para um espelho — o reflexo da superfície do vidro que complementa o reflexo brilhante do espelho. Durante talvez três ou quatro segundos, o pulso e a mão também ficaram visíveis para alguns de nós. Todos os presentes, no entanto, viram o antebraço, que durou cerca de dois minutos.

"Este teste", disse-nos Joe, depois de a emanação ter desaparecido, "é o melhor possível porque ocorreu sob luz e condições normais." Fez uma pausa.

"Aguardai por instruções", disse a Betty, "Esperai um minuto; isto é trabalho de peritos. Está a ser criado espaço."

"Agora lembrai-vos", instou Joe, "que tudo o que possa acontecer é normal e natural. Não importa o que aconteça, não fiqueis assustados nem surpreendidos. Experimentai a luz vermelha."

As luzes elétricas comuns foram apagadas e uma lâmpada de câmara escura foi acesa. Houve uma dificuldade considerável em conseguir ajustá-la para que a luz fosse projetada corretamente, e muita conversa e movimentação de um lado para o outro. Parecia haver dificuldade relativamente a uma determinada coisa, pois Betty continuava a fazer observações no sentido de que faltava um elemento. Por fim, recebemos instruções para olhar para os

joelhos da Joan. O efeito observado foi o de volumosas e ténues nuvens de vapor ou fumo em ascensão. Isto não foi de todo visto pelo Darby, e foi visto em graus variados pelos outros.

O Gaines e eu aparentemente captámo-lo com mais força. Era tão indubitável e físico na aparência como fora o fumo da primeira experiência, para aqueles que o viram. No final da experiência, Joe disse que os olhos de diferentes pessoas reagiam de forma diferente a diferentes cores de luz. Que, por exemplo, o Darby era evidentemente cego a estas emanações sob a luz vermelha.

Era algo análogo à cegueira das cores.

"Mostrámos pelo menos", continuou Joe, "que conseguimos produzir o Beta no plano físico para a vossa investigação. Da próxima vez quero um biombo escuro, baço e sem sombras; e quero que ela se sente numa cadeira preta. Arranjai luzes de várias cores, não superiores a vinte e cinco watts."

"A coisa foi tão bem-sucedida com a luz comum, porquê confundir os nossos olhos com estas cores?", perguntou a Margaret.

"O raio violeta tem uma qualidade intensificadora", explicou Joe, "e podeis obter os mesmos resultados com uma voltagem pequena através de papel roxo. Arranjai vermelho, verde, azul e branco. Uma luz cor-de-laranja poderia produzir preto. Poderíamos experimentar isso: talvez funcione. Valha-me Deus, Pai, eu experimentaria isso, sem dúvida!"

Alguém disse que poderíamos cobrir o biombo dobrável que estava no outro canto para a experiência seguinte.

"Quantos painéis tem o vosso biombo?", indagou Joe. (Alguém disse quatro) "Colocai-o em redor dela em três lados, de modo a cercá-la parcialmente. Vamos experimentar agora."

Isto foi feito sob a luz azul. Mais uma vez pensámos vislumbrar uma luminosidade no ponto indicado, mas não de

forma suficientemente distinta ou indubitável para dar qualquer valor à observação.

"Pois bem, boa noite a todos vós!", Anne apareceu inesperadamente, "Foi uma grande festa. Não vistes muito, mas foi um bom começo em mais do que um sentido."

"Não nos disseste, Anne, há algum tempo, que as pessoas nas 'materializações' viam na realidade o Beta do médium, moldado pelo seu pensamento para se assemelhar a outra pessoa?", perguntou o Darby.

"Isso", respondeu Anne, "é GERALMENTE verdade. Mas não vos disse que era impossível ver o Beta da outra pessoa. Depende das condições; da estação recetora, da força da corrente; de muitas coisas de que falaremos juntos."

"A emanação das pontas dos dedos é uma emanação que ocorre connosco a toda a hora?", indagou Gaines.

"Não", foi a resposta de Anne. "Era o Beta que vos estávamos a mostrar."

5. A SEXTA REUNIÃO

Para a sexta reunião, o biombo de quatro painéis tinha sido coberto com um material preto fosco, tal como as cadeiras onde as estações se iam sentar. Tínhamos também adquirido lâmpadas elétricas de dez a vinte e cinco watts, coloridas de vermelho, verde, lilás e cor-de-laranja, respetivamente. A Sra. Gaines não pôde estar presente.

Após alguma espera, e com a mesma manipulação da mão, a substância semelhante a fumo elevou-se novamente, primeiro do polegar da Joan, depois de todos os seus dedos. Por fim, ficou visível o contorno completo de uma mão dupla e difusa. Esta encontrava-se cerca de quatro polegadas acima e à esquerda da mão física.

"Alguma sensação?", exigiu então Betty.

O Darby aproximou-se e tocou no duplo; mas não na mão física. A Joan encolheu-se e soltou um grito.

Isto foi evidentemente considerado satisfatório para esta fase da experiência; pois disseram-nos agora para experimentar as diferentes luzes coloridas. A experiência até então tinha sido feita sob as luzes brancas comuns da sala. Por conseguinte, introduzimos as várias lâmpadas coloridas, uma de cada vez. Betty descreveu a luz verde como "nítida e ácida"; a luz cor-de-laranja como "ofuscante"; mas pareceu satisfeita com a lilás, que disse ser "suave e reabastecedora".* Quando prosseguimos com as outras cores, ela exigiu insistentemente a lilás de volta. Acabámos por usá-la habitualmente. Era de vinte e cinco watts de potência, de tonalidade muito clara, e dava uma boa e forte iluminação na qual se podia distinguir cada detalhe da grande sala.

*** Não se deve esquecer que ambas as estações estavam sempre pesadamente de olhos vendados.**

O contorno do antebraço da Joan começou agora a perder a sua nitidez. Tornou-se enevoado, muito com o efeito de uma lente de foco suave. Pouco depois, uma emanação ou auréola uniforme começou a formar-se ao longo de todo o antebraço, irradiando talvez duas polegadas a partir da carne. A sua aparência em substância era como um brilho esverdeado-azulado de fosforescência; mas tinha uma profundidade e suavidade que a fosforescência não possui. É provável que a cor tenha sido influenciada pela luz lilás. Esta auréola definiu-se até produzir um duplo do antebraço, como na sessão anterior.

A Joan pediu agora a Margaret para se aproximar. A Margaret posicionou-se a cerca de quatro pés da Joan, ligeiramente à sua direita e à sua frente. Passados alguns momentos, a Margaret estendeu ambas as mãos em direção a Joan. Mais tarde, ela disse que foi impelida a fazê-lo pela mesma

força reconhecível que costumava mover a sua mão na escrita automática.

Relatou também que tentou inclinar-se para a frente na sua cadeira, mas foi empurrada para trás pelo mesmo tipo de força para se encostar ao encosto. As suas mãos e braços tiveram a sensação de estar a ser sustentados, não por qualquer apoio por baixo, nem por suspensão vinda de cima, mas por uma força de atração nas pontas dos dedos, como se houvesse cordões ali presos. Que este suporte tinha valor físico ficou amplamente provado pelo longo período de tempo que ela manteve ambos os braços totalmente estendidos sem fadiga.

O mesmo fenómeno semelhante a uma auréola, embora em menor grau, foi agora observado em redor da sua mão. Anne começou a falar e a dar breves instruções. Entre a mão da Joan e as duas mãos da Margaret formou-se uma faixa do mesmo nevoeiro lucente, com cerca de quatro a seis polegadas de largura, uma espécie de ligação luminosa entre as duas. Então Anne instou "as moças a darem um aperto de mão pelos rapazes".

O brilho, em forma mais condensada, emergiu a cerca de três ou quatro polegadas da mão da Margaret, e a cerca de um pé e meio da de Joan, mas não o suficiente para cobrir o espaço intermédio. Anne instou Margaret de forma enérgica e repetida a "deixá-la ir". Finalmente desistiu disso e disse-lhes para "jogarem à bola".

Primeiro a Margaret, depois a Joan, alternadamente, fizeram o movimento de atirar algo uma à outra. Isto fez com que um clarão (a palavra pretende exprimir a velocidade, não a aparência; a qual não tinha nada da qualidade brilhante de um verdadeiro clarão) desse mesmo fulgor passasse entre elas. O efeito assemelhava-se muito ao da luz do farol de um automóvel a cruzar uma sala, desde que, mais uma vez, o elemento de brilho intenso fosse eliminado. Note-se que isto não era visível em todos

os movimentos de arremesso. Captámo-lo distintamente cerca de uma em cada três vezes.

Em seguida, uma massa indeterminada mas volumosa do mesmo material formou-se lentamente acima do antebraço da Joan, ou perto do seu lado direito. Betty disse que seria feita uma tentativa de mostrar o Beta da Joan, ou uma manifestação de uma fase dele. A forma geral de uma figura tornou-se visível, mas a coisa toda era mais uma massa em certa proporção do que uma figura. A cabeça não estava definida. Por esta altura, Anne deu-nos instruções para as trazer de volta e fazer um descanso.

Após cerca de dez minutos, ambas foram adormecidas novamente. Anne instruiu a Joan a levantar-se, segurando ainda a mão de Betty. Ela assim fez, e a cadeira foi retirada. Lentamente, o lado direito do seu corpo ficou com o contorno indistinto, embora aparentemente houvesse mais luz refletida por trás no lado direito do que no esquerdo. O corpo fundiu-se no fulgor habitual. Esta também se mostrava abundantemente acima da sua cabeça. Espalhou-se até que praticamente toda a área que a rodeava ficou preenchida com ela. Uma escuridão formou-se em seguida a cerca de dois pés de distância, à sua direita, semelhante em aparência ao "saco de carvão" na Via Láctea.

Ao início, formou uma faixa com talvez trinta polegadas de largura mesmo através do brilho, mas encurtou até que o topo da mesma ficou ao nível da cabeça da Joan. Toda a figura do corpo seguindo o contorno do lado direito, incluindo a cabeça e o antebraço, formou-se então, exatamente com a aparência da segunda imagem do antebraço da primeira noite destas experiências. O Cass, o Darby e eu comentámos no mesmo instante que o rosto estava ligeiramente de perfil. A figura era constante, mas o perfil aparecia e desaparecia; isto é, surgia e sumia a cada momento. Anne instruiu alguém a "pinchá-la". Eu pinchei este segundo corpo em vários pontos e obtive reações rápidas e fortes do corpo físico da Joan (a cerca de dezoito

polegadas de distância) nos pontos correspondentes — joelho, braço, ombro, cabeça.

O Beta foi fortemente atraído em direção a Margaret, e a Joan balançou para o seguir, fazendo com que Betty se agarra-se bem a ela. A Joan balançou em seguida em direção a Betty. O Beta permaneceu na posição, pelo que o efeito foi o da Joan se afastar dele e o expor ainda mais.

Ora, a Joan foi novamente sentada na cadeira e as luzes brancas foram acesas.

Estes resultados pareceram-nos maravilhosos e satisfatórios; mas Anne disse-nos que não estava satisfeita.

"Podes dizer-me o que está a acontecer à minha mão direita?", perguntou a Margaret subitamente.

Ela disse que, durante algum tempo, a começar pelo polegar e estendendo-se a toda a mão, sentira como se esta tivesse sido tomada e puxada para fora. Anne riu-se entre dentes.

"Está a sair", explicou ela. "Dá um formigueiro na mão e sente-se um bocado de frio, não é? Coloca a tua mão a uma polegada dos dedos dela e sentirás a faísca."

Percebemos então a emanação, como uma espécie de prolongamento dos dedos. Isto foi sob a luz branca. Gaines passou a mão a cerca de uma polegada e meia das pontas dos dedos dela. Ela sacudiu-os violentamente, como se estivessem sensíveis e tivessem sido tocados. Isto repetiu-se várias vezes. Foi preciso considerável insistência para a convencer de que Gaines não tinha tocado nos seus dedos físicos; mas eu próprio, o Darby e o Gaines podíamos atestar categoricamente que não tinha sido o caso. O Cass viu os dedos secundários, ou prolongamento, tão distintamente que pôde perceber a mão de Gaines a entrar em contacto com eles. Ela estava na sua consciência normal; embora mais tarde nos tenha dito que tentara, pouco antes, juntar-se à

nossa discussão — que acompanhava livremente todas estas experiências — e se vira incapaz de falar.

"Quem me dera", concluiu ela, "ter outro nome para o Beta."

"Chamar-lhe-eis o Beta", declarou Anne. "Tem forma e figura, é material e tem todos os atributos do vosso próprio corpo intensificados. Vós não o sentiríeis se fosse uma coisa vaporosa.

A coisa mais verdadeira é o que nós conhecemos, e isso é o corpo humano com todos os seus atributos. Vós sois apenas reflexos."

"No caso de doença no corpo físico, há um reflexo no Beta?", perguntou o Darby.

"Até certo ponto", disse-nos ela. "A doença está no corpo físico porque este se desintegra, e o Beta não. O Beta é uma coisa inteira, e o físico são muitos pedaços."

6. A SÉTIMA REUNIÃO

A sétima sessão começou à luz do dia, à tarde. As emanações fumarentas começaram quase imediatamente a elevar-se das pontas dos dedos da Joan, e foram prontamente seguidas pelo enevoamento da auréola do antebraço. Evidentemente, a prática trazia facilidade, mas durante algum tempo o fenómeno não progrediu além deste ponto.

"Estas são experiências audazes", observou finalmente Betty, como que em tom de explicação. "Ir além deste ponto exige mais preparação. Oh, coitada da miúda, eles estão a estimular o corpo dela para o tornar mais visível. — É muito experimental. — Uma espécie de processo de fricção, como quando se esfrega cor na pele. — Talvez surja apenas um clarão. Não olheis

constantemente, mas sim de forma intermitente. — Como vedes, naturalmente o Beta dela não é muito vigoroso, não nasceu, por assim dizer. Deve ser estimulado; tornado mais visível."

O rosto da Joan pareceu ficar cinzento-pérola e um pouco esbatido. Todos nós captámos isto e mencionámo-lo, mas não tínhamos a certeza de que o efeito não pudesse ser da retina. Face aos desenvolvimentos posteriores, provavelmente não era da retina, mas, passados alguns momentos, esta fase da experiência foi aparentemente abandonada, como indicaram as observações seguintes de Betty.

"Tentaram estimulá-lo até ao ponto de visibilidade e agora passa-se outra coisa", disse ela. "— Há grande confiança; por isso, não desanimeis. É necessário. Quanto mais se fizer esta experimentação, mais seguros serão os resultados para repetição. Estamos no caminho certo; está tudo bem."

"Quem é este que está tão seguro?", perguntou Gaines.

"Sou eu; a refletir", respondeu Betty.

Sob instruções detalhadas através da Betty, a Margaret e a Sra. Gaines — os "polos negativos", como os Invisíveis lhes chamavam — foram sentadas em frente e um pouco à esquerda da Joan e da Betty. Estavam na sua consciência normal. Fluxos do brilho ou "fumo" vinham para Joan a partir das mãos delas, que ambas se sentiam impelidas a estender na direção dela. Testámos uma bússola prismática militar na linha desta emanação e, em três ensaios, obtivemos em cada caso uma variação para oeste de quinze graus.

A Joan estava voltada para o norte magnético; e os "polos negativos" estavam vinte graus a este do norte em relação a ela. Anne instruiu agora a Margaret e a Sra. Gaines a pegarem nas mãos da Joan e Betty, alternando os polos positivos e negativos. A primeira manifestação com esta disposição pareceu ser o facto de a pele da Joan se tornar autoluminosa, brilhando com um

branco suave. Isto pareceu evidente para todos nós, especialmente em contraste com os tons de carne dos outros que se sentavam ao seu lado; mas, para termos a certeza de que não se tratava de um reflexo, dispusemo-nos, por meio de biombos, a projetar uma sombra forte sobre a Joan, de modo que, em contraste com o resto da sala, ela ficou sentada na penumbra. A luminosidade persistiu.

Voltámos a sentar-nos. As feições da Joan tornaram-se indistintas, como na primeira e mal sucedida experiência da tarde. Parecia tornar-se uma mera massa, sem detalhes reconhecíveis.

Gradualmente, uma máscara luminosa semelhante a um nevoeiro pareceu formar-se em frente ao seu rosto, ao início com caráter intermitente, depois de forma contínua. Era inicialmente sem forma mas, de um modo ondulante, assumiu uma espécie de figura rude. Cedo se tornou muito evidente que se estava a tentar formar outro rosto em frente ao da Joan, usando este material luminoso semelhante a nevoeiro como meio plástico. A ligadura em redor dos olhos da Joan tinha desaparecido inteiramente e, pouco depois, todos nós vimos distintamente uns olhos. A modelação é difícil de descrever, pois era lenta, intermitente, ondulante e um pouco incerta.

Através de um forte esforço de concentração era sempre possível olhar através desta máscara e ver o rosto da Joan com a ligadura branca em redor dos olhos, mas assim que a concentração relaxava minimamente, o rosto da máscara reaparecia. O resultado final foi uma mulher com o cabelo apanhado no alto da testa, um rosto bastante redondo — ou, mais precisamente, um oval rechonchudo —, nariz curto, lábio superior longo e boca larga. Este rosto não era nítido e firme, como um rosto físico ou uma fotografia. As suas feições, tal como descritas acima, não mudaram em momento algum para feições de qualquer outro caráter, mas aumentavam e diminuíam em nitidez, de modo que em momento algum houve uma imagem única completamente correlacionada. Não tinha cor.

Isto desapareceu na mesma massa disforme de nevoeiro luminoso em frente ao rosto de Joan. Em seguida, tentou-se um homem. Este não chegou tão longe na formação. Tudo o que se pôde determinar foi que tinha um rosto quadrado e magro, testa quadrada, maxilar firme e (provavelmente) maçãs do rosto bastante salientes. Anne disse que este era o Stephen.

"Agora", disse Anne, "mostrar-vos-ei quão brilhante é a moça e depois podereis acordá-la."

A qualidade luminosa da Joan aumentou, primeiro na carne exposta, depois nas suas vestes, até que, contra o biombo preto, parecia ser autoluminosa. O seu vestido preto, que se tinha fundido com o biombo, estava agora claramente delineado. A título de teste, projetámos uma sombra completa sobre os seus pés e tornozelos por meio de um pequeno biombo de mão, mas o mesmo grau de luminosidade pareceu persistir, mesmo num exame minucioso.

Duas vezes mostraram-se brevemente luzes mais brilhantes e encrespadas, uma vez ao longo da sua testa e outra em redor da sua cintura. Por fim, os seus olhos tornaram-se luminosamente visíveis para nós através da ligadura que trazia em redor deles.

Tudo isto foi feito à luz do dia, sem pressas, sem excitação da nossa parte e com todas as precauções em que pudemos pensar para evitar a fadiga da retina. Não olhámos fixamente, descansámos os olhos frequentemente. Recusámo-nos a aceitar muitas pequenas fases que não tínhamos a certeza de ver; que não nos fossem de certa forma impostas.

Trouxemos agora as estações de volta à consciência normal e interrompemos para o jantar.

A sessão recomeçou por volta das nove horas. A luz violeta foi utilizada por ter sido a mais bem-sucedida. Esta, a propósito, estava à esquerda e um pouco à frente das estações, e disposta de modo a que estas não projetassem sombra no fundo do biombo.

Os Polos Negativos estavam sentados como antes, isto é, alternando com os dois Positivos.

A primeira tentativa foi apenas parcialmente bem-sucedida. A nuvem de nevoeiro formou-se acima da Joan e, com o passar do tempo, distinguimos um eixo vertical da mesma à sua direita. Este, contudo, não alcançou maior definição. A experiência com os rostos semelhantes a máscaras foi então retomada. O procedimento foi como o da tarde. A Margaret descreveu a impressão como sendo parecida à de estar a uma distância considerável das pessoas, como numa ópera, e ver os rostos como massas, com feições semidefinidas ou vislumbradas momentaneamente. Para mim, era como olhar para baixo através de água límpida para um rosto mesmo no limite da visibilidade devido à profundidade. A qualidade do brilho, do nevoeiro, da emanação a que chamámos fosforescente assemelhava-se mais à qualidade da luz que se obtém através da água de um aquário comum.

Seis rostos diferentes formaram-se um após o outro. Alguns foram reconhecidos por um ou outro de nós. Adotámos a ideia de confrontar as feições salientes uns com os outros. Deve recordar-se que os membros deste grupo vinham de secções do continente muito afastadas entre si e possuíam poucos conhecidos mútuos nesta terra, e nenhuns do outro lado. Assim, a Cass, por exemplo, dizia:

"Reconheço este."

Ao que eu, que nunca tinha visto o original do retrato, descrevia as feições. Em todos os casos, estas comparações coincidiam perfeitamente.

Esta é uma boa altura para notar uma impressão. Estas imagens ou máscaras transmitiam a emoção naturalmente concedida a retratos e não tanto a personalidades. Os observadores ficavam satisfeitos por os reconhecer, mas não

sentiam nenhuma da intensa emoção de boas-vindas que naturalmente se seguiria ao aparecimento de personalidades reais.

Na verdade, não havia o sentimento interior de personalidade que tantas vezes acompanha a palavra falada. Eram o que Anne lhes chamava: retratos. Deve notar-se ainda que estes retratos eram, na maioria dos casos, de pessoas com cujas feições a Joan não estava familiarizada. Ela nunca tinha ouvido falar de algumas delas, certamente nunca as tinha visto, nem a qualquer fotografia delas.

Deve também notar-se que, com a possível exceção do momento em que Anne mostrou "quão brilhante é a moça", não há nada até agora que ligue positivamente estes fenómenos à ideia do Beta. Eram extraordinariamente interessantes, mas não iam além da hipótese do ectoplasma. De facto, Anne expressou algo deste pensamento.

"Não fomos tão longe esta noite quanto esperávamos", disse ela. "Não me parece que isto esteja ainda bem disposto. É melhor sem o toque do pulso; sem que a Margaret e a Lucy toquem na Joan e na Betty, mas apenas sentando-se perto para que a faísca possa saltar. Estamos um bocado desapontados com esta noite. Tínhamos um grande programa planeado."

"Aquelas máscaras que vimos eram feitas do Beta da Joan", perguntou o Darby, "ou dos Betas das pessoas que mostravam os seus retratos? Por outras palavras, estavam aquelas pessoas realmente ali?"

"Isso é um bocado difícil", foi a resposta. "Estavam aqui e não estavam. Foi o seu próprio Beta que se revelou. Se tivesse sido totalmente bem-sucedido, então não teríeis tido dúvidas porque as teríeis conhecido. Vós, contudo, vimo-las de forma mais clara do que vistes o próprio Beta da Joan. Bem sabeis que a vossa dificuldade está nas vossas próprias mentes. Elas fecham-se e recusam. Vedes, e sabeis que vedes, e no entanto duvidais. O Jack viu de facto o Joe, e sabe que viu o Joe."

"Não", negou Gaines, "vi uma figura, mas não vi nenhum rosto ali nem nada que se assemelhasse a ele. Estou disposto a admitir que era o Joe, se o dizes; mas não consegui VER que era ele. Porque são estes rostos representados com uma certa idade da vida?"

"Eles escolheram o que é mais reconhecível", disse-lhe Anne. "Agora trazei a Betty e tentarei mostrar-lhe algo."

Betty foi trazida de volta. Os Polos Negativos também regressaram para o corpo da sala, de modo que a Joan ficou sozinha. Sob a direção de Anne, ela levantou-se e a cadeira foi retirada. Os fenómenos subsequentes são interessantes não apenas por causa das suas características especiais, mas também porque provaram que a Joan progrediu agora de tal forma que consegue passar sem a ajuda de Betty no outro lado.

Começaram de novo com as "máscaras". A primeira cabeça era um bom retrato rude de alguém conhecido por dois de nós.

Betty não conseguia distinguir as feições, apenas via a mudança no rosto de Joan. Seguiu-se Mary K. O rosto era como antes, mas agora um corpo forte, de estrutura grande e ombros quadrados estava de alguma maneira sugerido de forma tão clara que todos nós o captámos, exceto Betty, que parecia ainda estar a ver as primeiras fases. Enquanto observávamos, o rosto e o busto viraram-se nitidamente para a esquerda, ficando em perfil, bem marcado e inconfundível. Cruzei a sala rapidamente e verifiquei que Joan não se tinha mexido e continuava voltada em linha reta para a sala.

Anne surgiu novamente com um retrato de si mesma que tinha mostrado à tarde. Havia também aqui uma sugestão de corpo, com uma espécie de cintura comprida e saias rodadas e cheias que chegavam até ao chão. (O traje da Joan era o vestido moderno e ajustado ao corpo, então na moda, com saias curtas).

"És vaidosa, Anne", disse o Gaines a brincar, "para te mostrares tão jovem. Eras uma mulher idosa quando morreste."

Imediatamente o rosto começou a mudar até se ter tornado o de uma mulher muito idosa. Depois assumiu uma meia-idade; e mais tarde regressou à juventude. Isto processou-se lentamente.

Seguir-se-iam agora os retratos mais vívidos; os de Joe e Lee. A semelhança de Joe era perfeita, fortemente marcada e mais firme do que as outras. Vestia um fato de marinheiro e mantinha as mãos, segundo disse Gaines, numa atitude característica. Lee apareceu como um rosto jovem muito puro, de grande beleza, com uma idade aparente de cerca de dezasseis anos.

Anne anunciou que tentaria mostrá-los a ambos ao mesmo tempo, acrescentando que não sabia como fazê-lo e que duvidava do sucesso. Ela aparentemente produziu duas das sombras nevoentas, uma de cada lado da Joan, mas estas não assumiram forma humana. Isto encerrou a sessão.

Adicionarei, como questão de interesse, que mais cedo nessa noite se tinha tentado a vidência com cristal. A Joan, a Lucy* e a Margaret viram várias pequenas cenas que continham uma ação inconclusiva — um prospetor a montar acampamento, uma viagem de barco descendo um rio tropical, um episódio na rua de uma cidade estrangeira, etc. Dizia-se que estas cenas eram nitidamente recortadas, mais claras do que uma fotografia. O ponto interessante era que as três conseguiam ver a mesma coisa ao mesmo tempo. Isto obviaria a teoria da auto-hipnose subjetiva, a menos que se adotasse uma hipótese de telepatia precisa.

** A Sra. Gaines.*

7. A OITAVA REUNIÃO

"O passo seguinte", observou Anne, "é fazer com que venha para fora cada vez mais do Beta, juntamente com cada vez mais do nosso para o assimilar, de modo a termos a aparência suficientemente forte para examinar e analisar. Por isso, tende

paciência e continuai nas mesmas linhas, embora desta vez, com a corrente de força livre — não é uma boa palavra —, vá mais para fora. Notareis que a primeira ação é sempre a mesma."

Isto era verdade. As emanações leitosas habituais ocorreram em redor da Joan. Esperávamos mais manifestações em redor do rosto, pelo que ficámos muito surpreendidos ao ver que a mão direita da Joan ia ser o campo de operação. Esta alongou-se até quase ao dobro do seu comprimento normal. Umas vezes apresentava um aspeto profundamente fendido, outras vezes mostrava-se preenchida de forma sólida. Ora um dedo, ora outro, aparecia instantaneamente com um comprimento desmedido. Não disparava para fora, mas surgia subitamente e desaparecia com a mesma rapidez, embora a permanência da aparência se estendesse por oito ou dez segundos.

A mão e os dedos pareciam por vezes estar em movimento, embora tanto Gaines como eu nos tivéssemos aproximado o suficiente para atestar que a mão física da Joan estava imóvel. Na verdade, por experiência própria, verificámos que não conseguiríamos de modo algum manter as nossas mãos tão completamente quietas. Por vezes, as pontas destes dedos do Beta, como se lhes poderia chamar, eram de um vermelho profundo e pareciam quase chamas; em todos os momentos apresentavam um tom rosado. Notou-se que a carne da Joan, quer nos braços, no rosto ou no pescoço, não tinha nada do efeito luminoso esverdeado-azulado habitual.

A certa altura, durante alguns segundos, a mão dobrou-se na semelhança de uma flor semelhante a um lírio. Num exame de perto, os dedos da própria mão da Joan brilhavam numa fosforescência de matiz avermelhado, e as extensões dos dedos não eram diferentes na aparência das unhas de um chinês a quem se tivesse permitido deixá-las crescer muito. Isto podia distinguir-se mesmo à distância de três pés. Um exame mais de perto mostrava apenas a mão natural rodeada pelo "fumo".

Terminado este fenómeno, seguiu-se uma curta pausa. Gaines levantou-se da cadeira para examinar mais de perto. A uma distância de cinco ou seis pés da Joan, colocou o pé no tapete ao dar um passo em frente. A Joan gritou abruptamente, dizendo: "Sai de cima de mim! Estás a pisar-me!" Gaines voltou apressadamente para a cadeira! Quase imediatamente a seguir, queixou-se do frio e continuou a fazê-lo a intervalos. O frio foi notado aqui e ali. A figura da Joan pareceu tornar-se maior e ligeiramente luminosa.

"Ora, nós não existimos exceto —", gritou Betty de repente. "Estou cá fora na sala! — Estamos ambas espalhadas pela sala! — Agora estamos ali em baixo, sobre a secretária da Margaret."

"Vamos puxá-las um bocado para trás", sugeriu a Joan, "Não conseguimos fazer nada quando elas vão tão longe para fora."

Betty disse mais tarde que, a partir do seu ponto de observação da outra consciência, assistiu ao processo na Joan. O nevoeiro saía dela, rolava e rolava como uma bola e, finalmente, desprendia-se. Depois, para seu espanto, deu por si também fora na sala, e as duas juntas pareciam preenchê-la. Queria ir lá para fora, para além da sala com a Joan, mas foi-lhe proibido. Teve a impressão de "exercer pressão", de "espalhar ondas de influência", e ficou com a ideia de que este era o método deles para nos influenciar. Disse que lhe parecia destinado mais como um trabalho de desenvolvimento para as duas do que como uma tentativa de fazer algo por nós; e a certa altura observou: "Eles libertaram-nos a ambas juntas para trabalho futuro."

Anne observou então brevemente que nos mostraria alguns retratos. O procedimento não diferiu do de ontem. Joe era inconfundível no seu fato de marinheiro, sentado. Antes de este último retrato surgir, pareceu haver uma óbvia confusão de feições, mostrando-se primeiro de uma maneira e depois de outra. Betty observou: "O Stephen e o Joe lutaram por causa dele. Isso não correu muito bem. O Stephen começou-o e o Joe acabou-o."

"Quero que a Betty veja algo, por isso vou enviá-la para fora", disse Anne.

Betty regressou muito lenta e relutantemente, e o mesmo tipo de experiências foi repetido com o que pareceu ao resto de nós um sucesso assinalável. Para sua grande deceção, contudo, Betty pouco conseguia ver além do facto de as feições da Joan desaparecerem, de haver um nevoeiro luminoso e de algo — quase disforme para ela — estar sobreposto ao rosto da Joan. O resto de nós, com exceção da Margaret, tinha visto não apenas a mesma coisa, mas aparentemente o mesmo grau da mesma coisa. A Margaret teve lapsos em que não viu nada.

Ora, embora não tivéssemos dúvidas de que certos fenómenos estavam realmente a ocorrer, fora da possibilidade de ilusão, este aspeto perturbou-nos um pouco. Discutimo-lo longamente. Recordámos duas declarações anteriores. O Joe tinha-nos dito que parte da preparação necessária para estas experiências era a sintonização das nossas retinas para ver; e que, quando numa ocasião o Gaines não tinha visto o que nós tínhamos visto, era porque ele estava a "ser usado". A primeira declaração parece ter uma analogia muito boa no ajuste necessário das pupilas quando alguém passa de uma luz solar brilhante para uma sala escura. A influência da cor na luz no sentido de tornar certos objetos mais ou menos visíveis é também apropriada.

Os operadores de câmara de cinema, por exemplo, têm ecrãs coloridos, para determinar valores actínicos, que eliminarão completamente da visibilidade certas flores brilhantes e coloridas num campo de relva, ou colocarão em forte relevo outros objetos que a olho nu aparecem num monótono indistinguível com o que os rodeia. Assim, a preparação especial do público, como se lhe poderia chamar, deve ser considerada uma parte legítima de experiências como estas.

Não obstante, compreendíamos perfeitamente que, para ter um valor geralmente convincente, deveria ser possível para

QUALQUER pessoa ver estas coisas claramente em QUALQUER altura. É comparativamente inútil, do ponto de vista científico, produzir resultados dos quais apenas certas pessoas se apercebem, e dos quais certas outras pessoas então presentes nada veem de todo.

Se é necessária uma preparação especial da retina, então essa preparação deve tornar-se tão padronizada como os filtros de cor do operador de câmara. Admitindo que o filtro de cor é necessário; admitindo que é absurdo esperar ver a olho nu, por assim dizer, o que exige um aparelho especial, no entanto, esse aparelho especial deve ser universalmente aplicável. Caso contrário, uma certa proporção de testes científicos deve, em certas alturas, revelar-se negativa, dependendo inteiramente do equipamento pessoal do investigador ou da sua suscetibilidade ao ajuste necessário.

É talvez pedir demasiado, nesta fase de desenvolvimento do assunto, que esta padronização tenha ocorrido. Portanto, uma prova científica exata ainda não é possível. Estamos ainda na fase empírica da investigação, na acumulação de testemunhos, que devem ser examinados e pesados com base na credibilidade, no equilíbrio e no julgamento das testemunhas.

"A Betty", respondeu Anne à queixa dela, "não consegue ver porque não está no seu estado normal. Ela não regressou completamente. Há uma tenacidade inconsciente. Não é culpa da Marget (o facto de por vezes ver imperfeitamente). Usamo-la muito com a moça (Joan)."

"Poderias, mesmo que vagamente, dar-nos um vislumbre da direção que o trabalho vai tomar?", perguntei.

"Tentaremos trazer o Beta inteiramente para fora e de forma clara, para que seja tangível. Isto é experimental para nós como o é para vós, e não podemos dizer com exatidão."

8. A NONA REUNIÃO

Por ocasião da nona reunião, foi mostrado o que se dizia ser o Beta real da Joan, como algo distinto dos materiais moldados que tinham formado os "retratos" ou máscaras.

Darby e Joan chegaram um pouco mais tarde do que os restantes, pelo que experimentámos Margaret sozinha contra o biombo preto. Percebemos as emanações fumarentas das pontas dos dedos e repetimos com grande sucesso a experiência de tocar no ar a uma distância de uma a cerca de três polegadas das pontas dos dedos e obter uma reação física instantânea. Margaret relatou que, enquanto no outro dia sentira definidamente como se o seu dedo estivesse a ser tocado, hoje recebera um choque nítido e semidoloroso, quase como se fosse de uma corrente elétrica.

O Darby e a Joan entraram entretanto, e Betty foi adormecida juntamente com a Margaret, a fim de dar a Joan a oportunidade de ver algo, se possível. A demonstração foi inteiramente bem-sucedida. O peculiar prolongamento dos dedos da Margaret, a nuvem de brilho e, finalmente, a formação de máscaras seguiram as linhas habituais. O mero facto de se poderem obter retratos bem definidos diante da Margaret, bem como da Joan, foi interessante. Foram mostrados três retratos. O último foi o mais distinto e firme de todos os que tivemos até agora. Um homem com barba Vandyke cinzenta ou clara, olhos profundos, cabelo abundante, com um remoinho mesmo ao lado da linha central da testa.

A Joan identificou-o como sendo o seu pai. Betty tossiu de forma seca e persistente no exato momento em que esta máscara se formou; e a Joan disse que isso era característico. Alguém através de Betty, provavelmente o pai de Joan, disse: "Muito, muito gratificante." Betty instruiu-nos que a Sra. Gaines devia agora trabalhar nisto, depois de Margaret e antes de Joan, "A fim de harmonizar".

Por conseguinte, ela ocupou o lugar da Margaret durante algum tempo. Os fenómenos centraram-se na sua mão direita. Os

dedos alongaram-se e voltaram ao normal, a mão tomou uma forma estrelada ou tornou-se um grupo sólido, e os dedos contorceram-se e moveram-se — embora a mão física estivesse imóvel —, tal como acontecera com a Joan no outro dia. Um aspeto novo foi proporcionado pelos raios pulsantes de brilho, semelhantes a uma aurora, que disparavam da palma estendida da sua mão em direção ao chão. Estes foram, de longe, os mais vívidos de tudo o que tínhamos visto até então. Houve também clarões breves mas brilhantes ao longo do seu peito.

Ora, a Joan foi adormecida e a equipa original começou a trabalhar. A mão erguida passou pelas suas mudanças como antes.

"Estamos a sair novamente. Esperai por nós", declarou Betty.

Os tornozelos da Joan começaram a mostrar-se luminosos. Tínhamos notado particularmente antes que eles estavam em sombra quase completa e sem brilho. Agora, contudo, começaram a resplandecer. A luminosidade estendeu-se para cima até mesmo abaixo da cintura. O mesmo efeito começou nos ombros e estendeu-se para baixo, tendendo a encontrar-se com o de baixo, desgastando estavelmente a área escura que persistia por mais tempo em redor da sua cintura. Tentámos mover o suporte do candeeiro para projetar mais e menos luz, mas sem efeito na alteração da extensão ou da totalidade da luminosidade.

"A Joan está a derreter-se como um pedaço de gelo", disse Betty.

Os tornozelos começaram agora a esmaecer, seguidos, na ordem inversa, por um esbatimento do resto da luminosidade, até que a sua aparência voltou a ser normal.

"Agora", disse Betty, "estamos fora por toda a sala."

O frio fez-se sentir, especialmente perto do chão. O termómetro de registo automático mostrou uma descida de cerca de quatro graus, mas como uma porta tinha sido aberta a certa altura durante alguns minutos, o registo não foi conclusivo. Deve

notar-se, contudo, que fomos incapazes de provocar uma descida semelhante mais tarde ao abrir a mesma porta.

Gaines foi o primeiro a notar uma sensação de pressão na sala, como se a pressão do ar tivesse aumentado. Isto foi notado por todos e foi mencionado por Betty.

"Agora está tudo bem", disse ela, "Preencheu a sala. Estamos numa substância fluida diferente."

Até que ponto aquilo que se seguiu foi objetivo, na aceitação habitual desses termos, é inútil especular agora; nem até que ponto foi induzido por nós próprios ou provocado. Os factos devem ser registados o mais cuidadosamente possível, e as explicações deixadas para um desenvolvimento mais completo. O Darby e eu vimos as mesmas coisas, praticamente na mesma extensão e ao mesmo tempo. O Gaines via-as por vezes. Quando não as via, estava consciente de uma forte corrente de algum tipo.

O Cass via as mesmas coisas, mas com menos frequência e, por vezes, não tão completamente. Ele também estava consciente de uma corrente. A Sra. Gaines e a Margaret viam menos, mas estavam quase continuamente conscientes da corrente. O Darby e eu nunca estivemos conscientes de correntes. Há uns dias, Anne, através da Joan, dissera a Darby que Gaines era um bom "alimentador" e que, enquanto estivesse nessa tarefa, não veria nada. O Darby não disse isto a Gaines senão depois de este último ter relatado o facto acima mencionado.

A máscara ou invólucro habitual foi projetada em frente ao rosto da Joan. Ela ergueu então a mão em direção ao seu rosto físico. A mão mostrava-se claramente ATRAVÉS da máscara; e tornou-se evidente que o rosto físico tinha desaparecido por completo. Isto é, a mão, claramente visível, mostrava-se através da máscara, contra um fundo aparentemente vazio; embora, na realidade, estivesse apoiada no seu queixo físico. Isto foi repetido a pedido e foi visto claramente durante algum tempo por toda a gente.

Eu estava sentado a cerca de quatro ou cinco pés da Joan, que estava mais distintamente visível para mim do que para qualquer outra pessoa na sala. Enquanto eu observava, sem olhar fixamente — desviando os meus olhos a cada momento para evitar a fadiga —, primeiro os contornos do seu corpo fundiram-se com o fundo preto, deixando em grande destaque o branco dos seus braços, pescoço e rosto. Depois, rapidamente, o preto pareceu fechar-se sobre estes.

A Joan tinha desaparecido por completo, deixando apenas o biombo preto. Ela reapareceu com igual rapidez ao fim de três segundos. Comentei isto, mas suspeitei que fosse talvez o efeito de esbatimento de um olhar demasiado atento. Tentei, portanto, olhando fixamente, enevoando os meus olhos e recorrendo a dispositivos semelhantes, repetir este efeito de apagamento, mas em vão. O máximo que consegui realizar foi uma duplicação das áreas brancas ou um esbatimento dos seus contornos. Quando me dei por totalmente satisfeito quanto a isto, o fenómeno retomou de forma automática.

Ao início, este desaparecimento inicial foi o único completo. Os ensaios subsequentes obliteraram apenas partes. O antebraço desaparecia, ou o rosto, ou o pescoço. O Darby começou a obter os mesmos efeitos pouco depois de mim. Com o vagar das repetições, ambos conseguimos notar o facto de que todos os detalhes da sala permaneciam claros. Por outras palavras, não era como se Joan tivesse sido apagada por nevoeiro ou fumo.

"Ela será substituída por algo que só pode ser completado neste tipo de substância. É como fazer um aquário", comentou Betty.

A obliteração completa repetiu-se uma série de vezes, durando cada ocasião um pouco mais do que a anterior, até que Joan ficava invisível por mais de meio minuto de cada vez. Depois, nesta escuridão completa, surgia uma cabeça e ombros, de tamanho menor do que a Joan, umas vezes de frente, outras de

perfil, outras a meio perfil. Estava iluminada, mas não da maneira fosforescente superficial das máscaras; mais à semelhança de uma lâmpada incandescente fosca, a partir de dentro.

Essa aparência estava claramente definida, mas — pelo que vi — sem feições; em relevo; como uma silhueta. Era diferente das máscaras por parecer dar a impressão de uma entidade viva — uma personalidade. Aventou-se a hipótese de que esta poderia ser o Beta real da Joan, o que foi mais tarde brevemente corroborado por Anne quando esta retomou o controlo vocal.

Betty, ela própria ainda na outra consciência, encarregou-se agora do despertar da Joan. Avisou-nos para nos mantermos sentados, para não fazermos movimentos bruscos; dizendo que tinha de "arrumar a Joan de volta ordenadamente". Disse que não deveríamos tentar acordá-la até que Anne falasse. Isto não aconteceu senão passados alguns momentos.

"Demonstrámos", disse Anne, debilmente.

9. A DÉCIMA REUNIÃO

Infelizmente, a Sra. Gaines não pôde estar presente na décima reunião. Quando as duas estações foram adormecidas, alguém dirigiu através da Joan que Betty se devia deitar estendida entre ela própria e a Margaret. Como teve de se arranjar um colchão e dispor almofadas, as estações foram trazidas de volta. Tinham estado "fora" talvez um minuto. Por brincadeira, o Darby disse a Joan que a sessão tinha durado quatro horas. Foi interessante observar a forma inquestionável como ela aceitou isto. Ficou muito perturbada com a ideia de ter perdido um comboio suburbano! Aperfeiçoados os preparativos, a sessão foi retomada.

A primeira coisa que se notou foi uma nuvem de nevoeiro palpitante acima do rosto de Betty. Depois, a mão erguida da Joan derreteu-se e contorceu-se como habitualmente. Tanto as suas feições como as da Margaret tornaram-se indistinguíveis, embora tivessem estado claramente visíveis, especialmente para mim, já

que estava sentado a menos de cinco pés da Margaret. O Darby, muito interessado, puxou uma cadeira para uma distância de dois pés da Joan. Mesmo estando assim tão perto, conseguia ver clarões de iluminação a perpassar pelo rosto dela, à maneira de fósforo em dedos que manusearam cabeças de fósforos, e também, a certa altura, uma luz semelhante na parte de trás do seu pescoço, que estava em sombra profunda.

"A Margaret e eu devemos formar uma ponte sobre a Betty, e depois eles caminharão sobre ela", disse Joan.

Durante os momentos seguintes, faixas e pedaços do nevoeiro lucente jogaram entre a Joan e a Margaret. Depois, os braços nus de Betty começaram a perder o seu contorno e a ficar enevoados. O efeito assemelhava-se muito a como se os braços tivessem sido envolvidos numa manga larga de *chiffon*. Uma faixa de brilho, mais brilhante do que o brilho habitual, correu e seguiu a curva do seu peito. O efeito enevoado de *chiffon* espalhou-se gradualmente por toda a figura.

Anne começou agora a mimá-la de uma maneira muito bonita: "Vem lá, querida moça; vem com a Anne", e coisas do género. A Betty queixou-se de que estava paralisada, sentia-se como ferro fundido. Após considerável insistência, o efeito de *chiffon* de toda a figura pareceu ter-se elevado talvez oito ou dez polegadas acima de Betty, e a ondular suavemente, como uma vaga de fundo. Sob ordens de Anne, Joan, movendo-se rigidamente, como um autómato, deixou a sua cadeira, meio ajoelhou-se e estendeu a mão sobre Betty.

"Tenta colocar a tua mão entre o Beta dela e a moça", instruiu Anne.

Como a mão e o braço da Joan estavam estendidos sobre e perto do corpo físico de Betty, podíamos ver que estavam parcialmente obscurecidos pelo *chiffon* semelhante a nevoeiro. Anne ordenou a Joan que levantasse a Betty. A Joan colocou ambas as mãos abaixo do Beta e levantou com força, elevando o

Beta talvez seis polegadas acima da sua posição inicial. Enquanto o fazia, arquejava pesadamente, como se estivesse sob grande esforço; e após sentar-se de novo continuou a respirar de forma arquejante durante alguns momentos. O corpo físico de Betty, incluindo as dobras do vestido, começou agora a ficar mais nítido. Note-se que, durante esta experiência, tanto as feições da Joan como as da Margaret, que se tinham perdido antes, estavam novamente claramente definidas.

Enquanto esta experiência decorria, tanto o Gaines como o Cass comentaram uma sensação de emanação vinda das suas mãos. Examinando-as de perto, vimos as finas emanações fumarentas a sair dos seus dedos.

O primeiro fenómeno da experiência seguinte mostrou-se como um raio largo, ou série de raios, estendendo-se para cima a partir da cabeça de Betty. Esta faixa era larga e indeterminada.

"Reúne-te, moça", instou Anne abruptamente, "estás espalhada por todo o lado. Põe-te bonita agora para os cavalheiros."

No centro deste eixo, o Darby, o Gaines e, em muito menor grau, o Cass e eu, pensámos distinguir uma figura ereta de proporções aproximadamente humanas. A Betty anunciou-se como estando de pé. Não estava bem definida nem distinta. A Betty disse mais tarde que a falta de força no lado do "polo negativo" tivera algo a ver com o facto de o sucesso ter sido apenas parcial. A ausência da Sra. Gaines lançou todo o fardo sobre a Margaret.

"Quando isto for bem-sucedido", disse Anne, "vereis a Betty ali de pé. A coisa do eixo em redor dela é a Margaret e a Joan. Quando a Betty está nisso, a sua imagem torna-se intensificada por isso. Esse é o método."

A imagem vaga central começou agora a desvanecer-se, mas a faixa ou eixo persistiu por alguns momentos após esta ter

desaparecido. Uma vez, Anne advertiu asperamente: "Não voltes demasiado depressa, Marget", gritou ela, "Deixa a Betty ir primeiro!"

"Estava tão pesada", queixou-se Betty, "Foi como estar num fato de mergulhador e ter de me levantar."

"A seguir faremos algo com a Marget", anunciou Anne.

Com uma velocidade bastante surpreendente, uma máscara formou-se em frente a Margaret. Foi uma das mais firmes e detalhadas que já se mostraram: um homem com uma barba branca curta e aparada, um nariz reto, sobrancelhas escuras bem marcadas que terminavam abruptamente junto ao nariz, com um efeito quadrado, uma testa alta e com um tufo arqueado ou remoinho mesmo à direita do centro; o mesmo que tinha sido identificado como o pai da Joan na outra noite.

Uma segunda máscara clara foi mostrada, e uma terceira começou, mas não foi longe.

A Anne disse que a Margaret estava a ficar cansada e abandonou a tentativa. A Margaret esteve consciente durante todo o processo. Por indicação, a Betty acordou. A Anne disse que queria tentar apenas com a Joan. A Anne foi muito minuciosa quanto à eliminação de sombras, e pediu que notássemos cuidadosamente quais as sombras que não podiam ser eliminadas.

Ela começou a experiência fazendo a Joan desaparecer, como na outra noite. Enquanto permanecia visível, os seus braços até ao ombro eram discerníveis como que através de gaze, embora o tecido de que as suas mangas eram feitas fosse de um material espesso e opaco. Depois de a Joan ter sido apagada desta forma três vezes, vi novamente o seu Beta a brilhar com a incandescência interior. Ela estava agora de pé. Os outros também o viram, mas de forma intermitente. Para mim, o fenómeno continuou sem interrupção.

O biombo e a madeira da sala, etc., estavam em todos os momentos claramente visíveis. Por outras palavras, não era como se um nevoeiro tivesse sido puxado ou formado diante de toda a visão. A Anne explicou que o Beta da Joan se colocara em frente a um ecrã formado para esconder o seu corpo físico. O Beta virou-se de perfil para o oeste, cabeça, busto e braços, embora a Margaret, que estava sentada ao lado da Joan, relatasse que a própria Joan não se tinha mexido. Mostrava assim claramente as feições do perfil, queixo, nariz, testa (sem a ligadura dos olhos), embora as feições de frente fossem indistinguíveis. Solicitei que ela se virasse para o este. Isto foi feito cerca de três quartos, novamente sem movimento do corpo físico da Joan. A Anne anunciou em seguida que tentaria fazer com que o Beta da Joan se afastasse inteiramente do físico. Durante algum tempo, o Beta balançou lentamente em direção ao oeste, parecendo quase desprender-se, mas balançando sempre de volta à posição. Depois, o Beta desvaneceu-se e a Joan reapareceu.

"Gostaria que notásseis", pediu Anne, "que a moça esteve numa posição impossível durante vinte minutos, joelhos e calcanhares juntos, e mãos entrelaçadas. Não a cansou porque nós a sustentámos. Agora observai e eu deixá-la-ei cair na sua cadeira."

A Joan, com os braços rigidamente estendidos para baixo e o corpo ereto, desceu muito lentamente até à posição sentada. Isto foi feito sem quaisquer flexões de compensação ou de equilíbrio, nem inclinação do corpo. Experiências subsequentes feitas por alguns de nós mostraram claramente que isto teria sido, para uma pessoa consciente, uma notável proeza de força e equilíbrio, se é que de todo teria sido possível realizá-la. Solicitei a repetição de uma experiência de que me tinham falado.

A Joan estendeu os braços e entrelaçou as mãos à sua frente, ao nível do rosto. Exerci uma força considerável a tentar empurrar as mãos para baixo em direção ao seu regaço, mas sem sucesso.

Ao mesmo tempo, eu e os outros apalpámos os músculos dos seus braços e ombros. Permaneceram soltos e flácidos.

"Quero apenas que saibais como é", disse Anne, "Num livro, um livro antigo, não muito lido hoje em dia, foi escrito que as vossas mãos são sustentadas. Por baixo das mãos da moça estão outras mãos. Os milagres não são milagres; são a Lei."

10. A NOSSA REUNIÃO FINAL

A nossa reunião final começou por volta das três e meia da tarde e, a pedido dos Invisíveis, a Joan sentou-se sozinha diante do biombo.

Foi mostrada uma máscara da Anne, com feições reconhecíveis como antes. Todos exceto a Betty viram isto. Ela viu que o rosto não era o da Joan; mas isso foi o máximo a que chegou. A Anne disse finalmente à Betty, que se vinha a queixar de sonolência, para se sentar ao lado da Joan. Quase imediatamente ela apagou-se, sem o habitual aperto de pulso e sem ligadura nos olhos. A máscara da Anne clarificou-se e fortaleceu-se. Eu, que estava à direita da Joan, vi em direção à parte de trás da cabeça dela uma forma volumosa de cinzento que parecia a parte de trás de uma capa Tudor, ou um rolo saliente de cabelo branco.

O cabelo da Anne era preto e ripado um pouco para um dos lados. Perguntando o que poderia ser isto, obtive a resposta: "É o Beta da moça a aproximar-se." Ao desvanecer-se a máscara da Anne, chamou-se pela Margaret, que pegou no outro pulso da Joan. Durante algum tempo nada aconteceu, exceto as emanações fumarentas. "Observai o tapete", aconselhou Anne.

Assim fizemos, e vimos um ponto brilhante formar-se em redor dos pés da Joan. Aumentou gradualmente até formar um círculo do qual, em termos gerais, os pés da Joan eram o centro, mas que era suficientemente largo para incluir os pés das outras duas que se sentavam ao seu lado. Uma brisa fresca ou sensação

de evaporação era discernível a cerca de dois pés acima do chão. Esta concentrou-se mais tarde em redor dos pés da Joan e elevou-se numa nuvem até cerca da altura do seu joelho.

A Anne disse que a intenção era mostrar um nevoeiro cá fora na sala e em pé; mas que a luz elétrica lilás era melhor para isto do que a luz do dia. O Darby sugeriu colocar os operadores por trás do biombo em vez de à frente dele. A Anne assentiu um pouco duvidosa, mas disse que poderíamos experimentar, apenas para "esperar pela luz azul". Por conseguinte, fizemos um intervalo de uma hora até que a luz do dia desaparecesse.

A sessão foi retomada às 17h30. A Joan, a Betty e a Margaret foram colocadas por trás do biombo preto.

"Ficareis a observar a parte inferior junto ao tapete", instruiu Anne.

Quase imediatamente, o típico nevoeiro luminoso começou a infiltrar-se por baixo do biombo, até que a linha nítida de demarcação entre a parte inferior do biombo preto e o tapete mais claro ficou esbatida. Pouco depois, todos notámos que o painel central do biombo parecia curvar-se um pouco para fora; e esta curvatura parecia palpitar ou ondular. Havia algumas dobras bastante nítidas no tecido preto que cobria o biombo (o qual estava esticado e era "inflexível"). Estas dobras sobre a parte abaulada foram completamente obscurecidas pelo nevoeiro luminoso, que tinha aproximadamente as dimensões proporcionais de uma figura humana ereta diretamente em frente ao local onde sabíamos que a Joan estava sentada por trás do biombo. Passados alguns momentos, esta aparência moveu-se cerca de dois pés para a nossa esquerda ao longo do biombo.

Genericamente, as dobras que tinham sido obscurecidas voltaram a ficar nitidamente à vista, enquanto as da esquerda, que tinham estado claramente definidas, desapareceram agora. Neste momento, o telefone tocou. Ao ir atender, passei por trás do biombo. Para meu espanto, verifiquei que a Joan já não estava

sentada, nem mesmo diretamente em frente à sua cadeira; mas sim ereta, e exatamente atrás do ponto em que a última obscuração estava a ocorrer no outro lado do biombo. Por outras palavras, as mudanças de posição e de localização estavam a seguir exatamente os movimentos da Joan, que para nós eram desconhecidos.

"Não vais contar tudo o que sabes!", exclamou Anne, chamando-me pelo nome.

A Anne parecia bastante jubilosa com este nível de sucesso. Observou que não tinha sido uma proeza leve trazer o Beta para fora até tão longe e através do tecido espesso de que o biombo era feito.

As três retomaram agora os seus lugares em frente ao biombo. Sob direção, cobrimos completamente a Joan com um pedaço de pano preto deitado sobre a sua cabeça e caindo até ao chão. O material era espesso e impermeável; tanto assim, na verdade, que o Darby chegou a objetar, sob o argumento de que a Joan poderia sufocar.

"Nós cuidaremos da moça", assegurou-lhe Anne.

Através desta cobertura preta espessa e disforme, a figura da Joan tornou-se várias vezes distintamente visível, num contorno algo esbatido, como uma luminescência resplandecente, e depois deixada desvanecer até restar apenas a massa escura da cobertura. Ao início, esta luminosidade estendeu-se acima da cabeça da Joan; pelo que nos pareceu provável que se estivesse a tentar mostrar a sua figura ereta enquanto fisicamente permanecia sentada.

Após algum intervalo, a Anne dirigiu-nos para fixarmos a atenção num ponto a cerca de dois pés em frente da Joan. Gradualmente formou-se um nevoeiro fino, semelhante a um espetro, com proporções aproximadamente humanas em comprimento e largura, mas sem forma definida. Era muito fino e

o olho perdia-o facilmente. Por si só, teria sido uma demonstração muito duvidosa, mas em ligação com os fenómenos extremamente distintos que vínhamos observando, sentimo-nos justificados em registá-lo. O teste mais convincente do mesmo era olhar para alguém através dele. Então a obscuração, embora ligeira, parecia incontestável.

"Tenho realmente o Beta da moça de pé a dois pés em frente dela", disse Anne, "Ela não é tão alta quanto é." (Isto é, no físico) "Ela ajusta-se muito bem em si mesma."

O Darby começou a estender a mão na direção do nevoeiro.

"Não lhe toques!", ordenou Anne asperamente.

"Porquê?", perguntou o Darby, "Prejudicá-la-ia?"

"Não", respondeu Anne, "Mas tu já a viste sobressaltar-se quando lhe tocas, e o solavanco perturbaria as outras duas moças."

O pano preto foi removido.

"Tive as mãos dela em redor dos pulsos de alguns de vós", disse-nos Anne, "mas vós não o soubestes. Como posso fazer-vos sentir quando sois tão estúpidos! A sensação do Beta é como o frio e como a evaporação. Vem lá, rapaz, senta-te no chão em frente da moça e pôr-te-emos bonito."

Assim fiz. As minhas sensações foram as de estar sentado numa geleira com um duche frio e gotejante a cair de cima. Notei mais tarde que isto, contudo, não me fez tremer. Os outros relataram que foi feita uma máscara no meu rosto. Não tive outras sensações além do frio, exceto um forte impulso para sugar as minhas bochechas.

A Anne anunciou outro intervalo até depois do jantar. Disse que enviaria a Betty para fora por si mesma, sem ajuda.

Retomámos às 21h00. A Margaret sentou-se no centro, com a Sra. Gaines e a Betty de cada lado. A Joan fazia parte do público.

Uma série de excelentes máscaras foi produzida para benefício da Joan. A mais notável e inovadora foi uma muito breve da própria Margaret. Esta não se localizou como habitualmente em frente ao seu próprio rosto, mas cerca de um pé à esquerda deste, e entre ela e a Sra. Gaines. Perdurou como um ponto ou globo luminoso com cerca do tamanho de uma cabeça durante algum tempo, mas mostrou-se como um rosto apenas por um instante.

A Joan foi agora adormecida e, por direção de Anne, o Gaines sentou-se no chão à sua frente. A Joan estendeu as mãos, com a Betty e a Margaret ainda a segurar os seus pulsos, passando-as num movimento ondulante sobre a cabeça de Gaines. Ora, o Gaines é um homem de rosto redondo e com um nariz a condizer. Tornou-se uma pessoa de nariz pontiagudo, com um rosto fino e sobrancelhas pretas carregadas. O Darby e eu estávamos na verdade a menos de três pés dele quando esta mudança ocorreu. A Anne manteve um comentário contínuo num tom faceto. O Gaines relatou o mesmo efeito de frio e de banho de chuveiro que eu tinha experimentado.

A Anne chamou agora pela Betty. Esta ocupou o lugar de Gaines no chão em frente da Joan. O Darby e eu aproximámo-nos até estarmos tão perto que quase lhe tocávamos. O seu rosto pareceu mudar de feições e de forma até que a vimos diante de nós como uma criança de cerca de oito anos, com o cabelo escuro cortado em franja quadrada. Tentei focar o meu olhar para penetrar através da máscara e distinguir a verdadeira Betty, mas fui incapaz de o fazer. A aparência deste novo rosto pareceu a todos nós como sendo de carne e osso, e não do monótono luminoso das máscaras habituais. Era precisamente COMO SE a carne real tivesse sido manipulada.

"Agora vamos pregar uma partida à Betty; ela não se vai importar", disse Anne.

O rosto da Betty alongou-se; a testa tornou-se larga e baixa; maçãs do rosto salientes entraram em destaque. O resultado foi um grotesco.

"Agora ela é uma caricatura de São Valentim", proferiu Anne.

A Joan acenou com o braço num movimento súbito e a Betty reapareceu instantaneamente.

Esta foi uma execução de "magia" absolutamente surpreendente, considerando a iluminação, a proximidade estreita dos observadores, a mudança completa de aparência e o facto de o resultado parecer mais vivo do que as máscaras de retrato. Nenhuma explicação foi dada. Pareceu simplesmente ser feito como algo divertido.

11. CONCLUSÃO

Esta foi a última reunião de nós oito. As sessões tinham-se estendido por quase seis semanas, e aqueles de nós que viviam à distância não podiam ficar mais tempo. É evidente que o programa original foi apenas parcialmente executado. Este consistia, recorde-se, em demonstrar e provar a existência do Beta. A demonstração foi dada para nossa total satisfação; e é inestimável para interligar as declarações filosóficas em *The Seven Purposes*, *Our Unseen Guest* e os ensinamentos da Betty, dos quais este livro é meramente o A B C. Não foi levada ao ponto da prova científica. As coisas correram mais lentamente do que se tinha antecipado. Os fenómenos foram produzidos com uma perfeição crescente, mas não me pareceu que se tivessem tornado certamente padronizados de modo a poderem ser invariavelmente repetidos para análise científica. Isso é apenas uma impressão; posso estar enganado quanto a isso. Seja como

for, o grupo foi forçado a separar-se antes que a fase da análise científica fosse alcançada.

Os Invisíveis não pareceram estar totalmente insatisfeitos.

"Caminhastes um longo trajeto; muito mais longe do que percebeis agora", disseram-nos no final. "Contudo, percebereis o quão longe fostes neste curto espaço de tempo quando vos disser que os resultados que vós próprios vistes não são nada comparados com os resultados que nós somos capazes de ver aqui."

"Todos fizemos um trabalho excelente juntos, não foi?", expressou Joe, "Valeu a pena e estamos bem encaminhados por aqui, porque começámos uma nova manipulação. Fizemos muito mais aqui do que vós aí. Como vedes, temos de fazer mais ou menos o trabalho aqui antes de vo-lo podermos dar."

"Que diferença há entre este trabalho físico que realizámos e o que geralmente se chama de materialização?", questionou a Margaret.

"Não muita, exceto que é mais sensato, e sabeis o que estais a fazer. Está a ser conscientemente combinado com o ensinamento. Já foi feito antes, de certa maneira, mas não sob um ponto de vista científico. Não há valor particular em meramente ver estas máscaras, ou o Beta, a alma despida, exceto na medida em que tem valor científico. Sempre existiram aqueles que conseguiam fazer isto, de certa forma. Ainda não estamos prontos para os cientistas."

Tal é o registo destas, para mim, extraordinárias reuniões. Qualquer pessoa está, como é evidente, em inteira liberdade de o interpretar como quiser. A única coisa de que me responsabilizo é da precisão do relato. O leitor está em liberdade de questionar tudo, exceto a absoluta e inteira boa-fé dos experimentadores. Ou estas coisas aconteceram, ou pensámos unanimemente que aconteceram. Na interpretação mais cética possível, toda a

questão seria um exemplo notável de alucinação coletiva. Pessoalmente, qualquer interpretação que não seja a simples e direta envolve-me em tantas falácias e meandros lógicos que acabei por aceitar o assunto pelo seu valor aparente.